



Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

PUC-SP

Caio Abade Nascimento

José Martí: o núcleo político-estético em seus escritos de 1891

Mestrado em História Social

São Paulo

2024

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

PUC-SP

Caio Abade Nascimento

José Martí: o núcleo político-estético em seus escritos de 1891

Mestrado em História Social

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em História, sob orientação da Prof.^a Dra. Vera Lucia Vieira.

SÃO PAULO

2024

Banca Examinadora:

*Para Célia das Graças Ribeiro,
em memória*

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – processo número 88887.662174/2022-00.

AGRADECIMENTOS

Alguns breves agradecimentos são necessários para as pessoas que contribuíram nesse processo e sem as quais teria sido mais difícil a conclusão dessa dissertação, mediante os contratempos que atravessaram o período de escrita.

À Vera Lucia Vieira por compartilhar o vir a ser de um trabalho que não sabíamos onde iria dar, mas que por sua paciência e orientação se põe aqui completo.

À Jade Luiza De Salis da Maia por ser fonte de apoio para a escrita e pela motivação constante para encarar os percalços da vida.

À Henrique Roberto Figueiredo pela inspiração e coragem para buscar uma crítica consequente e um sossego coletivo.

À Sophia de Aguiar Moisés pela coerência e sensibilidade ao partilhar as dificuldades e aprendizados da atividade docente.

À Naiara Silva do Nascimento por compartilhar as indignações, ideias e, principalmente, as perspectivas de vida.

Aos queridos amigos Jean Carlos de Souza Pereira Junior, Murilo Oliveira Gonçalves e Takeshi Miamoto Alexandre Silva que, ao dividirem os risos em momentos diversos, tornaram mais tranquila a caminhada.

Às mulheres da minha família pelo apoio possível. Em especial, à Larissa Ribeiro Teles pela centelha que me faz querer estar em movimento por um mundo melhor.

Por fim, antes da dissertação existir e do mestrado se iniciar lá estava eu na escrita do seu projeto. Dos dias e leituras embaralhadas que se seguiram, finalizei as últimas notas em um domingo à tarde. Nas pausas constantes haviam alguns olhares compartilhados, sem tantas falas, aos quais aqui vão as últimas palavras, sobretudo, a palavra mais bonita escrita nesse trabalho, o nome de minha avó, *Célia*, para quem o dedico, em memória.

RESUMO

O presente trabalho tem por finalidade analisar o núcleo político-estético contido nos escritos de 1891, de José Martí, a fim de entender a função social de seu pensamento, enquanto ideologia orientadora de ação política, junto à sua práxis em vida, as quais visavam a independência cubana. Esses elementos podem ser extraídos de suas distintas elaborações político-literárias que possuem um liame político crítico central, expresso com caráter estético, em um momento de acirramento de suas posturas a favor da guerra independentista contra a Espanha e frente ao expansionismo imperialista estadunidense, na tentativa de salvaguardar Cuba, perpassada por um sentimento de pertencimento nacional e entendida como parte da unidade latino-americana. Logo, referimo-nos ao seu artigo “*Nuestra América*”, à sua poética “*Versos sencillos*” e ao seu discurso “*Con todos y para el bien de todos*”.

Palavras-chave: José Martí, Ideologia, Núcleo político-estético, Versos Singelos, Nossa América.

RESUMEN

El presente trabajo tiene como objetivo analizar el núcleo político-estético contenido en los escritos de 1891, de José Martí, para comprender la función social de su pensamiento, como ideología orientadora de la acción política, junto a su praxis en la vida, que apuntó a la independencia cubana. Estos elementos pueden extraerse de sus distintas elaboraciones político-literarias que tienen un vínculo político crítico central, expresado con carácter estético, en un momento de exaltación de sus posturas a favor de la guerra de independencia contra España y contra el expansionismo imperialista de los Estados Unidos, en un intento por salvaguardar a Cuba, permeada por un sentido de pertenencia nacional y de ser parte de la unidad latinoamericana. Por ello, nos referimos a su artículo “*Nuestra América*”, su poesía “*Versos sencillos*” y su discurso “*Con todos y para el bien de todos*”.

Palabras clave: José Martí, Ideología, Núcleo político-estético, Versos Sencillos, Nuestra América.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO 1 - Notas para um brevíssimo histórico cubano.....	46
1.1. Martí e a configuração de Cuba frente à crise do sistema colonial.....	47
1.2. Os conceitos de <i>Povo</i> e <i>terra</i> no pensamento martiano	64
1.3. Política externa: Cuba em Nuestra América frente ao imperialismo estadunidense	74
CAPÍTULO 2 - Todos os nossos versos de América.....	88
2.1. Nuestra América: Conhecer é resolver	89
2.2. Versos Sencillos: Memória, Morte e Amor	100
2.3. Con todos y para el bien de todos: acerca da estratégia política.....	132
CAPÍTULO 3 - Centralidade política e mediação estética: núcleo e lógica do pensamento martiano.....	142
3.1. A lógica poético-retórica em Martí.....	143
3.2. Vocações de <i>Crítica</i> e <i>Proposituras</i> no pensamento martiano	163
3.3. As proposições políticas de República, Unidade, Guerra e Liberdade	178
CONCLUSÃO	192
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	195

INTRODUÇÃO

José Julian Martí Perez (1853-1895), nascido em Havana, foi professor, escritor, jornalista, poeta e líder revolucionário, elaborador da luta pela emancipação colonial em Cuba. Fundou o Partido Revolucionário Cubano e atuou como ideólogo independentista, além de manter um olhar atento para os males da condição e dinâmica colonial sobre a América Latina.

A pesquisa tem como problemática entender qual é a função social da produção ideológica de José Martí, frente ao desenvolvimento sócio-histórico sob o qual sua práxis se realizou. Em suma, reconstituir os nexos do pensamento de José Martí expressos no ano de 1891, sendo este o recorte temporal da pesquisa. Em complemento, o objetivo central é entender a unidade da relação dos âmbitos ideológicos político e estético expressos nas fontes, as quais, embora sejam de gêneros literários distintos, possuem a mesma lógica.

Esse ponto é fundamental, pois nas fontes os âmbitos político e estético se misturam. Seja nos seus escritos estéticos com traços políticos ou na sua produção político-crítica com traços estéticos, há um liame político-ideológico que transpassa toda a obra, o qual esperamos retomar pela centralidade da categoria de Ideologia, com o seu complexo ideológico.

Os textos analisados enquanto fontes são, dos produzidos em 1891: “*Nuestra América*”, artigo político publicado em 01 de janeiro; “*Versos Sencillos*”, livro de poemas publicados em outubro; e “*Con todos y para el bien de todos*”, discurso proclamado em 26 de novembro.

Esses excertos da produção de Martí foram selecionados inicialmente por conterem elementos comuns de seu pensamento. O cubano passou, a partir desse período, a voltar-se integralmente para a formulação da guerra de independência cubana em relação à Espanha e a pensar como barrar o expansionismo estadunidense sobre o Cuba.

A dimensão das fontes se dá: com o artigo “*Nuestra América*” possuindo 24 páginas; o livro de poesia “*Versos Sencillos*” composto por quarenta e seis poemas; e o discurso “*Con todos y para el bien de todos*” transcrito em 10 páginas.

A partir do objetivo geral buscaremos historicizar as fontes, por meio da correspondência de representações presentes nelas, com as processualidades sócio-históricas que as formaram. O liame dos escritos revela, logo à primeira vista, a

centralidade da preocupação com a terra – enquanto símbolo representativo do território cubano e da forma como as relações de trabalho e de propriedade se organizavam -, da qual é possível remeter a conceitos correlatos de Colonialismo, Neocolonialismo, Dependência e Imperialismo, na forma como se articulavam sobre Cuba e estendiam-se para América-latina.

Historicizar vem como forma de tirar essas conceituações da abstração retórica ao apenas afirmar, por exemplo, que há um caráter anti-imperialista em Martí, mostrando o desenvolvimento sócio-histórico e a relação concreta entre os escritos – fontes -, em seu tempo.

De modo geral, observa-se como os *Versos Sencillos* expressam a lógica estética funcional do pensamento de Martí como momento de expressão subjetiva, diretamente articulada ao âmbito político das relações sociais. O ideal político e a concepção crítica sobre a realidade concreta se descortinam melhor em *Nuestra América*, que avança no sentido de propor uma projeto político pós-independentista. Por outro lado, seu discurso *Con todos y para el bien de todos* traz à tona a questão estratégica sobre a unidade latino-americana, a qual necessariamente passa pela resolução do processo revolucionário de emancipação colonial cubana. É a confluência desses escritos que nos permite refletir sobre a função social do pensamento martiano, a partir dos componentes de seu complexo ideológico, pensado frente à sua práxis e solo histórico.

Das principais expressões que emergem das fontes, temos: o debate em torno da terra, defendida enquanto base autônoma para a construção de uma república popular e transpassada, na percepção martiana, de um sentimento de pertencimento nacional; e a questão da propositura de uma unidade latino-americana, como expressão organizacional da preocupação latente anti-imperialista de Martí com a política externa expansionista estadunidense.

No presente trabalho, nos propomos a analisar o conjunto de fontes de 1891 para ampliar a bibliografia acerca da temática e contribuir para o fomento da discussão teórica, a partir da reconstituição de elementos da unidade de seu pensamento.

Em rápida inflexão acerca da justificativa, o interesse pelo tema em questão surgiu ao longo da graduação em História ao ser introduzido a refletir sobre a América Latina, seja por seu pensamento crítico, seja pela configuração sociocultural de seus territórios. Martí apareceu como afluência dessas problemáticas possibilitando reunir elementos críticos ao colonialismo e observar os traços literários enquanto expressão artística.

O interesse tomou outro tom a partir de um incômodo e preocupação teórica, advinda da militância política, que orbitou no resgate de figuras latino-americanas, em seu contexto, sem anacronismos, tendo por central o debate em torno da categoria de ideologia, visando entender suas heranças político-teóricas como possibilidades para a atuação política contemporânea.

Retornando à exposição da análise, percebemos a necessidade de vincular uma leitura histórica coerente considerando a determinação social do pensamento, a partir do qual se entende a mediação da dinâmica social na formação da consciência. Essa, que posta em forma ideológica pela práxis de um grupo, se mostra parte da realidade na função social que cumpre, não sendo apenas forma representacional de um ideal que não se vincula ao campo sócio-histórico. Por fim, para além das possibilidades dos nexos gerais indicados, os aspectos particulares também ganharam forma com o intuito de pensar a especificidade histórica cubana e o papel da subjetividade estética como forma de objetivação social em um contexto específico.

Acerca do debate historiográfico, José Martí inspirou estudos, leituras e abordagens que partem dos mais variados enfoques, como as análises sobre: o nacionalismo¹, a influência política na revolução cubana de 1959², o modernismo hispano-americano³ ou ainda sobre o anti-imperialismo em relação aos Estados Unidos.⁴ A distinção das diversas leituras feitas sobre Martí e sua obra é essencial para entendermos nuances, complexidades e embates da discussão teórica que ronda o tema. Logo, seguimos com um breve levantamento historiográfico⁵ de estudos que se ligam às fontes do presente trabalho.

Apresentando um apanhado geral, temos estudos voltados para a obra de Martí com enfoques distintos sobre: a sua produção poética; a análise do texto *Nuestra América* e suas considerações sobre um projeto integrado latino-americano; sobre os âmbitos

¹ SILVA, Gislania de Freitas Silva. *Nuestra América: O nacionalismo internacionalista de José Martí*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Departamento de Sociologia da Universidade Federal do Ceará, p. 76-85, 2013.

² MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *De Martí a Fidel: a Revolução Cubana e a América Latina* / Luiz Alberto Moniz Bandeira. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, Cap. I, p. 50-81, 2009; e NAVARRO, José Cantón. *Una revolución martiana y marxista*. Centro de estudios martianos, p. 37-56, 2008.

³ RETAMAR, 1995. *Para una teoría de la literatura hispano-americana*. Santafé de Bogotá, Instituto Caro y Cuervo. 1º ed. p. 35-51, 239-282, 1995.

⁴ RODRIGUEZ, Pedro Pablo. *Martí e as duas Américas*. Trad. Ana Corbisier – 1ed. – São Paulo: Expressão Popular, p. 27-78, 2006.

⁵ Para um aprofundamento sobre o debate historiográfico: SANTOS, Maria Angélica Guidolin dos. *Fortuna crítica no Brasil*. In.: *José Martí: um olhar cosmopolita em La Edad de Oro*. Dissertação de Mestrado, Pós-graduação em literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, p. 28-38, 2004.

político e econômico de sua obra; sobre o seu pensamento anticolonial; e acerca de sua escrita epistolar e discursos. Vale destacar, que a classificação por nós adotada é apenas para melhor exposição, já que muitos dos trabalhos referidos vão além da classificação acima, articulando inúmeros vieses e conceitos, como veremos a seguir.

No que se refere as análises da obra poética martiana, Sanchez⁶ atenta para a poesia como forma de expressão emergente da ação política de Martí, em meio a necessidade de luta anticolonial, enquanto Pisan e Nenevé⁷, focando na estética anticolonial dos *Versos Singelos*, os consideram uma forma de idealismo representacional da América Latina.

Visando uma análise sobre o projeto político de Martí em *Nuestra América*, Silva⁸ restitui os conceitos de “Nação” e “Pátria” para mostrar o caráter duplo da formulação martiana, que carrega o primeiro conceito como uma noção moral sobre o amor ao seu país, e o segundo como uma visão consciente sobre as mazelas do colonialismo e a necessidade de fundar a exploração nacional. Assim sendo, para fundar um projeto autônomo próprio, Martí buscaria a formação de um Estado Nacional cubano que tivesse condições de fazer uma revolução ao nível latino-americano, defendendo-se do imperialismo estadunidense.

Em outra perspectiva, Subercaseaux⁹ faz uma distinção entre texto e discurso, considerando *Nuestra América* como texto literário e questionando-se sobre as mudanças de gênero textual imputado por seus estudiosos, processo que acabou por descontextualizar a gênese do texto. Para o autor, a unidade do texto está carregada de discursos - com forte expressão literária, identitária, emocional e crítica – sobre: anticolonialismo, antinacionalismo, críticas ao darwinismo social e ao liberalismo, além do destaque da diversidade sociocultural. Esses significados são polissêmicos e dialógicos, além de possuir um caráter contraditório que possibilita várias interpretações. A partir disso, discorre sobre a relação escritor/leitor, por meio da semiótica e da teoria da recepção, com as possibilidades subjetivas de leitura influenciadas pelo contexto, temporalidade e epistemologia de quem lê.

⁶ SANCHEZ, Luis Amador. No centenário de José Martí: função histórica do poeta. In.: *Revista de História da Usp*. v.8, n°17, p. 199-209, 1954.

⁷ PISAN, Andréia de Fátima; NENEVÉ, Miguel. O idealismo anticolonialista de José Martí expresso em seus *Versos Singelos*. In.: *Revista de Estudos Literários, Cultura e Alteridade – Igarapé*, Porto Velho, Rondônia, v.1, n.2, p. 1-17, 2016.

⁸ SILVA, 2013.

⁹ SUBERCASEAUX, Bernardo. *Nuestra América: Texto, lectura y contexto*. Universum, vol. 32, Universidad de Talca, p. 255-267, 2017.

Nos escritos acerca dos âmbitos político e econômico, Navarro¹⁰ parte do debate sobre o conceito de “democracia revolucionária”, tida pelo autor como histórica, não estática e condizente com as especificidades sócio-históricas de uma época e local. Disserta sobre o desenvolvimento do pensamento martiano enquanto portador de uma concepção democrático-revolucionária sobre a realidade dos países colonizados travados pelo desenvolvimento das relações de produção capitalista, conformadoras do escravismo e do colonialismo. Para o autor, a elaboração de Martí não se limitava à independência, pois buscava edificar bases sólidas revolucionárias para uma República popular.

Santos¹¹, por sua vez, buscou elencar as premissas ideológicas que fundamentaram o projeto nacional do cubano dando destaque para a noção econômica nesse processo. Tem por hipótese que Martí não diferenciou a esfera econômica da especificidade da condição histórica latino-americana. Com isso, projetou seu programa em *Nuestra américa*, frente ao expansionismo estadunidense, com uma noção econômica pautada pelos conceitos de “homem natural”, “autoctonia” e “equilíbrio do mundo”. Como resultado se criou uma lógica transcendental na formação da noção martiana de homem natural, abrindo possibilidades para a sua crítica à modernidade ocidental e para o seu projeto ético alternativo, entretanto sem uma crítica econômica contundente, pois não captou a problemática da propriedade privada.

Incluindo o âmbito religioso ao político, Altmann¹² escreve sobre a formação política de Martí centrada no mundo colonial frente a dominação espanhola e estadunidense. Caracterizando o pensamento político martiano como uma junção do "voluntarismo rousseauiano" e do "nacionalismo-revolucionário", a teoria se fez prática em Martí. A adição da religiosidade vem para compor a ética e a estética de suas proposições morais, nas quais religião e ética confluem para sua concepção de amor e liberdade, enquanto força para uma ação transformadora da realidade.

Nos estudos que discutem o caráter anticolonial do pensamento martiano, Luz¹³ trata da obra de Martí como essencial para pensar a realidade latino-americana, no que se

¹⁰ NAVARRO, 2008.

¹¹ SANTOS, Fábio. Em torno do pensamento econômico de José Martí: premissas ideológicas e horizonte civilizatório de uma utopia latino-americano radical. In.: **Revista Oikos**, Rio de Janeiro, v.1, n.1, p. 127-138, 2012.

¹² ALTMANN, Werner. O pensamento político e religioso de José Martí. Cadernos Ihu Instituto Humanitas da Unisinos, São Leopoldo – RS, v.2, n.3, p. 13-23, 2004.

¹³ LUZ, Evelyn Faria da Silva. José Martí e a luta contra o neo-colonialismo capitalista: Aspectos históricos e contribuições políticos. In.: **Revista REBELA - Revista brasileira de estudos latino-americanos**, v.8, n.1, p. 145-155, 2018.

refere à questão da educação e da constituição de um governo autônomo (para lidar com as exigências e necessidades locais), além de considerar o pensamento martiano como fonte para a luta contra o neocolonialismo capitalista.

Por outro lado, Silva e Paiva¹⁴ fazem uma leitura por uma perspectiva pós-colonial, a fim de ressaltar o pensamento político martiano enquanto resistência ao aparato eurocêntrico colonizador físico e simbólico. Ademais, se dá como inconformismo sobre a realidade colonial violenta que relega as camadas subalternas ao silêncio e à negação de si. Nesse ponto, segundo esses analistas, a obra de Martí é uma fonte essencial para pensar a descolonização do pensamento e refletir sobre os contextos sociais latino-americanos.

Dentre a vasta produção de José Martí, a escrita de cartas e a produção de discursos também foram analisadas. Ao dissertar sobre a escrita epistolar do cubano, Sampaio¹⁵ ressalta o papel das experiências íntimas de Martí, as quais estão intrinsecamente ligadas às suas experiências históricas, sociais e ao desenvolvimento de suas ideias políticas. Logo, “o peso vivencial na formação das ideias políticas de Martí dá o tom de sua escrita”¹⁶.

Já o discurso *Con todos y para el bien de todos* foi abordado por Sarracino¹⁷, que tece linhas sobre os aspectos da unidade e do internacionalismo hispano-americano contidos no modelo estratégico martiano para a estruturação da revolução cubana. De modo que, passando pela reflexão de uma ética do direito internacional na constituição de uma sociedade de Estados, constatou que a estratégia de vitória da independência cubana só se firmaria com a unidade das colônias da América hispânica frente à expansão imperialista estadunidense.

Por fim, destacamos os usos que se fizeram da obra martiana, a partir dos conceitos Nacionalismo-Internacionalismo e das leituras que adequaram Martí ao liberalismo ou marxismo. Aline de Souza¹⁸ destaca dois momentos na interpretação de

¹⁴ SILVA, Gislania de Freitas; PAIVA, Luiz Fábio. *José Martí e o pensamento social latino-americano*. In.: Revista Realis, v.8, n.1, p. 57-80, 2018.

¹⁵ SAMPAIO, Amanda Leite de. *Escrita epistolar e letras do afeto em José Martí*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Ceará, p. 30-39, 104-108, 2013.

¹⁶ SAMPAIO, 2013, p. 105.

¹⁷ SARRACINO, Rodolfo. *Con todos y para el bien de todos: unidad, justicia y estratégia internacional en José Martí*. Centro de estudios martianos de Havana, p. 1-8, 2008.

¹⁸ SOUZA, Aline de. *O uno e o diverso: construção nacional e incorporação indígena no pensamento de José Martí*. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, 2007, p. 35-50.

Martí, cujo marco divisório seria a Revolução Cubana de 1959,¹⁹ já que antes os estudos estariam voltados a um Martí liberal, moderado, tido como mártir nacional, mas esvaziado de seu cunho político e tendo por enfoque apenas sua produção poética sob luz literária. Não obstante, a produção pós-1959 passaria a resgatar um Martí com forte teor político, de aspecto revolucionário, inspirado pela luta anti-imperialista.²⁰

Acerca do embate entre Nacionalismo-Internacionalismo, Souza alerta que os textos que descontextualizaram as elaborações martianas da realidade independentista em que estava inserido acabaram por fazer “[...] de Martí um idealista universalista, ao passo que atrofia o pensamento de Martí quanto à questão nacional [...]”²¹. Fazemos um adendo ao não antagonismo presente nas concepções de nacionalismo e internacionalismo, mas ressaltamos o caráter dialético²² que as duas concepções tomam na obra martiana, confluindo não para uma teorização em abstrato, mas no seu olhar sobre a realidade concreta cubana e nas elaborações políticas sobre o continente.

Ao assumir vieses distintos, os textos citados anteriormente apresentaram uma breve gama de leituras acerca dos objetos sobre os quais retornaremos na discussão de cada fonte em seu respectivo subcapítulo.

Seguiremos o diálogo com as leituras que mantém a vinculação do pensamento de Martí com significados político-práticos advindos diretamente da realidade histórica e, com isso, possuidores de um núcleo de ideais críticos ao caráter colonial, mas não entendendo isso como expressão de um discurso decolonial, posto a posteriori sobre o significado enquanto adequação a uma lógica de análise discursiva restrita. Logo, Navarro, Sarracino, Sanchez, Santos e Souza serão tomados enquanto balizadores críticos

¹⁹ Em seu ensaio *Caliban*, de 1971, Retamar coloca em questão o uso crítico de Martí durante as primeiras décadas do século XX, alegando desconhecimento de parte significativa da obra do autor por aqueles que tentavam usar-se dela para sua composição erudita. A *redescoberta* de Martí, focando no aspecto essencial de sua obra, ou seja, o âmbito político ideológico anticolonialista, se deu após a revolução de 1959. Dá-se como exemplo o projeto de edição das obras completas de Martí, publicadas em Havana a partir de 1963. RETAMAR, Roberto Fernández. Otra vez Martí. In.: Caliban; Pensamiento anticolonial de nuestra América / Roberto Fernández Retamar; prólogo de Aurelio Alonso. - 1a ed. - Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2016, p. 161-163.

²⁰ Tomemos como expressão a fundação do Centro de Estudos Martianos em 1977, que ligado a Editora Política do Departamento de Orientação Revolucionária do Comitê Central do Partido Comunista Cubano, foi responsável pela pesquisa da obra *del Maestro* para as tarefas da revolução socialista. A publicação *Siete enfoques marxistas sobre José Martí*, de 1978, é sintoma desse processo.

²¹ SOUZA, 2007, p. 38.

²² “Entrementes, Martí vislumbrava a formação de um Estado nacional cubano, como forma de legitimar a revolução no contexto internacional, garantir a efetiva independência e conter o avanço imperialista do vizinho do Norte” (SILVA, 2013, p. 79-80).

em diálogo, além de termos dado especial atenção às leituras basilares de Rama²³, Rodriguez, Vitier²⁴ e Retamar.

A análise do complexo ideológico proposta nessa introdução nos é fundamental, ao passo que parte significativa da fortuna crítica sobre Martí vem fragmentando as análises e vieses, o que desfigura o núcleo de seu pensamento em conclusões insuficientes para se entender a sua dimensão político-ideológica. Por um lado, a desvinculam do movimento histórico do qual fez parte e pelo qual se formou; por outro, atribuem um caráter meramente idealista a produção martiana, como se não houvesse conexão com a ação em vida; ainda, enquadram os significados das fontes a partir de uma análise teórica que não está em si no objeto, mas é, de forma logicista, condicionada por generalidades razoáveis a nível de aparência, o que não garante o entendimento da essencialidade da fonte. Dessa forma, a contribuição historiográfica do presente trabalho parte do processo de apreender a imanência do pensamento martiano, ressaltando a essencialidade dos seus traços formativos, conforme as fontes.

As relações entre os elementos constitutivos das fontes precisam ser elucidadas para o entendimento sobre as suas categorias fundantes e sobre a própria lógica relacional. Dessa forma, nos deteremos no conceito de literatura, como exemplo, para refletir sobre os usos da categoria de mediação e as possibilidades de entendimento da sua esfera estética.

Alfredo Bosi²⁵, ao ponderar sobre o chamado gênero de fronteira, ou literatura de fronteira, buscou definir o cerne literário como “atividade estética enquanto mediação entre os acontecimentos e os nossos sentimentos e percepções”. Portanto, o âmbito literário não é tomado por objeto-estático à representação, mas é em si ativo, ao passo que o estético se dá “como uma tarefa de representação que se apoia em mediações” (BOSI, 2015:221-222).

Nas duas citações há lugar de destaque para a noção de mediação, a qual nos ateremos tratando-a em sua potencialidade categorial. Prosseguindo, o autor indica a problemática da arte ser entendida como reflexo imediato do real, pois eliminaria em si a

²³ RAMA, Ángel. *Indagación de la ideología en la poesía (los dípticos seriados de Versos Sencillos)*; Revista Iberoamericana, n. 112-112, jul.-dez., p. 353-400, 1980.

²⁴ VITIER, Cintio; IKEDA, Daisaku. *The Poetic Spirit*. In: José Martí Cuban Apostle: A dialogue. London – New York: I.B. Tauris Co Ltd. p. 143-183, 2013.

²⁵ BOSI, Alfredo. *Entre a Literatura e a História*. / Alfredo Bosi. – São Paulo: Editora 34, 2015 (2ª edição), p. 9-69; 221-236, 2015.

mediação. Esse problema do paroxismo da mediação ocorre quando as formas que medeiam são deixadas de lado no estabelecimento das relações entre objeto e representação ao serem substituídas por imediatismos (BOSI, 2015:222).

Ou seja: ou o discurso é referenciado, mas finalizado em si e na interação mediada de outro discurso intrínseco, fechando-se apenas em significados imediatos ao texto; ou o discurso não é mediado, perdendo-se na imediaticidade da elaboração de significados. O que vale ressaltar é que, seja em um extremo ou outro desse paroxismo, essas mediações pelas mediações, em abstrato, descartam o liame constitutivo do objeto literário-estético, a conexão de acontecimentos e os nossos sentimentos e percepções objetivas. A crítica que se coloca é a constituição dessa mediação de representação em que esse reflexo imediato desconsidera a forma de apreensão do real pela consciência.

Posta a reflexão inicial da literatura frente à questão da mediação pela realidade histórica podemos expor a mediação de forma categorial. Nesse sentido, Mészáros²⁶ nos dá indicativos ao elaborar uma crítica às formulações de mediação e suas relações, das quais podemos extrair um esboço de articulação categorial válida²⁷ para pensar a relação da mediação com as categorias de totalidade e dialética. Logo, podemos considerar que as mediações advêm das relações sócio-históricas contraditórias que em diferentes graus se medeiam dialeticamente na composição de uma totalidade particularizada no solo histórico (MÉSZÁROS, 2013:63-64).

A mediação é traço objetivo da totalidade da vida social com a qual se relaciona. Isso torna a imediaticidade um ponto central a ser superado: imediaticidade que se sobrepõe às mediações, formando uma totalidade imediatista, ou seja, despida do movimento da história e podendo postar-se como estática e a-histórica (Idem:65-67).

As problemáticas no uso da categoria de mediação podem se expressar seja pela desarticulação da categoria de totalidade, de modo que eliminaria as contradições sócio-históricas da estrutura do pensamento, ou pela consideração parcial do conteúdo da mediação, entendendo-a apenas como logicismo idealista abstrato do pensamento.

A articulação categorial válida de mediação expressa as relações econômicas de trabalho e produção da vida social, juntamente aos complexos ideológicos. Para

²⁶ MÉSZÁROS, István. O conceito de Dialética em Lukács. / István Mészáros. Apresentação por José Paulo Netto. Trad. Rogério Bettoni. – São Paulo: Boitempo editorial, 2013.

²⁷ Mészáros tem por objeto o conceito de dialética que estrutura o pensamento de Lukács, assim sendo, tecendo considerações específicas ao seu objeto de análise. Entretanto, as indicações nos são válidas para pensar a categoria de mediação, considerando limites de sobreposição das reflexões de um objeto específico para a construção teórica em questão.

Mészáros, a possibilidade de apreensão dialética da multiplicidade de mediações específicas é o que leva ao entendimento imanente da noção marxiana de economia, ao passo que o solo econômico é, ao mesmo tempo, determinante último e determinante determinado, objetivo concretamente dentro do complexo histórico que o forma e mutável por suas mediações, também sócio-históricas, sejam essas econômicas ou ideológicas. A especificidade dessas mediações se dá pela identificação de suas “interconexões multiformes com um dado sistema de mediações complexas. Em outras palavras: é preciso perceber os elementos ‘atemporais’ (sistemáticos) na temporalidade e os elementos temporais nos fatores sistemáticos” (MÉSZÁROS, 2013:68-69).

A essa formulação teórica se estende à ideia da relação de categorias históricas postas em sistematicidade, que é interessante para introduzir a relação entre Filosofia, História e Estética: “Pois a imensa variedade de categorias só pode ser inter-relacionada em um todo coerente se o ‘modelo’ da avaliação geral for o modelo de múltiplas transições e mediações, qualificado tanto histórica quanto sistematicamente” (Idem:69).

Nesse processo, a ética e o complexo da moral, juntamente à filosofia, ficam em primazia, porém correndo o risco de desembocar no idealismo, que tem por base o desequilíbrio inicial da suspensão das mediações reduzidas à imediaticidade. Nessa perspectiva existe uma cisão da lógica de pensamento com a realidade concreta, ou um destaque aos aspectos morais que criam um imperativo ideal, podendo ser elaboração teórica que se sobrepõe ao movimento histórico ao ser uma não-mediação ou apenas uma tentativa de costura logicista (MÉSZÁROS, 2013:74-76).

Para Raymond Williams²⁸, a Literatura apresenta suas propriedades enquanto conceito entre: a particularidade das práticas de trabalho que a compõem e a sua elevação à abstração e à generalidade, misturando-se facilmente com outros conceitos como política, sociologia e ideologia. Ambas as propriedades constam como experiência humana imediata (WILLIAMS, 2000:59).

O revés reside que ao encarar o conceito de Literatura de forma crítica, considerando os aspectos teóricos e históricos, a imediaticidade se funde com a desintegração do processo de abstração do concreto, ao passo que ideologicamente o objeto literário é aproximado da delimitação abstrata enquanto composição formal da linguagem. Essa junção tende a reforçar o grau de imediaticidade, pondo-a para além da

²⁸ WILLIAMS, Raymond. *Marxismo y Literatura*. / Raymond Williams. Prólogo de J. M. Castellet; Traducción de Pablo di Masso. – Barcelona: Ediciones Península, p. 59-70; 150-158, 2000.

particularidade sócio-histórica²⁹. Assim sendo, temos a imediatividade elevada enquanto forma abstrata a-histórica, e com isso, dificultando a sua vinculação com a História.

Williams retoma a constituição histórico-linguística do conceito desde o século XVII para problematizar o processo de subjetivação intrínseco da literatura à classe burguesa³⁰.

Por lo tanto, estas formas que asumen los conceptos de literatura y crítica son, desde la perspectiva del desarrollo social histórico, formas de control y especialización de una clase sobre las cuestiones que ésta debería elaborar (WILLIAMS, 2000:64).

Há a inserção da ideologia da classe dominante dos meios de produção como ideologia socialmente dominante, que determina a expressão literária e sua estética enquanto forma ideológica, ao ser imbuída da formação sensível dessa classe (WILLIAMS, 2000:65).

Frente a isso, tomemos de Lukács³¹ algumas notas iniciais para pensar o objeto literário como a base de nossa análise considerando a problemática anterior. Para uma composição analítica, o autor se refere à necessidade da formação de uma sistematicidade que englobe a literatura, estética e filosofia (LUKÁCS, 1965:12).

É a composição de um sistema relacional entre filosofia e estética, do qual se depreende dois pontos fundamentais: o de pensar a literatura em processualidade histórica; e o de pensar a história em entendimento dialético, devido a relação dos processos gerais e particulares, pelos seus nexos Universal-particular-singular.³² A totalidade da história se mostra pela não cisão entre ciência e os complexos ideológicos,³³ ponto que daria a sistematicidade uma concretização junto a objetividade ontológica do objeto.

Lukács atenta-se à correspondência dessas conexões imanentes, enquanto “momentos da tessitura histórica” da realidade objetiva e do conjunto do desenvolvimento histórico e seu complexo de interações³⁴.

²⁹ WILLIAMS, 2000, p. 59-60.

³⁰ WILLIAMS, 2000, p. 60-63.

³¹ LUKÁCS, Gyorgy. Introdução aos escritos estéticos de Marx e Engels. In.: Ensaio sobre literatura. / Gyorgy Lukács. Coordenação e prefácio de Leandro Konder. – Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S. A, p. 11-43, 1965.

³² LUKÁCS, Georg. O particular à luz do materialismo dialético. In.: *Introdução a uma estética Marxista: Sobre a Particularidade como Categoria da Estética* – São Paulo: Instituto Lukács, 2018. Pág. 79-120. Embora usemos os conceitos postos tais quais expressou Lukács no texto citado ponderações importantes, as quais estamos de acordo, estão em (CHASIN, 2009, p. 170-190).

³³ LUKÁCS, 1965, p. 12.

³⁴ LUKÁCS, 1965, p. 13.

Portanto, a existência e a essência, a gênese e a eficácia da literatura só podem ser compreendidas e explicadas no quadro histórico de todo o sistema. A gênese e o desenvolvimento da literatura são parte do processo histórico geral da sociedade (LUKÁCS, 1965:13).

Ou ainda:

A essência e o valor estético das obras literárias, bem como a influência exercida por elas, constituem parte daquele processo social geral e unitário através do qual o homem faz seu mundo pela própria consciência (LUKÁCS, 1965:13).

A composição dos princípios estéticos se dá pelo conjunto das noções de que a estética, em seu traço filosófico, e a literatura são compostas e compõem a história. Além disso, a estética é confluyente aos sentidos lógicos do materialismo histórico e da dialética, saindo da filosofia e retornando a essa (LUKÁCS, 1965:13).

Pelo materialismo histórico é possível compreender a gênese da arte e literatura, seu desenvolvimento e suas transformações, todas no interior do processo histórico totalizante que as medeiam. Para esse entendimento é preciso o resgate da acepção crítica, e não vulgarizada, da dialética. O equívoco sobre a dialética está na redução das suas bases-lógicas constitutivas a uma concepção causal, por exemplo ao tomarem a relação entre a estrutura da base econômica com a superestrutura dos complexos ideológicos, como determinação unilateral da segunda pela primeira, respectivamente, sendo apresentadas como causa e efeito, as quais podem ser desiguais, mas ainda assim se influenciam mutuamente (Idem:14-15).

A dialética comporta as complexas interações do real, tal qual a de causa-efeito, tirando-a do seu aspecto mecânico-causal e pondo-a em uma trama de interações dialético-dialógicas mediadas em totalidade com suas contradições. Essa elaboração permite - diferentemente da noção equivocada - a inclusão da questão da ideologia em sua potencialidade, também arrancando-lhe qualquer atribuição causal como a que, por exemplo, entende ideologia apenas como falsa consciência³⁵ (LUKÁCS, 1965:14).

A orientação metodológica da teoria marxiana entende a ação do sujeito como ponto central do desenvolvimento histórico.

³⁵ Seguimos o sentido proposto em: LESSA, Sérgio. *Alienação e Estranhamento* (apêndice). In.: Cadernos de Paris; e Manuscritos Econômico-filosóficos de 1844. / Karl Marx; tradução de José Paulo Netto e Maria Antônia Pacheco. – 1.ed. – São Paulo: Expressão Popular, p. 449-494, 2015 (a). Ademais, sobre os usos da categoria de ideologia associadas a noção reducionista, na qual é considerada apenas como *falsa consciência*, que perduraram como linha majoritária no século XX: KONDER, Leandro. *A questão da ideologia*. – São Paulo: Companhia das letras, 2002.

A função criadora do sujeito se manifesta, por conseguinte, no fato de que o homem cria a si mesmo, se transforma ele mesmo em homem, por intermédio do seu trabalho, cujas características, possibilidades, grau de desenvolvimento etc., são, certamente, determinados pelas circunstâncias objetivas, naturais ou sociais (LUKÁCS, 1965:15).

Em suma, afirma a objetivação da práxis do ser social entificada pelo próprio ser social, a partir do trabalho e da linguagem. E essa seria a base para o desenvolvimento da sensibilidade subjetiva humana (LUKÁCS, 1965:15-16).

Lukács retoma a questão da autonomia dos *campos espirituais* - arte e literatura -, fundadas objetivamente na essência do desenvolvimento social pela divisão social do trabalho. Em si, o caráter subjetivo do desenvolvimento autônomo opera, mas não desconectado do solo real. Nesse sentido, pensar a divisão social do trabalho é colocar a cisão entre trabalho intelectual e trabalho físico, da qual emerge a ilusão de que o trabalho ideológico se dá como campo autônomo, em abstração ao real (Idem:16).

Além disso, a divisão social do trabalho do respectivo modo de produção social impossibilita a separação do desenvolvimento histórico-econômico do pensamento social – filosofia-, transformando sua forma e conteúdo, ainda que indiretamente, “pois são os reflexos políticos, jurídicos, morais etc., que exercem a maior pressão sobre a filosofia”³⁶. Essa consideração acerca da filosofia se aplica à literatura, entretanto sem aplicações mecânicas de relações desses âmbitos distintos, já que cada qual retém sua particularidade e funcionamento regente.

Em continuidade, é essencial perceber o objeto artístico, a partir da problemática da gênese, do desenvolvimento e de seus pressupostos sócio-históricos, sob duas indagações cruciais: (1) sobre a significação do mundo representado na obra e como isso ajuda a melhor compreender a humanidade; e (2) como o artista representa um momento histórico da humanidade em desenvolvimento³⁷. As duas questões postas confluem para a relação entre artista e obra, na formulação essencial sobre a função social que os dois lados desempenham.

Acerca disto, podemos considerar a criação artística mediada pela práxis de seu autor e pela função social que desempenha na compreensão da humanidade, ou seja, em seu caráter de genericidade, ao passo que a arte se dá como forma ideológica:

³⁶ ENGELS, Apud. LUKÁCS, 1965, p. 17.

³⁷ LUKÁCS, 1965, p. 24-25.

Como se vê, a arte enquanto forma ideológica pura não se volta à resolução de conflitos imediatos, tal como fazem o direito ou a práxis política, mas, assim como na filosofia, seus produtos – no caso da arte, miméticos – estão voltados à resolução de conflitos essenciais relacionados com a individualidade e a generidade. A diferença entre a filosofia e a arte reside no fato de que cada uma delas circunscreve de modo diverso o seu objeto do complexo universal generidade concreta/individualidade. Enquanto a filosofia se fixa na relação entre os polos, tendo ao mesmo tempo o homem e o mundo como objeto (generidade concreta), na arte há uma consciente tendência à antropomorfização, pela qual se esclarece a edificação da individualidade genérica “constitutiva e indispensável do gênero humano concreto (VAISMAN, 2010:58)³⁸.

A partir deste ponto, pensar o objeto artístico passa pela questão do seu reflexo na realidade – em outras palavras volta-se à questão da representação -, a qual existe independentemente da consciência sensível do produtor (LUKÁCS, 1965:25).

A percepção de representação deve orientar-se por um princípio de totalidade, que renuncia ao reflexo imediato do real sem mediações e às abstrações logicistas que tentam moldar a realidade³⁹. Portanto, qual a finalidade de buscar responder qual a função social da literatura? Primeiro, para entender a processualidade posta para além de si, integrada à gênese histórica e ao seu desenvolvimento; e segundo, pois centra no conhecer para explicar e transformar. É princípio constitutivo da ação e foco para o entendimento da práxis que ronda a função social.

Como síntese, é: “a unidade entre o valor estético permanente da obra de arte e o processo histórico do qual a obra de arte – exatamente na sua perfeição, no seu valor estético – não pode ser separada”⁴⁰. Em suma, é a composição axiomática da obra de arte entendível em sua processualidade histórica.

Adotaremos a categoria de Ideologia posta na teoria marxiana⁴¹ como fio condutor e a aprofundaremos pela leitura do filósofo húngaro, Gyorgy Lukács, a fim de pensar a complexidade das dimensões do pensamento de Martí.

Partindo da crítica ao idealismo jovem hegeliano enquanto forma lógico-abstrata não correspondente a realidade, o sentido de ideologia na *ideologia alemã* amplia-se categoricamente para além do uso reducionista.⁴² Busquemos o uso amplo, o qual comporta a complexidade categorial.

³⁸ VAISMAN, Ester. A ideologia e sua determinação ontológica. In.: Verinotio, n. 12, Ano VI, out./2010.

³⁹ LUKÁCS, 1965, p. 28.

⁴⁰ LUKÁCS, 1965, p. 42.

⁴¹ Nos atentemos principalmente ao exposto em: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A Ideologia alemã*. Tradução de Álvaro Pina. 1.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

⁴² Como uso reducionista entendemos a adequação da categoria de ideologia enquanto *falsa consciência*.

Marx parte da concretude dos indivíduos, de suas condições materiais de vida e das suas ações, as quais são capazes de produzir o novo, existindo em relação a natureza. Com isso, a forma como levam a sua vida tem a ver com os meios de subsistência nos quais se encontram, sendo relevante o que produzem e o *como* produzem. “Aquilo que os indivíduos são depende, portanto, das condições materiais da sua produção”. Não apenas do que criam, mas como produzem a si mesmos nesse processo (MARX, 2009:24-25).

As representações que esses indivíduos formam são representações ou da sua relação com a natureza ou da sua relação uns com os outros, ou sobre a sua própria natureza. É evidente que, em todos esses casos, essas representações são a expressão consciente – real ou ilusória – das suas relações e atividades reais, da sua produção, do seu intercâmbio, da sua organização social e política. A suposição oposta só é possível quando se pressupõe, além do espírito dos indivíduos reais e materialmente condicionados, ainda um espírito à parte. Se a expressão consciente das relações reais desses indivíduos é ilusória, eles, nas suas representações colocam a realidade de cabeça para baixo, e isso, por sua vez, é uma consequência do seu modo de trabalho limitado e das relações sociais limitadas que dele resultam (MARX, 2009:30).

Aqui já podemos identificar a formação de um duplo sentido do objeto representacional, a partir das mediações do indivíduo em sociabilidade, resultando em uma representação com expressão consciente imanente à realidade ou em uma representação com expressão consciente⁴³ ilusória. No âmbito destas duas vias emergem as formas que a ideologia assume.

Se na vida material o ser social cria suas ideias e representações, a consciência é resultado do seu comportamento e a produção moral, religiosa, filosófica, estão postas como transposições na consciência das relações da realidade concreta. “A consciência nunca pode ser outra coisa senão o ser consciente, e o ser dos homens é o seu processo real de vida”. Ou ainda: “parte-se dos homens realmente ativos e, com base no seu processo real de vida, apresenta-se também o desenvolvimento dos reflexos e ecos ideológicos desse processo de vida” (MARX, 2009:31).

A partir dessas relações não há como manter a suposta autonomia das formas ideológicas como abstrações aquém da realidade, dado que a vida determina a consciência. Logo, a atividade prática real tem que substituir a especulação, a qual separada do solo histórico perde o próprio sentido (Idem:32-33).

⁴³ Consciente aqui enquanto forma lógica, ou seja, a expressão foi desenvolvida logicamente pela consciência, embora, seja destoante – ilusória – com a realidade.

Surge deste momento uma crítica à concepção que defende que os problemas filosóficos se resolvem apenas num fato empírico, novamente recaindo no campo do idealismo, em que, sem considerar as mediações do caráter sensível do mundo com o indivíduo e sua representação formada, se estabelece uma relação de causa-efeito que simplifica consideravelmente a processualidade da realidade.

Se o trabalho é objetivador do ser social, a linguagem também cumpre essa função ao ser oriunda da relação social do trabalho. Logo, não há consciência pura a priori criada a partir da linguagem, pois o “espírito” está “preso à matéria”⁴⁴.

A linguagem é tão antiga quanto a consciência – a linguagem é a consciência real prática que existe também para outros homens e que, portanto, só assim existe também para mim; e a linguagem só nasce como a consciência, da necessidade, da necessidade orgânica do intercâmbio com outros homens (MARX, 2009:44).

Acerca da questão das ideias dominantes:

As ideias da classe dominante são, em todas as épocas, as ideias dominantes, ou seja, a classe que é o poder material dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, o seu poder espiritual dominante. A classe que tem à sua disposição os meios para a produção material dispõe assim, ao mesmo tempo, dos meios para a produção espiritual, pelo que lhe estão assim, ao mesmo tempo, submetidas em média as ideias daqueles a quem faltam os meios para a produção espiritual. As ideias dominantes não são mais do que a expressão ideal das relações materiais dominantes, as relações materiais dominantes concebidas como ideais; portanto, das relações que precisamente tornam dominante uma classe, portanto as ideias do seu domínio. Os indivíduos que constituem a classe dominante também têm, entre outras coisas, consciência, e daí que pensem; na medida, portanto, em que dominam como classe e determinam todo o conteúdo de uma época histórica, é evidente que o fazem em toda a sua extensão e, portanto, entre outras coisas, dominam também como pensadores, como produtores de ideias, regulam a produção e a distribuição de ideias do seu tempo; que, portanto, as suas ideias são as ideias dominantes da época (MARX, 2009:67).

Da divisão do trabalho que cinde o trabalho material do trabalho espiritual, a sua ação sobre a classe dominante engendra tanto “pensadores dessa classe (os ativos ideólogos criadores de conceitos da mesma, os quais fazem da elaboração da ilusão dessa classe sobre si própria a sua principal fonte de sustento)”, quanto sujeitos que aceitam a produção de ideias que apenas confirmam as relações materiais que vivenciam como produtores das ideias dominantes (MARX, 2009:68).

⁴⁴ MARX, 2009, p. 43.

Esse processo de abstração (do domínio concreto de classe maquiado e a adequação da consciência dominante dessa classe como se fosse apenas uma outra consciência social que não impõe o seu interesse) é levado à universalização pondo-se como ideias universais ao todo social, mas sendo apenas uma idealização (MARX, 2009:69).

Aqui nos é essencial a compreensão dessa idealização em seu caráter dialético, ao passo que a formação ideal, embora falseada, é objetivada pela materialidade das contradições sociais, ao mesmo tempo que é objetiva às elaborações da própria classe sobre si (se auto representando ou afirmando diretamente seu domínio); e é universalizada como produto ideológico ilusório da totalidade da realidade (não o sendo), mas pertencendo e sendo formado por essa realidade.

Toda essa aparência de que o domínio de uma determinada classe seria apenas o domínio de certas ideias cessa, naturalmente, por si mesmo logo que o domínio de classes em geral deixa de ser a forma da ordem social; logo que, portanto, deixa de ser necessário apresentar um interesse particular como geral ou “o geral como dominante (MARX, 2009:70).

A isso se prende a compreensão de Ideologia entendida apenas em sua forma reduzida como expressão desse idealismo especulativo, em si a-histórico, e conseqüentemente, não dialético. A predominância da *Ideia*, no idealismo especulativo, em relação ao *histórico*, se deu a partir: da separação entre a produção ideológica de uma forma de dominação da estrutura material dessa dominação, reconhecendo apenas a primeira; do imperativo místico da percepção de alteração da Ideia ser seguido pelo desenvolvimento do sentido da própria ideia, e não pelas mudanças histórico-sociais que levaram a tal; e na transformação desse caráter místico e da relação do qual advêm, em elaborações dos intelectuais, deixando de lado a racionalidade da realidade sobre qual atuam (MARX, 2009:71).

A legitimidade dessa abstração representacional da consciência, a-histórica, se dá na prática do próprio modo de vida quando, por exemplo, o sujeito confirma a noção da consciência alienada, no fazer-se do trabalho contraditório que gera a própria alienação. Nesse sentido, a criação e reprodução da consciência alienada é concretamente objetiva. Assim sendo, os indivíduos partem de si e suas relações, sendo essas partes do seu “*processo real de vida*”, que o é, mesmo sendo produtor das contradições que fagocitam a consciência sob a abstração (MARX, 2009:115-116).

Retornando a Lukács⁴⁵, enquanto continuador e articulador dessas elaborações marxianas sobre Ideologia:

A ideologia é sobretudo a forma de elaboração ideal da realidade que serve para tornar a práxis social humana consciente e capaz de agir. Desse modo, surgem a necessidade e a universalidade de concepções para dar conta dos conflitos do ser social; nesse sentido, toda ideologia possui o seu ser-propriadamente-assim social: ela tem sua origem imediata e necessariamente no hic et nunc social dos homens que agem socialmente em sociedade (LUKÁCS, 2013:465).

Lukács crítica que a maioria dos autores usaram as elaborações entendidas como única determinação do fenômeno ideológico quando, na verdade, correspondem apenas a uma parte. Há a necessidade da análise pautada pela totalidade:

Essa totalidade é a respectiva sociedade como complexo contraditório que, na práxis humana, constitui o objeto e simultaneamente a única base real da sua ação. Esses dois aspectos reais da totalidade – reais porque não são meramente objetos do espelhamento da realidade, mas porque precipuamente desempenham papéis distintos no complexo desses atos, enquanto fundamentos da práxis – naturalmente constituem, no plano puramente objetivo, em todos os sentidos, uma unidade indivisível, de tal modo que, somente em decorrência de suas distintas funções nos complexos dos pores teleológicos, eles se transformam em componentes que atuam autonomamente. De modo correspondente, no conteúdo do pôr, passa a valer tanto a unidade existente em si quanto a diversidade das funções práticas, e isto de tal modo que o homem age numa determinada situação concreta da realidade, cuja mudança ele torna e tem de tornar o fim da sua atividade (LUKÁCS, 2013:466).

Com a totalidade formatando a situação concreta, a práxis age como mediadora de mudanças, em meio as contradições sociais, em busca da possibilidade de ser realizar. Como a práxis mostra-se fundante para a sedimentação ideológica, aqui temos o segundo ponto fundamental para o projeto em questão ao analisar o complexo ideológico martiano frente a confluência de suas ações políticas e elaborações teóricas.

O ser social vive, age e escolhe, mas a influência ideológica não determina previamente suas ações, já que necessita de um base social para isso. A passagem da idealização à práxis não é imediata, por não ser primária em relação às manifestações do ser social, mas por entrar em contato a partir da estrutura social em que o ator social está

⁴⁵ LUKÁCS, Gyorgy. *O problema da ideologia*. In: Para uma ontologia do ser social, 2 / György Lukács; tradução Nélio Schneider, Ivo Tonet, Ronaldo Vielmi Fortes. - 1. ed. - São Paulo: Boitempo, p. 464-507, 2013.

inserido. A mediação dialética entre⁴⁶ a realidade concreta e suas formações ideológicas, além da mediação ontológica do sujeito com as diferentes concepções de mundo, é o que possibilita uma síntese que leva à intervenção no real⁴⁷. Indo além, só nos é possível entender o significado da Ideologia, advinda do seu ser-propriadamente-social, a partir das funções sociais que vem a desempenhar⁴⁸.

É na atividade fundante do trabalho que o ser social articula seu intercâmbio com a natureza e toma decisões entre as possibilidades, logo implicando na “existência de um momento ideal, de uma prévia-ideação como denominador comum a todas elas”, entendida enquanto reprodução mental das ações futuras para cada alternativa. É a abstração teleológica de cada possibilidade: “todo o ato social surge, portanto, de uma decisão entre alternativas acerca de posições teleológicas futuras” (LUKÁCS, 1978:6 Apud. VAISMAN, 2010:46).

A decisão entre essas alternativas não se dá em cenário hipotético, pois o sujeito tem que enfrentar um *complexo de determinações e circunstâncias* que perpassam a realidade envolvidas por aspectos desconhecidos ao ser social⁴⁹. Assim sendo, há a possibilidade teleológica constante do erro na tomada de decisões. Dada a ação sobre a realidade a nível coletivo, ou seja, direcionada por uma ideologia, em que essa abstrai um momento ideal sobre as alternativas de posições teleológicas futuras, mediadas pela representação mental da objetividade presente, pode ocorrer uma representação destoante do movimento presente-futuro da realidade, logo desfigurando essa abstração em ponto alienado em relação ao real.

O que nos importa aqui, além da exemplificação da formação da consciência alienada em si, é o entendimento que essa se forma a partir das ações do ser social frente a realidade objetiva, buscando uma teleologia sobre a realidade. Essa consciência alienada é tão concreta quanto uma consciência que reflete o real, dada por uma abstração ideal correta da possibilidade objetiva expressa no porvir. Não representa uma parte da realidade imaginada, mas concreta na reprodução da tentativa de abstração e idealização de determinada ideologia sobre as possibilidades históricas.

⁴⁶ Essa mediação entre Ideologia e realidade concreta ocorre pela ontologia da vida cotidiana, na sua objetividade que faz a base material e se manter no momento ideal, enquanto continuidade objetivada. (LUKÁCS, 2013, p. 481).

⁴⁷ LUKÁCS, 2013, p. 472.

⁴⁸ LUKÁCS, 2013, p. 480.

⁴⁹ VAISMAN, 2010, p. 46.

Em suma, essas categorias são históricas por excelência, ao fato que correspondem à práxis social, em meio ao processo de reprodução social, aqui entendida enquanto síntese de um complexo de determinações de possibilidades e necessidades dos indivíduos concretos.

Portanto, a ideologia, para Lukács, é o conjunto das ideias de que os homens lançam mão para interferir nos conflitos sociais da vida cotidiana. Se as ideias são ou não reflexos corretos da realidade, se e em que medida correspondem ao real, é uma questão que em nada interfere no fato de exercerem uma função ontológica na reprodução social (LESSA, 2015b:137)⁵⁰.

Há uma relação objetiva dos signos poéticos de Martí com seu contexto sócio-histórico, o que nos permite uma aproximação de seus significados pela reconstituição da sua gênese ideológica em mediação com a sua especificidade histórica.

Por conseguinte, usaremos categorias bakhtinianas consoantes com a perspectiva teórico-metodológico de ideologia já desenvolvida. A especificidade do conceito de Ideologia no *Círculo de Bakhtin* está na centralidade que toma a linguagem como lugar de maior expressão do fenômeno ideológico. A Linguagem é formada por signos subjetivos ao ser social que os projeta, porém, não deixando de serem determinados objetivamente pelo movimento da realidade.⁵¹

Buscando indicar aproximações entre Lukács e Bakhtin, no que se refere a análise do discurso, Amaral⁵² discorre sobre a relação das formações ideológicas e das formações discursivas. Parte da indicação da mediação entre a ação do ser social e o momento ideal para a processualidade da prática social, em que as atividades intelectuais advêm da realidade enquanto concretude da consciência. Dado o modo de produção e reprodução da vida, suas múltiplas mediações geram o momento ideal, que podem assumir uma função ideológica (AMARAL, 2008:106-107).

A ideologia se mostra como categoria analítica da análise de discurso, pois todo discurso é ideológico tendo a sua particularidade e função social dada na processualidade social. A autora entende a análise do discurso como "compreensão da essencialidade constitutiva do objeto (e do discurso) e não apenas da sua aparente forma, marcada pelos

⁵⁰ LESSA, Sérgio. Par compreender a Ontologia de Lukács. / Sérgio Lessa, 4ªed. – São Paulo: Instituto Lukács, 2015 (b).

⁵¹ MIOTELLO, Valdemir. Ideologia. In.: BRAIT, Beth (org.) BAKHTIN, M. *Conceitos chaves*, 2.ed. São Paulo: Contexto, 2005, p. 167-176.

⁵² AMARAL, Maria Virgínia Borges. Ideologia e Discurso: aproximações da análise do discurso das teorias de Lukács e Bakhtin. In.: Signo. Santa Cruz do Sul, vol. 33 n 54, p. 106-119, jan-jun, 2008.

fenômenos linguísticos, ao que se convencionou chamar de "superfície textual". E toma Bakhtin, para indicar a Ideologia no discurso e os fundamentos filosóficos da análise do discurso, nos quais o enunciado do sujeito está intrinsecamente ligado socialmente a um grupo social com sua respectiva forma ideológica⁵³.

Assim sendo, se o discurso for deslocado das condições concretas em que se processou não se sustenta, caindo na rede da especulação, da razão que fala pela realidade, impedindo a sua real manifestação. O discurso está ligado às condições objetivas que o possibilita; sem esse requisito fundamental perderá seu alicerce, esvaindo-se na "desrazão" (AMARAL 2008:110).

Para a autora, a consonância da teoria bakhtiniana com Lukács está na tomada da linguagem em sua gênese social, expressando sua função social na reprodução das relações sociais, e com isso, possibilitando uma leitura ontológica (AMARAL, 2008:111).

O discurso se efetiva no ir sendo das relações sociais e, mesmo sendo fruto da consciência, advêm das relações concretas da vida real, “Ou, ainda, um discurso é a concreção de formações discursivas ancoradas em formações ideológicas que se confrontam numa dada formação social” (Idem:112-113).

Enfim, é a elaboração a partir da teoria lukacsiana de que a consciência é determinada pela situação atual das condições concretas de existência, fato que converge com a crítica de Bakhtin ao subjetivismo individualista, limitado ao pôr-se como núcleo em si, destacado da realidade e formador autônomo de si mesmo (Idem:113).

Para a análise imanente mais dois pontos da junção das perspectivas bakhtiniana e lukacsiana são essenciais, respectivamente: (a) a relação entre o dito e não-dito, do primeiro como conteúdo intrínseco do objeto essencial à recapitulação do todo discursivo, do sentido e função discursiva, e o segundo que se expressa pelo primeiro, como fragmentos omissos do discurso, mas que são signos que na integridade com o implícito formam uma significação concreta – sócio-histórica -, do objeto, também sócio-histórico; (b) o discurso como particularidade da realidade objetiva que, enquanto categoria particular, medeia a singularidade do caráter sensível da experiência do ser social no cotidiano, com a universalização abstrata do conceito expresso discursivamente reproduzido mentalmente, e dialeticamente ao recompor a particularidade do objeto (Idem:115-117).

⁵³ AMARAL, 2008, p. 110.

Pensar a Representação como categoria significa indicar que a abstração da representação reproduz o concreto pelo pensamento, mas não o cria, pois esse é dado historicamente nas condições socioeconômicas. Entretanto:

Para a consciência - e a consciência filosófica é determinada de tal modo que para ela o pensamento que concebe é o homem real, e o mundo concebido é, como tal, o único mundo real - para a consciência, pois, o movimento das categorias aparece como o verdadeiro ato de produção - que apenas recebe um impulso do exterior - cujo resultado é o mundo, e isso é exato porque (aqui temos de novo uma tautologia) a totalidade concreta, como totalidade de pensamento, como uma concreção de pensamento, é, na realidade, um produto do pensar, do conceber; não é de nenhum modo o produto do conceito que se engendra a si mesmo e que concebe separadamente e acima da intuição e da representação, mas é elaboração da intuição e da representação em conceitos. O todo, tal como aparece no cérebro, como um todo mental, é um produto do cérebro pensante, que se apropria do mundo da única maneira em que o pode fazer, maneira que difere do modo artístico, religioso e prático de se apropriar dele. O objeto concreto permanece em pé antes e depois, em sua independência e fora do cérebro ao mesmo tempo, isto é, o cérebro não se comporta senão especulativamente, teoricamente [...] (MARX, 2008:259-260)⁵⁴.

O que se põe frente a isso é que, embora a consciência possa logicamente expressar a representação do mundo, esse processo não passa de logicismo – enquanto desenvolvimento lógico-abstrato, mas não conferente à unidade do diverso anteriormente conferida -, e com isso ignora parte fundante da composição para pensar o método, que é que “[...] as leis do pensamento abstrato que se eleva do mais simples ao complexo correspondem ao processo histórico real”.⁵⁵

Os conceitos e aspectos articulados anteriormente se relacionam à análise da imanência entendida enquanto: análise categorial a fim de entificar a objetividade do texto em sua totalidade, o qual se forma a partir das suas “imanentes e múltiplas determinações ideais”⁵⁶. Chasin chama a atenção para a necessidade de identificar primeiramente como o autor “concebeu e expressou o texto”, antes de mirar-se a interpretá-lo ou criticá-lo, para melhor expor a compreensão sobre o texto, sua lógica e estrutura. Em suma, a análise imanente:

⁵⁴ MARX, Karl. *“O método da Economia Política”*. In: Contribuição à crítica da Economia Política / Karl Marx; tradução e introdução de Florestan Fernandes. – 2 ed. – São Paulo: Expressão popular, p. 257-268, 2008.

⁵⁵ MARX, 2008, p. 261.

⁵⁶ CHASIN, José. Marx: Estatuto ontológico e resolução metodológica / J. Chasin. – São Paulo: Boitempo, 2009, p. 25.

[...] encara o texto - *a formação ideal* - em sua consistência autossignificativa, aí compreendida toda a grade de vetores que o conformam, tanto positivos como negativos: o conjunto de suas afirmações, conexões e suficiências, como também as eventuais lacunas e incongruências que o perfaçam. Configuração esta que em si é autônoma em relação aos modos pelos quais é encarada, de frente ou por vieses, iluminada ou obscurecida no movimento de produção do *para nós* que é elaborado pelo investigador, já que, no extremo e por absurdo, mesmo se todo observador fosse incapaz de entender o sentido das coisas e dos textos, os *nexos* ou *significados* destes não deixariam, por isso, de existir, salvo se admitindo, paradoxalmente, que a impotência do sujeito no campo ideal é poder dissolvidor no plano real, donde *nexos* ou *significados* efetivos não serem passíveis de dissipação real pelas eventuais incapacidades, absolutas ou transitórias, dos analistas (CHASIN, 2009:25).

A crítica imanente sobre o texto volta-se ao reconhecimento das formações ideais ali contidas e só explicáveis a partir da própria obra⁵⁷. Vaisman e Lopes complementam que esse processo capta os sentidos e argumentos do escrito em *um exercício de apropriação mental* que, não deixando escapar a centralidade do texto, resulta em uma interrogação pertinente que forma a crítica imanente e se adequa para ler as formações ideais do objeto⁵⁸.

O processo de determinação imanente do objeto e o seu ato de representação consciente constituem o complexo da lógica teórica intrínseca deste em relação ao sujeito que se conecta⁵⁹. O método se orienta pela lógica do objeto caracterizando uma fundamentação onto-prática do conhecimento e destacando a importância da “determinação (gênese ou formação) social do pensamento e a presença histórica do objeto”⁶⁰.

In limini, a subsunção ativa aos escritos investigados é sempre ponto de partida e passo fundamental no autêntico procedimento de rigor; por isso mesmo, não perde de vista a íntima vinculação dos mesmos à trama real e ideal dos quadros temporais a qual pertencem, e com a qual estabelecem liames complexos de confluência e ruptura, num amplo gradiente de complicadas variações, que em outros passos exige esclarecimento. É da síntese - junção e interpenetração - de tais momentos analíticos que se perfaz a análise concreta de uma formação ideal (CHASIN, 2009:40).

A organização da subjetividade teórica é perpassada pelo influxo de objetividade do mundo sobre a ideação, em que a especulação dá lugar à reflexão, ao passo que

⁵⁷ CHASIN, 2009, p. 26.

⁵⁸ CHASIN, 2009, p. 9.

⁵⁹ CHASIN, 2009, p. 10.

⁶⁰ CHASIN, 2009, p. 16-17.

considera a conexão, não antagônica, que organiza a formação real e a formação ideal, sem deixar de ressaltar a predominância do ser-precisamente-assim do existente sobre a reprodução ideal, a qual não o apreende a priori – especulativamente -, mas no seu ir sendo histórico (CHASIN, 2009:58-59).

A crítica a esse processo especulativo perpassa a reflexão de Chasin que, em contrapartida, recoloca em vários pontos a busca pela captura do significado próprio do objeto, “por meio da determinação das lógicas específicas que atualizam os objetos de seu multiverso”, em processo analítico dos seus nexos constitutivos, a partir de sua “gênese e necessidades próprias”⁶¹. E complementa ressaltando o lugar da “atividade sensível do momento histórico”⁶².

Por conseguinte, a abstração da realidade produzida como generalidade do movimento real, ou enquanto mistificação da sociabilidade, formata a contraditoriedade em que o ser social está incluso e sob a qual o seu pensamento se efetiva: “atividade ideal é atividade social” (CHASIN, 2009:106).

Considerando que toda teoria social constituída se dá a partir de uma base histórica específica, e em resposta a questões práticas⁶³, a sua expressão por discursos também evidência os aspectos sociais que o formam integralmente, mediados por indivíduos inseridos socialmente, independente da ótica societária⁶⁴. Em suma, o objeto se localiza e relaciona mediante a determinação social do pensamento, tendo o elemento histórico como central para o movimento do ser social⁶⁵.

Com isso, fortalecendo o desenvolvimento sobre o caráter da *abstração*, da qual decorremos a teoria das abstrações, entendida como base lógico-ontológica do objeto:

Acrescentando em nota que a manifestação da efetividade humana "por isso ela é precisamente tão múltíplice [vielfach] quanto múltíplices são as determinações essenciais e atividades humanas". E pouco mais à frente específica que a apropriação do objeto "depende da natureza do objeto e da natureza da força essencial que a ela corresponde" e que, assim, "A peculiaridade de cada força essencial é precisamente a sua essência peculiar, portanto também o modo peculiar da sua objetivação, do seu ser vivo objetivo-efetivo". Por essas determinações, é evidente, a força de abstração é, dentre outras, uma qualidade individual ou força essencial de apropriação peculiar dos objetos, que se realiza de modo específico de acordo com a sua própria natureza e em consonância com a natureza do objeto apropriado. Enquanto força performática, sua

⁶¹ CHASIN, 2009, p. 74.

⁶² CHASIN, 2009, p. 82.

⁶³ CHASIN, 2009, p. 115.

⁶⁴ CHASIN, 2009, p. 117.

⁶⁵ CHASIN, 2009, p. 121.

apropriação é ideal, reprodução intelectual de entidades reais, o que se confirma pelo caráter ontológico das abstrações produzidas [...] (CHASIN, 2009:123).

A determinação social de um pensamento ao produzir uma abstração sobre a realidade e, portanto, uma apreensão concreto-abstrata, possibilita a exposição da historicidade da abstração. Esse processo configura a forma analítica de abstrações razoáveis, da quais:

A razoabilidade de uma abstração se manifesta, pois, quando retém e destaca aspectos reais, comuns às formas temporais de entificação dos complexos fenomênicos considerados. A razoabilidade está no registro ou constatação adequados, "através da comparação", do que pertence a todos ou a muitos sob diversos modos de existência. Trata-se, pois, de algo geral extraído das formações concretas, posto à luz pela força de abstração, mas não produzido por um volteio autônomo da mesma, pois seu mérito é operar subsumida à comparação dos objetos que investiga (CHASIN, 2009:124).

Quase como repetição, mas em esforço para a elucidação analítica do presente trabalho, buscamos apreender as bases lógico-ontológicas contida nas fontes martianas, ressaltando-as como representações concreto-abstratas do mundo real.

A relevância de tecer linhas sobre a questão da abstração se dá pelo fato de que o processo de retorno das abstrações ao concreto configura a metódica de apreender o real pelo pensamento e relocar o concreto pensado, partindo deste para abstrair e retornando a este após o reproduzir mentalmente (CHASIN, 2009:128).

As abstrações razoáveis articuladas ou delimitadas operam na "*lógica imanente aos nexos do próprio complexo examinado*", ou seja, das fontes em questão. Essa articulação ainda coloca em voga mais dois âmbitos, o do *momento preponderante* e das *determinações reflexivas*. O primeiro se dá como significado da unidade do complexo articulado de abstrações razoáveis, expressando-se como expressão categórica da totalidade ideal. O segundo é a conexão entre abstrações razoáveis que se influenciam mutuamente, não podendo analisar uma sem considerar a relação de uma com a outra (CHASIN, 2009:133-135).

A totalidade volta à tona, na relação entre objeto real apreendido e sua reprodução ideal, ao passo que possibilita a transposição analítica da relação de aspectos concretos na "*recomposição do todo real em todo conceitual*"⁶⁶, em que a subjetividade cognitiva se orienta pelo objeto. E a dialética do universal-particular-singular medeia a relação entre

⁶⁶ CHASIN, 2009, p. 209.

abstração e seu processo determinativo, já que as abstrações não determinam o objeto concreto, mas o expressam⁶⁷.

Se as abstrações razoáveis não determinam o objeto, elas enunciam concretos de pensamento, a fim de sustentar a categoricamente a base lógica do objeto⁶⁸. O que também se refere ao movimento analítico que se forma pelas abstrações que identificam o ser-precisamente-assim do objeto e a exposição real articulada da pesquisa que ordena a totalidade do objeto⁶⁹. E que, em sequência, reflete a necessidade do respeito pela integridade ontológica entificada no objeto⁷⁰.

Em continuidade, para Gilmaisa Macedo da Costa⁷¹, a análise imanente releva a forma de pensar do autor, a realidade apreendida por ele, além de seus acertos e equívocos, sem deixar de lado “a interpretação do texto, fazendo-se necessário atentar para o seu papel social na referência ao momento histórico de sua gênese” (COSTA, 2009:32).

Na prática do estudo e da pesquisa, a análise não deve ter como problemática o predomínio da subjetividade do pesquisador em relação ao conteúdo do texto⁷²:

[...] Não há possibilidade de nos apropriarmos do conhecimento contido em um texto sem a mediação da nossa consciência, sem ser a apropriação do conhecimento pela consciência. A consciência, já vimos, é determinada pela existência [...] (LESSA, 2014:67).

Logo, o enfoque no conteúdo do texto é a forma de crítica radical à forma subjetivista, entretanto sem formar uma cisão entre consciência do autor e objeto pesquisado e sem ignorar a troca dialógica entre os dois âmbitos na produção da pesquisa (LESSA, 2014:67).

O objeto é portador de suas determinações ontológicas específicas, e é ele que comporá o campo resolutivo do grau de veracidade de uma teoria. Todavia, esse objeto nem é estático nem deixa de ser, em algum grau, subjetividade objetivada. Portanto, é o campo da objetividade que coloca as demandas metodológicas necessárias à sua apreensão pela subjetividade, não existindo por isso nenhuma questão metodológica que possa ter sua resolução a priori no campo mais abstrato da lógica e do rigor meramente formal. Essa postura se distingue radicalmente do

⁶⁷ CHASIN, 2009, p. 216.

⁶⁸ CHASIN, 2009, p. 221-222.

⁶⁹ CHASIN, 2009, p. 227.

⁷⁰ CHASIN, 2009, p. 232.

⁷¹ COSTA, Gilmaisa Macedo da. Contribuição da análise imanente à pesquisa de textos. In.: Revista Eletrônica Arma da Crítica, Ano 1, Número 1, p. 24-33, 2009.

⁷² LESSA, Sérgio. *Um pouco de técnica*. In.: O revolucionário e o estudo: por que não estudamos? / Sérgio Lessa. – São Paulo : Instituto Lukács, p. 67-78, 2014.

empirismo e do positivismo ao considerar o objeto como histórico. Mesmo a natureza mais pura, nesse sentido, se constitui enquanto objeto ao longo da história, sem que isso em nada diminua sua objetividade ontológica primária. (LESSA, 2015b:119).

Acerca da técnica, o processo da leitura imanente se pauta: (1) pela necessidade do estudo sistemático, organizado e programado; (2) pela análise das partes que compõem o texto, a fim de captar o pensamento contido em cada sentença e o raciocínio de cada parágrafo, retirando a ideia central contida, para posteriormente, pensarmos a relação entre cada parágrafo, entre cada parte e a totalidade do texto; (3) pela escrita de um pequeno texto ao final de cada parte analisada, contendo a tese, argumentos e lógica do excerto. E ao fim, a junção dos textos parciais de análise para formar o texto sobre a integralidade do objeto. A restituição significativa final será composta pela apreensão da totalidade do texto, essencial à compreensão das questões e dúvidas elencadas durante a leitura imanente das partes do texto, além de potencializar o conteúdo em si do texto, pela sua tomada integral, o que não encerra o objeto em apenas uma leitura (LESSA, 2014:69-73).

Voltando ao tema, esse ponto nos mostra a necessidade da análise histórica de Cuba e de suas relações externas para poder melhor compreender a gênese do pensamento martiano. Mas antes, adentremos às fontes para entender os nexos constitutivos fundantes que expressam o pensamento de Martí.

A análise imanente possibilitou identificar os principais nexos constitutivos⁷³ das fontes, os quais expressam as múltiplas determinações do real, pela subjetividade objetivada de Martí. Esse ponto nos é essencial, ao passo que a ordenação subsequente do texto parte dos elementos centrais aqui postos.

A constituição do liame de nexos constitutivos que perfazem *Nuestra América* se mostra complexa, ao passo que as incidências se cruzam e se influenciam mutuamente ao longo do texto. Inicialmente, destaca-se o caráter crítico com que *Crítica de conduta* emerge como principal núcleo de incidências, relacionando-se diretamente com *Proposição de Conduta e Proposição de ação*.

Nessa relação entre os três, as críticas de condutas expressam as formulações político-ideológicas de Martí, além de conter o princípio de negação, em ruptura, ao

⁷³ Os nexos apresentados serão destacados em *itálico*. Nesse ponto serão apresentados enquanto conceitos e mostradas como se relacionam. Posteriormente, serão explicitados nos devidos capítulos, com seus significados e respectivas citações nas fontes.

mesmo tempo que mantém a gênese da proposição voltada à práxis – da conduta enquanto pensamento unido à ação -, como continuidade da linha crítica martiana. Se temos a relação entre os três nexos, a sua lógica fundante se revela por todo o texto, enquanto construção lógica propositiva que articula e forma mediações entre outros nexos, em que o contraste da crítica é seguido pelas proposições organizativas da práxis.

Adentrando à questão da forma de mediação, já contida na lógica de proposição, o seu complemento está com os nexos de *Imagem poético-retórica* e *Elemento Natural*. A configuração das imagens poético-retóricas adquire uma dupla função no texto: a primeira mais imediata, como complemento da cena retórica vocalizada por Martí, envolve a retórica com a construção de uma cena poética, mas não em vão, pois, ao se ligar à segunda função dessas cenas ambas influenciam para a construção das *proposições*, o que possibilita dentro do signo poético fixado, a emersão do caráter político, tido como segunda função associada.

Apresentada a logicidade do nexo da *Imagem*, o *Elemento Natural* vem como materialização simbólica, já que a valorização do *natural* se enraíza como tema e como unificador de outras categorias centrais como, por exemplo, as de *Proposições* e, posteriormente, as de *Sujeito*, *Povo* e *Terra*.

Introduzida a ideia lógica da construção textual, o nexo de *Conhecer* é desdobramento da proposição de conduta – a fim de sedimentar uma estrutura firme para a práxis -, não ficando apenas a nível de abstração ao passo que o nexo de *História* potencializa a função do primeiro ao colocá-lo em referencial histórico. Frisando o processo de tomada de consciência, escorado pelo caráter histórico, podemos partir da premissa que esse só se torna necessário se alguém – o sujeito - experiencia esse processo de consciência enquanto ação historicizada. O ser social é referido na fonte de duas maneiras, seja pela materialidade com o nexo categorial de *Povo*, seja pela ideação projetiva em torno de *Homem natural*.

Observa-se que o desdobramento da proposição indutiva entre o pensamento e a ação, enquanto práxis, articula-se em torno do nexo de *Política*, essencial ao: (a) completar a expressão das ideias de condutas martianas, mas não só, ao também articular a crítica que leva à conduta junto da proposição organizativa de ação; (b) ao evidenciar uma potencialidade prática sobre o reconhecimento das problemáticas político-sociais, que confluem do tempo-espço, e sobre a proposição de ação que torna-se ideológica, ao

poder exprimir parte do seu conteúdo como proposta ideal⁷⁴ de organização; e (c) ao direcionar o tratamento para as particularidades da consciência das relações sobre outros países, aqui expostos não por acaso em *Países da Nossa América* e *Países estrangeiros*, já que as percepções políticas a cada qual serão distintas, específicas e abrem margem a outras questões.

Para o primeiro grupo de países se edifica uma unicidade entre os países latino-americanos voltada ao reconhecimento dos movimentos próprios a cada um, com destaque da ação, geralmente popular, que tende a garantir a ideia de independência posta. No segundo grupo, vem à tona a atenção em torno dos países estrangeiros, que se personificam na “América do Norte”, ou seja, Estados Unidos – mesmo que haja referências à Europa, mas poucas se comparadas à quantidade de citações do primeiro -, pincelando a questão da ameaça deste sobre terras vizinhas, pois não as reconhece enquanto autônomas.

Em continuidade, à margem das questões suscitadas pelas temáticas dos países expostos acima, temos duas vinculações, respectivamente. A primeira, associando aos países de *Nuestra américa* os nexos de *Ideia e Ação* que se destacam pela expressão da valorização de um pensamento próprio à realidade americana. Além disso, se põe de forma crítica à sobreposição de ideias estrangeiras destoantes da realidade local, ganhando potência ao redimensionar as proposições de pensamento e consciência, da *Ideia*, para a ação, em si criadora, popular e conseqüente para a luta por autodeterminação.

O segundo vínculo aparece como complemento às temáticas abertas pelo nexo de *Países estrangeiros* ao abrir-se em torno de *Recusa a imposição estrangeira e Colonialismo*. É a organização contra a ameaça externa, perpassada pelo conhecimento da experiência do colonialismo sobre as realidades locais. Assim sendo, a recusa é organizativa pois existe reconhecimento da desconjuntura e imposições sobre essas terras, atravessadas pelas raízes do processo colonial, mesmo com o tensionamento da possibilidade de um contexto republicano.

A vinculação dos países apresentados interage pela ponte feita pelos nexos de *Memória e Guerra*, ambos formando uma conexão entre as ações e os resultados dos embates da imposição estrangeira sobre os países de *Nuestra América*. Seja em rememoração ao povo em luta no passado, seja como aprendizado que se transfere ao presente-futuro, é central a noção de memória em guerra, por via das armas, que propõe

⁷⁴ Ideal entendido como parte do processo de elaboração da reflexão sobre o real pela consciência e não diretamente como suposição de um pensamento simplesmente caracterizado por idealista.

morrer por honra, no intuito de dignificar e proteger a todos aqueles que as memórias englobam, estejam mortos no passado, vivos no presente ou postos no devir.

Finalmente, o nexos categorial expoente da particularidade da *Terra* consolida os liames entre os diferentes nexos ao focar na especificidade local. Se se conjura enquanto valorização local e pertencimento, atravessada por uma eticidade imanente, a vida ali dada se completa na proposição da *alma* – do *povo* - em *revolução*, acionando o movimento e ação constante em torno de *transformação*, *luta* e *independência*. A este povo, nexos já identificado acima, há um complemento baseado no nexos de *Elementos de formação Nacional* – que aprofunda a caracterização sobre a *Terra* e no primeiro conjunto de *Questão indígena e Raça*.

Esses dois componentes registram a amálgama de concepções martianas ao serem transpassados pelos principais nexos, já identificados, que serão tratados de forma crítica na fonte com: (a) a questão indígena em íntima associação à memória do povo que constitui e a crítica de conduta contra as violências impostas; e (b) o nexos de *Raça*, enquanto crítica às teorias racistas que recaiam sobre a colônia, condenadas pelo autor, enquanto a questão racial é recolocada pela categoria de unicidade à totalidade do povo.

O segundo conjunto condensa os nexos de *República*, *Alma*, *Traidor*, *União*, *Pátria* e *Desvalorização da posse material*. Destes, estrutura-se a proposição de finalidade de ação pela luta por autodeterminação em que *República* e *Pátria* aparecem como a terra a ser defendida e da qual surge a guerra necessária, incitadas pela crítica de conduta em torno da ideia de *traição* e *desvalorização de bens materiais*, e complementadas com *Alma* e *União* que retomam a proposição geral de chamamento do *povo* para a *ação*.

Os nexos constitutivos de *Versos Sencillos* concentram as principais incidências no nexos que denominamos de *Elemento natural*, ou seja, nas referências à natureza e seus elementos. Contudo, não constituindo as temáticas de análise, opera como forma mediadora para a composição da cena e para a interação das personagens e outros conceitos, o que abre uma gama de variações de seus significados que serão objeto de análise no devido momento⁷⁵.

As séries correspondentes a *Amor* e a *Memória* dão peso temático ao livro de poemas, ao serem assuntos comuns à poética, mas ramificados pelo *elemento natural* na sedimentação de outras camadas que complexificam as expressões simbólicas, tais quais:

⁷⁵ Ponto a ser aprofundado no segundo capítulo ao analisar a especificidade da fonte referida.

as incidências de *Sentimentalidade e Morte*; a junção dos signos de *amor-memória* que gestam possibilidades de sentidos; e as sequenciações de *Ação* e tópicos que cercam o *Eu-lírico*.

Essa nova justaposição contribui de forma fundamental para enquadrar o sujeito dentro da aprofundada trama sentimental, na qual emerge o *Eu-lírico* resultante da ação, passando a nortear o desenrolar das imagens poéticas, enquanto protagonista que tem a possibilidade de agir.

Os versos são compostos majoritariamente pelos nexos indicados acima. Entretanto, faz-se necessário expor, primeiramente, os nexos que formaram a lógica interna discursivo-poética dos poemas e, ao adentrarmos a essa parte da análise, emergiram conjuntos que, agregados, formaram o que denominamos *Contrapontos poéticos e Lógica poética*: núcleos condensados de evidências das tensões, alternâncias e contrastes entre as sequenciações de versos e imagens poéticas, responsáveis pela estrutura da composição poética, rítmica e visual, ao final, permeadas em si de sentido.

Enquanto nexos de passagem, a *Crítica de conduta*, *Proposição de conduta* e *Proposição de ação* transitam do componente lógico para o âmbito temático ao estabelecerem a dinâmica discursiva em que o pensamento martiano estrutura-se para a anunciação de suas mensagens: primeiro pelas *críticas de condutas*, as quais julgam as ações errôneas de terceiros que desarticulam o processo de elaboração da independência, sendo seguidas por *proposições de conduta*, orientadora da organização e direcionada à prática do fazer político.

As temáticas menores que preenchem a integralidade temática do livro podem ser expostas pelos signos de: *Mulher e Temática religiosa*; *Escravidão e Violência*; *Povo, Versos, Arte, Terra, Recolhimento ao local de origem, Família, Luta, Oposição à tirania e Terra estrangeiras*; *Amizade, Pensamento, Movimento e Transformação*; e *Sentidos e Desvalorização de posses materiais*.

Em ordem, esses blocos de nexos relacionam-se diretamente com a centralidade do *Eu-lírico* em ação sendo complementos não descartáveis, pois ao potencializarem a poeticidade dos versos, apresentando-se ou como complemento ao *eu-lírico* ou em oposição, são elementos com que o eu-lírico expressa dinâmica, o que forma locais e elementos poéticos próprios dentro das interações às quais o eu-lírico aparece subsumido.

Os nexos constitutivos contidos em *Con todos y para o bien de todos* orbitam em torno das *críticas e proposições de conduta*, responsáveis por constituírem seu tema político central, a partir do qual é possível identificar a lógica retórica de cunho crítico

organizativo. É neste sentido que *Crítica de conduta* e *Proposição de conduta* ganham centralidade nesta fonte.

Diferentemente dos *Versos* que, embora componham a integralidade do livro poético, apresentam-se de forma independente enquanto quarenta e seis poemas, em si separáveis, o discurso ao compor um bloco conciso não permite separações autônomas dos nexos, ramificando outras incidências em relação dialógica aos signos centrais das *condutas* e relacionais entre si. Portanto, a fim de facilitar essa exposição inicial, abordaremos em partes:

A primeira é formada pelos nexos de *Ação*, *Lógica do discurso* e *Proposição de ação* que dão continuidade à função dual de apresentar a temática em logicidade retórica com finalidade política, ao identificar a ação como elemento relevante que ronda o discurso, juntamente ao processo de objetivação de sua lógica que, ao propor perguntas retóricas, contrapontos de imagens e argumentos, potencializam a ideia de ação, agora dirigida sob a forma de proposição de ação.

O aprofundamento se dá na segunda parte em que os nexos de ação se juntam aos sujeitos que as fazem e as farão, não sendo estes a resultante do discurso, mas receptores diretos. Logo, ganhando evidência temos as ideias de *Cubano*, *Povo*, *Negro* e *Espanhol*.

O discurso é dirigido diretamente a cubanos, em referência direta, mas constantemente explicitando a universalidade da ideia de *povo*, tido em uma relação de singularidade-universalidade e particularizando-se pela especificidade da figura negra que compõe a sua totalidade e que aparece em destaque pela inferência que faz a outros nexos constitutivos particulares, tal qual o da *Escravidão*. À particularidade do *espanhol*, soma-se a noção de *inimigo* e *países estrangeiros*.

A terceira parte traz à tona os nexos de *Cuba*, *Terra* e *Pátria* que se apresentam como locais da realização e construção da ação pelo sujeito, cada qual com significados distintos. Enquanto *Cuba* assume expressão da realidade, *Terra* condiz à realidade local valorizada e ambas se potencializam na quarta parte como as mediações temáticas que convergem *sujeito* e *pensamento* para a finalidade da ação.

A quarta parte apresenta *Elemento Natural*, *Conhecer*, *Amor*, *Alma*, *Coração* e *Memória* e intensifica o caráter dos significados que o discurso vem a expressar, relacionando diretamente todos os âmbitos já postos em unicidade, não apenas temática, mas indissociáveis da ligação entre críticas e proposições políticas e do âmbito subjetivo, nas quais se expressam as sentenças de cunho sentimental desta parte.

Em tom resolutivo, a quinta parte propõe, como continuidade, as indicações de ação em um projeto de ideias que se personalizam em duas partes: (a) em *União, Liberdade e Coletividade*, que se somam por expressarem a relação do caráter universalista destas ideias frente às proposições organizativas para a práxis dos sujeitos que, em passagem, saem dessa amplitude ideal e voltam-se a; (b) proposição processual de *República, Guerra e Revolução*. Aqui vemos configurar-se as especificações dos conceitos universais propositivos do “item a”, em forma de processos materiais a serem constituídos.

Em direta conexão à parte anterior, a sexta parte identifica o contraponto necessário da conjunção dos nexos passados, ao focalizar o combate ao *Inimigo, Interesses dominantes e Países estrangeiros* como os pontos antagônicos a serem superados pela possibilidade da execução das propostas.

Para finalizar, como complementos temáticos de baixa incidência no discurso, mas que aparecem entrelaçados com os demais expostos, temos a última parte formada pelos nexos de *Família, Armas, Morte, Mulher, Sentimentos, Justiça, Independência, Valorização e Desvalorização de posses materiais*.

Feita a exposição acima, recoloquemos nosso trajeto: partimos dos nexos razoáveis extraídos das fontes para expor em texto a composição das categorias constitutivas do pensamento martiano. A partir dessa síntese, torna-se possível: (1) estruturar uma organização e sumário para o trabalho, mediante (2) o levantamento e identificação das partes históricas a serem aprofundadas, conforme necessitadas, como confluência dos signos historicizados.

Posteriormente, o enfoque de cada fonte tomada em sua análise imanente formará um texto analítico contendo a particularidade das características que a compõem. Dadas as historicizações das categorias centrais sob a práxis que as constituíram, as sínteses (de cada fonte) e a totalidade (do conjunto das fontes) podem compor um novo momento, já respaldado pela parte anterior, em que se recolocam os elementos do pensamento martiano, mediados por: (1) complementos teórico-metodológicos; (2) aprofundamento do debate historiográfico de cada fonte, a fim de mapear oposições e incongruências comparadas às análises imanentes postas, o que leva a identificação do: (3) complemento e respaldo das interpretações teóricas sobre Martí e das (4) aberturas de pontos a serem relacionados com a temática e a problemática do trabalho, tal qual os que delimitam a pesquisa em seus objetivos específicos.

A estrutura da pesquisa e seus capítulos se organizam da seguinte maneira:

O capítulo 1 – *Notas para um brevíssimo histórico cubano* -, está voltado para a historicidade das temáticas principais extraídas dos textos martianos em análise. Logo, busca relacionar a atividade sensível dos indivíduos em sua trama contextual sócio-histórica. O subcapítulo 1.1. – *Martí e a configuração de Cuba frente à crise do sistema colonial* -, elenca algumas informações relevantes sobre a vida, experiência e influências intelectuais de Martí, a fim tornar visível a relação de seus escritos com sua tomada de posição política. Em continuidade, apresenta de forma panorâmica um histórico de Cuba no final do século XIX, profundamente marcada pela configuração do sistema colonial em crise. O destaque está na noção de acúmulo de tensões que elevaram as contradições sociais e nas quais as classes populares cubanas atuavam em movimento.

Por conseguinte, o subcapítulo 1.2. – *Os conceitos de Povo e terra no pensamento martiano* -, expõe o significado de povo no pensamento de Martí para destacar o caráter de generalidade que assume, ao ser um conceito universalizado para corresponder a unidade latino-americana. Todavia, a construção dessa abstração universal se deu mediante a relação com as especificidades do povo cubano, e de outros povos e culturas, as quais Martí conheceu em suas viagens pelo continente americano. A interação relacional entre locais-universal ocorre justamente pelas particularidades que o desenvolvimento histórico tomou nesses países, sendo singular a cada território, mas alinhados pelas lógicas comuns a quais foram submetidos. Logo, vemos no conceito martiano de *terra* a indicação do colonialismo e da escravidão, que pela coerção violenta tenta se sobrepor aos sentimentos de pertencimento local dos povos latino-americanos, tendo Cuba como foco e destaque.

O subcapítulo 1.3. - *Política externa: Cuba em Nuestra América frente ao imperialismo estadunidense* -, tem a finalidade de compreender as relações da política externa entre Cuba e os países imperialistas. Com isso, partindo da relação colonialista de Cuba-Espanha, vemos a gradação estadunidense em processo de consolidação de seus interesses, entretanto, a partir da lógica imperialista de dominação ao buscar: o domínio geopolítico de áreas estratégicas do continente; se impor como potência dominante no mercado mundial, a fim de desbancar a atuação de outras potências imperialistas europeias na América; e aprofundar os níveis de dominação econômica sobre Cuba ao mantê-la como sua produtora principal de açúcar.

O capítulo 2 – *Todos os nossos versos de América* -, concentra as análises das fontes e aprofunda a possibilidade de compreensão de cada uma. Consequentemente,

ficam evidente as ideias de Martí que mantêm o cunho político-estético em fontes de gêneros distintos. O subcapítulo 2.1. – *Nuestra América: Conhecer é resolver* -, se atenta ao artigo político com sua concepção de formação de uma identidade para Nuestra América. Ao versar sobre as características próprias de cada país e povo do continente estabelece as bases para pensar a historicidade particular do local, em contraste com os processos de dominação impostos por países estrangeiros que tentam reproduzir seus modos de governo em terras de formação social distinta. Logo, como solução emerge a conduta martiana de conhecer a realidade local para tomar decisões conforme suas necessidades, sem adotar de influências externas destoantes. Essas decisões devem emergir do povo vinculado à terra, marcando um projeto político nacional e autodeterminado.

Indo aos poemas, o subcapítulo 2.2. – *Versos Sencillos: Memória, Morte e Amor* -, analisa as poesias do autor cubano para identificar os aspectos gerais de sua composição, em que se destacam: a lógica de mediação estética que utiliza signos constantes, como o de *elemento natural*, para apresentar uma temática ou interligar ideias; e a centralidade que os signos de *Memória, Morte e Amor* assumem ao dinamizar os temas, os eu-líricos e as relações poéticas, expressando os sentidos da sentimentalidade de Martí. Assim sendo, evidencia-se uma subjetividade profundamente marcada pelas relações objetivas da vida social.

O subcapítulo 2.3. – *Con todos y para el bien de todos: apontamentos da estratégia política* -, estabelece princípios gerais do discurso independentista de Martí, que parte da organização política para a República a partir da ideia de unidade popular. Crítica as condições de vida e exploração dos cubanos para evocar a necessidade de união coletiva do *povo*, em que se destaca a noção de revolução como memória da tradição de luta popular. Essa precisa ser recuperada e continuada para garantir a barragem do avanço estadunidense e interesses dominantes de países europeus, em meio a guerra iminente de independência.

O capítulo 3 - *Centralidade política e mediação estética: núcleo e lógica do pensamento martiano* -, tem o intuito de indicar que há uma concepção política mediada esteticamente que perpassa a produção de Martí. Por conseguinte, o subcapítulo 3.1. – *A lógica poético-retórica em Martí* -, apresenta a lógica de apreensão da dinâmica social pela escrita de Martí, ao indicar fatos locais e universalizar seus aspectos singulares, em que a lógica estética, ou seja, poético-retórica medeia a mensagem política expressada.

Além disso, discute a questão da escrita martiana como tomada de posição consciente frente às contradições sociais a que estava inserido.

O subcapítulo 3.2. – *Vocações de Crítica e Proposituras no pensamento martiano* -, divide-se em dois momentos, sendo o primeiro voltado para a identificação da concepção martiana de Política como prática que seja correspondente às atividades naturais do povo, a fim de criar uma governabilidade pautada: no conhecimento dos elementos do país, na crítica constante e na ação para resolver problemas necessários. Assume um caráter ético e racional ao defender as ideias de justiça e equidade, as quais devem ser construídas pela ação coletiva em armas contra a imposição estrangeira. O segundo momento debate a esfera da política entendendo suas relações enquanto forma ideológica, além de sua vinculação com a propriedade privada e com o Estado, o que abre caminhos para interpretar a proposta política republicana de Martí e seus respectivos avanços e limitações.

Por fim, o subcapítulo 3.3. – *As proposições políticas de República, Unidade, Guerra e Liberdade* -, recupera esses signos para montar a propositura de Martí sobre a República, em que unidade, guerra e liberdade, se relacionam de forma indissociável. O cubano atribui outro significado ao seu conceito de república que vincula a autodeterminação local, juntamente à perspectiva de um projeto integrado de repúblicas latino-americanas, que devem constituir uma nova base social que rompa as lógicas coloniais e liberais, em prol da dignidade e respeito do *povo*.

CAPÍTULO 1

Notas para um brevíssimo histórico cubano

Dos pátrias tengo yo: Cuba y la noche.
JOSÉ MARTÍ, *Dos Patrias*.⁷⁶

O Capítulo em questão tem o intuito de apresentar um breve panorama de José Martí em sua Cuba. Partindo de uma ótica que se amplia, traçaremos alguns pontos relevantes da práxis de Martí, em seguida, avançando para a configuração de Cuba em um momento de crise do sistema colonial, ocorrida a partir da segunda metade do século XIX.

Posteriormente, os sentidos atribuídos ao signo de *Povo* pelo pensamento martiano possibilitaram localizar a atividade sensível dos sujeitos sociais cubanos, em meio ao apontamento das especificidades macroeconômicas, seja as do tensionamento entre a crise colonial e a modernização produtiva capitalista, seja as da política externa entre Estados Unidos e Cuba. Esses cenários serão importantes para ambientar o solo histórico em que as escolhas de Martí foram tomadas, conforme a possibilidades objetivas abertas e as necessidades sociais, relação que se reflete na obra do poeta cubano e que perpassam as fontes.

Ao abordarmos o signo de *povo* traremos em conjunto signos associados como os de *terra*, *colonialismo* e *escravidão*, conforme são retratados nas fontes por críticas, propostas de mudança ou como apreensão poética, tal qual foram representadas em imagens poéticas. Aqui o foco se volta mais para as descrições que Martí fez desses signos e como os representou.

Por fim, os modos de produção coexistentes em embate no século XIX marcaram-se pelo desenvolvimento desigual e combinado, ponto referenciado a partir de notas sobre a questão da Dependência na América Latina.

⁷⁶ MARTÍ, José. José Martí: antologia / Luiz Ricardo Leitão, organização e tradução. – 1. Ed. – São Paulo: Expressão popular, 2023, p. 86.

1.1. Martí e a configuração de Cuba frente à crise do sistema colonial

*Companheiros meus,
eu cumpro meu papel lutando
com o melhor que tenho.
Que lástima que tenha*

*Vida tão pequena
Para tragédia tão grande
E para tanto trabalho.*

*Não me pesa deixá-los.
Com vocês fica minha esperança.*

[...]

OTTO RENÉ CASTILLO, Viúvo do mundo⁷⁷

I.

Nascido em 28 de janeiro de 1853, em Havana, Martí era o filho mais velho das oito crianças de um casal de espanhóis despossuídos que viviam em Cuba. Desde cedo foi posto a acompanhar o pai nos trabalhos que esse ocupou. Em contato com o poeta e professor Rafael María Mendive⁷⁸ (1821-1886) teve nesse seu acesso às letras, com os estudos custeados pelo mestre no Colégio San Pablo e desde jovem destacou-se com tradução de Hamlet⁷⁹ para o espanhol.

A inegável influência de Mendive na formação independentista de Martí faz com que o rapaz adentre na defesa da Guerra dos Dez anos, articulando palavras em seus primeiros poemas e trabalhos jornalísticos, pelo semanário “La Pátria Libre”. Desses escritos, do início de 1869, se destaca o poema “*Abdala*”, o qual propunha a defesa da liberdade nacional (RETAMAR, 1983:14-15)⁸⁰.

No que se refere a formação nas Letras por Martí, os estudos com Mendive, para além de abrir-lhe a orientação como escritor, lhe possibilitaram o contato com obras centro-americanas, mexicanas e clássicos da literatura espanhola. A envergadura da formação não se deu apenas no contato unilateral, mas na troca de ideias e ressonâncias críticas em casas de outros intelectuais, tais quais Bernardo Valdés e Nicolás Azcárate,

⁷⁷ ANTOLOGIA. Poesia de luta da América Latina. Segunda edição, ampliada e revisada, Trunca, 2022, p. 271.

⁷⁸ Acerca da formação intelectual de Mendive, Vide. SAMPAIO, 2013, p. 41-45.

⁷⁹ RODRIGUEZ, 2006, p. 33.

⁸⁰ RETAMAR, Roberto Fernandez. *Introdução à José Martí*. In.: Nossa América – Antologia. (org.). Roberto Fernandez Retamar; São Paulo: Editora Hucitec/ Associação Cultural José Martí, p. 13-62, 1983.

marcando a formação do chamado *circuito de ideias emancipatórias* (SAMPAIO, 2013:44).

Posicionando-se cedo contra o colonialismo espanhol em Cuba, por escritos minimamente críticos à repressão metropolitana, Martí é condenado à prisão e ao exílio. Aos que pensam que o teor das palavras se formatavam em tratados e documentos políticos se enganam, pois foram em poemas e cartas que o rapaz expressou sua repulsa à Espanha. Em contexto da Guerra dos Dez anos, essas palavras de 1869 já indicariam na produção de juventude elementos que transpassaram a obra martiana, de indissociável amor à Cuba e aqueles que nele estavam, além da “profunda repugnância aos traidores” (LOPES, 1997:6)⁸¹.

A supressão dos incitadores da revolução de Yara, além de culminar no desterro de Mendive, levou à prisão Martí e um colega, Fermín Valdés Domínguez (1852-1910), em outubro de 1869. O jovem José, então com dezessete anos, é condenado a seis anos de prisão em uma pedreira de trabalhos forçados, na qual permaneceu por poucos meses até que seu pai conseguiu um acordo junto ao arrendatário das pedreiras para que o filho saísse livre, porém exilado para a Espanha, onde chegou em 1871.

Dos três anos que passou na metrópole conseguiu se manter dando aulas e frequentou de forma irregular as universidades de Madri e Saragoça, aprofundando seus estudos em Direito, e, Filosofia e Letras, respectivamente. É nesse período que escreveu textos encorpados, tais quais *El presidio político en Cuba* e *La Revolución Española ante la Revolución cubana*, de 1871 e 1873 (RETAMAR, 1983:15-16).

No primeiro faz um relato dos meses que passou preso na pedreira de San Lazaro executando serviços forçados por doze horas diárias, sob tortura e correntes, e convivendo com outros presos, entre idosos e crianças. De teor mais descritivo, ainda assim embutido de denúncia, o segundo se dá como articulação política direta, tendo o intuito de fomentar um debate público sobre a necessidade da independência cubana, dadas as turbulências políticas que levariam a Primeira República espanhola, em 1873 e 1874. O texto ganha disseminação em Madri e chega à comunidade cubana de Nova York, por meio do contato com o cubano Nestor Ponde de León (1837-1899), livreiro responsável pela maior livraria hispano-americana da cidade e editor engajado pela defesa de uma história autônoma de Cuba (SAMPAIO, 2013:51-57).

⁸¹ LOPES, Carlos. José Martí: o herói, o poeta, o contemporâneo. Prefácio In.: *Versos Sencillos* / José Martí, tradução, notas e posfácio de Sidnei Belmur Schneider; prefácio de Carlos Batista Lopes. – Porto Alegre: SBS, p. 5-33, 1997.

A formação intelectual cosmopolita se deu em meio a esse trânsito de ideias, periódicos e viagens políticas, motivadas por perseguições políticas em seus países de origem. Dessa relação emergiu uma primeira forma direta de contato entre intelectuais engajados com as questões político-sociais, que na realidade latino-americana passavam pela negação da escravidão e se materializavam por meio da troca de ideias e influências em cartas (SAMPAIO, 2013:33-34).

O teor unificador dessas cartas, para além de colocar intelectuais latino-americanos críticos em diálogo, também expressou o peso da disseminação de ideais liberais e republicanos para a luta anticolonial, ganhando novo significado na realidade do continente ao surgirem atores políticos representantes de um pensamento emancipatório, pautado na justiça social, dos quais podemos avistar a figura de Martí (SAMPAIO, 2013:35-38).

A coerência para a elaboração de uma possibilidade de independência se concebeu em seus poemas e escritos, de uma poética emergida da vivência do poeta nas contradições da realidade, junto aos que sofrem, poetizando a dinâmica da vida real e não fixando como central nos versos uma idealização poética abstrata (MARTÍ, apud. LOPES, 1997:8-9).

Deportado para a Espanha, a partir de 1870, junto a outros exilados cubanos passa a organizar a defesa pela liberdade de Cuba, explicitando a liberdade e a independência como revolução do povo em armas. Em 1874, vai ao México onde passou a escrever em jornais sobre a Cultura Americana, a ponto de sintetizar a reivindicação por uma literatura nacional.

Dessa forma, se para Martí a literatura é expressão das formas de vida material e espiritual de um povo, a produção daquele momento sofria da imposição colonialista sobre a vida e espírito, sendo necessário uma autêntica literatura americana fundada em bases autônomas de autodeterminação, possíveis apenas com a independência (LOPES, 1997:11-12).

É nesse momento, a partir de 1875, que se aproxima da figura de Manuel A. Mercado (1838-1909), com o qual estabeleceu uma relação profunda e profícua acerca das temáticas políticas do México, Cuba e das relações diplomáticas no continente⁸².

Nos anos em que vive no país (1875-1876), Martí conhece profundamente a causa indígena e aproxima-se também dos círculos operários. Em setembro de 1872, foi fundado o Gran Círculo de Obreros

⁸² RETAMAR, 1983, p. 16-17.

de México, motivado pelos acordos de setembro de 1871 da Internacional Socialista. Uma das principais figuras desse círculo foi o trabalhador gráfico Juan de Mata Rivera (1838-1893), que, juntamente com Francisco de P. González (1844 - ?), fundou o periódico *El Socialista*, no qual José Martí colaborou. A publicação, existente desde 1871, funcionou como órgão do Círculo e esteve sob a direção de Juan de Mata Rivera até 1888 (SAMPAIO, 2013:67).

Viveu no México até 1877 quando foi expulso pelo golpe de Estado de Porfirio Díaz, e com isso viajou à Guatemala, onde teve intensa produção intelectual. Posteriormente, conseguiu regressar à Havana para organizar o Clube Central Revolucionário Cubano, seção do Comitê Revolucionário Cubano – com sede em Nova York -, para atuar diretamente na Guerra de 1879-1880. Essa foi denominada Guerra Chiquita por ter sido uma tentativa de reaquecer as forças independentistas cubanas, logo após o fim da Guerra dos Dez anos. A derrota no conflito levou Martí novamente à prisão e desterro, sendo mandado novamente à Espanha. Foge e reinicia suas viagens, indo à França e à Nova York, onde assumiu a presidência do Comitê Revolucionário, entretanto, não conseguindo fixar-se no local dadas as perseguições políticas. Logo, instalou-se na Venezuela, onde dá continuidade a construção de um princípio cultural norteador para o projeto de América Independente, pautado por uma estética de simplicidade que potencializaria o conteúdo crítico por uma forma estética adequada.⁸³

Ou seja, trata-se de dar a forma mais adequada a determinado conteúdo. É ridículo o desleixo da forma, a pretensão de expressar um conteúdo sem a forma adequada. É necessário encontrar esta, exatamente para que aquele se expresse em toda a sua plenitude e eficácia (LOPES, 1997:14).

As expressões dessas ideias se deram na fundação da *Revista Venezolana*, de 1881, ponto de amadurecimento, iniciado com suas práticas em periódicos no México e Guatemala, sobre um princípio de identidade continental, que viria a se desenvolver nas suas linhas de *Nuestra América* (SAMPAIO, 2013:69).

Expulso da Venezuela, em 1881, pelos mesmos motivos anteriores de crítica constante e perseguição do governo local de Guzmán Blanco, Martí conseguiu regressar para Nova York, onde focaria na organização da Guerra de independência. Nesse meio tempo voltar-se com olhar atento às produções econômica, política e cultural dos Estados Unidos. Como crítico exaltou os poetas e escritores locais, pontos antagônicos e opositores à lógica imperialista em desenvolvimento, endossada por negociantes,

⁸³ LOPES, 1997, p. 12-13.

financistas e políticos. Em sua tomada de posição por esses escritores⁸⁴ destacou Whitman e Emerson (LOPES, 1997:15-16).

Das funções como organizador do *Cômite Revolucionário Cubano*, em 1884, conseguiu estabelecer contato com os generais atuantes na Guerra de 1868, Máximo Gomez (1836-1905) e Antônio Maceo (1845-1896), no intuito de discutir as possibilidades de independência. Entretanto, não houve acordo por causa de discordâncias em que Martí defendia um protagonismo popular na direção da luta, enquanto Gomez optava por uma liderança militarizada (RETAMAR, 1983:19).

Se as articulações independentistas não tomaram forma, Martí continuou produzindo intensamente, mantendo publicações em jornais estadunidenses e mexicanos, além de publicar seus versos, com destaque para *Ismaelillo*, de 1882. A partir de 1887, voltou a organizar exilados cubanos em Nova York, em torno dos preparativos para uma possível guerra de independência e reestabeleceu diálogo com Gomez. Ao mesmo passo, aumentou sua gama de tarefas e contatos com outras localidades da América, ao assumir o posto de cônsul do Uruguai em Nova York e de representante da Associação de Imprensa de Buenos Aires, em 1888 (Idem:20).

Permaneceu residente em Nova York até 1895, entretanto viajando ao Haiti, São Domingos, Jamaica, Panamá, Costa Rica e México, a partir de 1892, a fim de articular redes de apoio para a guerra de independência⁸⁵.

Foi nas idas e vindas que emergiu a consciência da diferença entre Cuba e Espanha, além das outras localidades da América, em que a primeira apresenta uma *realidade imediata* própria, mesmo com certa influência cultural espanhola. Se a Espanha se polariza como o *outro*, os países latino-americanos que visitara possibilitavam a captação de um liame muito mais próxima a sua Cuba, em que se evidenciava uma realidade corrompida pela mesma subsunção ao colonialismo. Essa primeira distinção leva a segunda: a compreensão das coincidências dos países da América Latina que depois ganhariam a conceituação de *Nuestra América*. Também destoava criticamente do país no qual vivera os últimos anos, pois os Estados Unidos apresentavam muito mais elementos do continente europeu, principalmente sobre a forma de organização socioeconômica capitalista.

[...] Além do que, e isto é talvez o mais importante, Martí mora nos Estados Unidos justamente no momento em que a nação passa de seu

⁸⁴ Acerca das influências literárias norte-americanas na poética de Martí, Vide: (RAMA, 1980).

⁸⁵ RETAMAR, 1983, p. 17.

capitalismo pré-monopolista para o capitalismo monopolista e imperialista que a levará, inexoravelmente, a se abalançar sobre o mundo: primeiro, sobre a América Latina e o Caribe, e em particular sobre Cuba. O fato de que sua pátria permaneça como colônia ostensiva, agudiza dramaticamente sua sensibilidade e sua compreensão desses problemas, fazendo de Martí o primeiro anti-imperialista cabal do Continente (RETAMAR, 1983:18).

Da atenção de Martí às políticas externas estadunidenses sobre o continente destaca-se a Primeira Conferência das Nações Americanas, realizada em 1889-1890, em Washington, em que os Estados Unidos declararam a base para a estruturação da Organização dos Estados Americanos, sob política alfandegária pan-americanista liderada pelo país sede. A leitura de Martí entende essa instituição como arranjo para uma política própria de um sistema de colonização estadunidense sobre os países do continente, o qual precisaria declarar sua segunda independência (RETAMAR, 1983:21-22).

Seguiu atuando como Cônsul do Uruguai, da Argentina e do Paraguai, além de presidente da Sociedade Literária Hispano-americana, até a Conferência Monetária Internacional Americana, novamente sediada em Washington, em 7 e 8 de janeiro de 1891. Participou enquanto representante diplomático do Uruguai defendendo a não adoção da moeda estadunidense como moeda única para as comercializações do continente, já que isso aprofundaria a dependência econômica das países latino-americanos em relação aos EUA (Idem:23-24).

Nos idos de 1891, a crescente tensão interna em Cuba gestou o acirramento de uma nova guerra de independência e, avista disso, Martí abdicou de todas as suas funções profissionais – salvo a de professor de espanhol que usava para se sustentar –, para catalisar os preparativos para a conflito romper no solo histórico direcionado por uma estratégia ampla de ação⁸⁶.

O discurso *Con todos y para el bien de todos*, feito na cidade de Tampa, no Liceo Cubano, é significativo enquanto exemplificação desse processo ao ser dirigido a emigrantes cubanos tabaqueiros. Na fala, Martí anunciou as necessidades de uma república cubana independente, que tornar-se-ia marco inicial para uma série de discursos futuros que centralizariam os clubes de imigrantes cubanos nos Estados Unidos, em torno das Bases do Partido Revolucionário Cubano. Esse, elaborado em janeiro de 1892, em Cayo Hueso, Flórida, apontava a autonomia total de Cuba e o auxílio para a

⁸⁶ Para Retamar, essa passagem a uma postura radical, vinda desde 1889, constituiu sua maturidade ideológica (RETAMAR, 1995, p. 46).

autodeterminação de Porto Rico, que também já estava evidentemente sobre a órbita de interesses estadunidenses (RETAMAR, 1983:24-25).

A sedimentação seguiu com o estabelecimento do jornal *Pátria*, em março de 1892, órgão oficial do Partido Revolucionário Cubano, do qual Martí, além de delegado geral eleito, foi elaborador ideológico. De 1892 a 1894, realizou viagens pela América Latina para conseguir apoio e fundos para a *guerra necessária*, até que essa irrompeu em fevereiro de 1895, momento em que Martí e Gomez já reivindicavam a memória das lutas desde Yara (Idem:26).

A guerra iniciada de 1895 seria uma continuação das tentativas prévias de ruptura colonial, entretanto agora com a finalidade da dupla independência: libertar-se da Espanha e repelir as ambições estadunidenses. Em abril, Martí e Mercado saem do Haiti para liderar o conflito em Cuba, recebendo Maceo no mês seguinte (RETAMAR, 1983:26-27).

É nesta época, 18 de maio, que escreve a famosa carta ao velho amigo Mercado, da qual destaca-se as passagens que bem indicam a percepção de Martí sobre a função da independência:

[...] já estou todos os dias em perigo a dar minha vida pelo meu país e pelo meu dever – já que assim o entendo e tenho ânimo para realizá-lo – de impedir a tempo, com a independência de Cuba, que se estendam pelas Antilhas os Estados Unidos e caiam, com essa força adicional, sobre nossas terras da América [...] (MARTÍ, 1895 Apud. LEITÃO, 2022:53)⁸⁷.

Ou ainda:

As próprias obrigações menores e públicas dos povos – como esse que é seu e meu – mais resolutamente interessados em impedir que em Cuba se abra, pela anexação dos imperialistas de lá e os espanhóis, o caminho que se há de cerrar – e que estamos cerrando com nosso sangue – da incorporação dos povos de nossa América pelo Norte revoltoso e brutal que os despreza eram um óbice. Elas tinham impedido sua franca adesão e ajuda concreta a este sacrifício que se faz para benefício imediato de nossa gente (MARTÍ, 1895 Apud. LEITÃO, 2022:53-54).

Destaca-se no excerto que a ideia martiana para a guerra necessária é uma tentativa de resolução para as próprias querelas anexionistas, por frações de classes cubanas e

⁸⁷ LEITÃO, Luiz Ricardo. José Martí, o apóstolo da independência em prosa e verso. Apresentação In.: José Martí: antologia / Luiz Ricardo Leitão, organização e tradução. – 1. Ed. – São Paulo: Expressão popular, p. 7-24, 2022.

espanholas que se beneficiavam com a submissão à Espanha, ou ainda com a passagem da área de controle aos Estados Unidos.

[...] A guerra de Cuba, realidade superior aos vagos e dispersos desejos cubanos e espanhóis anexionistas, para os quais sua aliança com o governo de Espanha só iria dar um poder relativo, surgiu na América no momento certo, para evitar, mesmo contra o emprego de todas as forças, a anexação de Cuba aos Estados Unidos [...]. (MARTÍ, 1895 Apud. LEITÃO, 2022:55).

Na manhã seguinte à escrita da carta, em 19 de maio, José Martí morre em batalha, próximo a região de Dos Ríos, tendo o cadáver levado pela tropa espanhola (RETAMAR, 1983:28).

II.

Retomar a história cubana é destacar o acúmulo de complexidades no desenrolar do seu processo histórico, expresso pela crise econômico-política do antigo sistema colonial em polos europeu e latino-americano. Além disso, somam-se tensões locais de uma Cuba colônia, frente ao contexto neocolonial externo, em que não se constituiu um estado nacional autônomo no século XIX.

O crescimento econômico da ilha no final do século XIX não gestou uma ruptura evidente, dada a continuidade do sistema de espoliação colonial. Como resposta, emergida das contradições explícitas, houve movimentações de rebeliões populares, que se configuraram como uma herança político-ideológica orientativa para formas de práxis revolucionária e fixaram-se como liame reivindicativo de oposição às formas de exploração colonial. Em suma, foi a materialização e o resgate das tensões históricas acumuladas (FERNANDES, 2007:39-42)⁸⁸

A formação histórica cubana, citada aqui em dois momentos cruciais enquanto colônia e neocolônia, teve sua especificidade sob o sistema de exploração colonial⁸⁹. O período colonial se estendeu por mais de três séculos e meio, sendo contestado somente a partir de rebeliões contra o Pacto colonial, na segunda metade do século XIX, cujo ápice foram a Guerra dos Dez anos (1868-1878)⁹⁰ e a realização da guerra de independência,

⁸⁸ FERNANDES, Florestan. *O passado colonial e neocolonial*. In.: Da guerrilha ao socialismo: a Revolução Cubana / Florestan Fernandes – 1. Ed. São Paulo: Expressão popular, p.39-85, 2007.

⁸⁹ Sob a ótica da especificidade que se forma na lógica dos processos sociais, como exposto em: GUEVARA, Ernesto. *Cuba, exceção histórica?* In.: Che Guevara: Política /Eder Sader (org.) – 2. Ed. – São Paulo: Expressão popular, p. 57-77, 2011.

⁹⁰ FERNANDES, 2007, p. 40.

de 1895-1898, ambas contra a Espanha. Porém, a sedimentação dessa autonomia não ocorreu, ao passo que a ilha foi invadida pelos Estados Unidos após o segundo conflito.

O colonialismo se iniciou com a instalação da *encomienda* como instituição de garantia da estabilização dos colonos, supridos pela Coroa de Castela, sob a forma da escravização sobre os povos originários da ilha⁹¹. Acerca da questão da terra, Castela gestou a instalação de uma estrutura fundiária, a fim de limitar o controle sobre a terra, apenas por duas gerações de colonos, a partir da concessão real. Entretanto, essa orientação não se manteve ao passo que as propriedades na colônia permaneceram sob o controle permanente dos beneficiários iniciais até meados do século XIX, período de maior desenvolvimento econômico produtivo, mediante a implantação da produção de açúcar⁹². Esse fator expandiu o aparato escravista que marca a “penetração do capitalismo mercantil no controle global da produção de engenhos” e se deu pela incorporação de escravizados africanos, que já eram remanejados para o trabalho forçado em minas da ilha (FERNANDES, 2007:43-45).

Desde o século XVI Cuba foi destacada por sua posição estratégica no Caribe.⁹³ Deu-se como porto de escala, praça de armas e ponto de ligação com os subcontinentes americanos, em norte, centro e sul, fator que se manteve pelo período colonial. Tornou-se entreposto militar e comercial, o que caracterizou certa urbanização em regiões chave para o funcionamento administrativo, relevante para a manutenção do domínio colonial espanhol. “Em outras palavras, uma parte da diferenciação colonial de Cuba nasce de fatores exógenos, decorrentes de sua incorporação à estrutura, transformações e funcionamento do próprio império espanhol” (FERNANDES, 2007:45). Esse aspecto foi reforçado pela crise do sistema colonial, pelos conflitos espanhóis por influência na região e pelo processo de exploração da Flórida.⁹⁴

Além dos investimentos em infraestrutura, de comunicação e de defesa custeados pela extração mineira e das atividades produtivas estimuladas pelo abastecimento às tripulações, a localização de Havana no extremo da rota garantia-lhe os fretes mais baratos de todo o continente, uma vez que as frotas transportavam principalmente uma carga valiosíssima,

⁹¹ Acerca desse processo, os povos originários da ilha foram dizimados no século XVI e esse fato marca a introdução da escravidão de matriz africana de forma direta. Vide: SANTOS, Fábio Luis Barbosa. Origens do pensamento e da política radical na América Latina: um estudo comparativo entre José Martí, Juan B. Justo, e Ricardo Flores Magón. Tese de doutorado pelo programa de História Econômica da Universidade de São Paulo, 2011, p. 69.

⁹² “[Cuba] se organiza para explorá-lo e ser explorada em função dele” (FERNANDES, 2007, p. 53).

⁹³ SANTOS, 2011, p. 69.

⁹⁴ Ponto evidenciado na abordagem sobre as relações externas dos interesses do expansionismo estadunidense sobre Cuba: Ver: Cap. 1.3.

mas de dimensões reduzidas. Como decorrência, o porto exercia também um papel reexportador de mercadorias de outras zonas americanas. No conjunto, os estímulos recíprocos gerados pela conjugação entre produção e serviços tornaram Havana a terceira cidade americana do império colonial espanhol (SANTOS, 2011:70).

A economia cubana era dinâmica a partir do fluxo comercial metropolitano e tinha gêneros agropecuários diversos (açúcar, café, tabaco e criação de animais), os quais “eram suficientes para aumentar a continuidade de um crescimento colonial fraco e para a reprodução da ordem econômica colonial correspondente” (FERNANDES, 2007:47). Esse dinamismo tinha a finalidade de manter a frota e a população local, posteriormente mudando de rumo ao ocorrer o processo de ocupação do solo, frente às *haciendas comuneras*, e o gradativo crescimento da economia de subsistência e da população. O desenrolar econômico não teve o seu apogeu durante essa formatação do antigo sistema colonial, mesmo desenvolvendo uma produção significativa de tabaco e café, em inserção ao mercado mundial vigente, o primeiro na passagem dos séculos XVII para o XVIII e o segundo no final do século XVIII⁹⁵.

O não fortalecimento de um setor econômico para se autonomizar do sistema colonial, mediante a limitação da produção e a entrada no mercado internacional, gestou uma elite de proprietários mansos à regência externa, confluentes aos interesses da Coroa espanhola, sem criar dissonâncias significativas até o século XIX. Frente a isso, há um crescimento proporcional da população escravizada que, sugada pelo modo de produção, formava uma massa oposta à elite interna que se sedimentava, a qual antes de qualquer discordância com sistema colonial pela tentativa de uma emancipação nacional, nutria-se desse e advogava por sua manutenção. A população da ilha se formou e transmutou com o aumento da população escravizada, mediante mudanças na organização socioeconômica, evidenciando como a composição demográfica refletiu a ordem econômica (FERNANDES, 2007:48-49).

A particularidade do caso cubano está no fato de que o seu sistema econômico - escravista colonial - se fortaleceu durante o século XIX, em grande medida devido a produção de açúcar, em um cenário macroeconômico de esfacelamento do sistema colonial. Essa contradição gerou relações peculiares de coexistência entre as classes internas que administravam a ilha, formatadas pelo grande latifúndio açucareiro que se manteve com a abolição da escravatura⁹⁶, e as classes exploradoras externas. O fim do

⁹⁵ FERNANDES, 2007, p. 47.

⁹⁶ A abolição da escravidão em Cuba ocorreu em 1886.

modo de produção escravista não findou o sistema colonial, configurado em consonância ao capitalismo emergente de ascensão neocolonialista, que integrado de forma dependente ao mercado mundial⁹⁷ (vide a exportação de quase todo o açúcar produzido), impediu a emergência de um processo de independência (FERNANDES, 2007:51).

Em consequência, o que poderia estar na origem de uma revolução política e da formação de um Estado nacional permitiu o seu avesso, a ocupação militar estrangeira e a formação de um Estado satélite ou neocolonial (FERNANDES, 2007:63).

Temos a centralidade do século XIX como momento de desenvolvimento econômico e a modernização em Cuba, devido a alocação do açúcar enquanto produto central⁹⁸ de produção e exportação, acompanhado pelo café e pelo tabaco. Enquanto consequências – não como sucessão de causa e efeito, mas dialógica em processo de influência mútua – a expressão econômica revelou a concentração fundiária e o aumento do escravismo, ponto que novamente alterou as relações entre as classes sociais, ainda marcadas pelo antagonismo entre trabalhadores e a elite econômica gestora do processo produtivo (FERNANDES, 2007:50).

O vigoroso impulso que a economia da ilha recebeu no apogeu da crise do antigo regime colonial pode ser dimensionado pelo aumento dos seus habitantes, que quadruplicaram entre 1774 e 1827, passando de 171.000 para 704.000. A proporção de população escrava no período passou de 23% para 41%, refletindo o dinamismo da *plantation*. O avanço do açúcar induziu mudanças não somente na composição da população, mas também nos padrões de integração da ilha, impulsionando a conexão de regiões até então autônomas, progressivamente uniformizadas sob a égide da *plantation*” (SANTOS, 2011, p. 75-76).

O desenvolvimento econômico sob a ordem colonial espanhola entrelaçou elementos de forma indissociável na unicidade do latifúndio⁹⁹ e da escravidão, diretamente associados à dinâmica do mercado externo. Esse firmamento impossibilitaria a ruptura de cunho nacional em apenas uma das partes da estrutura entrelaçada, dada a amplitude do tensionamento em que as relações sociais de trabalho estavam submetidas. Dessa forma, a possibilidade de emancipação passaria pela consideração da sublevação

⁹⁷ “Na verdade, o florescimento colonial tardio coincidia com um novo modo de incorporação de Cuba ao mercado mundial, à tecnologia, agroindustrial de ponta e aos dinamismos da economia estadunidense” (FERNANDES, 2007, p. 55).

⁹⁸ Principalmente na sua centralização em substituição ao tabaco (SANTOS, 2011, p. 72).

⁹⁹ Latifúndio que, sob a produção de açúcar, assume o modelo agrícola da *plantation* (SANTOS, 2011, p. 74).

contra a forma interna-externa de organização econômica, em sua interligação das formas colônia-metrópole e colônia-mercado mundial (a que a metrópole se vincula de forma tensionada, ponto que reflete pressão na colônia) (FERNANDES, 2007:51).

Considerando a Espanha e a flexibilização de seus interesses frente às relações externas do período, em meio aos processos de transformação econômica do século XIX¹⁰⁰:

A Espanha teve de avançar para prevenir o pior, através de concessões ou de inovações que pressupunham mudanças político-legais funcionais para ajustar a dominação direta aos avanços realizados ou em processo, pelos quais os estamentos privilegiados ganhavam maior autonomia relativa e Cuba podia aproveitar melhor os novos fluxos do capitalismo comercial, nas relações com países europeus e, principalmente com os Estados Unidos (FERNANDES, 2007:52).

Dessa flexibilização se derivam¹⁰¹: (1) um caráter de adequação pela Espanha que iniciou a modernização tecnológica nos engenhos em Cuba perante as alterações de dinâmica do próprio mercado mundial, para dar garantia à estrutura de exploração colonial – e sua forma social correspondente de relação de trabalho escravo -, absorvida pela metrópole e administrada pelas instituições jurídico-militares historicamente sedimentadas em solo colonial;

(2) que diante da modernização tecnológica, a qual configura a mudança econômica e passa a basear o caráter de produção em escala para exportação, gerou-se uma vinculação da elite interna – agora situada entre a ordem do regime colonial e do capitalismo comercial, e com isso passou a ter novas possibilidades de uma autonomia relativa -, com os interesses diretos das potências capitalistas em ascensão, em especial os Estados Unidos. A referida modernização criou condições para outra forma social de relação de trabalho com o trabalho livre assalariado, condizente com a lógica do tipo de capitalismo que se gestou na ilha, todavia coexistente com a escravidão, e unitária pelo núcleo exploratório da população explorada, fator que reflete a própria complexidade da organização do trabalho nesse momento;

(3) enquanto confluência dos dois últimos pontos, a garantia e a controlabilidade da flexibilização foi feita mediante imposição contra o povo, enquanto forma de violência organizada, expressas tanto no funcionamento da coerção jurídico-militar colonial que

¹⁰⁰ FERNANDES, 2007, p. 50.

¹⁰¹ FERNANDES, 2007, p. 52.

garantiam a cotidianidade da dinâmica de violência social, quanto no sufocamento das sublevações populares;

(4) Por fim, a amálgama dessas consequências, se por um lado relacionou as condições de dominação metropolitana e externa, por outro, em dialogia, aumentou o tensionamento contraditório entre os modos de produção distintos, mas conciliados. Além disso, antagonizou o beneficiamento dos interesses das classes metropolitana espanhola, da elite colonial interna e dos capitalistas externos, em detrimento das frações de classe populares cubanas.

A fim de identificarmos o histórico de fixação do açúcar, como principal gênero da ordem econômica, cabe percorrer o trajeto dos ciclos produtivos da economia cubana. Temos o início com o café que introduzido na segunda metade do século XVIII teve o seu apogeu na virada do século, possível pela reunião de capital e a sua materialização em trabalho escravo. Em 1815, a produção absorvia a força de trabalho de aproximadamente 28 mil escravizados, tendo por recolha cerca de 13,5 mil toneladas nesse período, número que se expande, em 1827, a 33 mil toneladas, da qual 79,4% eram encaminhadas para o mercado externo¹⁰². Em suma: “Não obstante, o café teve um ciclo meteórico, e seu rápido declínio serviu para deslocar capitais, mão-de-obra escrava e terras para a órbita do açúcar” (FERNANDES, 2007:53).

O ciclo do açúcar, que coexistiu com o café antes de se tornar a commodities principal, teve seu crescimento de produção de 15 mil toneladas, em 1780, para 30 mil toneladas na virada do século e despontou para 450 mil toneladas, em 1850. Dos reflexos da estruturação econômica na ordem social, o crescimento do número de engenhos é exemplificador:

[...] Em 1775, 473 engenhos produziam 1,3 milhão de arrobas de açúcar (ou 14.950 toneladas métricas); em 1827, cerca de mil engenhos produziam 8,091 milhões de arrobas (ou 93.047 toneladas métricas). A ilha exportara, nesta data, 5.967.066 arrobas de açúcar, 2.606.739 arrobas de melado e 2.664 pipas de aguardente de cana (ARANDA, 1968:232, apud. FERNANDES, 2007:54).

No reflexo populacional ocorreu o aumento da entrada de escravizados em Cuba, indo de 3,2 mil anuais, em 1800, para 17 mil anuais em 1820¹⁰³. A composição populacional passou a espelhar as relações da divisão do trabalho na ilha, tendo no censo

¹⁰² Acerca da especificidade das características do ciclo do Café em Cuba, conferir: FERNANDES, 2007, p. 53-54.

¹⁰³ PIERRE-CHARLES, 1976:20, Apud. FERNANDES, 2007, p. 54.

dessa década, em 1827, aproximadamente 704 mil habitantes, dos quais 44% eram brancos e 56% negros e mestiços, que se segmentam em 15% livres e 41% escravizados, estando localizados em maior parte nas zonas rurais¹⁰⁴. A expansão da *plantation* de açúcar aumentou a proporção de escravizados negros nas plantações, alcançando o número de 150 mil escravizados por volta de 1860. Entre o campo e a cidade:

[...] Do mesmo modo, é relevante lembrar que o padrão de propriedade do escravo variava do campo para a cidade. Assim, o censo de 1855 registrava 283.625 escravos rurais para 25.947 senhores rurais (ou seja, um proprietário para 10,9 escravos) e 65.121 escravos urbanos para 20.947 senhores urbanos (ou seja, um proprietário para 3,1 escravos). Boa parte desses escravos ocupava-se de trabalhos proporcionados por mestres artesãos brancos (FERNANDES, 2007:55).

O desenvolvimento dos ciclos produtivos não significava necessariamente a transição direta para outro modo de produção pautado no avanço tecnológico. Em contrapartida, a expansão do escravismo à regalia do aumento da produção passou a contrastar com a maquinaria agroindustrial, ao passo que a sua operação prolífica necessitava de uma modernização que a estrutura colonial não dispunha e que se caracterizava pelas alterações recentes do mercado mundial induzidas pelos Estados Unidos (FERNANDES, 2007:55).

A modernização passaria a influir no aspecto central da concentração fundiária dos proprietários escravistas cubanos que poderiam adequar parcialmente a sua lógica de posses às novas dinâmicas. Porém, a tensão colonial era aumentada pela elite interna: (1) pela ampliação e manutenção da população escravizada; (2) pela necessidade de alterar a arquitetura colonial com construções de caráter fabril e ferroviário – o que refletiria na ordenação de controle das relações entre cidade-campo -; (3) por não descartar os limites da flexibilização do domínio metropolitano espanhol, signatária da sobreposição às frações de classes emergentes em Cuba; (4) e pelo traço de concorrência e interesses do mercado externo, em que essa elite escravista latifundiária teria de se submeter à coerção da exportação de capital para modernização da ilha pelos capitais estadunidenses interessados (FERNANDES, 2007:56).

Por conseguinte, a inserção do ciclo do açúcar de Cuba no mercado mundial marca o limite do próprio desenvolvimento econômico espanhol, que, já a partir de 1818, consente a venda de açúcar cubano diretamente aos Estados Unidos, o que no último quartel do século passa a expressar a completa vinculação Cuba-EUA. Como exemplo,

¹⁰⁴ FERNANDES, 2007, p. 54.

temos o comércio exterior¹⁰⁵ cubano exportando 60% da sua produção total, com a taxa de importação em 20%, para o vizinho do Norte, enquanto a Espanha não se mantinha nem em segundo plano, pois a Inglaterra estabelecia a relação de 22% exportação / 20% importação e a metrópole absorvia apenas 3% da exportação da ilha, com taxa de 30% de exportação (FERNANDES, 2007:57).

Acerca do papel da Inglaterra, Santos afirma que o imperialismo inglês tentava fazer frente ao imperialismo estadunidense no continente americano. A impossibilidade de estabelecer sua dominação sobre o mercado cubano fez com os ingleses pressionassem politicamente o fim da escravidão e o tráfico de escravizados, que se manteve até 1865, a fim de desestabilizar a dinâmica dos Estados Unidos em torno da escravidão em relação a dominação da produção cubana de açúcar (SANTOS, 2011:77-78).

As formas jurídicos-militares do controle espanhol passaram a ser único fio de controle sobre a ilha - já que a dominação propriamente econômica se mostrava em obsolescência -, o que uma ruptura política poderia findar, marcando a possibilidade de independência dessa amarra político-jurídica, mas não resoluto ao passo que a amarra econômica se punha em plena sedimentação pela expansão dos interesses estadunidenses.¹⁰⁶

De fato, o vínculo colonial de Cuba com a Espanha repousava sobre processos estáticos (de reprodução da ordem existente) e numa relação parasitária insustentável entre a metrópole e a colônia. O sistema de poder colonial, fundado na dominação direta, perdera sua base econômica. Ele se sustentava na força militar, no apoio direto ou indireto que os interesses espanhóis recebiam de muitos *hacendados* e negociantes cubanos e na confiança dos estadunidenses na eficácia desses interesses para manter a estabilidade da ordem vigente. A “guerra dos dez anos”, porém, indica de maneira precoce que as fraturas da base econômica eram irreversíveis e que as soluções internas passavam pela emancipação nacional (FERNANDES, 2007:57-58).

O acúmulo das tensões de ordem econômica e o seu reflexo sobre a organização das relações de trabalho devem funcionar para relevar as lutas do contexto social, acirradas nas tentativas de ruptura colonial, tais quais as de 1868-1878 e de 1895-1898 (FERNANDES, 2007:58).

“A mecanização altera, de imediato, o tamanho do engenho e a forma de exploração do trabalho escravo ou de sua combinação com o trabalho livre”¹⁰⁷. Essa

¹⁰⁵ PIERRE-CHARLES, 1976, p. 20, Apud. FERNANDES, 2007, p. 57.

¹⁰⁶ FERNANDES, 2007, p. 57.

¹⁰⁷ FERNANDES, 2007, p. 59.

automação tenderia a desenvolver a estrutura dos engenhos centralizados em relação às ferrovias. Na prática, a divisão entre engenhos de gradações tecnológicas distintas dispostos na porção ocidental e oriental da ilha, além do nível de integração da cidade-campo, não levou a cabo essa centralidade sob égide colonial. Era uma possibilidade apenas para o açúcar, dado que o tabaco se cultivou em pequenas propriedades, geralmente trabalhado em manufaturas artesanais urbanas.¹⁰⁸

Essas peculiaridades na produção e na industrialização do açúcar e do tabaco tiveram óbvias consequências sociais. A transformação do engenho pressionou o crescimento da força de trabalho escravo. O tabaco manteve-se preso à rede do trabalho livre e o seu setor urbano origina um desenvolvimento precoce da consciência dos tabaqueiros. O que importa são as relações entre as formas de organização do trabalho e os conflitos sociais que elas comportavam e liberavam [...] (FERNANDES, 2007:60).

Pensando os comportamentos das frações de classes sociais e seus interesses destaca-se a categoria dos tabaqueiros, que marcados pelo caráter artesanal do seu trabalho, tenderam a manter um interesse proletarizado formado em contato à prática de leitura no trabalho, ponto de maior formação que reverberou uma comunicação e integração às reivindicações políticas. Essa categoria teve destaque na ruptura de independência de 1895, atuando com consciência de classe ao se reconhecerem enquanto tal e com maior sensibilidade política, que se complexificou dada ao alto fluxo de imigração dos tabaqueiros para o exterior (FERNANDES, 2007:61).

Em complemento, a concentração de tabaqueiros cubanos em Havana foi transmutada para a Flórida, a partir do processo de separação da produção do açúcar bruto em Cuba e seu refinamento nas usinas industriais estadunidenses. Esse fator representava: (1) uma nova organização da produção dentro da subordinação do mercado externo que monopolizava a lógica de organização da cadeia produtiva vinda da exportação cubana e industrialização estadunidense; (2) em questão das possibilidades de organização de luta, a formação de uma base social cubana nos Estados Unidos, com a qual Martí articulou¹⁰⁹ politicamente as linhas do Partido Revolucionário Cubano, a partir de 1892 (SANTOS, 2011:87).

As disputas de perspectivas políticas na Guerra dos Dez anos aumentaram as contradições da ordem socioeconômica. Os latifundiários do açúcar vinculados ao

¹⁰⁸ FERNANDES, 2007, p. 59.

¹⁰⁹ Dentre as regiões de imigração tabaqueira cubana na Flórida encontra-se Tampa, cidade onde Martí professa o discurso – aqui tomada enquanto fonte –, “Con Todos y Para el bien de todos”.

sistema de produção colonial escravista subordinado ao mercado mundial posicionaram-se em sua manutenção, essencialmente defendendo a continuidade da escravidão, embora possamos indicar facções políticas distintas entre esse grupo: moderados pela continuidade da ordem vigente; pró-espanhóis ao tentar endossar a força político-militar desses sobre a ilha; e reformistas¹¹⁰, mas apenas no âmbito político gestado pelos espanhóis, o que abria brecha para a ruptura interna com a metrópole e o florescimento de um sintoma nacional, mas sem romper com a economia externa, ou seja, com a centralidade da escravidão. Essas três vertentes entre a classe interna dominante, ao convergirem na continuidade escravista, assumiam posturas autocráticas contra quaisquer possibilidades de uma nova organização popular democrática baseada na abolição (FERNANDES, 2007:61).

A modernização produtiva deslocou o controle sobre a colônia do polo metropolitano para o do mercado externo, figurado nos Estados Unidos, que passou a recolher as melhores condições do sistema colonial integrado, em oposição à Espanha e à classe dominante interna, cada vez mais conservadoras para conter a desintegração das suas influências de outrora. Esse caráter significou a subsequência do neocolonialismo imperialista ao colonialismo, sem a efetivação de uma emancipação nacional pelas classes internas cubanas (Idem:65-67).

Para as frações de classes populares que se empenharam no processo revolucionário de independência, a ruptura seria nadar contra três ondas seguidas: partindo de uma praia colonial e sendo puxada pela correnteza para o outro lado do litoral, de dominação imperialista. Dessa longa conjuntura de crise cubana, José Martí foi expressão enquanto testemunha em vida¹¹¹.

¹¹⁰ Para essa fração de classe é evidente para suas posições no conflito tanto a crise econômica do açúcar que rebaixou os preços, em 1866, quanto o aumento dos impostos reais, outorgado em decreto a partir de 1867. Vide: VILABOY, Sergio Guerra. Nueva Historia mínima de América Latina: Biografía de un continente. Archivo General de la Nación, Volumen CCXXVIII, República Dominicana, 2015, p. 354.

¹¹¹ Ao que Santos bem marca como “arco de vida” de Martí (1853-1895), correspondendo justamente a imposição do controle monopolista do imperialismo estadunidense sobre a produção açucareira da ilha (SANTOS, 2011, p. 83).

1.2. Os conceitos de *Povo e terra* no pensamento martiano

*Fui para as montanhas.
Minha independência real foi o quilombo.
E cavalguei entre as tropas de Maceo.
NANCY MOREJÓN, Mulher negra.¹¹²*

Os conflitos entre as classes sociais na Cuba do final do século XIX expressaram-se: tanto entre as classes externas de interesses internacionais, como EUA e Espanha, quanto na disputa entre os interesses das frações de classes internas da ilha. Dessa forma, nos ateremos na atuação das frações de classes populares, em meio ao processo de violência a que estavam submetidas dentro da lógica do sistema colonial escravista. Posteriormente, entenderemos os grupos sociais distintos que formavam essa vida social conturbada e, principalmente, a leitura que Martí fez deles ao cunhar um conceito de *povo cubano* como parte de uma articulação política com finalidade estratégica para a *dupla* independência: contra o colonialismo espanhol e contra o imperialismo estadunidense.

Seguiremos a exposição: pelo âmbito conceitual, imanente ao pensamento de Martí, ressaltando os nexos de *povo e terra*; apresentando o aspecto demográfico na composição social desses grupos; e pela perspectiva ideológica dos interesses de classes defendidos, sem cindir as devidas relações e influências mútuas.

A noção geral representativa de *Povo* nas fontes martianas tende para uma caracterização e atribuição de movimento dos grupos populares, em relação aos acontecimentos históricos. Logo, o tom principal é de um povo em sofrimento na sua terra, realizador de trabalhos difíceis e cansativos, enquanto é afligido pela coerção violenta do colonialismo. Entretanto, ao estar agindo cria possibilidades de articulação coletiva em torno da luta por sua liberdade, inferidas nos caracteres ético, econômico e político.

Em *Nuestra América* Martí expõe sua visão de universalidade de um povo integrante de sua América, apresentada de forma geral ao passo que se relaciona com as particularidades que também fazem o povo cubano. Portanto, o povo é adjetivado enquanto americano, ou seja, em totalidade à sua concepção de América integrada e marcado por sua própria identidade, dada a mestiçagem e a miscigenação. Disto, repartindo o *povo* em frações de classes temos aspectos positivos e negativos de grupos

¹¹² Poesia de luta da América Latina, Antologia, 2022, p. 210.

diversos: adormecido (no sentido de estático)¹¹³, “cultos”, “incultos”¹¹⁴ e religioso¹¹⁵, dos quais destacam-se a imagem do camponês – revoltado e “desdenhado”¹¹⁶ – e da população negra como sujeitos ativos na ação popular.

Para Martí, mesmo que em grau de abstração e generalidade, a imagem de *povo* ainda tem destaques em figuras representativas de grupos reais em movimento, que se mantém em moção pelo caráter do trabalho popular, o qual marca e é marcado pela ação rumo a sua autodeterminação política.

Nos *Versos Sencillos* o direcionamento da escrita está em torno da temática sentimental, evidente pela subjetividade do eu-lírico, o que expõe a noção de *povo* de forma diluída. Temos a visão individual do eu-lírico que participa do coletivo vivenciando processos históricos de escravidão e colonialismo, pelos quais perpassam a representação do povo traído e designado como “pobres da terra”¹¹⁷.

Diferentemente, *Con todos y para el bien de todos* apresenta a centralidade do nexo de *povo*: ao aproximá-lo da especificação da descrição de Martí sobre o *cubano* e ao pontuar a importância dos nexos representativos em torno da população negra e espanhola, que juntos compõem um reflexo das contradições e conflitos de classes emergentes. Por conseguinte, há uma descrição do povo enquanto cubanos sufocados¹¹⁸ que buscariam “paz e equidade” dada a sua “dignidade”, amor, honra e inteligência,¹¹⁹ identificados em grupos de operários¹²⁰, camponeses e libertos da escravidão.

Muy mal conoce a nuestro pueblo quien no observe en él como a la par de este ímpetu nativo que lo levanta para la guerra y tic lo dejará dormir en la paz, se ha criado con la experiencia y el estudio, y cierta ciencia clara que da nuestra tierra hermosa, un cúmulo de fuerzas de orden, humanas y cultas,-una falange de inteligencias plenas, fundadas por el amor al hombre, sin el cual la inteligencia no es más que azote y crimen,-una concordia tan íntima, venida del dolor común, entre los cubanos de derecho natural, sin historia y sin libros, y los cubanos que han puesto en el estudio la pasión que no podían poner en la elaboración de la patria nueva,-una hermandad tan ferviente entre los esclavos ínfimos de la vida y los esclavos de una tiranía aniquiladora,-que por este amor unánime y abrasante de justicia de los de un oficio y los de outro [...] (MARTÍ, 2003:6-7).

¹¹³ MARTÍ, José. *Nossa América* = Nuestra América/ José Martí. – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2011, p. 11.

¹¹⁴ MARTÍ, 2011, p. 19.

¹¹⁵ MARTÍ, José. *Versos Sencillos* / José Martí, tradução, notas e posfácio de Sidnei Belmur Schneider; prefácio de Carlos Batista Lopes. – Porto Alegre: SBS, 1997, p. 122-123.

¹¹⁶ MARTÍ, 2011, p. 24.

¹¹⁷ MARTÍ, 1997, p. 50-51.

¹¹⁸ MARTÍ, José. *Con todos y para el bien de todos*. Biblioteca Virtual Universal, 2003, p. 9-10.

¹¹⁹ MARTÍ, 2003, p. 3.

¹²⁰ MARTÍ, 2003, p. 9.

As indicações em torno da imagem da população *negra* são aprofundadas em seu significado ao estabelecê-la como base para a liberdade da pátria e essência para a formatação da *unidade* martiana, junto aos outros grupos cubanos em irmandade na luta pela liberdade sensível (MARTÍ, 2003:8).

Na tentativa de completar a unidade, a noção de *cubano* no discurso martiano releva desde as difíceis condições de vida e trabalho, até os adjetivos positivados que o vinculam aos nexos de *negro* e *povo*. Assim sendo, o trabalho sem descanso reaparece como tônica crítica dessas condições de vida imigrante, que os leva de terra em terra para a realização de tarefas menos cansativas, insuficientes para lidar com a fome e postas como sentença de morte por uma vida imposta (Idem:8).

O peso da constatação desse lado é contrastado pela afirmação desses mesmos cubanos como “estudiosos”¹²¹ e “afetuosos”¹²², mas principalmente orientados pelo “coração valente”¹²³, enquanto símbolo da práxis, que em unidade se põem a morrer por quem integra o coletivo popular, destacando-se a necessidade de sacrifício pela população negra. Essa proposição de conduta é condizente à unidade popular pela luta de independência, que em última instância ao romper com a dominação externa, rompe com as heranças do escravismo.

¿Al que más ha sufrido en Cuba por la privación de la libertad le tendremos miedo, en el país donde la sangre que derramó por ella se la hecho amar demasiado para amenazarla? ¿Le tendremos miedo al negro, al negro generoso, al hermano negro, que en los cubanos que murieron por él ha perdonado para siempre a los cubanos que todavía lo maltratan? Pues yo sé de manos de negro que están más dentro. de la virtud que las de blanco alguno que conozco: yo sé del amor negro a la libertad sensata, que sólo en la intensidad mayor y natural y útil se diferencia del amor a la libertad del cubano blanco: yo sé que el negro ha erguido el cuerpo noble, y está poniéndose de columna firme de las libertades patrias. Otros le teman: yo lo amo: a quien diga mal de él, me lo desconozca, le digo a boca llena:- "Mienten" (MARTÍ, 2003:8).

Dentro do tensionamento entre as classes dominantes vinculadas ao mercado internacional, Martí viu a necessidade de encaminhar a questão da atuação dos espanhóis residentes em Cuba. Para eles fez um convite à luta por independência, pois, ao se vincularem afetivamente a terra, na qual são injustiçados, podem contribuir para a defesa da liberdade do povo cubano que deve reconhecê-los como aliados e defendê-los na

¹²¹ MARTÍ, 2003, p. 6-7.

¹²² MARTÍ, 2003, p. 3.

¹²³ MARTÍ, 2003, p. 3.

proposta de unidade contra os colonizadores. O contraponto à figura do espanhol fica evidente quando Martí cita os que lutaram pela Metrópole, comentário perpassado pela crítica de conduta que atribui ao espanhol armado e invejoso, que se preocupa apenas com a riqueza, o que não pode superar a coragem do povo cubano (Idem, 2003:8).

Martí faz uma apresentação universalista de *povo*, mas a partir da aliança de frações de classe que podem ser revolucionárias ao impasse das classes dominantes estanques. A exposição como conceito geral corresponde justamente a sua proposição tática de uma ação política baseada na unidade e que se expressa tanto na construção do incentivo dessa proposição em práxis, quanto na crítica e no rearranjo de uma proposta ética contínua aos traços das frações de classes elencados como povo e disruptivas das heranças coloniais.

Por conseguinte, o nexos recorrente de *proposição de ação* é um bom indicativo da formulação orientativa ao *povo*. Seja no sentido de organização da unidade na luta contra o “inimigo”¹²⁴ invasor, conforme aparece no *artigo*; na figura dos inimigos que trazem a guerra¹²⁵, evidenciado nos *poemas*; e na possibilidade de construção de futuro para se morrer em paz¹²⁶, como apresentado no *discurso*.

Retomando a questão da composição social desses grupos apresentados enquanto forma representativa universalizada, vale relacionar esse ponto frente à configuração demográfica dessas frações de classe na Cuba da segunda metade do Século XIX. Os dados estatísticos se complexificam ao pensá-los em conjunto à divisão social do trabalho, em suas relações com os interesses distintos que daí emergem, sendo caracterizadores do tensionamento não apenas entre as classes dominantes internas e externas, mas também de sua contradição contra as classes populares.

No que se refere a indicativos iniciais sobre a organização das relações de trabalho¹²⁷, vale notar a contradição entre trabalho escravo frente à modernização tecnológica da estrutura produtiva dos engenhos que, dentro do tom por nós assumido, está sendo entendida como incompatível, mas coexistente em uma conexão desigual. As

¹²⁴ MARTÍ, 2011, p. 16-17.

¹²⁵ MARTÍ, 1997, p. 116-119.

¹²⁶ MARTÍ, 2003, p. 10.

¹²⁷ Acerca deste tema Conferir (SCOTT, 1991), dado o amplo espectro apresentado dentro de sua tese sobre a passagem gradativa do trabalho escravo para o trabalho livre em Cuba. Vide: SCOTT, Rebecca J. Emancipação escrava em Cuba: a transição para o trabalho livre, 1860-1899 / Rebecca J. Scott; Tradução Maria Lúcia Lamounier. – Rio de Janeiro; Paz e Terra; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, p. 13-78, 1991.

condições de trabalho escravo passaram fundamentalmente pelo modelo de *plantation* e pelo protagonismo da monocultura do açúcar.

Dados estatísticos de 1862 indicam que 53,7% da população cubana era branca, com a maior parte correspondente a nascidos na América e uma pequena porção de espanhóis, comerciantes ou funcionárias da Coroa. Estes divergiam em torno do tema político do separatismo, já que parte dos brancos cubanos queriam a independência, enquanto os espanhóis queriam manter os benefícios comerciais e administrativos no mesmo intuito da elite açucareira branca cubana e espanhola (SCOTT, 1991:26-27).

No que se refere a população negra temos 43,7%, sendo 16,6% livre e 27,1% escravizada, havendo uma distinção no fato de que “Os negros livres do Departamento Oriental tinham um caráter rural bem definido, ao passo que no Departamento Ocidental 65% da população negra livre era urbana” (Idem:27). A maior parte dos escravizados viviam na zona rural, sendo que 47% estavam nas grandes propriedades. Para além das porcentagens, mantinham interesses em comum em torno da ideia de libertação, principalmente nas vilas, fator sintomático frente a visão da elite branca que os consideravam fonte de lucro, mas também ameaça (SCOTT, 1991:28-29).

Acerca do posicionamento de Martí frente a questão racial:

Comprendió que, em um país donde las masas constituyen la tercera parte de la población y donde habían aportado decenas de miles de vidas en la lucha por su Liberación social y por la emancipación nacional, no podía hablarse de Integración de la nacionalidade cubana, ni aspirarse, con posibilidades de victoria, a una pátria libre e independiente, sin que los negros se incorporaran junto a los blancos, con una plena igualdad de derechos, em los empeños liberadores. Y grande habría de ser su lucha contra los prejuicios raciales dentro de las próprias filas independentistas (NAVARRO, 2008:49).

Na lógica produtiva semimecanizada do açúcar voltado para a exportação no mercado mundial capitalista, o escravizado era tido apenas como peça, em suma, aprisionado no processo, o que não exclui seu protagonismo no processo de emancipação do trabalho escravo por meio de experiências em terras de cultivo para subsistência feitas em vida conjunta e formas de resistência, mesmo sob a configuração dos barracões cubanos (SCOTT, 1991:32-35).

Apesar da diversidade de situações em que se achavam os escravos cubanos, a natureza do trabalho no açúcar, mais do que qualquer outro fator isolado, moldou suas vidas. Mesmo para os escravos urbanos, o conhecimento das condições nas grandes propriedades açucareiras para onde eles poderiam ser enviados servia como uma forma de disciplina.

Existia um tipo de simetria no processo por meio do qual essas condições infamantes de trabalho surgiram: julgava-se que o trabalho escravo era exigência específica do cultivo e processamento do açúcar, e depois a presença do trabalho escravo nas grandes propriedades reforçava a coerção a que estavam sujeitos todos os trabalhadores do açúcar (SCOTT, 1991:36).

A produção de açúcar tinha por característica a sazonalidade, ou seja, mobilizava maior montante de trabalho no período da safra, de colheita e processamento da cana, durante o inverno e a primavera. Nos períodos restantes do ano havia uma diminuição do foco de trabalho no açúcar e os escravizados passavam para outras tarefas de plantação de outros gêneros alimentícios, construção e manutenção das propriedades. A contradição para os escravistas estava no fato de que fora do período de alta na produção de campos e usinas, e do respectivo aumento da lucratividade, os períodos fora da safra acarretavam a queda do lucro e na tarefa de manter os escravizados ocupados.¹²⁸

Dada a organização da produção, os plantadores necessitavam de um suprimento de trabalho seguro durante a safra, e precisavam manter e cumprir um ritmo de trabalho extraordinariamente intenso ao mesmo tempo nos campos e nas usinas. A escravidão facultava o encontro dessas exigências. Vinculando os trabalhadores aos seu local de trabalho, a escravidão protegia os plantadores [enquanto senhores proprietários] de uma competição potencial por trabalho, reivindicações salariais ou até greves que podiam resultar de uma intensa dependência dos trabalhadores durante a safra. Ao permitir a coerção física, a escravidão tornava os senhores ainda mais capazes de forçar os trabalhadores a desempenharem as tarefas necessárias, até à custa de esgotamento e danos [...] (SCOTT, 1991:41).

A necessidade de alta modernização da produção, para abafar a produção do açúcar de beterraba em outros países produtores, fez com que houvesse uma especialização do trabalho escravo para operar o maquinário, ponto que reflete a adequação da escravidão com o desenvolvimento da cadeia de produção capitalista. Outro elemento que compõe a questão da ocupação das tarefas previstas pela modernização está no contingente de chineses que trabalhavam na ilha (34 mil ou 2,5% em comparação aos dados estatísticos de 1862), sob o título de contrato de trabalho, mas que na prática sofriam as condições do trabalho escravo, sem remuneração, sofrendo castigos físicos e trabalhando no campo na maior parte dos casos (SCOTT, 1991:42-46).

Os interesses das classes dominantes externas divergiam frente a esse cenário das relações de trabalho em torno da escravidão. Entre Inglaterra e Estados Unidos, a disputa

¹²⁸ SCOTT, 1991, p. 41.

estava no tráfico de escravizados que, de 1860 a 1862, variou de 24,8 mil para 11,2 mil escravizados raptados e que a partir de 1867 já se encontrava inexistente¹²⁹. A derrocada do tráfico marcou a sobreposição dos interesses ingleses nesse quesito, entretanto sem representar uma vitória de sua posição ao fato de que foram os estadunidenses que consolidaram sua monopolização sobre a produção e refinamento do açúcar cubano¹³⁰.

Em contrapartida, ao mesmo tempo o fim da guerra civil marcou a abolição da escravidão nos Estados Unidos e, com o aprofundamento da lógica desenvolvimento capitalista em torno da indústria, parte da elite interna cubana se viu órfã da possibilidade de ser anexada enquanto estado escravista, o que manteria o seu lucro subordinado dependente e a escravidão na ilha. Não obstante, a não anexação não representou a oposição estadunidense ao escravismo, já que se beneficiou diretamente deste¹³¹.

A vigência da escravidão, sob a égide da dominação colonialista espanhola, pautou as opiniões e interesses dos administradores espanhóis e das frações internas que advogavam pela reforma da estrutura colonial metropolitana, em consonância: os reformistas orbitavam um discurso sobre a extinção gradual da escravidão, juntamente a abolição do tráfico de escravizados, e adoção do trabalho livre, mas na prática endossaram a continuidade da escravidão para manter as suas condições comerciais dentro da indústria açucareira interna decadente. Essa postura pragmática confluiu com a posição da Espanha que tentava remendar os rasgos do tensionamento mantendo acordo com a posição reformista dos proprietários de terra e de escravizados, pois dependia da sua atividade para a continuidade do seu domínio (SCOTT, 1991:52-53).

[...] A maior parte dos plantadores cubanos recuava diante de mudanças drásticas no regime de trabalho e tomava posição inteiramente compatível com seus próprios interesses imediatistas: a manutenção da escravidão e da estrutura social que a sustentava, proteção reiterada de sua “propriedade” pela Espanha e abstenção da *questión social*. Muitos preferiram absolutamente não considerar a questão levantada (SCOTT, 1991:53).

O contraste desses interesses exemplificou-se no período que se abriu com a Guerra dos Dez anos (1868-1878), entendida como guerra de classes, e disputas entre as frações dominantes internas e externas, que passou fundamentalmente pela questão da escravidão. Acerca deste ponto, a *unidade* Martiana liga-se aos grupos populares, como descrito em sua noção de *povo*, com destaque para os brancos cubanos livres e negros

¹²⁹ SCOTT, 1991, p. 51.

¹³⁰ SANTOS, 2011, p. 83.

¹³¹ SCOTT, 1991, p. 51.

livres e escravizados, já que constituíam os maiores grupos sociais com potencialidade independentista.

O enfoque nos grupos em conflitos ganha proporção ao adicionarmos a representação martiana acerca do *colonialismo* e *escravidão* em Cuba. Nas três fontes do trabalho, o nexo de *terra* articula essas ideias ao atribuir um significado asseverativo.

Em *Nuestra América*, a *terra* se expressa como reconhecimento dos elementos locais do país, que valorizados criam um vínculo de pertencimento e resultam em uma visão ética, enquanto movimento de um grupo defensor de uma *revolução* pelos “fatores reais do país”¹³².

Em *Versos Sencillos* há uma continuidade do sentido de pertencimento, o qual agora se atenta para as dores da terra e de seu povo. Logo, no primeiro poema vemos esses sentidos:

Yo vengo de todas partes, / Y hacia todas partes voy: / Arte soy entre las artes, / En los montes, monte soy.

[...]

Oculto en mi pecho bravo / La pena que me lo hiere: / El hijo de un pueblo esclavo / Vive por él, calla y muere.¹³³

Con todos y para el bien de todos mostra uma terra carregada de sentidos antagônicos, enquanto local de fúria e coragem, disputada entre “corruptos apodrecidos”¹³⁴ e homens que emergem com o formato próprio dessa terra¹³⁵. De modo geral, temos um sentimento de pertencimento à terra que reconhecendo as dores que dela emergem se põem em luta, a partir de um ideal ético contra quem a explora.

Este es mi único título a estos cariños, que han Venido a tiempo a robustecer mis manos incansables en el servicio de la verdadera libertad. ¡Muérdanmelas los mismos a quienes anhelase yo levantar más, y ¡no miento! amaré la mordida, porque me viene de la furia de mi propia tierra, y porque por ella veré bravo y rebelde a un corazón cubano! ¡Unámonos, ante todo en, esta fe; juntemos las manos, en prenda de esa decisión, donde todos las vean, y donde no se olvida sin castigo; cerrémosle el paso a la república que no venga preparada por medios dignos del decoro del hombre, para el bien y la prosperidad de todos los cubanos! (MARTÍ, 2003:3).

¹³² MARTÍ, 2011, p. 20.

¹³³ MARTÍ, 1997, p. 40-47.

¹³⁴ MARTÍ, 2003, p. 4-5.

¹³⁵ MARTÍ, 2003, p. 6-7.

Essa exploração assume as formas de: (1) *colonialismo*, o qual no *artigo* se refere ao efeito negativo de um continente desconjuntado pela colonização despótica que se esforça em manter a continuidade da hierarquia colonial¹³⁶.

Martí recusa a *imposição estrangeira* encaminhando a problemática com uma proposta de organização contra as ameaças externas¹³⁷.

Pero en el amasijo de los pueblos se condensan, en la cercanía de otros pueblos diversos, caracteres peculiares y activos, de ideas y de hábitos, de ensanche y adquisición, de vanidad y de avaricia, que del estado latente de preocupaciones nacionales pudieran, en un período de desorden interno o de precipitación del carácter acumulado del país, trocarse em amenaza grave para las tierras vecinas, aisladas y débiles, que el país fuerte declara precederas e inferiores (MARTÍ, 2011:33-34).

O inimigo externo se revela na figura dos *países estrangeiros* que se referem a Espanha e aos Estados Unidos. O primeiro país possui uma lógica de exploração frente ao “mundo das nações”¹³⁸ e a peculiaridade da avareza¹³⁹, advindas das preocupações de dominação sobre o território. O segundo é impositor de leis que ignoram e desdenham¹⁴⁰ outras realidades sedimentando desordem e ameaça sobre os países vizinhos mais fracos¹⁴¹.

Pero em peligro corre, acaso, Nuestra América, que no le viene de sí, sino de la diferencia de orígenes, métodos e intereses entre los dos factores continentales, y es la hora próxima em que se le acerque, demandando relaciones íntimas, un pueblo emprendedor y pujante que la desconoce y la desdeña. Y como los pueblos viriles, que se han hecho de sí propios, em la escopeta y la ley, aman, y sólo aman, a los pueblos viriles; como la hora del desenfreno y la ambición, de que acaso se libre, por el predominio de lo más puro de su sangre, la América del Norte, o em que pudieran lanzarla sus masas vengativas y sórdidas, la tradición de conquista y el interés de em caudillo hábil, no está tan cercana aún a los ojos del más espantadizo, que no dé tiempo a la prueba de altivez, continua y discreta, em que se la pudiera encarar y desviarla; (MARTÍ, 2011:31).

Prosseguindo, temos (2) *escravidão*, em evidência no *discurso e poemas*, em tonalidade crítica e negativa ao ser denunciada pela violência contra os escravizados.

¹³⁶ MARTÍ, 2011, p. 22-23.

¹³⁷ MARTÍ, 2011, p. 11.

¹³⁸ MARTÍ, 2011, p. 21.

¹³⁹ MARTÍ, 2011, p. 33.

¹⁴⁰ MARTÍ, 2011, p. 31.

¹⁴¹ MARTÍ, 2011, p. 33.

No *discurso* há a descrição do suplício pelo sangue e da privação de liberdade¹⁴², enquanto nos *Versos*, para além da condenação da tortura¹⁴³, a elaboração martiana assume aspecto moral e ético ao citar a escravidão como processo de humilhação, que é tomado enquanto “dor do mundo”, e evoca a necessidade de ruptura.

Yo sé de un pesar profundo / Entre las penas sin nombres: / ¡La
esclavitud de los hombres / Es la gran pena del mundo!

Hay montes, y hay que subir / Los montes altos; ¡después / Veremos,
alma, quién es / Quien te me ha puesto al morir!¹⁴⁴

A violência da escravidão é associada ao punhal e armas do inimigo espanhol, o qual deve ser combatido pelo princípio de *luta*, ou seja, proposição de rebeldia popular e força contra a agressão externa (MARTÍ, 1997:64-67).

Os retratos do colonialismo e escravidão na representação martiana são de violência sobre a terra, Cuba: pátria corrompida e despedaçada, mas ainda assim mãe dos corações, e que mesmo desolada e em sofrimento é local *natural* amoroso que pela espada reivindica a exigência organizativa pela cisão (MARTÍ, 2003:9-10). É nessa recusa ao colonialismo escravista que se põe o ponto antagônico entre a posição martiana e a das classes dominantes ligadas à escravidão, sejam essas internas ou externas.

¹⁴² MARTÍ, 2003, p. 8.

¹⁴³ MARTÍ, 1997, p. 124-125.

¹⁴⁴ MARTÍ, 1997, p. 132-133.

1.3. Política externa: Cuba em Nuestra América frente ao imperialismo estadunidense

E, nos Estados Unidos, o desenvolvimento econômico tem sido, nessas últimas décadas, ainda mais rápido do que na Alemanha, e é justamente por conta disto que os traços parasitários do capitalismo americano contemporâneo aparecem com particular relevo.
VLADIMIR LÊNIN¹⁴⁵

I.

O processo de expansão territorial estadunidense, ou seja, a obtenção de áreas estratégicas de recursos naturais para o crescimento econômico, é datado desde o início do século XIX. A aquisição da Louisiana (1803), a disputa pela Flórida (1819) e a guerra contra o México (1848) aumentaram exponencialmente o território das colônias do Norte¹⁴⁶. As novas possessões possibilitavam o aumento do cultivo de tabaco, algodão e açúcar (MONIZ BANDEIRA, 2009:50).

Os interesses dos Estados Unidos sobre a península da Flórida evidenciam o início da tensão com a Espanha que perduraria até a guerra hispano-cubana de 1898. John Quincy Adams (1767-1848), enquanto secretário de Estado estadunidense, além de elaborar o tratado de aquisição sobre a Flórida, foi responsável pela composição da Doutrina Monroe, em 1823, a fim de garantir a hegemonia do Norte sobre o resto do continente americano¹⁴⁷. E Cuba não ficaria de fora, havendo articulação dos interesses da elite escravocrata interna cubana com os diplomatas estadunidenses¹⁴⁸.

A convergência dos interesses externos imperialistas com os interesses das classes dominantes internas subjugou à miséria a maior parte da população, em uma relação

¹⁴⁵ LÊNIN, Vladimir Illitch. *Imperialismo, estágio superior do capitalismo*: ensaio popular / V. I. Lênin, - 1^oed. - São Paulo: Expressão Popular, 2012, p. 168.

¹⁴⁶ Sobre a incorporação da Louisiana e da Flórida, vide: A resolução de não-transferência de 1811. In: FARIAS, Flávio José de Moura. *A dimensão estratégica da política externa dos Estados Unidos no Caribe (1898-1904)*. Dissertação de mestrado; Programa de pós-graduação em Relações internacionais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008, p. 13-31.

¹⁴⁷ A construção da hegemonia político-econômica vinha sido testada desde antes a doutrina Monroe. As tentativas de negociação com a França para a aquisição de seus territórios no continente americano tiveram o intuito de tentar barrar qualquer possibilidade de fortalecimento francês ou britânico, caso voltassem suas atenções para a América. Logo, era tido como questão de segurança nacional barrar qualquer transferência de colônias americanas para as potências europeias (FARIAS, 2008, p. 13-31).

¹⁴⁸ O objetivo dos proprietários de escravos cubanos consistia em preservar, por meio da anexação aos Estados Unidos, o modo de produção baseado na escravidão contra as pressões que a Grã-Bretanha fazia sobre a Espanha para abolir a escravidão (MONIZ BANDEIRA, 2009, p. 51-52).

hierarquizada em que as classes dominantes coloniais eram regidas pela hegemonia das classes dominantes dos países colonizadores (GALEANO, 2018:19)¹⁴⁹.

Aliás, da mesma forma que Thomas Jefferson, John Quincy Adams pretendia também a anexação de Cuba, por considerá-la parte integrante do continente, a “fronteira natural” dos Estados Unidos e indispensável para sua segurança no Golfo do México (MONIZ BANDEIRA, 2009:51).

A doutrina Monroe, em referência ao discurso do então presidente James Monroe, de 23 de dezembro de 1823, se constituiu enquanto constructo ideológico para expressão dos interesses políticos, militares e econômicos estadunidenses impostos à América¹⁵⁰. De seus pressupostos imediatos houve o bloqueio do enraizamento inglês nas colônias do hemisfério Norte e do Caribe, ou seja, a barragem do monopólio econômico britânico¹⁵¹. Logo, foi a confirmação prática construída ao entorno do mito do Destino Manifesto¹⁵², o que confluía com a noção falaciosa dos países latino-americanos enquanto repúblicas fragilizadas sem as possibilidades de defesa que a “civilização” estadunidense dispunha¹⁵³.

O princípio de não-transferência funcionou como orientação para a política externa dos Estados Unidos, com sua diretriz de impedimento de que outra potência europeia tomasse o controle das colônias da América hispânica, e foi seguido pela Doutrina Monroe, a qual daria respostas aos processos independentistas das colônias espanholas buscando consolidar suas influências política¹⁵⁴ e econômica (FARIAS, 2008:40).

No que se refere à divisão internacional do trabalho em meados do século XIX, o papel dos Estados Unidos começava a se transfigurar de país exportador de matérias-primas para país exportador de manufaturas. O domínio do mercado latino-americano se

¹⁴⁹ GALEANO, Eduardo. *As veias abertas da América Latina* / Eduardo Galeano; tradução de Sérgio Faraco. – Porto Alegre, RS: L&PM, p. 5-122, 2018.

¹⁵⁰ Como indica Luís Fernando Ayerbe, a política externa estadunidense era marcada pelo seu caráter isolacionista em relação ao cabo de guerra entre as potências europeias. O isolacionismo tornou-se expansionista a fim de manter o continente americano sobre sua influência em oposição a qualquer interferência europeia. Vide: AYERBE, Luis Fernando. *A Revolução Cubana* / Luis Fernando Ayerbe. – São Paulo: Editora Unesp. – (Coleção Revoluções do século XX), 2004, p. 41.

¹⁵¹ MONIZ BANDEIRA, 2009, p. 53.

¹⁵² Segundo Moniz Bandeira, o ideal do *Destino Manifesto* se caracterizaria pela expansão de fronteiras do Atlântico ao Pacífico, sobrepondo grande parte do território mexicano e estendendo sua influência pelas ilhas caribenhas (MONIZ BANDEIRA, 2009, p. 54).

¹⁵³ AYERBE, 2004, p. 41.

¹⁵⁴ Embora tivesse como premissa discursiva a não interferência em assuntos europeus (traço do isolacionismo estadunidense) e a não colonização das colônias espanholas, esse segundo ponto acabou tornando-se contraditório frente ao expansionismo dos Estados Unidos, mesmo que com domínio indireto ao adotar o formato de protetorado sobre o Caribe (FARIAS, 2008, p. 42-43).

dava como ponto estratégico para enfraquecer economicamente a Inglaterra, a França e a Alemanha, dentro dos auspícios do que Lênin caracterizou como capitalismo de livre-concorrência¹⁵⁵.

A confluência do desenvolvimento estadunidense, enquanto potência emergente central do capitalismo, e Cuba se dava pela relação desigual entre as produções de cada país. A ilha exportava açúcar e importava produtos industrializados diversos, negociata que beneficiava os fazendeiros cubanos, defensores da continuidade da escravidão colonial – ameaçada pela pressão que a Espanha vinha sofrendo da Inglaterra - e da sua absorção pelos vizinhos do Norte, a fim de manterem o trabalho escravo. “[...] A independência de Cuba significava, por conseguinte, separá-la da Espanha para anexá-la aos Estados Unidos [...]” (MONIZ BANDEIRA, 2009:54).

A entrada estadunidense na guerra de 1898 foi apenas síntese de uma tensão que já se estendia por décadas e que, em meados de 1840, passava a sofrer com os interesses das frações dominantes estadunidenses do sul escravista, que na impossibilidade de expandirem suas plantações para o Norte, viam em Cuba, seja pelo enraizamento da escravidão, seja pelo clima propício, uma continuação para sua espoliação. De forma sintomática, na década de 1850, o tratamento em relação à Cuba passava de problemática da política externa para problemática da política interna, ao se intensificar o embate entre escravistas e abolicionistas nos Estados Unidos¹⁵⁶.

Essa questão se configurava extremamente complexa e perigosa para os Estados Unidos, devido não apenas à probabilidade de guerra com a Espanha, envolvendo a Grã-Bretanha ou a França, como ao entrelaçamento com a sua política interna, que o crescente antagonismo entre o Sul escravocrata e o Norte abolicionista condicionava. O governo norte-americano, por tais razões, só se dispunha a recorrer à força armada, visando à anexação de Cuba, se a Espanha a cedesse a qualquer outra potência, o que seria considerado *casus belli* (MONIZ BANDEIRA, 2009:55).

A irredutibilidade do antagonismo Norte-Sul, dada pela não conciliação entre os projetos políticos legitimadores dos respectivos modos de produção, assalariado-industrial e escravista, teve seu ápice na Guerra civil, qual perdurou de 1861 a 1865. Para Moniz Bandeira¹⁵⁷, a querela possibilitou o desentrave das forças produtivas da economia industrial emergente estadunidense, por meio da proteção do mercado interno e do

¹⁵⁵ LÊNIN, 2012, p. 44.

¹⁵⁶ MONIZ BANDEIRA, 2009, p. 56.

¹⁵⁷ MONIZ BANDEIRA, 2009, p. 61-62.

aprofundamento do país no sistema econômico mundial, o qual se encaminhava para seu estágio imperialista¹⁵⁸.

Esse modo monopolista da organização econômica sob o formato de carteis, dado a partir da crise de 1873, e o processo subsequente de concentração e centralização de capital deram mais chances a disseminação do domínio estadunidense sobre os mercados vizinhos, a fim de escoar a produção, e, se constituindo como a expressão organizacional da ideologia Monroe sobre a América Latina (MONIZ BANDEIRA, 2009, p. 61-62).

Se as áreas de influência dos Estados Unidos já estavam delimitadas para toda a América, ainda restava eliminar as possessões espanholas no Caribe. Se na Guerra dos Dez anos (1868-1878), tentativa de desvinculação cubana em relação à Espanha, a conjuntura política estadunidense ainda não estava favorável a ponto de intervir militarmente, devido ao término recente de sua Guerra Civil; na guerra de Independência de (1995-1998), os EUA já tinham estabilidade para tomar a dianteira da situação em prol de seus interesses¹⁵⁹. A tomada militar se pautava no controle econômico sobre a ilha e a produção do açúcar aumentando a relação de dependência¹⁶⁰ entre produtor e comprador.

Os capitalistas norte-americanos já controlavam o comércio de exportação de Cuba por meio de um trust, a American Sugar Refining Co., que Henry O. Havemeyer formara, em 1887, com a fusão de 19 pequenas refinarias, passando a monopolizar a compra do açúcar bruto e até 98% do produto refinado consumido no mercado norte-americano. (MONIZ BANDEIRA, 2009:66).¹⁶¹

A absorção de uma quantidade imensa do açúcar cubano, a desvantagem das negociações espanholas na América e a crise do Capital de 1893, fomentaram as tendências anexionistas das elites dominantes de Cuba e dos Estados Unidos¹⁶². A luta de ruptura do Partido Revolucionário Cubano, dirigido por Martí, tinha outros objetivos com a edificação de um país com direito de autodeterminação, em contrapartida ao ideal de

¹⁵⁸ Sobre a passagem da livre-concorrência aos monopólios, vide: Lênin, V. I. "A concentração de produção e os monopólios". In: LÊNIN, Vladimir Illitch. *Imperialismo, estágio superior do capitalismo: ensaio popular*, 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012, p. 37-54.

¹⁵⁹ MONIZ BANDEIRA, 2009, p. 66.

¹⁶⁰ "[...] O açúcar converteu-se na chave mestra do domínio de Cuba pelos Estados Unidos, ao preço da monocultura e do implacável empobrecimento do solo" (GALEANO, 2018, p. 93).

¹⁶¹ E os dados continuam: "Em 1892, enquanto a Espanha comprava apenas 328.521 sacas de açúcar bruto de Cuba, os Estados Unidos importavam quase quatro vezes mais, ou seja, 1.154.194 sacas". (MONIZ BANDEIRA, 2009, p. 67).

¹⁶² Sobre a repercussão da questão cubana na imprensa e no Congresso dos Estados Unidos e a pressão sobre William McKinley (1843-1901) para a declaração de guerra contra a Espanha, vide: "O primeiro grande triunfo" In.: FARIAS, 2008. p. 49-59.

absorção cubana pelos vizinhos ou de declaração da ilha enquanto província ultramarina espanhola.¹⁶³

Os interesses antagônicos sobre Cuba não puderam se esquivar de um conflito. A guerra hispano-cubana marcou o sufocamento de um projeto autônomo cubano, além do fato imediato de afastar definitivamente a Espanha. A regulação econômica das commodities produzidas na ilha se pôs como ponto relevante, mas não único, já que o âmbito estratégico¹⁶⁴ de domínio do golfo do México sedimentou os Estados Unidos enquanto potência hegemônica imperialista na região¹⁶⁵.

O encaminhamento do conflito com o tratado de paz entre EUA e Espanha, assinado em Paris, em dezembro de 1898, foi indicativo da relação com os independentistas cubanos, então deixados de lado no tratar da questão sobre os rumos de Cuba.

Na verdade, os norte-americanos tinham em pequena consideração os rebeldes cubanos, os mesmos que deram apoio logístico e lutaram juntamente com os Estados Unidos na Guerra. Os cubanos que, antes do início do conflito, eram retratados pela imprensa norte-americana como “*guerreiros de libertação*”, transformaram-se, durante e depois da guerra, em “*assassinos covardes*”, “*indisciplinados*” e “*preguiçosos*”. O jornal *The New York Times* chegou a comentar que “*os cubanos (...) se mostraram sem valor no campo de batalha e incapazes de obedecer às leis modernas de justiça e humanidade na guerra. Seria uma tragédia, um crime entregar a ilha para eles*” (SFEIR-YOUNIS, 1989,222-223; 219 Apud. FARIAS, 2008:70).

Maria Lígia Prado¹⁶⁶ ao debater a questão do Imperialismo e do Estado Nacional põe em pauta até que ponto ocorreu uma determinação externa insuperável, mediante às forças sociais internas dos países latino-americanos, Cuba e Nicarágua, mais submersos aos interesses imperialistas. Com isso, a atenta para a relação que se estabelece entre os interesses vindos das Potências externas com interesses internos de cada país (PRADO, 1985:51).

[...] durante o século XIX, nos Estados Unidos expansionistas, uma corrente advogava, em nome do “Destino Manifesto”, a absorção de Cuba pelos Estados Unidos. Consideravam que os Estados Unidos

¹⁶³ MONIZ BANDEIRA, 2009, p. 68.

¹⁶⁴ MONIZ BANDEIRA, 2009, p. 70.

¹⁶⁵ Farias indica que a construção da influência estadunidense sobre o continente, a qual passava pelo controle marítimo e estratégico do Caribe e culminaria na Doutrina Monroe, teve como um dos pontos centrais a questão do domínio de Cuba e a posição favorecida que a ilha dispunha para o controle da Flórida e do Vale do Mississippi (FARIAS, 2008, p. 37).

¹⁶⁶ PRADO, Maria Lígia. *A formação das Nações Latino-americanas*. São Paulo: Atual; Campinas: Ed. Universidade Estadual de Campinas. Coleção Discutindo a História, 1985.

tinham o “direito” de ter Cuba sob seu domínio; em 1859, o expansionista Seward, defendendo a ideia de que Cuba devia ser anexada aos Estados Unidos, afirmava, no Congresso que “cada pedra e cada grão de areia dessa ilha foram arrastados do solo americano pelo fluxo do Mississippi e dos restantes estuários que desembocavam no Golfo do México (PRADO, 1985:53).

E ressalta inúmeros tratados que desvelam o interesse expansionistas estadunidenses¹⁶⁷: o Tratado de Paris¹⁶⁸ decretou fim à guerra hispano-cubana de 1898, aumentando a influência direta estadunidense sobre as ilhas caribenhas como Porto Rico. Além disso, assegurou o controle sobre Cuba dando abertura para a criação da Emenda Platt na Constituição cubana de 1901, a qual tornava os Estados Unidos Interventor legal nos assuntos internos cubanos; Outro tratado relevante foi o de Reciprocidade, o qual garantiu tarifas de exportação de mercadorias vantajosas para os Estados Unidos em contraposição aos produtos alemães¹⁶⁹. E, no âmbito militar, o Tratado de Arrendamento de Bases Navais e Militares, de 1903, ratificou a ocupação militar dos Yanques na Ilha¹⁷⁰.

A Emenda Platt tinha o intuito de pressionar a anexação voluntária de Cuba aos Estados Unidos, por meio: da quebra de soberania cubana ao proibir negócios e tratados com outros países, da garantia de interferências legais e de poder fazer mudanças territoriais de compra e venda de terra, em sua maioria confluyente com os interesses de fixação de bases navais e depósitos de carvão como, por exemplo, na baía de Guantánamo¹⁷¹. Essas medidas seriam essenciais para o desenvolvimento expressivo da marinha estadunidense, já que aumentariam o tempo de operações navais com as possibilidades de abastecimento e reparo na ilha. Ademais, a emenda seguia o princípio de não-transferência da influência político-econômica sobre Cuba para as potências europeias¹⁷².

Os interesses dos Estados Unidos sobre o Caribe e a garantia da hegemonia regional, a partir da fixação de bases marítimas e de sua estratégia geopolítica transcrita

¹⁶⁷ PRADO, 1985, p. 53-55).

¹⁶⁸ Nas negociações que levariam ao tratado o presidente McKinley ressalta ao embaixador francês, Jules Cambon, que não confiava nos cubanos e que Cuba deveria passar ao controle direto dos Estados Unidos (FARIAS, 2008, p. 67).

¹⁶⁹ Lênin, nos capítulos finais do seu *Imperialismo, estágio superior do Capitalismo*, já indicava a superioridade (como potencialidade econômica) do imperialismo alemão, frente ao estadunidense, nos anos finais do século XIX e iniciais do século XX (LENIN, 2012).

¹⁷⁰ Sobre a expansão naval estadunidense e o canal do Panamá: (MONIZ BANDEIRA, 2009, p. 73-75); O mandato do presidente estadunidense Theodore Roosevelt foi voltado para estabelecimento da hegemonia marítima sobre o Caribe enquanto área geopolítica fundamental da política externa do seu país (AYERBE, 2004, p. 44).

¹⁷¹ MONIZ BANDEIRA, 2009, p. 71-72.

¹⁷² FARIAS, 2008, p. 105-110.

em sua política externa, estavam postos desde os primeiros decênios do século XIX. As possibilidades de construção de um canal para potencializar o comércio atlântico tinham como um dos pontos cruciais o domínio de Cuba, seja pela localização próximas as rotas comerciais do Norte, seja pela ligação que fazia com o resto do Caribe e com a América Central¹⁷³.

Porém, vale destacar que os auspícios da doutrina Monroe ganharam novo significado com a mediação estadunidense sobre a construção do Canal do Panamá e com o Corolário Roosevelt, que significava a disposição dos Estados Unidos intervir em qualquer país do continente americano, a fim de garantir seus interesses.¹⁷⁴

II.

A ideia de recusa à exploração alheia do ser social latino-americano e de sua identidade sócio-histórica é um dos pontos presentes em *Nuestra América*, por meio da crítica contra as formas estrangeiras de dominação. Neste ponto, são cruciais as críticas de Martí acerca da “América Europeia”, representada pelos Estados Unidos com sua política externa expansionista que se estruturou a partir da doutrina Monroe, em 1823. Logo, traremos à tona um rápido apontamento sobre o significado da constituição periférica da América Latina dentro da divisão internacional do trabalho.

Roberto Fernandez Retamar, referenciando-se na obra leniniana, “Imperialismo: Fase superior do Capitalismo”, parte da diferenciação entre países colonizadores e colônias para analisar Martí enquanto “porta voz de um país abertamente colonial e de um subcontinente em estado de dependência¹⁷⁵. Assim sendo, a obra martiana assume sua densidade pelo fato de estar ciente dessa condição histórica, a fim de suprir a escassez da condição colonial, porém, sem perder de vista a tarefa política da libertação nacional contra as imposições imperialistas.

[...] A intervenção norte-americana na guerra hispano-cubana, em 1898, inaugura um novo período na história. Pela primeira vez, antes da atual Revolução, Cuba aparece aos olhos do mundo como ponto essencial: sobre sua terra começa a aventura do imperialismo moderno [...]. (RETAMAR, 1983:36).

¹⁷³ Sobre a importância estratégica de Cuba na história dos Estados Unidos: (FARIAS, 2008, p. 89-102).

¹⁷⁴ A interferência na crise venezuelana de 1902, ocorrida mediante a intervenção da Alemanha ao passo do não pagamento de dívidas pela Venezuela, é um exemplo da extensão da interferência estadunidense nos países do continente americanos. A resolução sobre a questão foi diplomática, feita por estadunidenses e alemães, não obstante, remonta a sedimentação do controle dos EUA sobre sua área de influência geopolítica (FARIAS, 2008, p. 114-119).

¹⁷⁵ RETAMAR, 1983, p. 30.

Adentrando na referida obra de Lênin, no prefácio às edições francesa e alemã, de 1921, o autor já alerta para transfiguração de um sistema de subjugação colonial em que a imensa maioria da população padece e em que poucos países repartem o espólio, fator intensificado a partir da datação da guerra hispano-cubana: momento de sedimentação do imperialismo¹⁷⁶.

No que se refere à elucidação da estrutura basilar do funcionamento dessa nova fase do Capital, a perspectiva leninista atribui por características: o processo de concentração da produção do Capital, a centralização monopolista, a expansão globalizada por meio da exportação de Capital e sua transfiguração em Capital financeiro, ou seja, a fusão dos capitais bancário e industrial, criando uma rede internacional de dependências econômicas¹⁷⁷.

Ao falar da política colonial da época do imperialismo capitalista, é necessário notar que o capital financeiro e sua correspondente política internacional, que se traduz na luta das grandes potências pela partilha econômica e política econômica do mundo, originam abundantes formas transitórias de dependência estatal. Para esta época, são típicos não só os dois grupos fundamentais de países – os que possuem colônias e as colônias -, mas também as variadas formas de países dependentes que, de um ponto de vista formal, são politicamente independentes, mas que na realidade se encontram enredados nas malhas da dependência financeira e diplomática. Nós já nos referimos a uma dessas formas anteriormente, a semicolônia” (LÊNIN, 2012:119).

Esse mecanismo de dependência neocolonial¹⁷⁸ traz em si a reflexão sobre a questão nacional, portanto, sendo necessário abordar as relações entre o âmbito nacional e o desenvolvimento capitalista dependente.

A substituição histórica do colonialismo pelo neocolonialismo não se deu apenas como reminiscência colonial, mas como componente intrínseco do desenvolvimento do subdesenvolvimento e da dependência periférica pelo imperialismo. Logo, temos uma mediação de ruptura-continuidade das estruturas de dependência do colonialismo, em convivência com os mecanismos do neocolonialismo e suas formas de exportação do capital, sob integração econômica mundial. Esse processo de síntese da continuidade do colonialismo para o imperialismo gerou o neocolonialismo, em que o capitalismo - agora em estágio imperialista, agindo sobre o Estado nação e não mais sobre a Colônia -

¹⁷⁶ LENIN, 2012, p. 25-36.

¹⁷⁷ LENIN, 2012.

¹⁷⁸ Para uma situação da relação entre as categorias referidas acima na especificidade cubana: FERNANDES, Florestan. O neocolonialismo da dominação imperialista. In.: *Da guerrilha ao socialismo, a Revolução Cubana*. 1. Ed. São Paulo: Expressão popular, 2007, p. 65-87.

permaneceu redefinindo a realidade nacional do país periférico ao seu molde, porém com novas formas de regulação da exploração na divisão internacional do trabalho.

Em tese sobre a questão nacional no pensamento crítico da América Latina,¹⁷⁹ Olívia Carolino Pires aponta que o processo histórico latino-americano teria por contradição o desenvolvimento capitalista interno, entre 1815-1945, e a dominação externa.¹⁸⁰ Partindo de Florestan Fernandes, a autora disserta sobre como as independências funcionariam como troca do pacto colonial pela formação de um Estado Nacional, não obstante sem que os países tivessem condições mínimas para estabelecer uma “Nação”.

Os países latino-americanos enfrentam duas realidades áspersas: 1) estruturas socioculturais e políticas internas que podem absorver as transformações do capitalismo, mas que inibem a integração nacional e o desenvolvimento autônomo; 2) dominação externa que estimula a modernização e o crescimento, nos estágios mais avançados do capitalismo, mas que impede a revolução nacional e uma autonomia real. Os dois aspectos são faces opostas da mesma moeda (FERNANDES, 2009:34 Apud. PIRES, 2015:138).

A América Latina, em meio as disputas e contradições de classes, não conseguiu sedimentar forças sociais para a superação do aspecto permanente da crise capitalista sem colapsar, diferentemente dos países centrais do capitalismo¹⁸¹ e sua capacidade de absorção das tensões sociais transfiguradas como asseguradoras da estabilidade do Capital. Logo, a diferença da América Latina em relação às potências europeias e estadunidense não é a composição de classes, mas a entificação histórica do capitalismo enquanto força social (PIRES, 2015:139-140).

As formas de luta e rebeliões se deram pelos condenados do sistema que enfrentam o empecilho da distorção ideológica dominante, a qual não possibilita que os relegados se vejam como classe social. Portanto, a única forma de ruptura viável às classes exploradas é uma ação fora da ordem regida pelo capitalismo, a fim de suplantar a dupla imposição dos conflitos internos de classes e da exploração externa imperialista (PIRES, 2015:140-141).

A ruptura, na insuficiência de se realizar pelas vias desenvolvimentistas, se põe pela revolução nacional, na qual o nacionalismo ocupa um papel de destaque para a

¹⁷⁹ PIRES, Olívia Carolino. A questão nacional no pensamento crítico na América Latina. Tese de doutorado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2015.

¹⁸⁰ PIRES, 2015, p. 133.

¹⁸¹ Aqui entendidos enquanto países com maior desenvolvimento das forças produtivas, ou seja, os países mais industrializados.

potencialidade da ação política latino-americana na mudança da proporção do *duplo poder associado*¹⁸², ou seja, o interno e o externo. Porém, o nacionalismo não é conciso enquanto linha única e pode apresentar várias ramificações que devem ser observadas, já que a sua expressão anti-imperialista pode ser suprimida por expressões pseudorrevolucionárias (Idem:144-145).

Estendendo as noções sobre o duplo poder associado as categorias analíticas das relações¹⁸³ desiguais dependentes entre a América Latina e os países imperialistas passam pela superexploração da força de trabalho¹⁸⁴, e pelo repasse do mais valor relativo¹⁸⁵ extraído na periferia para as metrópoles, intensificando o subdesenvolvimento.

A dinâmica da especialização produtiva em um sistema que alguns países lucram, enquanto outros estão relegados à perda de suas riquezas, da soberania nacional, *do direito a se chamar americanos*, da autonomia para escolher o que plantar, foi indicada posteriormente na Introdução de “As veias abertas da América Latina”, por Eduardo Galeano, o qual disserta:

[...], Mas a região continua trabalhando como serviçal, continua existindo para satisfazer as necessidades alheias, como fonte e reserva de petróleo e ferro, de cobre e carne, frutas e café, matérias-primas e alimentos, destinados aos países ricos que consumindo-os, ganham muito mais do que ganha a América Latina ao produzi-los (GALEANO, 2018:17).

Portanto, a acumulação ocorre em centros distantes - nos países centrais do capitalismo -, de onde surge a produção, a qual é pré-determinada como parte do capitalismo, além da estrutura de classes que atua em prol dos países centrais. A dependência (a determinação sobre o trabalho e sobre a função da produção local) se impõe por dois elos principais na América Latina, seja pela metrópole estrangeira ou pelos vizinhos maiores (GALEANO, 2018:18). Não há aqui a adoção do dualismo do progresso de uma civilização em oposição ao atraso de outra, mas a constatação de que alguns se desenvolveram à custa de outros numa relação de exploração colonial.

¹⁸² FERNANDES, 2009, p. 18, Apud. PIRES, 2015, p. 145.

¹⁸³ PIRES, 2015, p. 146.

¹⁸⁴ MARINI, Ruy Mauro. *Ruy Mauro Marini: Vida e Obra*. Roberta Traspadini, João Pedro Stedile (orgs.). – 2. Ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2011, p. 147-154).

¹⁸⁵ Sobre o *Mais trabalho*, o tempo e o valor da venda da força de trabalho são absorvidos pelo capitalista, logo, constituindo o que se chama de mais valor: “O mais valor obtido pelo prolongamento da jornada de trabalho chamo de mais-valor absoluto; ao mais-valor que, ao contrário, deriva da redução do tempo de trabalho necessário e da correspondente alteração na proporção entre as duas partes da jornada de trabalho chamo de mais-valor relativo”. vide: MARX, Karl. *O conceito de mais-valor relativo*. In: O Capital: crítica da economia política – O processo de produção do capital; Livro 1. Tradução Rubens Enderle. Boitempo editorial, p. 2017, p. 485;

A acentuação dessa exploração constituiu um processo que Andre Gunder Frank descreveu tendo em voga a problemática do subdesenvolvimento: “El actual subdesarrollo de América Latina es el resultado de su participación secular em el proceso del desarrollo capitalista mundial”¹⁸⁶. Assim sendo, temos a noção de que o subdesenvolvimento da América Latina se deu a partir do subdesenvolvimento da estrutura colonial do desenvolvimento capitalista mundial, ou seja, como produto histórico das relações econômicas desiguais internacionais¹⁸⁷. Nessa formulação, há uma rejeição às ideias¹⁸⁸ de desenvolvimentismo, dualismo econômico, ou ainda, a importação de modelos históricos que veem o feudalismo nos países latino-americanos, pois a categoria de subdesenvolvimento não corresponde ao desenvolvimento gradativo ou ao seu atraso.

Debemos, concluir, en resumen, que el subdesarrollo no es consecuencia de la supervivencia de instituciones arcaicas o de la falta de capital en las regiones que se han mantenido aisladas del torrente de la historia del mundo. Por el contrario, el subdesarrollo ha sido y es aún generado el mismo proceso histórico que genera también el desarrollo económico; el desarrollo del propio capitalismo (FRANK, 1973:26).

Segundo Ruy Mauro Marini, temos a integração latino-americana ao mercado internacional como ponto de reprodução da dependência econômica. Consequentemente, configura-se uma nova divisão internacional do trabalho dependente:

Entendida como uma relação de subordinação entre nações formalmente independentes, em cujo âmbito as relações de produção das nações subordinadas são modificadas ou recriadas para assegurar a reprodução ampliada da dependência (MARINI, 2000:109)¹⁸⁹.

Para Marini, as relações mercantis atreladas a esse processo de expansão e reprodução do capital mostram-se hierarquizadas pela divisão internacional do trabalho, o que em outras palavras se configura como intercambio desigual (em que os preços de

¹⁸⁶ FRANK, Andre Gunder. *El desarrollo del subdesarrollo*. In.: América Latina: *Subdesarrollo o revolución*. Ediciones ERA, S. A, 1973, p. 24.

¹⁸⁷ “[...] Essa ordem, por sua vez, condiciona e regula os dinamismos de funcionamento e de evolução da sociedade de classes que engendra, vinculando-a, de modo permanente, a padrões dependentes de desenvolvimento capitalista e a estados crônicos de subdesenvolvimento” (PIRES, 2015, p. 142).

¹⁸⁸ Segundo Maria de Castilho Costa, os vieses desenvolvimentista e dualista compartilham a noção de desenvolvimento enquanto estágio evolutivo a ser alcançado pelas sociedades. Enquanto a primeira corrente foca nos “*diferentes estágios de crescimento dentro de um processo contínuo rumo ao desenvolvimento capitalista industrial*”; a segunda corrente tem seu enfoque na dualidade entre progresso e atraso, rumando “gradativamente ao desenvolvimento”. Vide: COSTA, Maria Cristina Castilho. *Sociologia do desenvolvimento*. In.: Sociologia, introdução à ciência da sociedade. Maria Cristina Castilho Costa. – São Paulo: Moderna, 1987, p. 134-135.

¹⁸⁹ MARINI, Ruy Mauro. *Dialética da dependência*. In: Dialética da Dependência: uma antologia da obra de Ruy Mauro Marini; Petrópolis: Editora Vozes ; Buenos Aires : CLACSO ; Rio de Janeiro, RJ : Laboratório de Políticas Públicas, 2000.

produção são desequilibrados, já que a produtividade não é igual) e que culmina na transferência de valor¹⁹⁰, - de mais-valor -, da periferia para o centro, ou ainda, dos desfavorecidos pelas relações de mercado para os favorecidos (MARINI, 2011:140).

O modo de produção capitalista na América latina apresenta características distintas para cada país. Todavia, o desenvolvimento capitalista na região segue a lógica de sua reprodução ampliada que pela acumulação, concentração e centralização, marca o enraizamento das suas contradições nesse solo histórico (CUEVA, 1980:29-30)¹⁹¹.

Observando as modalidades específicas de desenvolvimento de cada país pode-se captar a historicidade comum que possibilita a abstração da especificidade de um desenvolvimento latino-americano. Logo, Cueva busca definir a particularidade latino-americana na cadeia imperialista mundial (Idem:30-31).

Como especificidade histórica temos a subsunção de modos de produção pré-capitalistas ao modo de produção capitalista, marcando uma coexistência desigual, que influenciou um sobre o outro e gestou características distintas. A simultaneidade do desenvolvimento desigual entre países latino-americanos e imperialistas, relegou ao primeiro uma atrofia – condicionada a hipertrofia do segundo -, mantida por uma lógica de violência instaurada socialmente. Disso, temos uma condensação das contradições que se expressaram em conflitos entre as classes sociais de cada realidade nacional (CUEVA, 1980:31-33).

A consolidação do Estado, a partir desse processo de desenvolvimento do modo de produção, teve a função de assegurar a reprodução ampliada capitalista e para tal assumiu uma forma de exceção, orientada pela classe dominante, contra o corpo social. Por conseguinte, esse molde de Estado historicamente impossibilitou “um projeto de desenvolvimento nacional autônomo”, pois estava associado à dinâmica do mercado internacional regido pela fração monopólica internacional que reproduzia seus interesses¹⁹² em cada localidade, por via de uma fração interna operante de forma associada (CUEVA, 1980:33-36).

Se busca, de todas maneras, una fórmula de *democracia viable*, que sirva de válvula de escape de las contradicciones acumuladas, a la vez

¹⁹⁰ Para um aprofundamento das relações desiguais hierarquizadas na América Latina: MARINI, A superexploração do trabalho In: *Dialética da dependência*, p. 147-154).

¹⁹¹ CUEVA, Agustín; El desarrollo del capitalismo en América Latina y La cuestión del Estado. In.: *Problemas del Desarrollo*; Vol. 11, No. 42. Instituto de Investigaciones Económicas, Universidad Nacional Autónoma de México, p. 29-42, 1980.

¹⁹² Efetivado na função de extrair mais valor da classe trabalhadora para o processo de acumulação de capital (CUEVA, 1980, p. 39).

que, por su parte, el movimiento popular trata de crear espacios democráticos cada vez más amplios, a través de los cuales la lucha de clases pueda abrirse campo. La cuestión de la democracia se pone de esta suerte a la orden del día como encrucijada en la que se cruzan muchos caminos, incluido el que conduce al socialismo (CUEVA, 1980:41).

Voltando à Cuba, para pensar a dependência, tivemos uma continuidade das formas de exploração econômica, a partir do desenvolvimento de um capitalismo neocolonial - durante a crise do sistema colonial -, do qual se formatou um estado cubano neocolonial, de dominação indireta limitada pela hegemonia dos Estados Unidos (FERNANDES, 2007:66-67).

O aspecto neocolonial em Cuba pode ser entendido como a mudança de uma longa continuidade baseada na dominação externa, iniciada na ordem colonial e desaguada no controle imperialista. Não obstante:

Não ocorreu uma súbita substituição de uma dominação metropolitana por outra. Na verdade, a penetração estadunidense ajudara a diminuir os ritmos da desagregação da velha ordem colonial, pois as duas tendencias convergentes de modernizar a colonização e de levar a colonização até ao fundo partindo dos Estados Unidos. A dominação estadunidense sempre operara através da velha ordem colonial, em articulação ou contra os interesses espanhóis e cubano-espanhóis. Quando essa ordem se vê ameaçada de uma desagregação final, os Estados Unidos bloqueiam o processo por meio da intervenção militar, da ocupação e pela negociação político-diplomática [...]” (FERNANDES, 2007:70).

Se a intervenção direta foi para garantir a estrutura de modernização de exploração econômica, não há qualquer interesse em formas sociopolíticas confluentes a outros interesses, dessa forma sendo gestada uma administração política autocrática enquanto expressão da imposição das vontades estadunidenses sobre a produção econômica cubana. Qualquer tentativa de ruptura com a antiga forma colonial transmutada na modernização imperialista – em liame constante de exploração que não alterou a estrutura produtiva cubana dominada -, sob a organização e prática de uma revolução nacional, foi impedida, seja pelos interesses estadunidenses (novo maior interessado, dada a tomada do espaço antes ocupado pela Espanha), ou ainda por parte da elite interna cubana que de forma associativa e dependente mantinha formas de concentração de riqueza e status social¹⁹³.

¹⁹³ FERNANDES, 2007, p. 71.

Se os estadunidenses precisavam de uma ampla reprodução das estruturas da velha ordem colonial, para dar continuidade à modernização e ao aprofundamento da colonização, os estratos privilegiados precisavam da mesma coisa para restringir e dificultar a descolonização. Para eles, a vitória de uma autêntica revolução nacional equivalia a um risco catastrófico (FERNANDES, 2007:72).

A forma de dominação neocolonial teve sua especificidade em Cuba ao descentralizar a necessidade de uma conduta jurídico-militar evidente, e diretamente administrada por entidades estadunidenses, e ao passá-la a grupos internos associados que atendiam aos interesses imperialistas como parte de sua agenda interna subordinada à ordem externa. Em suma, temos o processo de satelitização de Cuba aos Estados Unidos, em que ocorreu um controle indireto objetivamente controlado a nível militar, político, econômico, ideológico, diplomático, que consolidou uma configuração supranacional de exploração dependente (FERNANDES, 2007:73-74).

CAPÍTULO 2

Todos os nossos versos de América

Cuando tales poemas fueron cantados, se les hizo regresar con música al venero popular; oral, de donde procedían. Pues, aunque a primera vista pueda no parecer evidente, el oído revela que, al igual que en sus discursos, Martí también entronca en sus versos con la literatura oral, con la literatura natural del hombre americano libre, sencillo y fiero: fundador; como Ismael, de un pueblo nuevo.

ROBERTO FERNÁNDEZ RETAMAR¹⁹⁴

Pensando o sentido da produção martiana vemos a sua demarcação intelectual: vastíssima, mas com poucos livros publicados, modernista, mas sem buscar outros tempos. Escritos consequentes enquanto partes da totalidade de um pensamento denso voltado para a realidade. “Martí questionou a própria existência da literatura, em plenitude, ali onde não existe outra plenitude: a histórica”¹⁹⁵.

Temos uma produção política crítica expressa com caráter estético, em que as finalidades de seus atos e escritos estavam voltadas para pensar e organizar a independência de Cuba. A voz também tem espaço essencial: “dizer é uma maneira de fazer”.¹⁹⁶ A relação entre discurso, enquanto elaboração teórica, e prática põe em voga o fato de que as tarefas de organização para a luta de libertação política exigiam não apenas a ideia no papel, mas a fala em discursos e no ato pedagógico de se fazer pensar as necessidades da emancipação. Assim sendo, o discurso será tratado aqui como componente dessa literatura política martiana.

O presente capítulo buscará desenvolver essas conexões a partir da apresentação das especificidades de cada fonte nos subcapítulos a seguir. Iniciando pela Análise de *Nuestra América*, passando pela exposição dos *Versos Sencillos* e finalizando com apontamentos gerais sobre *Con todos y para el bien de todos*.

¹⁹⁴ RETAMAR, 1995, p. 259.

¹⁹⁵ RETAMAR, 1983, p. 59.

¹⁹⁶ RETAMAR, 1983, p. 57.

2.1. Nuestra América: Conhecer é resolver

*Regressa o latino-americano a sua casa e começa a compreender
muitas coisas*
ALEJO CARPENTIER¹⁹⁷

A travessia pelas fontes se iniciará no porto que *Nuestra América* fundamentou. Como obra mais conhecida e significativa da produção martiana acumulou análises distintas que têm em comum o reconhecimento de ser síntese do universo político-ideológico de Martí, de suas preocupações históricas e intenções políticas.

O *artigo* estabelece os parâmetros da criticidade que ocupa local significativo nas preocupações de Martí, não apenas enquanto jornalista, mas também – e principalmente – enquanto articulador político-ideológico. Dessa forma, a linha principal que mantém o fluxo da obra está em torno das críticas de condutas políticas, concepções de mundo e comportamentos que inviabilizariam a construção de uma práxis política necessária ao processo de independência. A crítica precede a proposição de pensamento e ação.

O início do texto nos traz um excerto exemplificador ao problematizar o “aldeão” que reduz o mundo à sua instância imediata, estando preso a questões cotidianas e banais, e supondo que dessas se faça a ordem universal. A crítica à redução da vida por um viés imediatista indica as limitações decorrentes de uma percepção reduzida da realidade. Embora haja a proposição martiana de partir da particularidade cubana, o sujeito revolucionário apresentado deve expandir sua práxis de um caráter singular e fechado ao reconhecimento universal, das dinâmicas de Cuba em relação à realidade colonial que a perpassa¹⁹⁸.

Lo que quede de aldeã en América ha de despertar. Estos tiempos no son para acostarse con el pañuelo a la cabeza, sino con las armas de almohada, como los varones de Juan de Castellanos: las armas del juicio, que vencen a las otras. Trincheras de ideas valen más que trincheras de piedras (MARTÍ, 2011:11-12).

As problemáticas elencadas ao abordar temas como moral, economicismo, imediatismo, religião, conhecimento local, propriedade privada e adoção ideológica estrangeira, dimensionam-se por um princípio de negação. O enfoque para a edificação do raciocínio martiano é reiterado em duas linhas formativas: a de formação ideológico-

¹⁹⁷ CARPENTIER, Alejo. Do real maravilhoso americano. In.: Literatura e Consciência Política na América Latina. São Paulo: Global Editora, 1969. Pg. 74.

¹⁹⁸ MARTÍ, 2011, p. 11.

crítica que se propõe a manter uma ética popular, em unicidade às práticas socioculturais da população cubana, gerando uma abertura de possibilidades para uma forma de pensamento que respeite as formulações locais em defesa da luta por independência; e de organização direta que identifica claramente o inimigo e se posta contra as ameaças de invasões e intervenções estrangeiras.

Acerca da expressão da primeira linha formativa podemos utilizar a crítica ao “aldeão”, que não percebe o perigo dos “gigantes” e de sua potencialidade para subjugar a realidade do seu mundo fechado. “[...] los gigantes que llevan siete leguas en las botas, y le pueden poner la bota encima, ni de la pelea de los cometas en el cielo, que van por el aire dormidos engullendo mundos [...]”¹⁹⁹. O local deve ser entendido em abertura para lidar com a proposta de defesa da independência. Há a necessidade de se estar atento às potências externas que têm força destrutiva, sejam por uma ação direta contra a *aldeia*, seja como efeito colateral resultante do conflito entre potências (MARTÍ, 2011:11-12).

Na exposição da segunda linha formativa, se põe a necessidade de superar as práticas de *aldeia*, em que há uma predisposição para a calma, por uma prática alinhada à luta, tendo-a (luta e armas) como base para o descanso. As trincheiras de ideias são a preparação condizente com as necessidades impostas pela luta, em oposição às trincheiras de pedras. Pois, se a trincheira de ideias é a preparação para a luta, há aqui um teor organizativo na incitação da práxis de Martí, dado que nessa trincheira pensante existe movimento e ação, em contrapartida à trincheira de pedras, que embora pareça firme, não se movimenta esperando o ataque inimigo sem se mobilizar (Idem:12-13).

A posterior articulação das categorias acima é costurada com a concepção da importância de *conhecer* a realidade histórica, em que a práxis se efetua, dando materialidade ao cotidiano do povo e à formulação em universalidade de uma consciência coletiva em torno do *homem natural*, ou seja, o ser social vinculado afetivamente e conhecedor da terra que defende. Nessa naturalidade há uma construção direta de uma retórica envolta em signos poéticos.

A articulação martiana para *Nuestra América* do nexos *Conhecer*, pelos povos, se põe pelas proximidades que possibilitam a consciência coletiva, gestada pela unidade para combater na guerra de defesa de suas terras. Assim sendo:

[...] Los pueblos que no se conocen han de darse prisa para conocerse, como quienes van a pelear juntos. Los que enseñan los puños, como hermanos celosos, que quieren los dos la misma tierra, o el de casa

¹⁹⁹ MARTÍ, 2011, p. 11.

chica, que le tiene envidia al de casa mejor, han de encajar, de modo que sean una, las dos manos [...] (MARTÍ, 2011:12).

Em Suma, *conhecer* refere-se às formas de tomada de consciência, assumindo significados na fonte de conhecer: “para governar” a vida social “local”, influenciando o âmbito ético contra a “desdenha”, e indicando “respeito” para “resolver” os “elementos peculiares dos povos da América”. A leitura crítica e estudo dos “fatores que constituem o país”, abrem alas para inteirar-se da história do “continente”, fazendo junção dialógica do local-continental para um conhecimento amplo, o qual orientando-se pela noção de “criar” – para não “copiar” -, indica a necessidade de uma “universidade americana”²⁰⁰. Essa deve discutir temas viáveis com a concepção de que “pensar é servir”²⁰¹ ao povo.

E o nexos associado de *história* refere-se, além do *conhecimento local*, às ideias de alteridade, luta e preferência pelas tradições de Nuestra América, opondo-se à história estrangeira²⁰².

A ideia de união é incitação ao diálogo das práticas culturais entre povos, estabelecendo relações diplomáticas alinhadas para a luta em comum. Deve-se deixar os conflitos imediatos de lado e gestar unidade frente ao inimigo maior, ou seja, aos que saqueiam a terra alheia e as roubam (MARTÍ, 2011:12-13).

Por conseguinte, deve-se passar de uma postura passiva a uma postura combativa, ao se enfileirar para barrar a ameaça externa. Neste sentido, temos a alegoria das árvores que deixam de florir ao vento para se colocarem em fileiras, entrecruzando suas raízes, para não apenas barrar a ameaça externa, mas marchar em unidade, firme como a prata em veio no núcleo da montanha: “[...] ¡los árboles se han de poner en fila para que no pase el gigante de las siete leguas! Es la hora del recuento, y de la marcha unida, y hemos de andar en cuadro apretado, como la plata en las raíces de los Andes” (Idem:13).

O âmbito político contido em *Nuestra América* ganha outra dimensão quando, partindo dos pressupostos acima, direciona a defesa das especificidades cubanas com seu povo em ação, gerando consciência sobre dois grupos distintos de países, aqui apresentados enquanto *países de Nuestra América* e *países estrangeiros*.

O primeiro grupo é caracterizável por sofrer com a exploração colonial em comum, e pela necessidade de movimentos próprios que garantissem a solidificação da ideia e da prática pela independência, ressoando na garantia do continente livre de

²⁰⁰ MARTÍ, 2011, p 15-21.

²⁰¹ MARTÍ, 2011, p. 34.

²⁰² MARTÍ, 2011, p. 34.

pressões internacionais europeias e na formação de uma “alma continental” que aja possibilitando uma dupla autonomia local-continental.

Los pueblos han de vivir criticándose, porque la crítica es la salud; pero em em solo pecho y em sola mente. ¡Bajarse hasta los infelices y alzarlos em los brazos! ¡Em el fuego del corazón deshelar la América coagulada! ¡Echar, bullendo y rebotando, por las venas, la sangre natural del país! (MARTÍ, 2011:29).

O degelo da América coagulada passa pelo reconhecimento dos países latino-americanos – “nações românticas do continente e pelas ilhas dolorosas do mar” -, que deveriam formar uma “alma continental” contra os “perigos” do padecimento da América governada com a exclusão da alma continental. O perigo a ser combatido é o que se dá pela “diferença de origens, métodos e interesses entre dois fatores continentais” (MARTÍ, 2011:30-35).

[...] entró a padecer América, y padece, de la fatiga de acomodación entre los elementos discordantes y hostiles que heredó de un colonizador despótico y avieso, y las ideas y formas importadas que han venido retardando, por su falta de realidade local, el gobierno lógico (MARTÍ, 2011:23).

Portanto, Martí defende a “américa mestiça”²⁰³ com suas “imperfeições políticas”²⁰⁴ próprias, mas pautada em união entre os povos que devem se conhecer melhor, pois defendem os mesmos interesses. A unidade surgida possibilitaria o nascimento do “homem real”²⁰⁵, disseminando a “semente da América nova”²⁰⁶.

Há a esperança no agir da América por suas movimentações populares como indica nas referências ao México, Venezuela, Argentina e Guatemala. O cubano recupera levantes de independência do início do século XIX, como exemplo de ação e “heroísmo” por parte das lideranças que se insurgiram contra a Espanha. Recuperar figuras históricas faz parte do projeto pedagógico²⁰⁷ de Martí, aqui estando em destaque Padre Miguel Hidalgo Costilla e Josefa Ortiz²⁰⁸. E destaca que “os venezuelanos levantam povos pelo

²⁰³ MARTÍ, 2011, p. 22.

²⁰⁴ MARTÍ, 2011, p. 34.

²⁰⁵ MARTÍ, 2011, p. 26

²⁰⁶ MARTÍ, 2011, p. 35.

²⁰⁷ Em 1889, Martí cria uma revista infantil - “La edad de Oro” -, com o intuito de ilustrar a história do continente americano. Um dos textos inclusos se denomina “três heróis”, no qual apresentava justamente as figuras de Hidalgo, Bolívar e San Martín.

²⁰⁸ Para quem, segundo Cíntio Vitier, Martí incluiria em seu estudo sobre “as mulheres da América” (MARTÍ, 2011, p. 51).

norte e os argentinos pelo sul”, “quando os dois heróis se chocaram”, em alusão direta às figuras de Simón Bolívar e José de San Matin (MARTÍ, 2011:21-22).

O segundo grupo resvala pelos países da velha Europa, tais quais a França, a Inglaterra e a Espanha, além dos Estados Unidos que, portando-se com a mesma política externa expansionista, destoa por não ter sido colônia de exploração, nem necessitar garantir sua dupla autonomia política.

Os EUA concentram as críticas ao ser descrito como Norte “parricida”, que por sua “tradição de conquista” “desdenha” outros povos e é ignorante sobre suas realidades. O perigo para a Nuestra América vem do “desdém do vizinho formidável, que não a conhece” (MARTÍ, 2011:31-32).

Já o signo de *alma continental* suscitaria um caráter coletivo como componente para o constructo ideológico que solidificasse a luta independentista, a qual engloba a questão do valor enquanto atributo não apenas moral, mas ético frente ao social. Para Martí, é também o processo de *valorização* da terra pátria, ou seja, valorização do trabalho das mãos e do pensamento autônomo.

Los jóvenes de América se ponen la camisa al codo, hunden las manos en la masa, y la levantan en la levadura de su sudor. Entienden que se imita demasiado, y que la salvación está em crear. Crear es la palabra de pase de esta generación. El vino, de plátano; y si sale agrio, ¡es nuestro vino! (MARTÍ, 2011:28).

Dessa propositura advém a crítica de Martí ao “sietemesino”²⁰⁹ – figura do imediatista *traidor* - destituído de valor ético, pois não se gestou o tempo suficiente junto à sua terra. Apresenta-se aqui uma noção de ética de valorização do todo social composto pela terra e por seu povo. É a contraposição aos *prematuros* que se juntam aos colonizadores, os quais aparecem na terra a todo instante e que “roem ao osso à pátria que os nutre”²¹⁰. Coloca-se aqui a relação de dependência e exploração.

A crítica aos que renegam a própria terra - sua origem familiar, modo de trabalho e consequentemente práticas de vida -, não lhes reconhecendo o valor e contribuindo para a exploração desta, além de viver à custa da exploração da pobreza da terra e do povo, abre outra dimensão de vinculação aos países estrangeiros. Se anteriormente se punha a traição pela exploração da própria terra, agora se coloca a traição pela soma ao exército inimigo e retorno dos traidores para massacrar o próprio povo. “[...] estos desertores que

²⁰⁹ MARTÍ, 2011, p. 13.

²¹⁰ MARTÍ, 2011, p. 14.

piden fusil en los ejércitos de la América del Norte, que ahoga en sangre a sus indios, y va de más a menos!” (MARTÍ, 2011:14-15).

Nessa colocação observa-se que a conduta se posta como categoria que também pode ser usada para evidenciar as posições das frações de classe internas tanto para o modo da crítica, quanto para o uso dessa como elemento da incitação ideológica contra o exército externo e para a condenação dos traidores da Pátria.

Martí adentra as arbitrariedades dos conflitos internos frente aos mecanismos de exploração estrangeira. A construção do texto denota a crítica concisa aos desvios internos e aos inimigos, tendo por direcionadores a sua concepção ética e prática. Mais do que a incitação organizativa, aqui se coloca a condenação das práticas que fragilizam a coletividade, função constitutiva para a composição ideológica da práxis revolucionária (Idem:13-15).

A proposta martiana de organização contra a ameaça externa passa diretamente pelo reconhecimento das mazelas advindas da experiência colonial, ao propor como ruptura uma alternativa republicana. Entretanto, a construção da alternativa centralizada na república só pode ocorrer com a mediação da construção política independentista, pela memória popular, fator de ligação da experiência do povo pela defesa da terra pátria com uma organização política coerente a essas formas ideológicas: de ação popular conscientizada em diretrizes políticas.

A imagem da *República* aparece revestida de sua lógica poético-retórica de formação política e é apresentada como uma república adjetivada pela dor, formada por índios e pelo sangue dos antepassados, pintados enquanto apóstolos, ou seja, na sua tarefa memorialística de fundar a *pátria*.

¿Ni en qué patria puede tener un hombre más orgullo que en nuestras repúblicas dolorosas de América, levantadas entre las masas mudas de indios, al ruido de pelea del libro con el cirial, sobre los brazos sangrientos de un centenar de apóstoles? De factores tan descompuestos, jamás, en menos tiempo histórico, se han creado naciones tan adelantadas y compactas (MARTÍ, 2011:15-16).

Ademais, elenca partes da formação histórico-política e constata, mediante esses fatores, a criação de nações “adiantadas e compactas”, referindo-se ao contraponto que possuem se comparadas às tradições dos países colonialistas, “antigos”, já que as repúblicas não passaram por esses “males”. E compactas referente aos tamanhos das pequenas repúblicas, principalmente as do Caribe (MARTÍ, 2011:15-16).

O caráter popular, tido como proposição de defesa dos aspectos locais vinculados à terra, apenas pode ser entendido se relacionado aos *elementos de formação nacional* que salientam as relações, tanto a nível político-econômico, quanto a nível sociocultural, dos termos terra-povo, tendo esses a acentuação na questão indígena e, principalmente, na questão racial.

Sobre esses elementos manifestam-se três formulações martianas: acerca da denúncia do processo de violência colonial contra as camadas populares no continente; a negação das teorias raciais e eugenistas; e a postura pela unicidade do popular, ao reconhecer esses grupos como integrantes fundamentais para a organização de uma nova forma política independente.

[...] La incapacidad no está en el país naciente, que pide formas que se le acomoden y grandeza útil, sino en los que quieren regir pueblos originales, de composición singular y violenta, con leyes heredadas de cuatro siglos de práctica libre en los Estados Unidos, de diecinueve siglos de monarquía en Francia Con un decreto de Hamilton no se le para la pechada al potro del llanero. Con una frase de Sieyès no se desestanca la sangre cuajada de la raza india. A lo que es, allí donde se gobierna, hay que atender para gobernar bien; y el buen gobernante en América no es el que sabe cómo se gobierna el alemán o el francés, sino el que sabe con qué elementos está hecho su país, y cómo puede ir guiándolos en junto, para llegar, por métodos e instituciones nacidas del país mismo, a aquel estado apetecible donde cada hombre se conoce y ejerce, y disfrutan todos de la abundancia que la Naturaleza puso para todos en el pueblo que fecundan con su trabajo y defienden con sus vidas. El gobierno ha de nacer del país. El espíritu del gobierno ha de ser el del país. La forma de gobierno ha de avenirse a la constitución propia del país. El gobierno no es más que el equilibrio de los elementos naturales del país (MARTÍ, 2011:16-17).

Deste excerto, desenvolve-se uma das principais preocupações martianas ao destacar a incapacidade de boa gestão política não como algo intrínseco ao país, mas como resultado dos governantes que aplicam leis estrangeiras a um povo original de composição singular. É resultado de governos inspirados em práticas estrangeiras, os quais tentariam reproduzir as leis da realidade estadunidense ou francesa no país.

Mais do que uma questão de opção por um conjunto de leis o ponto é a alusão ao processo histórico de coerção, em que leis destoantes à forma de vida popular acentuaram as contradições e violências sociais vividas pela população. Logo, temos a violência como elemento constitutivo do povo, não como valor intrínseco a este, mas sim à sua formação histórica e colonial. Como exemplo, temos as imagens que Martí alude ao citar as

opressões de uma memória de massacres e mortes por traidores da terra contra os povos indígenas.

¡Estos hijos de carpintero, que se avergüenzan de que su padre sea carpintero! ¡Estos nacidos en América, que se avergüenzan, porque llevan delantal indio, de la madre que los crió, y reniegan, bribones, de la madre enferma, y la dejan sola en el lecho de las enfermedades! Pues, ¿quién es el hombre? ¿El que se queda con la madre, a curarle la enfermedad, o el que la pone a trabajar donde no la vean, y vive de su sustento en las tierras podridas con el gusano de corbata, maldiciendo del seno que lo cargó, paseando el letrero de traidor en la espalda de la casaca de papel? (MARTÍ, 2011:14).

A indicação de práticas livres e monárquicas dos países estrangeiros não tem atribuição positiva, já que se colocam apenas a nível de exemplificação do que não funcionaria no país indígena (MARTÍ, 2011:15-17).

Da passagem da crítica à proposição, a concepção martiana considera que o bom governante deve saber como se compõe o país e quais são os seus elementos, para tomá-los em unidade e gerar resultado desenvolvendo a singularidade do país, com método e instituições próprias que deem resultado ao povo, o qual deve estar unido, trabalhar, ter conhecimento e exercê-lo para desfrutar da abundância da natureza. A defesa dessa elaboração é a defesa das suas vidas, e para tal deve ser defendida com suas vidas. Em suma, o governo nasce da particularidade do país, do posicionamento do seu povo e ajusta as suas formas políticas às necessidades do país, sendo resultado do equilíbrio dos elementos naturais constitutivos (Idem:16-18).

Essa noção do governo condizente com os elementos do país e do povo é ponto central na construção de uma linha política em Martí, voltada ao pertencimento da terra, ou seja, é a articulação política do seu viés nacional, em defesa da singularidade do país, em contraposição às importações externas. Logo, podendo ser um marco anti-imperialista.

Os usos constantes do termo *Pátria* podem ser traduzidos como um sentimento de pertencimento nacional, no campo valorativo moral, em que há o entendimento da especificidade histórica da formação do país, com elementos advindos da relação de exploração externa e negando as diretrizes de políticas advindas desses países estrangeiros.

É liame de afirmação da auto-organização, de um governo que saia da realidade nacional e volte-se para ela, com atuação ativa do povo, como parte constituinte do todo e regulador das práticas cotidianas da formação política geral. Dando sequência:

Por eso el libro importado ha sido vencido en América por el hombre natural. Los hombres naturales han vencido a los letrados artificiales. El mestizo autóctono ha vencido al criollo exótico. No hay batalla entre la civilización y la barbarie, sino entre la falsa erudición y la naturaliza (MARTÍ, 2011:17-18).

Dada a valorização da pátria e exposta a necessidade dessa se auto-organizar, o excerto se põe a valorizar o “homem natural” e seu meio, a “natureza”, em contrapartida ao que é externo, seja o “livro importado”, os “letrados artificiais”, o “criollo exótico”, ou a “falta de erudição” que cria uma “batalha entre civilização e barbárie”, como forma de confirmação ideológica da imposição externa sobre a interna. Para essa questão civilização-barbárie Martí expressa a negação da existência do conflito, enquanto negação de conceitos hierarquizantes e não como negação de um conflito entre o externo e o interno, embora reconheça que ambos se encontram na natureza e a falsificação disso é o pressuposto para a falta de erudição, para a formação de letrados artificiais desconectados do natural (MARTÍ, 2011:17-18).

O *homem natural* martiano, que tomando em universalização e considerado bom, reconhece a inteligência superior e a acolhe, mas não ingenuamente, pois se ela tenta prejudicá-lo pela submissão, ofendê-lo e prejudicar seus interesses locais, ele se defenderá pela força a fim de retomar o respeito.²¹¹

O respeito é empregado enquanto integridade moral do *homem natural*. Ou considerando a universalização do “homem”, se põe enquanto defesa da integridade ética, já que defende os interesses societários. E ainda, o *homem natural* apresenta-se como aquele que reconhece a natureza interna, acolhe e acata o externo, se isso lhe for favorável, sem haver uma predisposição à repulsa ao estrangeiro, se esse não lhe for danoso – sendo base para o princípio de internacionalismo em Martí, frente a essa dialogia do local e continental (Idem:18).

Outra expressão do *homem natural* estaria na concepção de “Conhecer é resolver”, voltado ao tratamento das problemáticas locais pela ação deste sujeito social, que pode assumir dois sentidos: o de asseverar a vinculação aos sentimentos que emanam das formas de vida local e o uso da violência como ferramenta popular contra imposição estrangeira (Idem:19-21).

²¹¹ MARTÍ, 2011, p. 18.

Essas indicações de ação e pensamento se pautam pela incitação do reconhecimento da potencialidade de emancipação de “nuestras dolorosas repúblicas americanas²¹²”.

[...] Conocer es resolver. Conocer el país, y gobernarlo conforme al conocimiento es el único modo de librarlo de tiranías. La universidad europea ha de ceder a la universidad americana. La historia de América, de los incas acá, ha de enseñarse al dedillo, aunque no se enseñe la de los arcontes de Grecia. Nuestra Grecia es preferible a la Grecia que no es Nuestra [...] (MARTÍ, 2011:20-21).

A dialética da ruptura-continuidade pode ser vista ao tratarmos da relação entre projeto político independentista e a memória histórica da independência contra a América hispânica – referenciada na obra em torno da campanha de Bolívar -, como recuperação para a continuidade de lutas. O signo de memória se atrela aos que morreram no processo histórico de um passado de lutas e das batalhas dos predecessores, tidos como os libertadores. Ao mesmo passo, o signo se traduz pelas práticas da *terra* e pelo reconhecimento do “passado sufocante”²¹³.

Entretanto, há o reconhecimento de que houve continuidade das particularidades coloniais sob as repúblicas independentes, a partir de 1810, ou seja, “La colônia continuó viviendo en la república”²¹⁴, pois “la constitución jerárquica de las colonias resistia la organización democrática de la República”²¹⁵.

Frente a isso, ruma à construção de novo projeto de independência que objetive a ruptura-continuidade revolucionária, suprimindo as raízes coloniais e retomando as lutas históricas, preservadas enquanto memória, a que incide na ideologia funcional da revolução.

[...] El problema de la independencia no era el cambio de formas, sino el cambio de espíritu. Con los oprimidos había que hacer causa común, para afianzar el sistema opuesto a los intereses y hábitos de mando de los opresores [...] (MARTÍ, 2011:24).

O sujeito desse projeto de independência martiano é o chamado povo natural, formado pelos quais buscavam defender a autonomia cubana. Também há destaque para a população indígena, que deve ter a memória recuperada, e para a população negra, apresentada como sujeito revolucionário fundamental, não apenas para a independência,

²¹² MARTÍ, 2011, p. 21.

²¹³ MARTÍ, 2011, p. 32.

²¹⁴ MARTÍ, 2011, p. 24.

²¹⁵ MARTÍ, 2011, p. 23.

mas para a supressão do passado escravocrata. Para potencializar a crítica e negação desse passado é essencial a formulação que Martí traz ao final do texto quando suscita:

No hay odio de razas, porque no hay razas. Los pensadores canijos, los pensadores de lámparas, enhebran y recalientan las razas de librería, que el viajero justo y el observador cordial buscan en vano en la justicia de la Naturaleza, donde resalta en el amor victorioso y el apetito turbulento, la identidad universal del hombre. El alma emana, igual y eterna, de los cuerpos diversos en forma y en color. Peca contra la Humanidad el que fomente y propague la oposición y el odio de las razas [...] (MARTÍ, 2011:33).

A conjugação desses atores sociais deve, para além do *conhecer*, se pautar pela *criação* orientada pela crítica e pela prática do povo. [...] “Ni el libro europeo, ni el libro yankee, daban la clave del enigma hispano-americano” [...] (MARTÍ, 2011:27).

Retomando a esfera política em Martí, o *artigo* condensa sua proposição por autodeterminação do povo cubano em sua terra, nesse momento histórico vendo possibilidades nas formas de uma república. E mantém a postura axiomática pela independência - enquanto guerra necessária -, que se firma contra os países estrangeiros e contra os grupos internos traidores à causa, por meio da unidade da ação popular que aja objetivamente pautada pelo conhecimento da conjuntura.

Por fim, exemplificando a atenção em relação ao expansionismo estadunidense, maior expressor do antagonismo dos *países estrangeiros*, temos:

[...] la América del Norte, ante los pueblos atentos del Universo, un freno que no le ha de quitar la provocación pueril o la arrogancia ostentosa o la discordia parricida de nuestra América, el deber urgente de nuestra América es enseñarse cómo es, una en alma e intento, vencedora veloz de un pasado sofocante, manchada sólo con sangre de abono que arranca a las manos la pelea con las ruinas, y la de las venas que nos dejaron picadas nuestros dueños. El desdén del vecino formidable, que no la conoce, es el peligro mayor de nuestra América; y urge, porque el día de la visita está próximo, que el vecino la conozca, la conozca pronto, para que no la desdeñe [...] (MARTÍ, 2011:31-32).

2.2. Versos Sencillos: Memória, Morte e Amor

*Cantarei versos de pedras.
Não quero palavras débeis
Para falar do combate.
Só peço palavras duras,
Uma linguagem que queime.
Pretendo a verdade pura:
A faca que dilacere,
O tiro que nos perfure,
O raio que nos arrase.
Prefiro o punhal ou foice
Às palavras arredias.
Não darei a outra face.*

LARA DE LEMOS, Da resistência.²¹⁶

I.

Adentrar a poeticidade dos *Versos Sencillos* é tarefa bem mais complexa do que sugere a franqueza do título. Em primeiro lugar, pois a simplicidade aparente se reveste de camadas simbólicas, em dialogia, resultando em uma imagem poética entrelaçada, formada por elementos singulares, ao mesmo passo que compõem o conjunto poético em unicidade. Por conseguinte, o apanhado de quarenta e seis poemas, variando de duas a dezoito estrofes, dão robustez aos versos escritos.

A análise imanente dos nexos constitutivos da fonte nos dá o trajeto a ser perpassado por nossa caminhada poética. Se inicialmente, o conceito de *Elemento natural* emerge em centralidade, ao transpassar o livro todo, devemos situá-lo, a fim de entender seu duplo caráter. A primeira dimensão se refere ao *Elemento natural* enquanto temática presente dos versos. É acerca da natureza que Martí divaga, parte, anuncia, interage, destoa e retorna. A extensão do aspecto da naturalidade pelos poemas se dilui frente a percepção do leitor, a ponto de se camuflar em meio as palavras e temáticas subsequentes.

Mas insistiremos em não o perder de vista, pois se se apresenta como motivo para alguns poemas, é ao mesmo tempo mediador para outros. Logo, a segunda dimensão da mediação do *elemento natural* funciona como ponto de ligação entre as preocupações e ações do eu-lírico, entre seus pensamentos e sentimentos. Frente a isso, torna-se inviável destacar outros conceitos centrais presentes nas fontes, tal qual o de *Memória*, sem reconhecer que sua lógica de relação com outros sentimentos, conceitos e com o ambiente passa pelo vínculo poetizado no caráter natural.

²¹⁶ Poesia de luta da América Latina, Antologia, 2022, p. 109.

Evidenciaremos alguns exemplos do duplo caráter temático-mediador, junto à especificidade da fonte, para depois nos aprofundarmos na potencialidade poética que se retém em torno das ideias de *Memória, Morte e Amor* – como momento em destaque da sentimentalidade expressa nos versos –, em contato com a construção de possibilidade de *Ação* pelos *eu-líricos* postos em cada poema. A trama sentimental mostrasse indissociável da ação.

Focando no poema que abre a obra podemos destacar o papel do *elemento natural* que complexifica a expressão simbólica tensionada entre *morte e ação*.

Yo soy un hombre sincero / De donde crece la palma, / Y antes de morirme quiero / Echar mis versos del alma.

Yo vengo de todas partes, / Y hacia todas partes voy: / Arte soy entre las artes, / En los montes, monte soy.

Yo sé los nombres extraños / De las yerbas y las flores, / Y de mortales engaños, / Y de sublimes dolores.

Yo he visto en la noche oscura / Llover sobre mi cabeza / Los rayos de lumbre pura / De la divina belleza.²¹⁷

A primeira estrofe apresenta o eu-lírico que se anunciou como um homem sincero, vindo de onde cresce a palma, ou seja, já há uma conexão entre a voz e o *elemento natural*. Esse indiretamente caracteriza a sinceridade do eu-lírico que afirma que antes de morrer quer falar os versos – da *alma* - que rondam seus pensamentos.

A segunda estrofe continua a apresentação tendo por central o movimento que: vem de todas as partes, mesmo tendo a origem marcada no local onde cresce a palma, o que ressalta o *elemento natural*; e para todas as partes vai, o que reflete uma identificação do eu-lírico ao todo sentindo-se pertencente e formatando o vir e o ir. Se reconhece como integralidade seja como “arte entre as artes” ou como “monte entre as montanhas” (Idem:40)

A partir da terceira estrofe passa a descrever o conhecimento sobre flores e ervas, juntamente a dores e enganos, fazendo uma junção mediada entre *elemento natural* e *sentimentos*. É o anúncio do conhecimento das “dores” da *terra* (MARTÍ, 1997:40).

A quarta estrofe segue a lógica da terceira ao elucidar pontos vistos pelo eu-lírico, entretanto agora focalizados na apreciação da beleza dos elementos naturais, em meio a uma noite escura e chuvosa perpassada por raios. A chuva que cai sobre a cabeça do eu-

²¹⁷ MARTÍ, 1997, p. 40-47.

lírico indica sua conexão ao elemento natural, pois não a considera um incômodo, mas parte da beleza cantada²¹⁸.

Oigo un suspiro, a través / De las tierras y la mar, / Y no es un suspiro.
es / Que mi hijo va a despertar.

Si dicen que del joyero / Tome la joya mejor, / Tomo a un amigo sincero
/ Y pongo a un lado el amor.

Yo he Visto al águila herida / Volar al azul sereno, / Y morir en su
guarida / La víbora del veneno.

Yo sé bien que cuando el mundo / Cede, lívido, al descanso, / Sobre el
silencio profundo / Murmura el arroyo manso.

Yo he puesto la mano ossada / De horror y júbilo yerta, / Sobre la estrella
apagada / Que cayó frente a mi puerta.

Oculto en mi pecho bravo / La pena que me lo hierde: / El hijo de un
pueblo esclavo / Vive por él, calla y muere.²¹⁹

Em continuidade, a partir da décima estrofe temos o eu-lírico que ouve o barulho de um suspiro do vasto mar atravessando as terras. Refere-se ao despertar de seu filho. Esse pode tanto ser uma inferência familiar, quanto a construção simbólica de um conceito universal integrante do *povo*.

A décima primeira estrofe anuncia a renúncia do eu-lírico a qualquer bem material valioso, sendo mais importante o amigo verdadeiro e o amor. Isso incide para a ideia de valorização de pessoas próximas e reflete outros motivos gerais do poema por afirmação da defesa e luta pelo *povo*, recolocando a alternância entre figuras individuais e gerais – filho, amigo, amor -, não contraditórias entre si, mas reforçadores da unicidade de uma individualidade socializada em Martí (MARTÍ, 1997:42-44).

As estrofes seguintes constroem imagens poéticas distintas, mas que tem por fio condutor a mediação do *eu-lírico* com o elemento natural. Nas estrofes doze, treze e quatorze, respectivamente: o eu-lírico observa “a águia ferida” voar pelo céu “azul sereno”, enquanto a víbora venenosa morre em seu abrigo. A imagem poética se concretiza pela contraposição entre a víbora derrotada e a águia que continua em movimento aproximando-se da naturalidade do céu; o eu-lírico que descansa do mundo em meio ao silêncio profundo, no qual é possível escutar o som de um arroio. Se coloca a ideia de movimento desse elemento natural valorizado; o eu-lírico que teve coragem de

²¹⁸ MARTÍ, 1997, p. 40.

²¹⁹ MARTÍ, 1997, p. 40-47.

pôr a mão sobre uma estrela apagada caída a sua porta. Essa ação despertou sentimentos de horror e alegria, o primeiro pelo estado da tragédia e o segundo pela aproximação com o elemento natural admirado (MARTÍ, 1997:44).

A décima quinta estrofe vem em contraponto às imagens suaves das últimas revelando uma ocultação de dor e angústia guardadas para si pelo eu-lírico, o qual expõe de forma afirmativa: a associação de um indivíduo ao seu povo, de um filho de povo escravo ao seu povo escravizado, vivendo, calando e morrendo por esse. A construção que se faz estabelece um vínculo de *ação e morte* entre o sujeito e povo²²⁰.

Todo es hermoso y constante, / Todo es música y razón, / Y todo, como
el diamante, / Antes que luz es carbón.

Yo sé que el necio se entierra / Con gran lujo y con gran llanto, - / Y que
no hay fruta en la tierra / Como la del camposanto.

Callo, y entiendo, y me quito / La pompa del rimador: / Cuelgo de un
árbol marchito / Mi muceta de doctor.²²¹

Nessas últimas estrofes retornam as imagens poéticas em que o elemento natural está em foco. Na décima sexta estrofe há um canto de totalidade, que é formoso, constante, musical, racional e perpassado pela transformação, tal como o carvão que vem a ser diamante. A estrofe seguinte é propositiva pela contraposição do “tolo”, que se enterra com luxo e pranto, com o elemento natural, contínuo enquanto ponto de resolução do poema e apresentado de forma mais relevante por sua simplicidade figurada pela fruta na terra (MARTÍ, 1997:46).

Para encerrar, a última estrofe releva a escolha do eu-lírico que se retira da posição de rimador ao despir sua capa de doutor, pendurando-a em uma árvore seca, pois não há mais espaço para a ostentação da palavra, a não ser a interação real com o elemento natural (Idem:46).

A composição da trama poética construída em torno da alternância entre ação e morte evidencia a significância de palavras como “montanha” e “terra” – que isoladas não teriam sentido poético -, mas que pensadas enquanto elementos de complemento temático à sentimentalidade do eu-lírico, com o qual se relacionam, podem ser compreendidas como nexos de ligação entre as sucessivas cenas. Carlos Lopes tece considerações sobre a naturalidade do poema em questão:

²²⁰ MARTÍ, 1997, p. 44.

²²¹ MARTÍ, 1997, p. 40-46.

Mas em que consiste a singeleza deste grande e comovente poema? Em primeiro lugar, na exata representação do ser humano simples, desejoso de paz, em consonância com a própria natureza, isto é, em sua liberdade, solidariedade, afeto e ternura. Em segundo lugar, na representação deste estado do homem como uma conquista, na tranquilidade com que se contempla e enfrenta os obstáculos, os entraves até que o homem encontre esta mesma natureza que lhe é própria e, sem a qual, não é ainda inteiramente humano. Em terceiro lugar, na representação da Natureza como algo de que faz parte e pertence ao homem; não há, em “Versos Sencillos”, nenhum conflito entre homem e natureza. Está é humanizada, e assim torna-se humana (LOPES, 1997:29-30).

Se o poema I evidencia o duplo caráter do *elemento natural*, este reaparece em outros momentos tendo por destaque os poemas III, IV, XII, XVII, XXIII e XXV. Em outro exemplo, as primeiras estrofes do terceiro poema destacam a evidência do elemento natural-mediador enquanto complemento temático para a construção crítico-poética expressa, posteriormente sendo marcado pela ambivalência da estrofe que o adequa enquanto tema e complemento de sentido:

Odio la máscara y vicio / Del corredor de mi hotel: / Me vuelvo al manso bullicio / De mi monte de laurel.

Con los pobres de la tierra / Quiero yo mi suerte echar: / El arroyo de la sierra / Me complace más que el mar.

Denle al vano el oro tierno / Que arde y brilla en el crisol: / A mí denme el bosque eterno / Cuando rompe en él el Sol.

Yo he visto el oro hecho tierra / Barbullendo en la redoma: / Prefiero estar en la sierra / Cuando vuela una paloma.²²²

O poema III se inicia expondo os sentimentos do eu-lírico: sente ódio pela falsificação e pelo vício no corredor do hotel em que se encontra e prefere regressar para o rebuliço do monte. Vemos o elemento natural como motivo do poema. E surgem contrapontos que adjetivam os locais: o ódio e a falsificação estão associados ao corredor do hotel, o que cria uma negatificação; e a mansidão e o monte são positivados pela mediação e pela relação eu-lírico-elemento natural (MARTÍ, 1997:50).

A segunda estrofe indica uma alternância em que o eu-lírico defende suas preferências, ao categoricamente afirmar sua identificação aos pobres da terra e associar sua sorte a deles, em proximidade à fonte de água da serra.

²²² MARTÍ, 1997, 50-55.

A terceira e a quarta estrofes expõem a lógica de julgar um elemento negativado que é contraposto pela preferência do eu-lírico, sendo esses, respectivamente: o ouro²²³, estando na redoma ou crisol, enquanto objeto do tolo; e o canto ao bosque e à serra, nos quais brilha o sol e voam pássaros. Temos o *elemento natural* apresentado como valor intransponível (MARTÍ, 1997:50).

Finalizaremos essa primeira questão do duplo caráter temático-mediador dos signos naturais em dois momentos: Primeiro, os pequenos poemas XXIII, XXV, XXXII, XXXVI, XXXIX e XLII exemplificam um uso poético. Observando nas estrofes do poema 23 e do poema 39, respectivamente:

Yo quiero salir del mundo / Por la puerta natural: / En un carro de hojas verdes / A morir me han de llevar.

No me pongan en lo oscuro / A morir como un traidor; / Yo soy bueno, y como bueno / Moriré de cara al Sol!²²⁴

Temos em voga o desejo do eu-lírico de estar junto ao natural quando a morte chegar, sendo levado por um carro de folhas verdes, o que simboliza movimento. Na segunda estrofe reitera essa ideia pelo contraponto da morte ao escuro. Vemos a associação de destinos para o eu lírico e para o traidor, destituído do vínculo com a natureza.²²⁵

Cultivo una rosa blanca / En julio como en enero, / Para el amigo sincero / Que me da su mano franca. / Y para el cruel que me arranca / El corazón con que vivo, / Cardo ni oruga cultivo; / Cultivo la rosa blanca.²²⁶

A oitava em seus dois primeiros versos coloca a ação do cultivo de uma rosa branca, em mais de uma época do ano, simbolizando inocência, pureza, lealdade e amor. A rosa é cultivada para o amigo sincero que lhe estende a mão franca, ou seja, que age reciprocamente pela franqueza. Seja na ação de cultivar, seja na ação de estender a mão há uma troca recíproca – poetizada pelo eu-lírico -, entre as partes.

Do quarto ao oitavo verso da oitava existe a ideia de oposição – mas também de contraponto e resolução – da situação positivada inicialmente posta ao indicar que se o

²²³ Nas fontes há uma constante desvalorização de bens materiais associando a ideia de luxo como aspecto dos países estrangeiros. Martí faz usa como contraponto o sentimento de pertencimento à terra como forma de valorização dos elementos locais.

²²⁴ MARTÍ, 1997, p. 108-109.

²²⁵ MARTÍ, 1997, p. 108.

²²⁶ MARTÍ, 1997, p. 142-143,

cruel arrancar o coração com que o eu-lírico vive, esse não mudaria o seu ato de cultivo. Manteria o cultivo de sua rosa branca, em vez de plantas espinhosas. Isso não quer dizer que o eu-lírico estende a lealdade inicial a quem lhe arranca o coração, mas que continua cultivando mesmo frente às adversidades. Para o inimigo: nada; para o amigo: ação, continuidade, lealdade, amor, reciprocidade.

Evidenciado o primeiro aspecto do conceito de *elemento natural*, em sua ambivalência, o segundo vem à tona para explicitá-lo enquanto conector de outros temas. Dessa forma, será componente da própria lógica interna da poeticidade martiana presente na obra, enquanto lógica interna discursivo-poética dos poemas que se expressam por *contrapontos poéticos*²²⁷. Ou seja, é um núcleo condensado da construção de tensões, alternâncias e contrastes entre a sequenciação de versos e imagens poéticas, responsável por dar ritmo e profundidade para a composição poética final. Mediante isso, vejamos alguns exemplos que serão apresentados em grupos para melhor exposição, sendo:

(1) o primeiro grupo, com os poemas marcados pela introdução de um assunto pelo eu-lírico, geralmente nos dois primeiros versos da estrofe, que tende a se resolver com a ideia com complementos naturais, a partir dos dois versos seguintes da mesma estrofe. Essa montagem aparece nos poemas II, V, XIII, XIV, XVI, XXII e XL. Demonstrando nas estrofes dos poemas V e XL:

Mi verso es como un puñal / Que por el puño echa flor: / Mi verso es un surtidor / Que da un agua de coral.²²⁸

Nessa estrofe do poema V aplica-se um duplo sentido para a caracterização do verso. É punhal, podendo apunhalar e ferir, mas também punho com flores. Vemos a adição entre leveza e dureza (MARTÍ, 1997:60).

A lógica do primeiro grupo está evidente no todo do poema XL:

Pinta mi amigo el pintor / Sus angelones dorados, / En nubes arrodillados, / Con soles al rededor.

Pínteme con sus pinceles / Los angelitos medrosos / Que me trajeron, piadosos, / Sus dos ramos de claveles.²²⁹

Na primeira estrofe, o eu-lírico anuncia a ação de seu amigo pintor que compõe um quadro de possível temática religiosa. A segunda estrofe mostra a identificação do eu-

²²⁷ Esse ponto será aprofundado ao se tratar da estrutura lógica dos referidos escritos martianos, ponto presente no terceiro capítulo.

²²⁸ MARTÍ, 1997, p. 60-61.

²²⁹ MARTÍ, 1997, p. 144-145.

lírigo com o quadro, ao ser gravado pelas figuras dos anjos piedosos que lhe trouxeram cravos. Esses representam o signo do elemento natural e a simbologia da flor que significaria boa sorte. Nessa cena o pintor se sente incitado a pintar. As hastes dos cravos são valorizadas, pois possuem mais importância do que as figuras angelicais, em si medrosas. Outra possibilidade é de que a temática religiosa possa ter a ideia apoteótica no quadro que se pinta, elevando o seu criador à respectiva ação de pintar (MARTÍ, 1997:145).

(2) O segundo bloco apresenta o elemento natural como ponto de partida, sendo seguido por um complemento poético-temático dado pelo eu-lírico, cada qual em dois versos que formatam as estrofes. Compõem este grupo versos dos poemas VII, IX, XVIII, XXIV, XXVIII, XXX, XXXIV e XLIV. Focalizando nos poemas VII, XXVIII e XXX, como referências de exemplificação:

Allá, en la vega florida / La de la heroica defensa / Por mantener lo que
piensa / Juega la gente la vida.²³⁰

Em expansão dos motivos do porquê o eu-lírico gosta da cidade de Aragão, a terceira estrofe do poema VII apresenta uma várzea florida onde o povo arriscou sua vida heroicamente pela defesa do princípio de poder “manter o que pensa”. Portanto, temos a construção propositiva de que vale a pena lutar por ideais e vemos o *elemento natural* como mediador positivo do local²³¹.

El rayo reluce; zumba / El viento por el cortijo; / El padre recoge al hijo,
/ Y se lo lleva a la tumba.²³²

A terceira estrofe do poema XXVIII completa e encerra a cena já tensionada do poema, em que o *elemento natural*, nas representações do “raio” e do “vento” complementam o cenário, no qual o pai recolhe o filho levando-o para a tumba. A imagem formada é de recolhimento, não de forma acolhedora, mas enquanto realização de ação pelo pai, podendo ser: unir-se ao filho traidor ou recolher este à terra de que havia se separado²³³.

El viento, fiero, quebraba / Los almácigos copudos; / Andaba la hilera,
andaba, / De los esclavos desnudos.²³⁴

²³⁰ MARTÍ, 1997, p. 64-67.

²³¹ MARTÍ, 1997, p. 64-67.

²³² MARTÍ, 1997, p. 120-121.

²³³ MARTÍ, 1997, p. 120.

²³⁴ MARTÍ, 1997, p. 124-125.

A segunda estrofe do poema XXX coloca o elemento natural caracterizado negativamente, entretanto, aqui sendo o vento que age em brutalidade contra os arbustos. O aspecto natural é seguido pela descrição dos escravizados enfileirados e despidos (MARTÍ, 1997:124).

(3) Enquanto isso, para os poemas que se enquadram nesse terceiro grupo há a construção de uma estrofe em naturalidade, a qual funciona para mudar o assunto e como ponto de repouso antes da retomada do tema emergente. Isso fica claro nos poemas VIII e XXI. Exemplificando o primeiro:

"En un ave de dos alas / "Bogo por el cielo azul: / "Un ala del ave es negra / "Otra de oro Caribú.²³⁵

A segunda estrofe do poema VIII traz a comunicação entoada no canto do amigo morto, o qual começa a contar que voa numa ave de duas asas pelo céu, único momento em que o elemento natural aparece no poema (MARTÍ, 1997:68-70).

II.

Para além do destaque do *elemento natural*, exposto anteriormente, surgem na poeticidade de Martí outros pontos que passam a fundamentar a estrutura do constructo lógico de sustentação dos motivos poéticos: os nexos de *crítica de conduta e proposições de conduta e ação*. Logo, aqui ainda nos aterremos as suas expressões em versos da obra, tendo um caráter abstrato no primeiro momento, mas que se clarificará ao analisarmos estes elementos junto a centralidade simbólica de *memória, morte e amor*.

Os poemas XXVII, XXX, XXXI, XXXIV e XXXVIII são perpassados por essas relações de críticas de condutas, seguidas por proposições de novas condutas ou na materialização de uma ação contra o elemento inicial criticado. Essa luta é indicação de uma oposição aos elementos de dominância do colonialismo espanhol, da brutalidade direta de suas tropas sobre Cuba ou ainda do retrato da violência da escravidão. As críticas contra os malês do colonialismo rumam para uma ideia uníssona de incitação à luta contra a fonte opressora, dada a indignação do povo. Esse é valorizado e tem suas ações expressas pela oposição de luta ou morte.

Logo, formasse uma processualidade na qual o signo de *morte* deve ser entendido como parte essencial do processo e não como da finalidade da luta, sacrifício vago ou

²³⁵ MARTÍ, 1997, p. 68-71.

desdém à vida. É a expressão da defesa e valorização das vidas violentadas, atravessadas pelas memórias dos que lutam, envoltas de sentimentalidade.

El enemigo brutal / Nos pone fuego a la casa; / El sable la calle arrasa,
/ A la luna tropical.

Pocos salieron ilesos / Del sable del español; / La calle, al salir el sol, /
Era un reguero de sesos.

Pasa, entre balas, un coche: / Entran, llorando, a una muerta; / Llama
una mano a la puerta / En lo negro de la noche.

No hay bala que no taladre / El portón; y la mujer / Que llama, me ha
dado el ser; / Me viene a buscar mi madre.

A la boca de la muerte, / Los valientes habaneros / Se quitaron los
sombrosos / Ante la matrona fuerte.

Y después que nos besamos / Como dos locos, me dijo: / "Vamos
pronto, vamos, hijo; / La luna está sola: vamos".²³⁶

O início do poema XXVII denuncia o ataque do inimigo brutal, que incendeia a “nossa casa”, criando uma identificação com quem lê e convidando a compor a oposição ao inimigo espanhol. Seguindo, a ação espanhola ataca pelas ruas com seus sabres, em meio à noite, a qual revela o *elemento natural* como espectador pela figura da lua. A segunda estrofe informa que poucos saíram ilesos do ataque espanhol, o qual transformou a rua em uma vala de corpos rígidos (MARTÍ, 1997:116-118).

A terceira estrofe coloca a cena em movimento ao identificar uma carruagem que passa em meio as balas e na qual choram por uma falecida. Na quarta estrofe, a imagem do portão atacado indica o local em que o eu-lírico é chamado por sua mãe, que passou por perigos do ataque para buscá-lo. A quinta estrofe mostra a relação dos combatentes havaneses, adjetivados enquanto valentes, que retiram seus chapéus em ato de respeito diante da mãe forte. Aqui se coloca a questão da coragem frente à morte, seja pela mãe, seja pelos havaneses em combate (Idem:116-118).

Por fim, temos o eu-lírico que conta sobre os beijos emocionados do encontro e ouve a mãe falar sobre a necessidade de irem se juntar à menina - provável figura da filha -, que para encontrarem retornariam ao perigo, ponto indiscutível dada a prioridade da mãe em unir-se aos seus, sobrepondo-se a ideia da morte. Essa figura da mãe faz a

²³⁶ MARTÍ, 1997, p. 116-119.

expressão do ideal de defesa dos entes próximos, ponto de mediação com a coletividade²³⁷.

El rayo surca, sangriento, / El lóbrego nubarrón: / Echa el barco, ciento a ciento, / Los negros por el portón.

El viento, fiero, quebraba / Los almacigos copudos; / Andaba la hilera, andaba, / De los esclavos desnudos.

El temporal sacudía / Los barracones henchidos; / Una madre con su cria / Pasaba dando alaridos.

Rojo, como en el desierto, / salió el sol al horizonte; / Y alumbró a un esclavo muerto, / Colgado a un seibo del monte.

Un niño lo vio: tembló / De pasión por los que gimen; / Y, al pie del muerto, juró / Lavar con su vida el crimen!²³⁸

No poema XXX, a primeira estrofe mostra o *elemento natural* em relação ao barco que vem sendo enchido por centenas de negros escravizados. Posteriormente, o temporal - junção do “raio” e do “vento” anteriores -, sacode os barracões lotados, em que se destaca a figura da mãe e do filho, entre gritos. Quando o sol que surge revela-se um escravizado morto e pendurado (MARTÍ, 1997:124).

Na última estrofe não há elemento natural, o qual já vinha diminuindo de intensidade, até o anúncio do menino que vê o escravizado morto. O menino jura vingança ao reconhecer a dor dos que estão submetidos ao mesmo destino. Não há mais mediação do elemento natural, apenas a explicitação direta da relação do menino com o morto, da proposição de ação, da denúncia do crime²³⁹.

Vamos, pues, hijo viril; / Vamos los dos; si yo muero, / Me besas: si tú... ¡prefiero / Verte muerto a verte vil²⁴⁰

No poema XXXI o eu-lírico anuncia a possibilidade de morte, a partir da sua ida para a lutar pela pátria. Afirma que prefere ver a morte do filho a vê-lo vil - traidor da dignidade a ele confiada em relação à Pátria -, o que recoloca a questão da crítica de conduta e sua resposta pela proposição de ação²⁴¹.

¡Penas! ¿Quién osa decir / Que tengo yo penas? Luego, / Después del rayo, y del fuego, / Tendré tiempo de sufrir.

²³⁷ MARTÍ, 1997, p. 116-118.

²³⁸ MARTÍ, 1997, p. 124-125.

²³⁹ MARTÍ, 1997, p. 124.

²⁴⁰ MARTÍ, 1997, p. 126-127.

²⁴¹ MARTÍ, 1997, p. 126.

Yo sé de un pesar profundo / Entre las penas sin nombres: / ¡La
esclavitud de los hombres / Es la gran pena del mundo!²⁴²

As duas primeiras estrofes do poema XXXIV descrevem o eu-lírico que ignora as suas dores. Essa postura só se modifica na ação simbólica do elemento natural. Dessa forma, o fluxo de ideias se conclui quando o eu-lírico afirma conhecer um pesar profundo, dentre outras dores, se referindo a escravidão como a grande dor do mundo. Destaca-se a preocupação pela dor coletiva, signo de humanidade, sobrepondo-se à sua dor individual que perde importância. Ademais, se coloca aqui a construção de uma moral individual submetida a ética coletiva, logo havendo destaque para a problemática social em primazia a individual (MARTÍ, 1997:132).

III.

O caminho em que visualizamos as noções de crítica e proposição, para além de comporem a forma de construção poética de Martí, nos legaram indicativos importantes acerca da junção de outros elementos em torno da ideia de luta. Dessa forma, nos atentaremos na interação desses signos – *Memória, Morte e Amor* -, que transpassam a obra assumindo papéis de: mediação, acentuação temática, caracterização político-estética e particularidade poética que singulariza os *versos simples*.

Seguindo em partes, o já citado caráter mediador do *elemento natural* se mostra presente no nexos de *sentimentalidade*, no qual diversos sentimentos emergentes ao eu-lírico se expressam como vação direta sobre o mundo-temática da qual fala. O complemento para a lógica interna dos versos constrói uma sistemática e acrescenta aspectos temporais – em signos que tratando de temas distintos conectam-se pelo fluxo sentimental -, que parecem individuais a cada poema, mas que expressam resquícios de objetividade da subjetividade conscientizada no real, o qual é apreendido e fundante da sistematicidade que perfaz o livro. Fica evidente o sentido da poeticidade dos versos considerando a historicidade que forma a sistematicidade mediadora e que expressa a finalidade de luta junto aos outros nexos destacados. Esses integram a totalidade poética, posta como múltipla interação desses elementos, em diálogo, e que gera diferentes níveis de expressividade²⁴³.

²⁴² MARTÍ, 1997, p. 132-133.

²⁴³ MÉSZÁROS, 2013, p. 68-69.

Assim sendo, vemos no fluxo sentimental a segunda forma de mediação ao compor a sistematicidade dos versos, juntamente com o *elemento natural*. Surge uma relação dialógica entre os mediadores que potencializam as temáticas apresentadas.

Esses sentimentos aparecem nos *Versos* de duas maneiras. A primeira é composta por estrofes de poemas em que a sentimentalidade funciona como complemento em trechos da cena podendo ser encontradas nos poemas X, XIII, XIV, XVI, XVII, XVIII e XLIII.

¡Arpa soy, salterio soy / Donde vibra el Universo: / Vengo del sol, y al sol voy; / Soy el amor: soy el verso!²⁴⁴

Evidenciada na sétima estrofe do poema XVII, o eu-lírico passa por um processo de recolhimento buscando o ressoar do universo. Afirma vir do sol e ir ao mesmo, ressaltando tanto o elemento natural quanto o sentimento de amor que se relaciona com o verso (MARTÍ, 1997:96).

O segundo momento é composto por poemas íntegros em que a sentimentalidade se aplica como mediadora, ao mesmo tempo que ocorre o destaque na temática retratada. Seguem-se os poemas XV, XIX, XXI, XXXV e XXXVII. E usando o terceiro listado como exemplo:

Ayer la vi en el salón / De los pintores, y ayer / Detrás de aquella mujer / Se me saltó el corazón.

Sentada en el suelo rudo / Está en el lienzo; dormido / Al pie, el esposo rendido; / Al seno el niño desnudo.

Sobre unas briznas de paja / Se ven mendrugos mondados; / Le cuelga el manto a los lados, / Lo mismo que una mortaja.

No nace en el torvo suelo / Ni una viola, ni una espiga: / Muy lejos, la casa amiga, / Muy triste y oscuro el cielo.

¡Esa es la hermosa mujer / Que me robó el corazón / En el soberbio salón / De los pintores de ayer!²⁴⁵

A primeira estrofe do poema XXI fala sobre o eu-lírico que vê uma mulher, em uma galeria de pintores, e tem seu coração disparado por ela. A segunda estrofe dá continuidade para composição da paisagem poética mostrando que o eu-lírico se refere a um quadro, no qual está pintada a mulher, juntamente a outros elementos: ela está sentada

²⁴⁴ MARTÍ, 1997, p. 94-97.

²⁴⁵ MARTÍ, 1997, p. 104-105.

em solo duro, com o marido dormindo aos seus pés, enquanto segura um menino nu junto aos seios. A terceira estrofe explicita outros objetos da cena, feixes de palha, pães e um manto que desce como se fosse uma mortalha sobre mortos, com isso reforçando a ideia de dificuldade das figuras que protagonizam a tela. Por fim, a quinta e última estrofe retoma o motivo inicial, em que o eu-lírico, já tendo descrito o quadro, volta ao anúncio da figura feminina que lhe chamou a atenção e roubou seu coração em meio a galeria luxuosa dos pintores (MARTÍ, 1997:104).

A cosmovisão sentimental de Martí carrega uma complicação no que refere a representação que faz sobre as mulheres. O cubano mantém uma percepção dual, pois de um lado não opôs seu projeto político às mulheres que buscavam estudo, trabalho e a defesa dos direitos civis. Mas por outro, manteve uma noção religiosa em torno de uma mística feminina que remontaria à figura de Eva (RAMA, 1980:378-780)²⁴⁶.

“Martí padecerá de todas las tentaciones, pero procurara salvar la ‘virgen trimula’ o la ‘hermosa mujer’, esposa y madre, esa que ve en ‘el salón de los pintores’, que no en la realidad, y a la que dedica el poema de Versos sencillos que sigue inmediatamente al XX y cierra, con aparente respuesta, la pequeña serie erótica” (RAMA, 1980:381).

A ideação das duas formas de figura femininas correspondem à contraposição entre *cultura* e *natureza*, em que a forma idealizada da segunda, prevalece sobre a primeira. Isso reflete o contraste entre as novas formas de atuação das mulheres, a partir do final do século XIX, e a conservação de uma moralidade religiosa no autor que restringe sua concepção à conservação taxativa de uma moralidade religiosa sobre as mulheres. Vemos que a concepção religiosa de Martí também está formatada em sua concepção de naturalidade (RAMA, 1980:391).

Após a noção de sentimentos como segunda forma de mediação, focaremos nos motivos temáticos do signo de *Morte*. Para isso, os poemas II, XXVI, XXVIII, XXIX, XXXIII e XXXVI são de base para a identificação desse signo. Mirando o poema XXVIII:

Por la tumba del cortijo / Donde está el padre enterrado. / Pasa el hijo,
de soldado / Del invasor; pasa el hijo.

El padre, un bravo en la guerra, / Envuelto en su pabellón / Alzase; y de
un bofetón / lo tiende, muerto, por tierra.

²⁴⁶ RAMA, Ángel. *Indagación de la ideología en la poesía (los dípticos seriados de Versos Sencillos)*; Revista Iberoamericana, n. 112-112, jul.-dez., p. 353-400, 1980.

El rayo reluce; zumba / El viento por el cortijo; / El padre recoge al hijo,
/ Y se lo lleva a la tumba.²⁴⁷

A tumba rente ao trilho estabelece uma dialogia entre um elemento estático e outro elemento que indica movimento, respectivamente. A tumba é o mausoléu da figura do pai, pelo qual passa a figura do filho, entretanto, sendo este um soldado do invasor. Há um contraponto de elementos que apresentam vínculo, mas que representam uma antinomia de funções (MARTÍ, 1997:120).

A segunda estrofe apresenta uma resolução para a contraditoriedade posta na primeira estrofe, ao destacar a figura do pai enquanto aquele que agiu com bravura em guerra e que rompe o seu ponto fixo para além da tumba. Isso coloca a tensão em resolução dialética, dada a partir da ação anunciada na figura paterna, em que há a criação de uma nova possibilidade, a partir dos elementos dialógicos em ruptura-continuidade (Idem:120).

Seguindo, alçado, o pai com um bofetão estende o filho em terra, que morre. A construção simbólica ao desenvolver sua crítica de conduta condena aquele que luta ao lado do invasor contra a própria terra, postando-se contra o próprio povo. O pai considera a defesa da terra mais importante, frente ao filho que a subverteu pela invasão. A conclusão vem na última estrofe com os elementos naturais mediando a resolução da tensão posta, ao vermos o pai recolhendo o filho para a tumba, em união deste avulso à terra de origem (MARTÍ, 1997:120)

Os principais poemas que constituem o signo de *Memória*, centralizada como ponto focal do motivo poético, são VI, VII, VIII, IX, XI, XLI e XLV. Dessa forma, veremos como potencializam o caráter simbólico no *Versos*. Visando os poemas VII e XLV:

Para Aragón, en España / Tengo yo en mi corazón / Un lugar todo
Aragón, / Franco, fiero, fiel, sin saña.

Si quiere un tonto saber / Por qué lo tengo, le digo / Que allí tuve un
buen amigo, / Que allí quise a una mujer.

Allá, en la vega florida / La de la heroica defensa / Por mantener lo que
piensa / Juega la gente la vida.

Y si un alcalde lo aprieta / O lo enoja un rey cazurro, / Calza la manta
el baturro / Y muere con su escopeta.

²⁴⁷ MARTÍ, 1997, p. 120-121.

Quiero a la tierra amarilla / Que baña el Ebro lodoso: / Quiero el Pilar azuloso / De Lanuza y de Padilla.

Estimo a quien de un revés / Echa por tierra a un tirano: / Lo estimo, si es un cubano; / Lo estimo, si aragonés.

Amo los patios sombríos / Con escaleras bordadas; / Amo las naves calladas / Y los conventos vacíos.

Amo la tierra florida, / Musulmana o española, / Donde rompió su corola / La poca flor de mi vida.²⁴⁸

A primeira estrofe do poema VII apresenta Aragão, na Espanha, local pelo qual o eu-lírico nutre sentimentos francos, firmes e fiéis, tendo-o em seu coração. Por conseguinte, a segunda estrofe vem em tom explicativo com o eu-lírico decidindo contar ao seu interlocutor o motivo de nutrir tais sentimentos. Relacionando-os ao bom amigo e a mulher desejada, que lá tivera, se constrói um motivo poético voltado ao campo relacional do eu-lírico (MARTÍ, 1997:64-66).

A terceira estrofe apresenta o elemento natural que faz a passagem do caráter pessoal do poema para mostrar a disposição do povo pela luta, na estrofe seguinte. Seguindo, o povo se coloca em ação armada, com sua escopeta, para opor-se à opressão, seja de um prefeito ou de uma figura real. E na quinta estrofe, é dada a atenção às expressões de luta populares pelo eu lírico, que cita seu bem querer sobre a terra de Pilar, Lanuza e Padilha, as quais também foram contra as figuras despóticas e representam a rebeldia popular aragonesa (MARTÍ, 1997:64-66).

Se evidencia que esse processo de singularização e universalização dos objetos cantados, embora sejam mediados pela individualidade do eu-lírico, não deixam de ser construídos pela objetivação das experiências e vivências, e com isso refletem a subjetivação de uma objetivação posta, que dialogicamente se subjetiva. A apreensão do real pela subjetividade do eu-lírico é construção simbólica dependente do próprio limite do poema, não necessariamente fidedigno a acontecimentos reais, todavia, essa relação representacional da construção estética do poema não exclui a unicidade da subjetividade-objetividade expressa nas estrofes, mesmo que não se refiram a acontecimentos da vida do autor.

A sexta estrofe indica o respeito do eu-lírico por quem – seja cubano ou aragonês -, se contrapõe a um tirano, pondo-o abaixo, evidenciando a intenção de resistência a fim de se realizar “de uma vez”. Outra questão que se destaca é o reconhecimento de outros

²⁴⁸ MARTÍ, 1997, p. 64-67.

povos. Mesmo que o eu-lírico tenha cantado seus sentimentos por Aragão, a indicação de Cuba, além de mostrar a origem do eu-lírico, também se põe como proposição de aprendizado. Disto não podemos atribuir o sentido estrito de internacionalismo, mas há elementos que abrem possibilidade para tal (Idem:64-66).

Ao fim, a sexta e sétima estrofes acentuam o processo de pessoalização ao referenciar locais pelos quais nutre sentimentos positivos, sendo pátios, escadarias, barcos e conventos – sombrios -, silenciosos e vazios. Há o gosto por locais de inferência religiosa, não obstante esvaziados, ou sem preenchimento de figura religiosa, o que pode ressaltar a possibilidade de religiosidade no eu-lírico. E a declaração pela terra florida, muçulmana e espanhola, que se abriu ao eu-lírico enquanto ainda era jovem, na sétima estrofe, retoma a construção de uma estima internacional²⁴⁹.

Sueño con claustros de mármol / Donde en silencio divino / Los héroes,
de pie, reposan: / ¡De noche, a la luz del alma, / Hablo con ellos; de
noche! / Están en fila: paseo / Entre las filas: las manos / De piedra les
beso: abren / Los ojos de piedra: mueven
Los labios de piedra: tiemblan / Las barbas de piedra: empuñan
La espada de piedra: lloran ¡ / Vibra la espada en la vaina! / Mudo, les
beso la mano.

¡Hablo con ellos, de noche! / Están en fila: paseo / Entre las filas: lloroso
/ Me abrazo a un mármol: "¡Oh, mármol / Dicen que beben tus hijos /
Su propia sangre en las copas / Venenosas de sus dueños! / ¡Que hablan
la lengua podrida / De sus rufianes! Que comen / Juntos el pan del
oprobio, / En la mesa ensangrentada! / Que pierden en lengua inútil / El
último fuego! ¡Dicen, / Oh mármol, mármol dormido, / Que ya se ha
muerto tu raza!"

Échame en tierra de un bote / El héroe que abrazo: me ase / Del cuello:
barre la tierra / Con mi cabeza: levanta / El brazo, ¡el brazo le luce / Lo
mismo que un sol!: resuena / La piedra: buscan el cinto / Las manos
blancas: del soplo / Saltan los hombres de mármol!²⁵⁰

O poema XLV se inicia com o eu-lírico contando seu sonho: de um local com claustros de mármore (colunas arquitetônicas de construções religiosas), silencioso, em que heróis repousam de pé, em possível referência às estátuas e da simbologia das almas desses enquanto memórias. À luz da alma o eu-lírico interage por meio da fala e anda até beijar as mãos de pedra das estátuas de mármore, o que gera reações: as estátuas abrem os olhos, movem os lábios, mexem a cabeça (em referência a tremer a barba) e empunham a espada que treme na bainha, pelo próprio tremor das mãos. O movimento toma o lugar

²⁴⁹ MARTÍ, 1997, p. 64-66.

²⁵⁰ MARTÍ, 1997, p. 154-159.

do estático pela atribuição sentimental que retira as estátuas de uma representação engessada, ao tê-las chorando na cena. Retoma a construção representacional das estátuas enquanto símbolos de memória carregadas de ações humanas. E o eu-lírico renova a interação ao continuar beijando-lhes as mãos, o que mostra uma postura respeitosa ao significado das estátuas (MARTÍ, 1997:154-158).

A segunda estrofe retoma o motivo de interação noturna do eu-lírico, com as estátuas em fila, que chorando se abraça a um mármore (provavelmente ao claustro citado inicialmente). Segue-se um breve monólogo em que é evidenciado: a crítica aos filhos que “bebem o próprio sangue nas taças venenosas de seus donos”; que falam a língua podre dos “rufiões”; que comem o pão do opróbrio em mesa ensanguentada; e que pela língua inútil negam a sua origem ao anunciar que sua raça já se encontra morta. Em suma, esse último ponto finaliza a construção de uma crítica de conduta, a partir dessa sobreposição de motivos poéticos, a quem se põe contra a suas características de nascença, para endossar o alheio, aqui tido como representação das figuras dos “donos” (Idem:154-158).

Por fim, a última estrofe traz um contraponto pela ação, dado que após o monólogo do eu-lírico, em que o herói de pedra que lhe agarra o pescoço e joga-o de cabeça ao chão. A construção de proximidade sentimental da primeira estrofe ganhou outras camadas de complexidade, já que a reação do herói foi de raiva, o que abre a possibilidade de ter se zangado com o eu-lírico por este ter-lhe trazido a mensagem ou por ele estar em postura chorosa e estático frente ao ocorrido denunciado. Em seguida, o herói levanta o braço como um sol, em movimento enérgico, ressoando a pedra e buscando com as mãos o cinto em encontro à espada, para enfim saltarem dos tronos em que se encontram. Há a clarividência da proposição à ação e a ideia dos mortos que voltam para intervir na vida e combater os traidores (MARTÍ, 1997:154-158).

O último signo que compõe a tríade central aqui proposta, *Amor*, tem referências mais diretas nos poemas IV, XX, XXIV e XLVI. Logo, adentremos em verso exemplificador para posteriormente podermos dar um fechamento a relação geral da tríade. Na análise do poema XLVI:

Vierte, corazón, tu pena / Donde no te llegue a ver, / Por soberbia, y por
no ser / Motivo de pena ajena.

Yo te quiero, verso amigo, / Porque cuando siento el pecho / Ya muy
cargado y deshecho, / Parto la carga contigo.

Tú me sufres, tú aposentas / En tu regazo amoroso, / Todo mi amor doloroso, / Todas mis ansias y afrentas.

Tú, porque yo pueda en calma / Amar y hacer bien, consientes / En enturbiar tus corrientes / Con cuanto me agobia el alma.

Tú, porque yo cruce fiero / La tierra, y sin odio, y puro, / Te arrastras, pálido y duro, / Mi amoroso compañero.

Mi vida así se encamina / Al cielo limpia y serena, / Y tu me cargas mi pena / Con tu paciencia divina.

Y porque mi cruel costumbre / De echarme en ti te desvía / De tu dichosa armonía / Y natural mansedumbre;

Porque mis penas arrojó / Sobre tu seno, y lo azotan, / Y tu corriente alborotan, / Y acá, lívido, allá rojo,

Blanco allá como la muerte, / Ora arremetes y ruges, / Ora con el peso cruje / De un dolor más que tú fuerte,

¿Habré, como me aconseja / Un corazón mal nacido, / De dejar en el olvido / A aquel que nunca me deja?

Verso, nos hablan de un Dios / A donde van los difuntos: / Verso, o nos condenan juntos, / O nos salvamos los dos!²⁵¹

O poema XLVI revela a relação do eu-lírico que guarda toda sua carga sentimental em seu coração, o que mostra a unicidade sujeito-coração perpassados por constante alternância – e sobreposição do primeiro sobre o segundo -, como se fossem entidades cindidas ou autônomas de si. Há a impossibilidade de separação entre ambos, ao passo que são a unidade do movimento da ação e sentimento, evidenciados em uma relação de sentimentalidade do eu-lírico e que se deposita no coração que o apoia, pois é parte dele mesmo, potencializando a transformação do coração em verso como forma resolutiva da unicidade anunciada (MARTÍ, 1997:160-164).

Os motivos temáticos destacados enquanto *Memória*, *Morte* e *Amor*, constituintes da tríade de signos centrais dos *Versos Sencillos*, para além de apresentarem momentos unos em que poemas destacaram suas adequações como fio condutor da ideia poética expressa, também compartilham a multiplicidade relacional que os conectam ao signo central do momento no poema da vez. Exemplificando, o destaque em torno da *Morte*, nos poemas respectivos destacados e tratados, teve temas secundários fortemente marcados pelas noções de memória, amor e sentimentalidade. Já os poemas agrupados em torno da *Memória* foram transpassados pelos mesmos temas relacionais de

²⁵¹ MARTÍ, 1997, p. 160-165.

sentimentalidade, condensada nos signos amor e morte. No nexo de *Amor* se marcou fixamente a construção em torno da memória.

Destaca-se que o que é guardado por essa memória, o motivo que leva ao tema da morte e que expressa a sentimentalidade, muda de dimensão ao retomarmos que são fluxos de consciência *dos eu-líricos*. Antes de serem apenas as vozes na poesia são a expressão da tríade em movimento, já que não há fixação, mas orientação constante ao ir, vir, lembrar, sentir, anunciar a chegada da morte, em que o estático não tem vez e em que o movimento assume a dimensão de ação. Dessa forma, há uma manifestação da poeticidade dos poemas que se põe como finalidade política ao passo que o juízo de valor do eu-lírico não é neutro.

Por conseguinte, se retomarmos alguns pontos nos próprios poemas veremos um trajeto dos nexos acima expostos, orientados pela proposição de ação martiana. O poema XXIII²⁵² coloca em voga o canto ao natural até mesmo frente a morte, a qual se põe de forma positiva se realizada junto ao natural, em oposição a ideia de morrer no escuro, ou seja, distante da naturalidade enquanto traidor. Em sequência, existe um aumento de tensão e temor no poema XXVII²⁵³ que pinta a cena de um ataque espanhol à Havana, a qual é devastada pela violência do inimigo que incendeia casas e mata pelas ruas com seus sabres, transformando-a em vala. Exemplifica-se a representação da morte que é transpassada pelo elemento natural, aqui posto apenas como espectador. A ambientação dá lugar a figura de uma mãe, figura corajosa que enfrenta a morte para buscar seu filho, junto ao havaneses que lutam contra os espanhóis. Das relações dessa construção poética extraímos o caráter de proposição de ação pela defesa da coletividade.

O poema XXX²⁵⁴ alterna as imagens do elemento natural nas estrofes - expressando frenesi e caracterizado negativamente - com cenas que remetem para a escravidão: de violência contra escravizados num barco, na figura de uma mãe e seu filho, de um menino e um escravo morto. Coloca-se em voga não somente a denúncia dos crimes, mas a prospecção de ação e redenção para os que sofrem com o escravismo.

O poema XXXI²⁵⁵ trata da relação do eu-lírico com seu filho, indo ambos lutar pela sua terra natal ao encarar os inimigos de frente. O filho é descrito positivamente sendo atrelado ao aspecto natural, que medeia a relação desse com a terra e mostra a ação

²⁵² MARTÍ, 1997, p. 108-109.

²⁵³ MARTÍ, 1997, p. 116-119.

²⁵⁴ MARTÍ, 1997, p. 124-125.

²⁵⁵ MARTÍ, 1997, p. 126-127.

que se volta à coletividade. Por fim, o eu-lírico anuncia que se caso morra, que receba afeto e que prefere ver o filho morto a ter lutado contra sua pátria. Essa constatação carrega em si a crítica de conduta por esse tipo de escolha caso se ponha a possibilidade de traição.

O poema constrói XXXIV²⁵⁶ a ideia do eu-lírico que sujeita sua moral individual à ética coletiva da humanidade ao identificar a escravidão como grande dor do mundo. Além de criar um motivo poético de denúncia dessa condição, cria a ideia de proposição de ação para um objetivo de vida que culmine no enfrentamento dessa problemática.

O poema XXXVIII²⁵⁷ centra-se na ideia de denúncia e enfrentamento ao tirano e seus erros, os quais tem de ser combatidos pela fúria dos escravizados, sem haver tempo para dirigir forças a outros âmbitos aparentes, pois o essencial se coloca na condução do posicionamento contra a tirania, o que só se faz em coletividade.

O que queremos demonstrar aqui é que essa proposição de ação martiana é marcadamente político-estética em seus versos, os quais são expressão estética de poeticidade, mas com finalidade política orientada, seja objetivamente nos poemas de denúncia direta, seja subjetivamente – ponto para o qual recolocamos que a subjetividade se objetiva historicamente, portanto, como expressão e portadora dos resquícios de luta de quem a produziu, em práxis em seu contexto sócio-histórico. Como anunciado pelo poeta, na segunda estrofe de seu terceiro *Verso*:

Con los pobres de la tierra / Quiero yo mi suerte echar: / El arroyo de la sierra / Me complace más que el mar.²⁵⁸

IV.

Em intensa produção crítica nos anos de retorno e fixação em Nova York, José Martí publicou os seus *Versos Sencillos* (1891), última obra poética que veio como resultado sensível após as controvérsias da Conferência de Washington. Essa postulava a sobreposição neocolonialista estadunidense sobre Cuba, por meio do expansionismo intervencionista, a fim de transformar a ilha em um protetorado anexado diretamente. Assim sendo, os *versos* emergem como recolhimento de uma subjetividade

²⁵⁶ MARTÍ, 1997, p. 132-133.

²⁵⁷ MARTÍ, 1997, p. 140-141.

²⁵⁸ MARTÍ, 1997, p. 50-55.

profundamente marcada pelo seu contexto histórico e passam a representar a objetivação das dinâmicas da vida em impressões poéticas indissociáveis da realidade²⁵⁹.

Quem de nós já não teve a experiência de que os acontecimentos nunca se mantêm iguais depois de serem ditos? A palavra alterna nossa lembrança do fato, ora tornando-o mais grave, ora aliviando- de seu fardo molesto quando não trágico. O absurdo que ronda tantas vezes o cotidiano precisa da palavra para dar-lhe algum sentido ou, no limite, manifestar a estranheza pela sua falta de sentido (BOSI, 2015:23).

A poesia de Martí, segundo Lopes, é inseparável de seu valor moral envolta dos sentimentos de solidariedade e amor. O que tem de ficar evidente por agora²⁶⁰ é que essa moral não é o sinônimo de uma moralidade individualista, mas se constrói como lógica propositiva de ação que medeia a subjetividade do autor na realidade. E a representação poética na obra, não sendo apenas um recolocar espelhado do que aparece de imediato na realidade, mostra uma consciência orientada para uma ética coletiva²⁶¹.

[...] O sentimento, em poesia, é necessariamente representado por ideias que lhe correspondem, e estas, por palavras e versos que as representam. Por isso, a “linguagem há de ser matemática, geométrica, escultórica. A ideia há de encaixar exatamente na frase, tão exatamente que não possa tirar-se nada da frase sem tirar o mesmo da ideia”²⁶² (LOPES, 1997:27).

Há em Martí a conciliação de uma revolução política e de uma revolução literária. Os *Versos Sencillos* são a expressão desse momento ao articularem uma simplicidade que é compêndio de complexidades poéticas, que fundem uma métrica difícil à clareza de ideias, ambas com profunda raiz popular, resultando em uma oralidade sentimental de pensamento denso e objetivo (LOPES, 1997:27-29).

Acerca da questão da métrica Sidnei Schneider²⁶³ completa que os Versos são a união da poesia popular com a erudição da tradição poética, ao se utilizar das quadras para se expressar. A qualidade desta vem da junção em conduzir forma e conteúdo em unidade²⁶⁴.

O poema, segundo a contagem espanhola organiza-se em versos octossílabos, agrupados principalmente em quadras, mas também em

²⁵⁹ LOPES, 1997, p. 17-18.

²⁶⁰ Essa elaboração será devidamente explanada no terceiro capítulo ao se tratar da particularidade estética.

²⁶¹ LOPES, 1997, p. 19-25.

²⁶² MARTÍ Apud. LOPES, 1997, p. 27.

²⁶³ SCHNEIDER, SIDNEI. Sobre o poema e a tradução. In.: *Versos Sencillos* / José Martí, tradução, notas e posfácio de Sidnei Belmur Schneider; prefácio de Carlos Batista Lopes. – Porto Alegre: SBS, p. 174-179, 1997.

²⁶⁴ SCHNEIDER, SIDNEI. “Sobre o poema e a tradução” in.: MARTÍ, 1997, p. 174-176.

sextilhas (XLIII), oitavas (XV, XXXIX) e estrofes livres (XLV). A rima das quadras se dá geralmente em *abab* e *abba*, e ocorrendo também *aabb* (XXXVI e estrofes 2ª e 4ª da parte XLIV) e *aaaa* (XLII). As partes VIII, XII e XXIII apresentam rima vocálica ou toante no esquema *abcb*, podendo ocorrer aproximações vocálicas átonas ou consonantais entre o final dos versos primeiro e terceiro. As sextilhas da parte XLIII vêm rimadas em *ababaa*; as oitavas das partes XV e XXXIX, mais propriamente a união de duas quadras, então no esquema *abbacddc*, sendo que a última, em sintonia mais fina, poderia ser expressa por *abbaacca*. As estrofes livres de 14, 15 e 9 versos da parte XLV aproximam-se dos poemas do volume *Versos Libres* do mesmo autor, ainda que não destituídas inteiramente de rima e mantendo a métrica octossilábica. Na apresentação de 1891, Martí ressalta o uso de aliterações como parte integrante de sua poética ao indagar se deveria “dizer por que repito uma consoante de propósito ou as graduo de modo que entrem pelo olhar e pelo ouvido direto à sensibilidade”, o que fica como um alerta à acuidade do leitor (SCHNEIDER, 1997:176-177).

Nesse sentido, o forte caráter popular da métrica martiana em seus *Versos* é reposto por Gabriela Mistral, segundo a qual há o ressaltado da estrutura em oitavas aproximada da simplicidade poética e do cantável popular, com isso expandindo consideravelmente seu alcance: “[...] Parecen versos de tonada chilena, de habanera cubana, de canción de México, y se nos vienen a la boca espontáneamente” (MISTRAL, 1939. Apud. RETAMAR, 1995).

Indo ao aspecto geral, como se explica a questão da pessoalidade de um texto tão íntimo aos sentimentos de Martí, com a potencialidade de vir a ser expressão de universalidade? A subjetividade e individualidade se formam pela identidade com o outro. Ou seja, há uma relação dialética entre a particularidade poético-estética que constitui o conteúdo e a forma como se alçam ao universal, a partir do singular. Disto se estabelecem as categorias de luta, liberdade e pertencimento como teores indissolúveis à essa identificação da individualidade com o coletivo. É a construção de um caráter poético-estético em-si para o poético-estético para-si do conjunto social, expresso na relação povo-humanidade (LOPES, 1997:30-31).

Toda a sedimentação de proposições de conduta e ação se revelam na finalidade da obra. Para Lopes há um caráter heroico, de uma épica contemporânea, que não foca numa personagem heroica, mas que identifica ao sujeito singelo a responsabilidade da defesa do povo ao qual pertence.

[...] Sua própria poesia é singularmente heroica, mas num sentido diferente, novo: é o heroísmo do homem comum, do homem que deixa de ser comum e se eleva, se transforma em herói porque não quer a sua casa e a sua pátria humilhadas, os seus compatriotas famintos e sedentos, as crianças morrendo sem razão, a miséria e a fome oprimindo

e desumanizando seus semelhantes, em suma, o heroísmo nele não é uma determinação divina ou congênita, é algo acessível a todos os seres humanos, um triunfo de sua vontade sobre as circunstâncias. É o heroísmo da massa, do povo, daqueles negros, mulatos, trabalhadores, com os quais a subserviente elite cubana o acusava de misturar-se – e com toda razão (LOPES, 1997:33).

Em continuidade, existe a caracterização de Martí como literato, porém diferente dos de seu tempo ao se pautar por uma integridade intelectual política, que não se fechou à crítica política e que compôs a expressão geral de suas letras conciliando ética e estética (LOPES, 1997:10-11).

A poesia de Martí se destaca, pois não foi tomada por uma preocupação literata comum a seu tempo de reproduzir os movimentos literários modernistas da Europa para a América, mas buscou o tempo real do continente. Neste a sua obra poética se realiza, pois é resultado da função que exerce sobre essa realidade, a que lhe dá condições de existir, só podendo ser reconhecida por sua utilidade histórica. Logo, deve ser entendida em seu contexto, pois é onde ganha a sua potencialidade (RETAMAR, 1983:59).

Pareceria a função social da poesia descolada da emergência das tarefas necessárias à construção revolucionária e, com isso, figuras como Martí poderiam ser taxadas de idealistas. Porém, para o sujeito que morreu em batalha a primeira ideia não serve, já que se enquadrava enquanto revolucionário-poeta, criador de poesia de luta, comprometidas com a defesa da vida (VASQUES, 2022:477-478)²⁶⁵.

Se olharmos os poemas pelas mãos da história:

Parafraseando Marx, os poetas fazem seus próprios poemas, mas não o fazem como querem, não o fazem sob circunstâncias de sua escolha, e sim sob aquelas com que se defrontam, a partir de sua classe, legadas pelas lutas do passado. Partimos sempre de um chão histórico dado e podemos negá-lo ou aceitá-lo, seja em aspectos específicos ou em sua totalidade. Não há, portanto, como separar o ser-no-mundo de sua obra artística. Toda poesia, nesse sentido, é política, mesmo quando não aborda questões sociais e políticas, porque expressa, com seu fazer artístico ou silêncio seletivo, vetores que legitimam ou rompem com o mundo herdado (VASQUES, 2022:479-480).

Esses poetas na vanguarda da luta, tal qual Martí, possuem olhares atentos para as contradições do real, estabelecendo sua poeticidade como respostas as necessidades de seu tempo (VASQUES, 2022:481).

²⁶⁵ VASQUES, Jeff. Apresentação da primeira edição. In.: ANTOLOGIA. Poesia de luta da América Latina. Segunda edição, ampliada e revisada, Trunca, p. 477-486, 2022.

Endossando a mesma percepção sobre o conteúdo da função histórica do que Martí deixou escrito, na qual o literato e o revolucionário se confundem e a poesia se dá como expressão do sentimento de seus atos políticos, Sanchez aponta para a construção poética da Pátria como sinônimo de humanidade, da liberdade como universalidade democrática, não retida apenas ao âmbito idealizado, mas tida à relação dialética entre os contextos nacional e internacional, os quais Martí conheceu exilado e atuando em vários países²⁶⁶. Logo, a poeticidade martiana está baseada nas possibilidades de intervenção da realidade concreta, não com o olhar apenas na possibilidade de liberdade do dever, mas com atenção ao povo e à terra que formam o cotidiano, o qual sem esses não pode ser, mesmo que desvencilhado das amarras coloniais.

A poesia de Martí era vasta: inspirada em sentimentalidade que desde a vinculação à terra, saudosa pelos tempos de exílio, se deu como liame de sua obra poética. Foi poeta por excelência, inquieto e veemente, só podendo ser em vinculação à história de Cuba, para a qual se expressou: sua poesia reflete o seu tempo, reflete a sua Cuba (SANCHEZ, 1954:202-207).

Martí condensou esteticamente a experiência histórica pela independência²⁶⁷, em uma lírica que uniu conteúdo e forma relacionadas diretamente com as transformações socioculturais de seu tempo, emergindo uma criação estética entrelaçada com a concretude das contradições da expansão do imperialismo estadunidense na América Hispânica do final do século XIX. Os versos são armas da sua determinação de luta pela libertação nacional, sendo mistura de indignação, angústia e militância (LEITÃO, 2022:20-23).

Se até o presente momento foi devidamente ressaltado a poesia em historicidade, resultando em uma práxis martiana que tem a lírica como momento indissociável da ação, perdura uma questão relevante: como lidar com os teores conceituais de acepção universalista da poesia de Martí que ligam seus versos a noção de humanidade? Ou ainda, essa ligação é apenas retórica e idealista, enquanto construção político-ideológica, ou se mostra como parte da complexidade de um pensamento, em última instância, em movimento?

Acerca disto, em defesa de um Martí ativista anticolonial e com expressão literária engajada em uma estética sociocultural e política, Pisan e Nenevé analisam a estética anticolonial dos *Versos Singelos* apresentando o autor como idealista, em que faz dos

²⁶⁶ SANCHEZ, 1954, p. 199-209.

²⁶⁷ LEITÃO, 2022, p. 9.

poemas morada da universalidade da sua concepção sobre o mundo, mesmo que reivindique uma estética que represente a realidade latino-americana. A leitura dos *Versos* seria marcada pela simplicidade do lirismo e do que o cubano fez com as próprias mãos, que ganham o caráter universal ao serem versos-armas de combate, em defesa da pátria-universal (PISAN; NENEVÉ, 2016).

Seguindo, destacam a crítica martiana à renúncia do estereótipo eurocêntrico e sobre a devastação cultural latino-americana. Partindo de uma leitura decolonial, Martí é apresentado como idealista convicto²⁶⁸. Entretanto, há uma má compreensão do termo, já que é usado no sentido literal “daquele que defende os seus ideais”, e não enquanto acepção que a tradição político-filosófica atribui à noção enquanto derivação de “idealismo”.

Embora haja a sua coerência, teceremos a relação do pensamento prático, de acepção universal enquanto projeto político, logo, partindo da objetividade da categoria política, de um pensador que tem o estético como momento marcante de sua práxis revolucionária e não enquanto idealismo em abstração.

Acerca dessa problemática, Antônio Candido²⁶⁹ nos dá apontamentos importantes ao identificar que cada obra é única pela personalidade que a forma, vinda de um pensamento próprio, marcado por intuições e confidências, resultando em uma expressão insubstituível. Ao mesmo passo, o fazer-se literário é coletivo ao necessitar de meios, como as palavras, para mobilizar indivíduos em outro tempo-espço e estabelecer uma forma comunicacional²⁷⁰.

Assim, não há literatura enquanto não houver essa congregação espiritual e formal, manifestando-se por meio de homens pertencentes a um grupo (embora ideal), segundo um estilo (embora nem sempre tenham consciência dele); enquanto não houver um sistema de valores que informe a sua produção e dê sentido à sua atividade; enquanto não houver outros homens (um público) aptos a criar ressonância a uma e outra; enquanto finalmente, não se estabelecer a continuidade (uma transmissão e uma herança), que signifique a integridade do espírito criador na dimensão do tempo (CANDIDO, 2000:127-128).

Se considerarmos que os *Versos* configuram uma epopeia literária, a ética torna-se ponto indissolúvel. O sujeito dos versos martianos não é posto como imperativo-moral a ser seguido enquanto representante do dever-ser social, mas é condutor de erros e

²⁶⁸ PISAN, NENEVÉ, 2016.

²⁶⁹ CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade / Antônio Candido Mello e Souza - 8ª ed.* – São Paulo: T. A. Queiroz, Publifolha, p. 1-35; 67-81; 101-182, 2000.

²⁷⁰ CANDIDO, 2000, p. 127.

acertos fundamentados na potência da memória. É marcadamente comum e diametralmente oposto a construção de um herói representativo de um povo, pois faz parte desse (CANDIDO, 2000:158).

Refletindo sobre essa intensidade da memória a temos como abrigo da linguagem de sucessivas gerações, que marcadas em tom de afeto, imaginação e incentivo de ação, tornam-se poesia. Esta recria elementos da vida, atribuindo-lhes percepção amorosa que culmina em um elemento portador de voz, fonte de expressão (BOSI, 2015:9-10).

É justamente nesse sentido que vai a poética martiana ao cravar a memória como interseção entre a gerações, linguagem e afeto, que as fazem no seu ir sendo do cotidiano. Expressam o vínculo norteador de ação pela voz que clama a luta, que partindo da memória propõe - em continuidade - uma crítica à forma societal vigente contraditória a essa. Se irrompe a necessidade de luta, não é como construção desconexa historicamente, mas como resultado do profundo entrelaçamento da memória em afeto.

A poesia é ainda nossa melhor parceira para exprimir o outro e representar o mundo. Ela o faz aliando num só lance verbal sentimento e memória, figura e som [...] (BOSI, 2015:20).

A história, pressupondo movimento, tem o embate entre o objeto poético e o mundo ao qual esse se dirige implicando influências sobre o tempo²⁷¹. As vozes dos poemas, embora profundamente alinhadas a um eu-lírico que se apresenta coeso, parecem compartilhar-se com os objetos referidos, criando pontes de contato, aos eventos, pessoas, situações que cantam, em uma rede de reivindicação que não é única para a subjetividade do eu-lírico, mas presença na proposição de uma coletividade aproximada. Pontua Bosi: “a poesia sabe entrar por veredas imprevistas, e quanto mais o eu-lírico parece murar-se na pura singularidade, tanto mais universal é o seu alcance” (BOSI, 2015:25).

Logo, como ficaria o cotidiano frente a esses devaneios da poesia? Longe de estático ou suspenso, o cotidiano é profundamente atravessado pelas dinâmicas e marcas gerais da realidade, as quais mesmo podendo assumir uma tonalidade universalista - enquanto elemento natural, memórias, destaque a injustiças - são o tempo em seu aspecto presente, não imediatista, e que destacam signos do movimento concreto que não deixam o cotidiano se omitir.²⁷²

Ángel Rama analisa o objeto poético ao mesmo tempo que busca entender as especificidades estéticas deste, se indagando sobre a função da ideologia como

²⁷¹ BOSI, 2015, p. 15-16.

²⁷² BOSI, 2015, p. 18.

instrumento construtivo da obra poética. A retomada da poesia é importante, pois geralmente não é analisada como fonte para a luta político-social que emerge sobre a obra de Martí. Nesse sentido, Rama endossa Vitier na concepção de que "la revolución de la expresión en él se conectaba íntimamente con la revolución histórica y política" (Vitier apud. RAMA, 1980:354).

O uso da categoria de ideologia mostra a função integradora das multiplicidades culturais que relacionam individualidade e coletividade frente à práxis martiana. Logo, não se deve racionalizar mecanicamente o pensamento na produção da obra poética, ao passo que o próprio contexto de produção dos *Versos* mostram a primazia da angústia e não a intencionalidade de manifestação política, mesmo que esta esteja lá. Deve-se entender a sentimentalidade da subjetividade no que ela expressa, em via relacional com as possibilidades de expressão política, que influi sobre a primeira e é por ela influenciado, todavia não sendo maior do que a expressão poética, embora não se dissocie e influencie socialmente (RAMA, 1980:355-356). Ademais, posiciona a poesia:

como un sistema productivo privilegiado donde se conjugan los mis variados niveles conscientes e inconscientes, así como los diversos discursos que de ellos proceden, mediante un positivo esfuerzo de opciones, rechazos, equilibrios de fuerzas e invenciones, de modo de superar las contradicciones y responder a ellas mediante una proposición estética en que se asume la totalidad actuante, pasada y presente, procurando darle un sentido, tarea en que la ideología cumple función preponderante (RAMA, 1980:357).

Para Rama, há a oposição entre *Natureza* e *Cultura*, representativas do âmbito natural e do âmbito social, sendo expressões significantes e significadas, respectivamente. Em articulação, o aspecto significativo potencializa o significado social. Logo, a ideologia da naturalidade opera como "força estruturante na obra" ao estar centralizada (RAMA, 1980:365-366).

Natureza e *cultura* se alternam na atribuição de significados como caso da noção de belo posto no poema XII. O poema é uma "confissão de experiência" em que a interação da experiência do eu-lírico com o binômio natureza-cultura forma ressonâncias simbólicas (RAMA, 1980:367).

Essas ressonâncias, ao serem atravessadas pelo elemento mediador de suas singularidades, expõem os pontos coerentes e contraditórios de suas relações, os quais compõem o processo poético. Como resultante temos a simbolização e a construção de sentidos pelo inconsciente, pela consciência intelectual e pelos desejos do autor (RAMA, 1980:368-370).

A formação intelectual de Martí culminou em uma concepção de "equilíbrio harmônico da natureza"²⁷³, limitada pelo não reconhecimento da variação histórica da unidade da produção posta por Marx, o que influenciou na acentuação martiana do caráter natural sobre as especificações socioeconômicas do modo de produção (RAMA, 1980:374).

Para Rama, mesmo que Martí tenha vivido no "centro da problemática da modernidade" tentou equilibrar as contradições decorrentes com uma concepção moderada de mundo (RAMA, 1980:378-379).

Para os *Versos*, conceituados pela simplicidade, o que não é sinônimo de falta de complexidade, os signos de *Memória*, *Morte e Amor* são via de fluidez²⁷⁴. Assim sendo, a memória é mantida em movimento, evitada de se tornar solidez imóvel aos contemporâneos, e pela qual o amor se anuncia.²⁷⁵

Porém, qual significado que assume a questão da *Morte*? Diferentemente do tom majoritário ao qual o *topos* da morte significa fatalidade, em Martí, ela se despe da angústia existencial sendo vida em transformação²⁷⁶. Isso não inibe que o *signo* apareça a partir das violências do colonialismo e despotismo espanhol, inclusive sendo os momentos de mais significativa sentimentalidade que assumem os poemas. Mas são partes integrantes do conjunto simbólico que reconhece a importância dessas expressões de morte, para recolocá-las como possibilidades da vida que se transforma, eticamente consequente com o interrompimento das mortes pela violência colonial.

A tríade de signos dos *Versos* radicaliza o processo de humanização²⁷⁷. O sujeito poético busca constantemente seus mortos, para vingar os seus vivos e emanar seu afeto, aqui sim, marcado por angústias de impotência individual ao não poder salvar os ensanguentados do poema XLV²⁷⁸. E não ficando apenas como evocação do eu-lírico sobre as memórias dos mortos, se movem como gigantes, em um respaldo que é amplo e está para além do *ser-em-si* do eu-lírico, exercendo autonomia como expressão de muitos que lutam pela vida compartilhada à terra, às memórias, aos afetos e à vivência contínua. Concisamente, a memória é condição para as proposituras de luta dos versos²⁷⁹.

²⁷³ RAMA, 1980, p. 371.

²⁷⁴ BOSI, 2015, p. 28.

²⁷⁵ BOSI, 2015, p. 36.

²⁷⁶ BOSI, 2015, p. 66.

²⁷⁷ BOSI, 2015, p. 42.

²⁷⁸ BOSI, 2015, p. 59.

²⁷⁹ BOSI, 2015, p. 142.

No que se refere a relação entre realidade e seu reflexo poético, os *Versos* alternam entre a apresentação de eventos diretamente situados no plano real e eventos simbolizados no plano dos devaneios, entretanto, tendo esse segundo uma ancora de fixação à realidade pelos resquícios de lembranças do eu-lírico no real e signos que remetem à dinâmica da primeira esfera. Esses fluxos de devaneios se elevam da base mundana, a qual o eu-lírico experiencia, se elevando a uma esfera de poeticidade, a princípio autônoma, mas em seu movimento profundamente vinculada à realidade, que a esta retorna. Marca-se uma visão poética apurada entre os signos que potencializam a própria relação com o eu-lírico frente ao mundo (CANDIDO, 2001:17-18)²⁸⁰.

Se existe uma cadência entre crítica e proposição, ambas atravessadas por imagens de violências sofridas e respostas vinculadas à luta, o âmbito da sentimentalidade assume outro significado geral à obra. Para além de ser parte fundante das reflexões e cantos do eu-lírico, o *amor* é expressão dessa sentimentalidade na construção memorialística que atravessa os *versos* dando outro grau de profundidade para esses ao relacionar-se com o tempo²⁸¹.

Logo, os três signos da *Triade* influem na dinâmica do tempo²⁸², que não interrompido, assume um funcionamento metamorfoseado sendo propulsor da energia dos signos: se a memória é apresentada como fundante, a sua vinculação ao tempo expande sua irradiação pelas imagens e motivos poéticos; se o Amor aparece como emanção da relação do eu-lírico com a sua terra e povo, o tempo desacelerasse para que haja destaque desses sentimentos; se a morte aparece como confluência da necessidade da luta pela vida, a temporalidade a ela relacionada marca um tempo dialético que se expressa pelo embate contra o que luta e se põe como continuidade pela memória – na qual se vincula o desejo pela vida -, como síntese.

No nível profundo, a análise de um poema é frequentemente a pesquisa das suas tensões, isto é, dos elementos ou significados contraditórios que se opõem, e poderiam até desorganizar o discurso; mas na verdade criam as condições para organizá-lo, por meio de uma unificação dialética (CANDIDO, 2001:31).

Aos motivos poéticos diversos que emergem nos poemas, tal qual a inúmeras imagens que o *elemento natural* centraliza, as quais fazem a passagem, mediação ou

²⁸⁰ CANDIDO, Antonio. Na sala de aula: caderno de análise literária. Série fundamentos, 8ª ed. - Editora Ática, 2001.

²⁸¹ CANDIDO, 2001, p. 11.

²⁸² CANDIDO, 2001, p. 19.

complemento entre estrofes, temos a formação de um mosaico em que algumas estrofes assumem uma estrutura una, sem deixar de ser parte da unidade do poema (CANDIDO, 2001:30-31).

A busca pelas tensões dialéticas dos poemas nos ajuda a entender suas expressões, indo além da identificação dos elementos principais da obra, mas marcando a relação entre os signos e liames lógicos, componentes da poeticidade sensível da obra, que para Candido marca a conexão entre o objeto estético e a sensibilidade do leitor.²⁸³

Para a adequação da obra e a vida do autor, o entendimento apenas da estrutura do poema mostra-se insuficiente, mesmo que já exprimisse um conjunto significativo próprio²⁸⁴. O entendimento da práxis de Martí acrescenta outras camadas ao entendimento dos *Versos*, nos revelando o sentido lógico de suas intensões político-estéticas e sendo parte integrante de sua vida ao marcar suas preocupações – mesmo que poetizadas de forma intimamente subjetiva -, e posicionamentos frente as contradições de seu tempo. Isso nos diz muito sobre a possibilidade de compreender a obra²⁸⁵

Indo nesse sentido da aproximação entre autor e obra, Cintio Vitier ressalta a construção de várias temáticas dos *Versos* a partir de acontecimentos reais da vida de Martí, como: no poema III, diretamente inspirados nos poemas e aulas de seu Mestre de juventude, Rafael Mendive; no poema IX que poetiza um apaixonamento de uma moça nicaraguense²⁸⁶ a quem deu aulas; ou no poema XXX que se liga a um evento do cubano, ainda criança assistindo um escravo torturado e enforcado, pelo qual jurou vingança (VITIER, 2013:152)

Por conseguinte, a poética martiana teria uma facilidade de sentir e expressar a dor²⁸⁷, por meio de palavras de destaque constante de amor e compaixão, que envolvem ideais de beleza e justiça. Esses elementos não são apenas pontos de finalidade retórica, ao vermos os *Versos* como um livro de entonação popular, construídos em um processo de criação de uma poeticidade amadurecida pelo intenso trabalho jornalístico de Martí - de observar o seu entorno -, evidente em seus artigos e cartas (VITIER, 2013:150-152).

Esse amadurecimento do seu pensamento, a partir de extenso trabalho, pode ser entendido como tempo acumulado pensado sobre as contradições em se deteve²⁸⁸. Em

²⁸³ CANDIDO, 2001, p. 32-33.

²⁸⁴ CANDIDO, 2001, p. 34.

²⁸⁵ CANDIDO, 2001, p. 45.

²⁸⁶ VITIER, 2013, p. 146.

²⁸⁷ VITIER, 2013, p. 148.

²⁸⁸ BOSI, 2015, p. 57.

suma, Martí foi um poeta de ações, e não um poeta apenas de palavras, instituindo uma poesia de possibilidades de se expressar para o compartilhamento de suas ideias de luta²⁸⁹.

Martí propôs um projeto de construção da modernidade, pautado no âmbito cultural próprio e não eurocêntrico, como os dos poetas os quais admirava, mas dos quais se discernia pela sua politicidade prática²⁹⁰. A poesia era ferramenta de ensino e com ela buscou enriquecer as relações com o âmbito político, sendo ponte para a construção da ideia de humanidade²⁹¹. Martí optou pela lírica que representa a vida popular, que foi transformada em cantos ao ser absorvida pelos trabalhadores cubanos²⁹².

[...] Poesia é parte de viver com dignidade. Tudo depende da coragem moral qual se enfrenta e quebra a injustiça aparente na vida. Enquanto tiver algo bom para fazer, um direito para defender, uma saúde saudável e um livro poderoso para ler, um recanto nas montanhas, uma boa mulher e um amigo incorrutível; e mantendo a força e um coração sensível para elogiar o belo e ordenado na vida, com ódio ocasional pelo mal que desfigura pela vingança e ganância. O selo da grandeza é esta vitória [...] (MARTÍ, 1965 Apud. VITIER, 2013:176).

²⁸⁹ VITIER, 2013, p. 156-157.

²⁹⁰ VITIER, 2013, p. 170.

²⁹¹ VITIER, 2013, p. 173-175.

²⁹² VITIER, 2013, p. 176-177.

2.3. Con todos y para el bien de todos: acerca da estratégia política

[...] Hipoteca-se a soberania porque
“não há outro caminho”; os álibis da
oligarquia deliberadamente confundem
a impotência de uma classe social com
o suposto destino vazio de cada nação.
EDUARDO GALEANO²⁹³

A expressiva potencialidade do *discurso* possibilita diferentes escolhas de por onde abordar o tema. Portanto, manteremos a atenção aos sentidos propostos por Martí, para em seguida entendermos as formas como esses sentidos se relacionam, até ser possível sintetizar o significado. Logo, “para Cuba que sufre, la primera palabra”²⁹⁴.

A evocação anterior, que inicia a fala do *discurso*, centraliza o tema que será desenvolvido: o processo de sofrimento de Cuba. Entretanto, mais do que dramatizar a fala a ideia vem costurada pela lógica de criticar para propor. E com isso, Cuba não deve ser tomada como “pedestal” que se sobrepõe a “vida” de seu povo, mas como um “altar”, lugar sagrado na qual o povo se põe em movimento se sacrificando por ela, se necessário, pois é nela que se santifica. Há a elucidação de um projeto de construção amplo, do qual se destacam as “mãos” do ser social coletivo que age para enfrentar a “ganância do dono que os divide”²⁹⁵. Essa ambição, por ser expressão de posse, faz-se propriedade do colonialismo espanhol, em que a divisão do povo é reflexo em si da divisão da terra.

sino que todas las gracias de mi alma les daré, y en ellos a cuantos tienen aquí las manos puestas a la faena de fundar, por este pueblo de amor que han levantado cara a cara del dueño codicioso que nos acecha y nos divide (MARTÍ, 2003:2).

Do destaque da unidade popular emerge a qualidade do *amor*, que se mostra como propulsor para a construção coletiva, diretamente respaldada no processo de trabalho de quem ganha o pão, sem deixar o pensamento de lado. “por este pueblo de virtud, en donde se prueba la fuerza libre de nuestra patria trabajadora; por este pueblo culto, con la mesa de pensar al lado de la de ganar el pan” (MARTÍ, 2003:2).

Dessa forma, vai se articulando a estrutura discursiva que parte da *ação* valorizada em negação à *conduta* desdenhada. Martí cria sua propositura profundamente ligada às memórias dos heróis que inspiraram a ação - com seu amor e união -, em defesa da *Terra*.

²⁹³ GALEANO, 2018, p. 20.

²⁹⁴ MARTÍ, 2003, p. 2.

²⁹⁵ MARTÍ, 2003, p. 2.

Propõe crítica, memória, amor e trabalho para fundar uma construção coletiva de enfrentamento por Cuba.

Defendendo a ideia intransponível “que não se pode abdicar à luta com desonra”²⁹⁶, a *ação* deve repelir o espontaneísmo inconsequente, a fim de garantir a uma ideia de futuro que se materialize na forma de República. Essa forma de governo apenas se anuncia, ao passo que impera ainda um tom de sentimentalidade em que as advertências do *coração* funcionam como alertas para os conflitos que rondavam Cuba. *Crítica e união* destacam-se como elementos para garantir a independência, da qual é possível emergir a liberdade autônoma para a organização política da *República*. A proposta republicana de Martí adota por princípio o respeito a dignidade do povo cubano.²⁹⁷

Porque si en las cosas de mi patria me fuera dado preferir un bien a todos los demás, un bien fundamental que de todos los del país fuera base y principio, y sin el que los demás bienes serian falaces e inseguros, ese sería el bien que yo prefiriera: yo quiero que la ley primera de nuestra república sea el culto de los cubanos a la dignidad plena del hombre (MARTÍ, 2003:3).

A propositura da *república* como signo universal se firma pela condenação dos pequenos grupos políticos que mantêm seus interesses acima da maioria, com sua ambição de cunho moral individualista inviabilizando a *coletividade*, em si ética²⁹⁸.

O la república tiene por base el carácter entero de cada uno de sus hijos, el hábito de trabajar con sus manos y pensar por si propio, el ejercicio íntegro de sí y el respeto, como de honor da familia, al ejercicio íntegro de los demás; la pasión, en fin, por el decoro del hombre; o la república no vale una lágrima de nuestras mujeres ni una sola gota de sangre de nuestros bravos [...] (MARTÍ, 2003:3).

A afirmação do trabalho por verdades “e não para sonhos”, incide no sentido de uma ação que considere a preferência pelas imperfeições do povo cubano, desde que seja obra deste mesmo conjunto, em oposição às ideias importadas que destoam do ir sendo das mãos cubanas, as quais trabalham por equidade para a organização da República²⁹⁹.

Para verdades trabajamos, y no para sueños. Para libertar a los cubanos trabajamos, y no para acorralarlos. ¿Para ajustar en la paz y en la equidad los intereses y derechos de los habitantes leales de Cuba trabajamos, y no, para erigir, a la boca del continente, de la república, da mayordomía espantada de Veintimilla, o la hacienda sangrienta de

²⁹⁶ MARTÍ, 2003, p. 2.

²⁹⁷ MARTÍ, 2003, p. 2-3.

²⁹⁸ MARTÍ, 2003, p. 3.

²⁹⁹ MARTÍ, 2003, p. 3.

Rosas. o el Paraguay lúgubre de Francia! ¿Mejor caer bajo los excesos del carácter imperfecto de nuestros compatriotas, que valerse del crédito adquirido con las armas de la guerra o las de la palabra que rebajarles el carácter! (MARTÍ, 2003:3).

Indo ao *trabalho*, a própria caracterização enquanto ser *cubano* toma destaque ao utilizar essa palavra como signo e fonte de atividade sensível necessária para a luta política, além de lugar de afluência da alteridade de quem se liga à terra – *Cuba* -, e dela reconhece a memória coletiva, oferecendo mais um lugar à mesa dos que compartilham essa tradição³⁰⁰.

Acá, donde vigilamos por los ausentes, donde reponemos la casa que allá se nos cae encima, donde creamos lo que ha de reemplazar a lo que allí se nos destruye, acá no hay palabra que se asemeje más a la luz del amanecer, ni consuelo que se entre con más dicha por nuestro corazón, que esta palabra inefable y ardiente de cubano! (MARTÍ, 2003:4).

Não obstante, a universalização sobre o coletivo não é inocente, pois há uma diferenciação em relação ao corruptor da herança coletiva da terra. O contraventor é a expressão da miséria ao constituir uma “cultura inútil, que só encontra emprego na surda contemplação de si mesma!”³⁰¹, já que ao se desvincular do público não pode mais compartilhar das práticas cotidianas que formatam a tradição cultural do povo, mas apenas fechar-se ao individualismo que ao negar os nexos da *terra e povo* não pode ser mais expressão natural desses (MARTÍ, 2003:4).

O foco na união em torno da terra se amplia para além do território de Cuba ao direcionar a fala aos emigrantes cubanos nos Estados Unidos. Esse fator busca estabelecer um grau de comprometimento em torno da causa independentista. Consolida-se um objetivo político internacionalista aos atores sociais cubanos dispersos (Idem:4).

No *discurso*, o direcionamento à imigração cubana vem pela crítica das condições de vida e trabalho, que aumentariam as contradições sociais dos cubanos que saíram do país “gangrenado” para se dirigir a um “país rico”, dada a exploração intensa do seu trabalho. A indicação que daqui emerge vem do reconhecimento de outras realidades – a dos EUA para esses emigrantes cubanos -, que devem ser encaradas com firmeza para endossar o afeto em torno do signo *cubano*³⁰².

¡Porque eso es esta ciudad; eso es la emigración cubana entera; eso es lo que venimos haciendo en estos años de trabajo sin ahorro, de familia

³⁰⁰ MARTÍ, 2003, p. 3.

³⁰¹ MARTÍ, 2003, p. 4.

³⁰² MARTÍ, 2003, p. 4.

sin gusto, de vida sin sabor, de muerte disimulada! ¡A la patria que allí se cae a pedazos y se ha quedado ciega de la podre, hay que llevar la patria piadosa y previsora que aquí se levanta! ¡A lo que queda de patria allí, mordido de todas partes por la gangrena que empieza a roer el corazón, hay que juntar la patria amiga donde hemos ido, acá en la soledad, acomodando el alma, con las manos firmes que pide el buen cariño, a las realidades todas, de afuera y de adentro, tan bien veladas allí en unos por la desesperación y en otros por el goce babilónico, que con ser grandes certezas y grandes esperanzas y grandes peligros, son, aun para los expertos, poco menos que desconocidas! (MARTÍ, 2003:4).

Do reconhecimento das clausuras da vida emigrante recoloca-se a lógica retórica de cunho crítico organizativa, que tem por finalidade a ação política, clarividente em expor a centralidade da “*guerra próxima e inevitável*” pela independência. Pelo canto à união das almas cubanas no exterior há a necessidade de aprender com os erros e unir-se a partir desses. É uma advertência aos que desconhecem os “elementos reais” do país e do povo que são expostos ao trabalho “de terra em terra por provações sangrentas e exercícios diários”, o que acentua a exploração diurna e “agonia noturna”.³⁰³

¿Pues qué saben allá de esta noche gloriosa de resurrección, de la fe determinada y metódica de nuestros espíritus, del acercamiento continuo y creciente de los cubanos de afuera, que los errores de los diez años y las veleidades naturales de Cuba, y otras causas maléficas no han logrado por fin dividir, sino allegar tan íntima y cariñosamente, que no se ve sino un águila que sube, y un sol que va naciendo, y un ejército que avanza? ¿Qué saben allá de estos tratos sutiles, que nadie prepara ni puede detener, entre el país desesperado y los emigrados que esperan? ¿Qué saben de este carácter nuestro fortalecido, de tierra en tierra, por la prueba cruenta y el ejercicio diario? ¿Qué saben del pueblo liberal, y fiero, y trabajador, que vamos a llevarles? ¿Qué sabe el que agoniza en la noche, del que le espera con los brazos abiertos en la aurora? Cargar barcos puede cualquier cargador; y poner mecha al cañón cualquier artillero puede; pero no ha sido esa tarea menor, y de mero resultado y oportunidad, la tarea única de nuestro deber, sino la de evitar las consecuencias dañinas, y acelerar las felices; de la guerra próxima, e inevitable, e irla limpiando, como cabe en lo humano, del desamor y del descuido y de los celos que la pudiesen poner donde sin necesidad ni excusa nos pusieron la anterior, y disciplinar nuestras almas libres en el conocimiento y orden de los elementos reales de nuestro país, y en el trabajo que es el aire y el sol de la libertad, para que quepan en ella sin peligro, junto a las fuerzas creadoras de una situación nueva, aquellos residuos inevitables de las crisis revueltas que son, necesarias para constituir las (MARTÍ, 2003:4-5).

Segundo Martí conhecer as condições exploratórias de vida possibilita uma nova situação: a de transformar as mazelas da *guerra* em uma construção popular, pelas

³⁰³ MARTÍ, 2003, p. 4-5.

condições humanamente viáveis de uma forma de organização social que parta dos elementos concretos de Cuba, para erigir um trabalho que fomente a liberdade independentista, usando as forças da revolta para configurar a nova situação histórica. A unicidade da estratégia política se complementa com a concepção de *memória* martiana, enquanto tradição de luta, concebendo sua noção de *revolução*:

Y las manos nos dolerán más de una vez en la faena sublime, pero los muertos están mandando, y aconsejando, y vigilando, y los vivos los oyen. y los obedecen, y se oye en el viento ruido de ayudantes que pasan llevando órdenes, y de pabellones que se despliegan! ¡Unámonos, cubanos, en esta otra fe: con todos, y para todos: la guerra inevitable, de modo que la respete y la desee y la ayude la patria, y no nos la mate, en flor. por local o por personal o por incompleta, el enemigo: la revolución de justicia y de realidad, para el reconocimiento y la práctica franca de las libertades verdaderas (MARTÍ, 2003:4-5).

O signo de *revolução* realizar-se-ia pelo “magnífico movimento de almas” agindo “pela virtude redentora das guerras justas”³⁰⁴ para construir “uma situação nova”³⁰⁵ de “prática franca das liberdades”³⁰⁶. O movimento de “nossas almas livres”³⁰⁷ é a mudança de espírito para a independência.

Como complemento, identificamos um tom retórico-poético destacando a mediação do *elemento natural*, ou seja, a forma como a vida dos cubanos se liga com a natureza, a qual é entendida como complemento que influencia a realização da luta pela Pátria. A naturalidade aparece como “noite”, “vento”, “palmeira” sendo o anúncio no *discurso* do *elemento natural* positivado e associado à terra (MARTÍ, 2003:4-5).

A adequação entre terra e luta influenciou a expressão natural fazendo do ideal de *justiça* seu novo tópico. Se a defesa por Cuba acontece como liame da tarefa revolucionária, e esteticamente se expressa na valorização do elemento natural, a concepção de *justiça* deve ser alçada ao mesmo nível ao compor e direcionar o núcleo ideológico voltado à ação. Embora, em alguns momentos essa construção retórica, comprimida em torno da ideia de uma nova *alma*, pareça uma construção apenas imperativa - idealmente concebida -, não se fecha ao âmbito aparente ao em essência materializar-se na constatação de transformar a *guerra inevitável*, seja pela erupção das contradições coloniais, seja pela intervenção estadunidense, em uma guerra de

³⁰⁴ MARTÍ, 2003, p. 9.

³⁰⁵ MARTÍ, 2003, p. 4.

³⁰⁶ MARTÍ, 2003, p. 5.

³⁰⁷ MARTÍ, 2003, p. 4.

independência. Essa ao estar delimitada reciclaria a inevitabilidade em necessidade de organização popular (Idem:2003:5).

A formulação anterior vem como prenúncio sobre a descrição de uma “Cuba desolada”³⁰⁸ que se aflige com a desorganização das massas, com as disputas entre comandantes e nas brigas internas entre regiões do país. Por conseguinte, uma ordenação deveria ser mantida com coerência frente ao *inimigo* que não vacila em sua tarefa de negar a existência de conflitos.

Pela defesa armada adiciona-se a noção martiana de *amor* ao exclamar: “Que afuera tenemos el amor en el corazón, los ojos en la costa, la mano en la América, y el arma al cinto”³⁰⁹. As armas de palavras para a guerra são as ideias práticas que cobram a arma na cintura. Há a finalidade do sentimento de batalha orientado para transformar a Pátria. A organização “inteligente” é priorizada no lugar de qualquer outra prática imediatista.

¡Es el sueño mío, es el sueño de todos; las palmas son novias que esperan: y hemos de poner la justicia tan alta como las palmas! Eso es lo que queríamos decir. A la guerra del arranque, que cayó en el desorden, ha de suceder, por insistencia de los males públicos, la guerra de la necesidad, que vendría floja y sin probabilidad de vencer, si no le diese su pujanza aquel amor inteligente y fuerte del derecho por donde las almas más ansiosas de él recogen de la sepultura el pabellón que dejaron caer, cansados del primer esfuerzo (MARTÍ, 2003:5).

A ordenação coletiva é barragem da influência estadunidense. Por meio da alma continental promulga o foco nas energias que podem estabelecer uma república de direitos cidadãos, em contrapartida a violência externa sobre a maioria. Não obstante, a violência também pode ser adotada pelas classes internas subjugadas para garantir a ruptura da alma colonial. A condição de luta passa por identificar o “patriotismo” mascarado que enfraquece a unidade revolucionária (MARTÍ, 2003:5-6).

A alternativa a esse “patriotismo” vem da ação dos interesses cotidianos do povo independentista que denuncia discursos falaciosos. Não partir do método local inviabiliza a equidade e justiça social. Nesse ponto, Martí condena os atuais representantes políticos que incitam o sofrimento da população usando-a em prol de seus interesses de classe (Idem:6).

³⁰⁸ MARTÍ, 2003, p. 5.

³⁰⁹ MARTÍ, 2003, p. 5.

A crítica aos representantes políticos desce aos seus “bajuladores” como indicação de se combater a ignorância que se espalha sobre o processo de independência, que devia encontrar saída pelo “estudar com o coração choroso, com as dores humanas”³¹⁰

¡La lengua del adulador se clave donde todos la vean, -y la de los que toman por pretexto las exageraciones a que tiene derecho la ignorancia, y que no puede acusar quien no ponga todos los medios de hacer cesar la ignorancia, para negarse a acatar lo que hay de dolor de hombre y de agonía sagrada en las exageraciones que es más cómodo excomulgar, de toga y birrete, que estudiar, lloroso el corazón, con el dolor humano hasta los codos! (MARTÍ, 2003:6).

É ao mesmo tempo reforço do senso de coletividade e fixação de um nexo fundante da lógica política martiana: só se julga o que se conhece. Essa afirmação voltada a questão dos conflitos de classes em Cuba gerou um duplo deslanche: a classe dominante mostra-se indiferente, pois “¡No desconozca el pudiente el poema conmovedor, y el sacrificio cruento, del que se tiene que cavar el pan que come”³¹¹. A resposta a isso é o retorno a conduta de proteger a todos aqueles que agonizam, partindo do julgamento do que se conhece. De forma sutil, delimita-se as relações entre a elite dominante cubana e a classe popular, na qual a defesa no discurso de *todos* assume partido pela segunda (MARTÍ, 2003:6).

O posicionamento em defesa de uma classe popular é parte do projeto futuro de independência, o qual recita o olhar atento a realidade local.

Muy mal conoce nuestra patria, la conoce muy mal, quien no sepa que hay en ella, como alma de lo presente y garantía de lo futuro, una enérgica suma de aquella libertad original que cría el hombre en si, del jugo de la tierra y de las penas que ve, y de su idea propia y de su naturaleza activa (MARTÍ, 2003:6).

A garantia de futuro necessita de conhecimento transformado em prática cotidiana para entender as contradições, o inimigo e para combater a ignorância ao aprender com os vícios das derrotas históricas anteriores:

hemos procurado la buena fe, y creemos haber logrado suprimir o reprimir los vicios que causaron nuestra derrota, y allegar con modos sinceros y para fin durable, los elementos conocidos o esbozados, con cuya unión se puede llevar la guerra inminente al triunfo (MARTÍ, 2003:9).

³¹⁰ MARTÍ, 2003, p. 6.

³¹¹ MARTÍ, 2003, p. 6.

O inimigo é apresentado como o grupo representante de *interesses dominantes* e por ser responsável por incitar a “dor a quem padece”³¹², sendo indiferente ao sofrimento alheio ao alçar sua bandeira “como instrumento de interesse dos ousados vencedores desse mundo”³¹³, “onde o dono corrupto apodrece tudo o que vê”³¹⁴.

Os interesses acima se vinculam aos *países estrangeiros* contendo citações à Inglaterra, França, Espanha e aos Estados Unidos, no qual Martí concentra as críticas. Todavia, as proposições de condutas ganham luz ao clamar a união entre pátrias dado o reconhecimento de outras realidades pelo afeto cubano. É uma contraposição à continuidade “da mão da colônia que não deixará de nos encontrar no devido tempo, disfarçada com a luva da república”³¹⁵, mesmo onde existe dúvidas como o “sentimento de dor e esperança de Cuba em relação aos Estados Unidos”. A esperança é a defesa dos imigrantes cubanos em aflição na terra ianque.

Y me parece que el mar que de allá viene, cargado de esperanza y de dolor, rompe la valla de la tierra ajena en que vivimos, y revienta contra esas puertas sus olas alborotadas... ¡Allá está, sofocada en los brazos que nos la estrujan y corrompen! ¡Allá está, herida en la frente, herida en el corazón, presidiendo, atada a la silla de tortura, el banquete donde las bocamangas de galón de oro ponen el vino del veneno en los labios de los hijos que se han olvidado de sus padres! (MARTÍ, 2003:9).

Disto emerge o contraponto acerca da função da ideia de direção política para Martí: de um lado ideais advindos do papel, os quais não se vinculam ao existente em Cuba; do outro lado as ideais resultantes das cabeças formadas no próprio país, que atentam às experiências históricas e aos acúmulos de conhecimentos práticos, que transpassados por um sentimento de amor enquanto pertencimento coletivo potencializam o reconhecimento pela dor comum. Desse modo, há uma tentativa de elucidar os aspectos necessários às relações de sociabilidade, a fim de evitar que a continuidade da colônia possa mascarar-se na ideia de república, atentando-se a visão das mãos que trabalham na terra e não nas mãos escondidas sob luvas (MARTÍ, 2003:6-7).

A erupção da proposição retórica tem lugar proeminente no *discurso* ao elencar a vibração de um *coração* cubano universal – apresentado no mesmo sentido de *alma* – posto acima da desesperança e do temor da derrota na guerra de independência. E a crítica

³¹² MARTÍ, 2003, p. 6.

³¹³ MARTÍ, 2003, p. 6.

³¹⁴ MARTÍ, 2003, p. 4.

³¹⁵ MARTÍ, 2003, p. 7.

de conduta prossegue ao abordar o medo da guerra que transforma a morte em banalidade³¹⁶.

Martí apela para a alma cubana que expressa a valentia, herança da experiencia dos antigos e novos combatentes, em uma ação em armas que não ignore o conflito vindouro e que esteja preparada contra os inimigos, ou ainda, contra os desmotivadores da luta³¹⁷.

alcémonos, para la república verdadera, los que por nuestra pasión por el derecho y por nuestro hábito del trabajo sabremos mantenerla; alcémonos para darles tumba a los héroes cuyo espíritu vaga por el mundo avergonzado y solitario; (MARTÍ, 2003:10).

A crítica de conduta se estende a quem incentiva o medo pela guerra, o que apenas contribui para fortalecer o governo espanhol. Frente a causa posta pela guerra necessária há a defesa do sacrificio desejado, o qual não é sinônimo de morte, mas de fluidez ao enfrentamento. E aqui mostra-se um ponto fundante da conotação política expressa na fala martiana, pois a firmeza acerca do conflito requer clareza nas definições dos grupos que poderiam vir a formatar o exército independentista (MARTÍ, 2003:7-8).

Por conseguinte, a referida clareza e o endosso pela guerra necessária trazem à tona a questão racial, envolta pelo contexto do fim da escravidão em Cuba (1886), em torno da participação da população negra na ação de independência. Logo, Martí não vacila ao indicar a população negra como a coluna da liberdade patriótica na construção da estratégia política (MARTÍ, 2003:8).

Por outro lado, as figuras dos espanhóis que vivem em Cuba são apresentadas de duas formas: como aquele que só se importa com sua riqueza, sendo por isso rejeitado; e como o espanhol simples que considera a liberdade da terra em que vive como mais importante. Esse segundo ator social é resultado das contradições da violência espanhola, que ao atacar Cuba, ameaça a ele e a sua família cubana (MARTÍ, 2003:8).

Há um convite para esse espanhol injustiçado vinculado à pátria-povo para que se junte a luta, sendo incluso pelo princípio universalizado de alma martiana, que contribui para a construção da unidade dos possíveis grupos independentistas, ao declarar sua defesa contra o inimigo em comum. “[...] ¡Por la libertad del hombre se pelea en Cuba, y hay muchos españoles que aman la libertad! ¡A estos españoles los atacarán otros: yo los ampararé toda mi vida! [...]” (Idem:8).

³¹⁶ MARTÍ, 2003, p. 7.

³¹⁷ MARTÍ, 2003, p. 7.

O último argumento discursivo retoma a finalidade de propor *ação*, a partir da defesa da ideia de *revolução*, apresentada como *guerra* justa e redentora. Logo, para Martí a Revolução é digna para aqueles que lutam, pois é resultado do movimento dessas *almas*, das quais cita frações de classe como a dos “camponeses sem herança” e a “multidão de trabalhadores”³¹⁸:

¡Esta es la turba obrera, el arca de nuestra alianza, el tahalí, bordado de mano de mujer, donde se ha guardado la espada de Cuba, el arenal redentor donde se edifica, y se perdona, y se prevé y se ama! (MARTÍ, 2003:9).

Esse núcleo de ideia e ação expressa-se nos signos martianos de *coração* e *alma*, os quais - para além da objetividade da luta - recolocam as concepções de amor e paciência como ideais para transformar a ordem catastrófica (MARTÍ, 2003:9).

Em suma, o discurso funciona como canto pela união para a guerra iminente, dada a possibilidade de vitória, a qual se organizaria para findar o sufocamento do povo cubano - transpassado de dor e esperança -, que deveria se postar contra os traidores, mesmo que de laços consanguíneos³¹⁹ e estar preparado para a violência colonial e estrangeira.

A resposta deve vir do ataque de corações que vivem em “nuestra pátria”³²⁰ para com paciência e conhecimento preparar a liberdade política colonial, a partir de uma liberdade republicana autodeterminada pelo signo do *povo* martiano: pela escolha dos que se uniram pela defesa da terra.

À vista disso, a *memória* possui um papel crucial na formação da república martiana, ao manter constante os aprendizados dos “mártires” e “heróis” que inspiraram a luta.³²¹

alcémonos para que algún día tengan tumba nuestros hijos! Y pongamos alrededor de la estrella, en la bandera nueva, esta fórmula del amor triunfante: "Con todos, y para el bien de todos" (MARTÍ, 2003:10).

³¹⁸ MARTÍ, 2003, p. 9.

³¹⁹ O signo de *família* reaparece em outros instantes do *discurso*, principalmente para destacar a ideia do pai que enfrenta o filho sem vacilar, caso seja este um *traidor* que avança sobre a terra natal.

³²⁰ MARTÍ, 2003, 2.

³²¹ MARTÍ, 2003, p. 9-10.

CAPÍTULO 3

Centralidade política e mediação estética: núcleo e lógica do pensamento martiano

No hay letras, que son expresión, hasta que no hay esencia que expresar en ellas. Ni habrá literatura hispanoamericana, hasta que no haya Hispanoamérica. Estamos en tiempo de ebullición, no de condensación; de mezcla de elementos, no de obra enérgica de elementos unidos [...] Lamentémonos ahora de que la gran obra nos falte, no porque nos falte ella, sino porque esa es señal de que nos falta aún el pueblo magno de que ha de ser reflejo.
JOSÉ MARTÍ³²²

Este capítulo se propõe sintetizar os elementos do pensamento de Martí indicados anteriormente, com destaque para as categorias de política e estética, apresentadas como núcleo de seu pensamento. A unidade formada caracteriza-se pelo tom principal do debate político independentista e, respectivamente, pelo destaque que a esfera da *Política* assume, tendo o âmbito estético como forma de mediação, ou seja, como meio de expressão para a realização da propositura político-ideológica de ação.

Os sentidos dessas ideias políticas, e suas orientações práticas, sugerem uma crítica às condições sócio-históricas coloniais e às variadas formas de governo que emergiram em Cuba. A lógica do pensamento martiano ruma para um movimento constante de críticas e propostas frente aos problemas apontados resultando em uma proposição de práxis constante, a qual se traduz em ação revolucionária pelas frações de classes populares sob a ótica de uma consciência crítica sobre as contradições socioeconômicas do final do século XIX.

Caminhos estes que resultaram na organização de uma *Guerra* de independência contra o colonialismo espanhol, a fim de garantir uma *República* popular, sendo ambos os *nexos* de exercício das possibilidades da *Unidade* de consciência política das frações de classes populares articuladas, eticamente orientadas por uma concepção de *Liberdade*: autodeterminação contra os condicionamentos do passado colonial e perspectiva de continuidade da autonomia contra a ameaça imperialista estadunidense.

³²² MARTÍ, 1881, APUD RETAMAR, 1995, p. 41.

3.1. A lógica poético-retórica em Martí

[*Mis Versos*] Van escritos, no en tinta de Academia, sino en mi propia
sangre.
JOSÉ MARTÍ³²³

I.

Tanto para Martí quanto para Carpentier não haverá literatura latino-americana enquanto não houver América Latina. São necessárias condições de criação literária em longa duração, que superem a lógica de imitação, por meio de uma tradição cultural, ou seja, um fazer literário cotidiano que medeie o particular estético possível dessa singularidade sócio-histórica (CARPENTIER, 1969:11).

Desde os elementos - como destaca Antônio Candido - de caracterizações temporais e espaciais, até os que formam as intuições, as idealizações, os valores que atribuem sentidos à atividade de criação e estilos conscientes e inconscientes (enquanto expressão espontânea), há a operação cíclica entre autorias e públicos. Essa conjunção configuraria uma tradição que se erige como herança de todo um grupo que compartilha³²⁴ essas camadas (CANDIDO, 2000:127-128).

A questão não se refere apenas ao âmbito literário, mas a todo processo e possibilidades históricas de construção de uma consciência política que influa no fazer literário e marca a autonomia das ideias em uma possível América Latina. Tomemos Martí como alusão.

Pensar a escrita de Martí pelos apontamentos de Carpentier nos leva a encarar a dialética do singular-particular-universal. A expressão da *universalidade*, em acentuação materialista segundo Lukács, faz uma abstração da própria dinâmica da realidade enquanto reflete suas complexidades, proporções e historicidade³²⁵. A partir disto, a objetividade dessa dinâmica se faz no *singular*, o qual está inicialmente como aparência do objeto. A mediação *dessas categorias* pela *particularidade* indica esta como expressão lógica dessas relações, assumindo também significado como sentido que a atividade sensível produz ao faz-se historicamente (LUKÁCS, 2018:96).

Das condições, contradições e transformações históricas é possível formular uma concepção universal das mudanças da realidade, entretanto, não significando que se

³²³ MARTÍ, 2023, p. 80.

³²⁴ Para uma abordagem mais detida, Vide: CANDIDO, Antonio. O escritor e o público. In: Literatura e Sociedade/Antônio Candido Mello e Souza - 8ª ed. – São Paulo: T. A. Queiroz, Publifolha, 2000, p. 67-81.

³²⁵ LUKÁCS, 2018, p. 91.

eliminam os “fatos singulares da vida” que possibilitam essa processualidade (LUKÁCS, 2018:92).

Para a reflexão martiana há rotas de ida e volta do *rio cubano* ao *oceano latino-americano*. Seus escritos assumem tom universal, justamente por condensarem apontamentos sobre as relações sócio-históricas cubanas, as quais se articulam com reflexões e análises das correspondências coloniais de outros países do continente americano. O resultado é uma proposição de *universalidade*, de base histórica, em que: (1) o *particular* é a lógica estética, ou seja, poético-retórica que medeia o núcleo político estético; e (2)³²⁶ a *singularidade* – para além do aspecto aparente do objeto –, é síntese do processo de reflexão crítica, em que a esfera política se destaca essencialmente como ponto central.

A *centralidade política* e a *mediação estética* formam o núcleo do pensamento martiano. A primeira se representa na atividade sensível política e a segunda na produção poética. E da lógica de ambas constatamos a dupla função poético-retórica, na qual manifestam-se os caracteres da mediação estética e da crítica político-ideológica, objetivada na atividade sensível do revolucionário.

Retornando às fontes, entenderemos quais os detalhes da lógica retórico-poética. Em *Nuestra América* e nos *Versos Sencillos* as *críticas de conduta* e *proposições* estão em relação dialética criando uma *logicidade propositiva* que atravessa esses textos articulando-se com outros *nexos*. Como exemplo, no *artigo* temos a vinculação direta com os *nexos de países estrangeiros* e *homem natural*. De modo geral, a mediação desses conceitos se dá pela formação de *imagens poético-retóricas* e pelo *elemento natural*.

O primeiro nexo mediador tem dupla função: (1) de construção imediata de cenas poéticas. Por esse signo poético fixado se expressa a linha política, dada a conexão com a retórica que, dialogicamente, se envolve pela estética lírica; e (2) de caráter político dada a intenção que a imagem/cena poético-retórica propõe. O segundo nexo mediador forma as temáticas poéticas, pois é a materialização da representação simbólica dos *poemas* e generaliza a ideia de vinculação à natureza pela obra.

A construção interna das imagens por *contrapontos poéticos* ressalta disparidades e alternâncias que dão forma aos *poemas*, com o sentido diretamente ligado ao conteúdo de crítica-proposição. Esses *nexos* recolocam a lógica propositiva em dinâmica de enunciação da crítica política, a qual se faz por uma dialética de proposição. Ademais,

³²⁶ LUKÁCS, 2018, p. 100.

também fazem a passagem do âmbito lógico para o temático, carregando a lógica da crítica para uma materialização discursiva de realização prática.

Em *Con todos y para el bien de todos*, dado o mesmo funcionamento da lógica poética das outras fontes, a crítica-conduta assume um cunho político organizativo. O discurso político voltado para a ação do *povo* ganha tom universalista pela projeção da relação dialética entre singular-universal e pela especificação da relação com os nexos: *negro, escravidão e colonialismo*. A proposição resolutiva do discurso político sobre a forma de União/liberdade/coletividade constitui noções ideais que voltam a influenciar na indução dos processos de *guerra de independência, república e revolução*.

A proposição de universalidade se realiza com a atividade sensível do *povo* vinculada à naturalidade de sua terra. Portanto, esse *elemento natural* é expressão estética da proposição política. Para Martí, a defesa de uma expansiva ação popular em Cuba e na América Latina estabelece a universalização da defesa da maioria, tida como aquela que vem da terra e retorna à proteção dela.

Essa naturalidade, tanto em seu uso poético quanto como adjetivação ética para o ser social, se dá como a concretude do indivíduo em sua vida social. Na expressão das letras de Martí, essa função natural é o liame do que Retamar pontua como literatura utilitária³²⁷.

Y es la plena fidelidad de Martí a su historia lo que está en la raíz de la característica esencial de sus letras: su naturalidad, su completo acuerdo con su mundo y con la función que deben cumplir allí. Esa función explica la esencia utilitaria de la literatura más real en la América nuestra que vivió Martí: la cual en considerable medida es aún la que vivimos (RETAMAR, 1995:241).

Há uma dinâmica para universalização, como observado em *Nuestra América*, que dialeticamente apresenta a passagem do factual à universalidade, em que a experiência da realidade local remete ao conhecimento da realidade colonial, particularizada por uma percepção crítica que indica ruptura.

Uma consciência coletiva politizada se formaria nesse resultado de universalidade, tanto para o nível local, cubano, quanto para o continental, latino-americano. A dialogia potencializa a formação de consciência, pois Martí ao vincular os aspectos históricos cubanos aos de outros países de passado colonial compreendeu melhor

³²⁷ RETAMAR, 1995, p. 241.

a singularidade da ilha, enquanto constituinte da abstração universal dos elementos partilhados.

O uso da dialogia aqui posto denota as relações dialógicas como conexões entre sentidos, de enunciados plenos de sujeitos reais e/ou potenciais que exprimem os discursos³²⁸. A resultante é uma confluência de sentidos, seja em totalidade, seja parcialmente, que nos ajudam a entender a “multiplicidade de vozes da vida social”, em sua polifonia (BEZERRA, 2005:192).

O Dialogismo³²⁹ ao relacionar sujeitos que formam discursos, e são formados por esses, nos possibilita entender o enunciado emergente desta atividade sensível:

Nenhum conteúdo poderia ser realizado, nenhuma ideia poderia ser realmente pensada, se não fosse estabelecida uma ligação essencial entre o conteúdo e o seu tom emocional-volitivo, isto é, o seu valor realmente confirmado para o pensador. Experimentar ativamente uma experiência, pensar ativamente a ideia, significa não ser absolutamente indiferente a ela, significa afirmá-la como forma emocional-volitivo. O pensamento real atuante é o pensamento emocional-volitivo, o pensamento entoante, e essa entonação adere de um modo essencial a todos os elementos do conteúdo semântico da ideia no ato performado [do procedimento] e põe-se em relação com a experiência-evento singular. É precisamente o tom emocional-volitivo que orienta e afirma o semântico na experiência singular (BAKHTIN, 1993:34 Apud. BRAIT, 1997:96).

O Enunciado³³⁰ de Martí posto nessa perspectiva bakhtiniana é entendido como “horizonte espacial comum dos interlocutores, conhecimento e compreensão comum da situação e avaliação comum da situação. Em suma, é um processo histórico experiencial, no qual se faz o enunciado concreto, ou seja, a interação social” (BRAIT; MELO, 2005:67-68).

Há a vinculação entre mensagem, sua função, contexto e sujeitos que interagem socialmente, marcando a formulação de sentidos à vida cotidiana³³¹ que no enunciado de Martí se faz em seu *artigo e discurso*, ao portar-se criticamente por eles. No caso dos *poemas* há a possibilidade de um sobredestinatário, não fixado objetivamente, mas marcado pela carga emocional do enunciado que pode ir além do espaço-tempo do

³²⁸ BEZERRA, Paulo. Polifonia. In.: Bakhtin, Conceitos chaves, BRAIT, Beth (org.); 2.ed. São Paulo: Contexto, 2005, p. 197.

³²⁹ BRAIT, Beth. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In.: Bakhtin, dialogismo e construção de sentido / Beth Brait (org.). – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997, p. 98.

³³⁰ BRAIT, Beth; MELO, Rosineide de. Enunciado/enunciado concreto/enunciação. In.: Bakhtin, Conceitos chaves, BRAIT, Beth (org.); 2.ed. São Paulo: Contexto, p. 61-78, 2005.

³³¹ BRAIT; MELO, 2005, p. 71.

destinatário concreto³³². Ou seja, postar seu conteúdo socialmente para além da individualidade de Martí.

A formação de um enunciado se dá pela intenção e pela execução do texto³³³, todavia, sendo o ato humano um texto potencial, dialogicamente perpassados por elementos sociais, aquém do exprimido em si (BAKHTIN, 1997:334-336).

Logo, são consciências objetivadas de forma relacional que substanciam vozes que se materializam³³⁴, em que o texto advém “como reflexo subjetivo de um mundo objetivo” e “expressão de uma consciência que reflete algo” (BAKHTIN, 1997:340-341).

A relação dialógica se faz no campo social, funcionando por enunciados que apresentam função nessa sociabilidade, vinculando sentidos no processo de comunicação e podendo assumir formas particulares intencionais de concordância ou de pontos divergentes sobre um mesmo tópico (BAKHTIN, 1997:345-346).

[...] Estamos perante uma relação específica de sentido cujos elementos constitutivos só podem ser enunciados completos (ou considerados completos, ou ainda potencialmente completos) por trás dos quais está (e pelos quais se expressa) um sujeito real ou potencial, o autor do determinado enunciado. O diálogo real (conversa comum, discussão científica, controvérsia política etc.). [...] (BAKHTIN, 1997:353-354).

Em Bakhtin, o poético é a expressão completa de um olhar sobre o mundo que chama a si a responsabilidade total de suas palavras³³⁵. As formações ideológicas se objetivariam pelo discurso, constituindo-se por *material verbal* e tendo a palavra como cerne da sua particularidade³³⁶.

Para Bakhtin, “a palavra é expressiva, mas essa expressividade (...) não pertence à própria palavra: nasce no ponto de contato entre a palavra e a realidade efetiva, nas circunstâncias de uma situação real, que se atualiza através do enunciado individual”. A palavra suplanta a característica de “unidade da língua” na medida em que se mantém em relação com uma realidade efetiva, com uma situação social, em que é proferida com expressividade, ganhando sua condição de discurso, de enunciado. Logo, a “palavra” que é referida e analisada por Bakhtin como um signo de natureza essencialmente ideológica é o próprio discurso. A palavra, por si só, não tem expressividade; somente o discurso tem sentido, pois só ele, enquanto particularidade, poderá

³³² BRAIT; MELO, 2005, p. 72.

³³³ BAKHTIN, Mikhail. O problema do texto nas áreas da linguística, da filologia e das ciências humanas: tentativa de análise filosófica. In.: Estética da Criação Verbal / Mikhail Bakhtin; tradução feita a partir do francês por Maria Ermantina Galvão Pereira. – 2ª Ed. – São Paulo: Martins Fontes, p. 327-358, 1997.

³³⁴ BAKHTIN, 1997, p. 337.

³³⁵ TEZZA, Cristóvão. Poesia. In: BRAIT, Beth. (org.) Bakhtin, Outros Conceitos chaves, São Paulo: Contexto, p. 195-218, 2006.

³³⁶ AMARAL, 2008, p. 111.

expressar o que está posto no real, no mundo objetivo, no qual se inclui o próprio sujeito que enuncia (AMARAL, 2008:112).

A literatura permite uma comunhão entre a percepção de realidade de quem escreve e a possibilidade de transposição do real por meio de uma expressão estética, logo, viabilizando um processo dialógico³³⁷. As várias estâncias da produção literária - caráter estético, representativo, político-ideológico - são dialógicas, no interior da dialética da dinâmica social, sob a qual se forma o texto, seus reflexos e suas ressignificações da realidade³³⁸.

Se temos simplicidades que se entrelaçam e formam uma tessitura de camadas simbólicas que dão base à unidade poética – principalmente pelos nexos que formam as temáticas dos *poemas* -, outra face apresenta as dinâmicas internas de construção de sentidos. Desde a aplicação da dialética do singular-particular-universal observamos, pela indicação da mediação estética, como opera a *dialética de proposição*, ou seja, a forma como a crítica de conduta é sequenciada por uma proposição que tem por finalidade uma ação de transformação. Entretanto, a partir desta descrição operam sentidos lógicos que compõem e potencializam essa estrutura dialética principal ao serem elementos dialógicos, que se influenciam mutuamente e que influem na intensidade e conformação dialética, já que a integram³³⁹. As dialogias indicadas aparecem sob termos distintos, tais quais crítica-proposição, negatização-positivação e moral-ética.

Como elementos da dialética de proposição, *Crítica e Proposição*, ao serem os nexos mais evidentes das fontes, acompanhadas pelos nexos de mediação, possuem uma dinâmica direta que fomenta a proporção que o termo relacional assume: quanto mais contundente é a crítica feita sobre uma problemática, maior a tarefa resolutiva que a proposição terá de organizar. A *proposição* indicada ao sintetizar análises para além do criticado gera uma fixação sobre a *crítica*, mantendo uma relação de continuidade, já que partiu desta, mas rompendo com o resultado emergente. Este ponto da dialética da proposição se apoia na dialética da ruptura-continuidade.

³³⁷ BEZERRA, Paulo. Glossário. In.: *Teoria do Romance I: A estilística* / Mikhail Bakhtin; tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra; organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. – São Paulo: Editora 34, 2015, p. 247.

³³⁸ BEZERRA, Paulo. Bakhtin: remate final. In.: *Notas sobre Literatura, Cultura e Ciências sociais*; organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. – São Paulo: Editora 34, 1. Ed, 2017, p. 82.

³³⁹ Na relação entre dialogia e dialética, a primeira não gera síntese, centrando-se no aspecto polifônico dos termos que a constituem (BRAIT, 1997, p. 98).

A crítica, ao acometer uma problemática, gera sobre esta uma negatização que, contraposta pela positização gerada pela ação da proposição, introduz nossa segunda dialogia de negatização-positização. De modo geral, ela contrapõe os termos resultando numa tensão que aumenta a necessidade de ação efetiva. E cada termo classificado levará essa atribuição negativa ou positiva como parte do constructo político-ideológico contido nas fontes, com foco para a orientação ética. Como exemplo, a figura do *traidor* identifica-se sempre negatizada, mesmo que as suas motivações e as condições históricas em que agiu tenham sido indicadas.

Além disso, a negatização-positização aplica-se sobre os *contrapontos poéticos*, pois intensificam o contraste entre imagens poéticas distintas, aumentando a atribuição negativa e positiva sobre cada uma e a necessidade de findar o tensionamento por meio do movimento da crítica à ação, objetivada na práxis. A última aplicação é a influência na formação da trama poética, em que ocorre a adição de signos que isolados não apresentam sentido, mas que juntos formam pontos de ligação simbólica operante pela dialogia em questão.

A dialogia entre moral e ética é expressão da própria práxis da atividade sensível, em que a moral individual - e sua respectiva ação prática -, está submetida à ética coletiva, e às atividades desta. A confluência indivíduo-coletividade é mostrada por Martí quando as atividades individuais são necessárias para a atuação na edificação da luta independentista que, em si, não é reduzida à ação com armas, mas passa pela vinculação à reflexão conjunta da causa, orientada pela ética coletiva. Cada atividade influi para a construção comum que, formada, volta a influir sobre a atividade sensível de cada ser social comprometido. Como alusão, é a processualidade de construção da práxis do *homem natural*.

Esse ser social pode ser tido como representante da coletividade, pois nela se fez e se refaz, formatando a dimensão sujeito-coletividade do *homem natural* em relação ao *povo*. Se ampliarmos este sentido reunindo outras vinculações emergem as dimensões povo-Cuba, ou ainda, Cuba-Nuestra América. Mais do que uma taxação analítica que busca leituras e respostas exatas sobre essas associações, Martí nos abre possibilidades para pensar essas relações de modo crítico e arguto, e nisso é incontornável.

O sujeito está como representante do povo justamente por ser um elemento comum. Não é o uno que reúne as características do povo por ser destacado, mas é

justamente por o compor. Não é uma figura sintética, mas participante. A individualidade se define pela integração³⁴⁰.

A função de montagem das temáticas poéticas pelo *elemento natural*, indicado anteriormente, se expande porque nos *Versos* assume mais uma atribuição. Torna-se mediador das ações, sentimentos e pensamentos do eu-lírico, em que passa a organizar a coesão da *tríade Memória-Morte-Amor*. São uma caracterização político-estética importante nos *poemas* tendo o nexo de *sentimentalidade* como ponto comum, o qual se liga diretamente às mediações do elemento natural desempenhando os aspectos temático-mediador.

A tríade é momento do fluxo sentimental que expressa diferentes graus de intenção poética em que o sentir do eu-lírico se faz em temporalidades variadas e que, pela unidade dos *Versos*, soma-se como um mosaico de subjetividades, mas objetivamente conscientizadas pela esfera política.

Se a tríade direciona o fluxo de consciência do eu-lírico, este não é neutro em sua tomada de posição, refletindo representações políticas que se ligam à ação assumida em defesa da coletividade. A moral individual do eu-lírico se sujeita à ética coletiva de uma humanidade enquanto universalização das frações de classes populares reivindicadas por Martí.

Entre o político e o estético na conciliação martiana das revoluções, política e literária, a complexidade emergente se mostra como simplicidade – sem com isso perder sentido -, aproximando-se da oralidade popular (LOPES, 1997:27-29). Temos o que o povo em sua resistência cotidiana traduz em imagens poéticas.

Nessa trama de sentimentos presentes, o âmbito artístico está em processo formativo constante, perpassado pela imaginação, sonho e inconsciente que também formatam as subjetividades pessoais indissociáveis dessa objetividade social (WILLIAMS, 2000:151-152).

A definição acima é crítica às leituras que tomam como irreconciliáveis a subjetividade pessoal e a objetividade social, logo potencializando o entendimento de que a consciência social só pode ser em meio ao seu solo de relações e, com isso, formata a experiência prática (Idem:152-153). A partir de Williams temos a “estructura del sentir”:

[...] en los significados y valores tal como son vividos y sentidos activamente; y las relaciones existentes entre ellos y las creencias sistemáticas o formales, em la práctica son variables (incluso

³⁴⁰ LOPES, 1997, p. 30-31.

historicamente variables) en una escala que va desde un asentimiento formal con una disensión privada hasta la interacción más matizada existente entre las creencias seleccionadas e interpretadas y las experiencias efectuadas y justificadas (WILLIAMS, 2000:154-155).

Essa sistematicidade dissipa a tensão criticada inicialmente do “sentimiento contra pensamiento”, entendendo ambos como confluente das relações sociais, da qual emerge o “pensamiento tal qual es sentido y sentimiento tal como es pensado” (Idem:155).

Há a necessidade de reconhecer a especificidade dos sentimentos e seus ritmos. Tornam-se expressão na criação artística e na sociabilidade, ampliando suas percepções sobre a experiência social (Idem:156). Usemos essa constatação para conferir as fontes martianas.

O signo de *arte* aparece diluído na expressão de sentimentos surgidos pela experiência cotidiana que constituem a transformação do *coração* em *verso*³⁴¹. O *coração* aparece como receptáculo dos sentimentos e experiências objetivas. É percepção das contradições cotidianas, a forma como o sujeito apreende as emoções de sua atividade sensível ao necessitar dar vazão a essa gama sentimental, elaborando-a em versos, ou em vontade de transformação, o que posteriormente alimenta a noção de práxis³⁴².

Nos atentando à *transformação* a consideramos como essencial ao traduzir os sentimentos acumulados em produção poética e induzindo os sentidos de continuidade e conhecimento sobre o que se observa³⁴³. Logo, os *versos* que daí surgem são sensíveis, mas firmes, pautados em objetividade.

A função social dos *poemas* está em sua utilidade histórica que, traduzível apenas pela ótica de seu tempo, nos indica uma integridade intelectual que articulou os âmbitos político, estético e ético - mesmo que inconscientemente -, pela observação-representação crítica das contradições sócio-históricas de Cuba. A poesia é expressão de sentimentos dos atos e intenções políticas captadas da realidade cubana por Martí abrindo alas para a poeticidade como possibilidade de intervenção.

Como resultado de muitas gerações, a *memória*, sucessivamente histórica, em oralidades, ideias, trabalhos, modos de vida, amores, ódios, perspectivas, imaginações, está no cotidiano, não como elemento suspenso, mas na expressão das atividades

³⁴¹ Como explicitado na análise do poema XLVII, no *subcapítulo 2.3*.

³⁴² Como fica evidente no poema I (MARTÍ, 1997, p. 40-47).

³⁴³ A observação é notável no poema XXI (MARTÍ, 1997, p. 104-105). Esse poema foi analisado no *subcapítulo 2.3*.

sensíveis do dia a dia (BOSI, 2015:9-10). E como lidar com as contradições que compõem essa rotina?

Os *Versos*, entre o real e os devaneios, são marcados pela experiência prática do ser social em relações contraditórias diárias. A poeticidade pode vir a ser momento de catarse, pois abre brecha para a autoconsciência, ou seja, uma ideação sobre o porvir e sobre a atividade sensível que se fará segundo as possibilidades dessas contraditoriedades. Pós momento catártico a consciência retorna a encarar o real - sem nunca ter se descolado desse, apenas se abstraído - e encara-o em sua atividade, remontada pelos signos poéticos que no caso de Martí retomam *memória-morte-amor*. A síntese consciente da reflexão poética se põe novamente a encarar as contradições, mas com nova percepção da necessidade de mudanças.

A poesia de Martí, se entendida como ferramenta de ensino³⁴⁴, assume evidentemente uma forma política, pois está voltada para as frações de classes populares cubanas, ao representar a vida desta e reivindicar sua transformação consciente.

O núcleo do pensamento do revolucionário-poeta adquire assim mais um sentido lógico na historicidade, o qual oportuna captar uma gama maior de nuances e as motivações de suas ideias. Por isso, lê-lo segundo seu tempo é indispensável.

II.

A particularidade da linguagem poética de Martí se faz conforme os ditames de uma época em que as palavras e suas construções podem exibir a autenticidade da linguagem daquele momento e, com isso, um lampejo desse espaço-tempo. Logo, a linguagem exprimida é interpretação da época que poetiza, mas também é criação e criadora de seu tempo social (CARPENTIER, 1969:82-84).

O autor, enquanto porta-voz dessa linguagem-criadora, só pode fazê-la ao cumprir o papel de interpretar, traduzir e sintetizar, fixando pontos a serem memorizados, explicando fatores indissociáveis do período. A importância de um escrito se põe na possibilidade de assumir um papel épico, em que seu âmago sustenta sua órbita, “onde o seu movimento próprio lhe permite viver em função da sua época, exprimindo realidades que são as do tempo em que o romancista vive, do tempo que lhe é possível agarrar” (CARPENTIER, 1969:87-88).

³⁴⁴ VITIER, 2013, p. 173-175.

Diante da complexidade dessa realização, o escritor, ao orientar-se pela dinâmica de transformação da vida, reflete e age sintetizando uma “ação escrita”, a qual, em movimento, revela o posicionamento de quem a escreveu: “Aquele que julga um acontecimento compromete-se” (Idem:89).

E para Carpentier, na América Latina o compromisso é inseparável da vida. Visando Martí, como exemplo, temos seu bem-dizer sobre o território como compromisso cabal que define, fixa e anuncia a função de crítica apresentando a parte do mundo em que viveu (Idem:90). Refletindo a questão da linguagem usada como ferramenta para efetivar a escuta do dito:

Que linguagem é essa? É a história que se desenrola em torno dele, que se constrói em torno dele, que se cria à sua volta, que se firma em seu redor. Não se trata, evidentemente, de agarrar a imprensa de todos os dias e extrair dela uma conclusão literária, mas sim de ver, de compreender, o que, no seu próprio meio, diz respeito a um indivíduo diretamente, e de manter a cabeça suficientemente fria para poder escolher entre os diferentes compromissos que nos solicitam (CARPENTIER, 1969:91).

Mas o compromisso só pode se realizar dadas as condições objetivas postas pelos acontecimentos históricos. Vistas as possibilidades estar em compromisso mostra uma vinculação, que não se fecha no individual – embora passe pelas individualidades de quem o faz -, ao ser relacional ao coletivo. Com isso, “a função do escritor se realiza tendo em vista as aspirações de todo um povo”. Em suma, há um direcionamento do particular ao universal, que Martí ao compreender o que pôde captar gestou uma visão de mundo mediada por seu compromisso (Idem:91-92).

A particularidade da compreensão se faz pois Martí é escritor-criador e espectador das dinâmicas de seu tempo. Pôde apreender a linguagem e as contradições de sua época, pois a experienciou em sua cotidianidade. Ao interpretar e dar *forma* estética, tende a “receber a mensagem dos movimentos humanos, verificar a sua presença, definir, descrever, a sua atividade coletiva” (Idem:92)

Nesse sentido, se na poética martiana a expressão da linguagem é criada pelos fatos, a representação poética desses fatos resulta em uma ideação advinda do solo histórico e construtora de uma percepção estética objetivo-projetiva (Idem:93).

Na tese de Carpentier, “escrever é um meio de ação. Mas ação que não é concebível senão em função dos seres aos quais esta ação concerne [...]”, no caso de Martí, a ação se traduziu como utilidade coletiva (Idem:94).

Da única atribuição comum entre o papel do romancista e o da escrita de Martí:

Ocupar-se desse mundo, desse pequeno mundo, desse grandíssimo mundo, é a tarefa do romancista atual. Entender-se com ele, com esse povo combatente, criticá-lo, exaltá-lo, pintá-lo, amá-lo, tentar compreendê-lo, tentar falar-lhe, falar dele, mostra-lo, mostrar nele o âmago, os erros, as grandezas e as misérias, falar dele mais e mais, aos que permanecem sentados à beira do caminho, inertes, esperando, não sei o quê, ou talvez nada, mas que têm, no entanto, necessidade de que se lhes diga alguma coisa para os demover (CARPENTIER, 1969:95).

Neste cenário vemos Martí como escritor compromissado, mas destacado em relação do papel enquanto romancista. Em sua obra há uma intenção política direta, por essência de contestação, que não se põe na aparência crítica dos literatos/modernistas estáticos.

Na passagem da estrutura da sociedade colonial à modernização capitalista – sendo 1870 o marco³⁴⁵ –, destacaram-se as funções dos intelectuais que orbitavam a ordem institucional dos governos, que pela literatura, ensaio, cátedra e administração participaram ativamente da direção política. Destas práticas não escapam o âmbito poético que, “patrimônio comum de todos os letrados”, também influenciou com o viés dessa intelectualidade imperante. Os Intelectuais como elaboradores de ideologias públicas, ao estarem absorvidos pelas funções institucionais, atuavam, mas tinham sua atividade enquadrada pelas vicissitudes da função que operavam. “Não somente servem a um poder como também são donos de um poder que, inclusive, pode embriagá-los até fazê-los perder de vista que sua eficiência, sua realização só se alcança se o centro do poder real da sociedade o apoia, lhe dá força e o impõe” (RAMA, 2015:41-42).

Embora Martí tenha atuado dentro dessas possibilidades, de professor à cônsul, sua produção marcou-se pela não incorporação plena à ordem institucionalizada ao dirigir sua realização por uma busca pelo apoio e articulação das frações de classe populares.

A escrita martiana renuncia ao romance/novela como indicado no prólogo incluso de seu único romance, “Lucía Jerez”, ao citar a tentativa de “levantar el espíritu del público con hazañas de caballeros y de héroes, que han venido a ser personas muy fuera de lo real y del buen gusto”³⁴⁶, em um trabalho que “No es más, ni es menos”.

³⁴⁵ O assunto é trabalhado em: RAMA, Ángel. *A Cidade modernizada*. In.: A cidade das letras / Ángel Rama; tradução Emir Sader. – 1. Ed. – São Paulo: Boitempo; p.69-91, 2015.

³⁴⁶ “elevar o espírito do público com os feitos de cavaleiros e heróis, que se tornaram pessoas muito fora do real e de bom gosto”. In: MARTÍ, José. Prologo inconcluso de José Martí. In: *Lúcia Jerez*. 1885. Disponível em: <http://www.josemarti.cu/publicacion/lucia-jerez/>.

Se propôs ao real onde podia ouvir diálogos de pessoas que viveram. Além disso, o gênero não possibilitava, quantitativamente e qualitativamente³⁴⁷, as articulações e denúncias políticas para a construção do projeto de soberania nacional. Em contrapartida, o jornalismo em periódicos³⁴⁸ era-lhe mais funcional pelo formato que se disseminava mais rápido, a partir dos jornais para os quais contribuiu.

O sentido do jornalismo nos escritos de Martí pôde se definir por “la sustitución de una literatura libresca por una literatura periodística, atenta a la vibración del instante (UREÑA, 1959:167 Apud. RETAMAR, 1995:247). E acerca dessa prática o:

[...] periodismo no permite comprender el papel extraordinario que éste tuvo en Martí, en un momento en que, por añadidura, el periódico iba a acoger colaboraciones de no pocos escritores hispanoamericanos coetáneos o más jóvenes, obligados a hacerse periodistas ante presiones socioeconomicas conocidas. En el caso de Martí, sin que dejaran de existir tales presiones, él se valió con frecuencia del texto periodístico, al igual que del discurso y la carta, como vehículos para transmitir su pensamiento: es decir, que ocuparon sitio central en su obra por razones funcionales (RETAMAR, 1995:248).

É essa a finalidade (forma de elaboração escrita que possibilita a denúncia política) que traduz a função social necessária para realidade sócio-histórica cubana, e latino-americana; que se reveste pela relação dialógica e dialética entre discurso e prática; que se constitui enquanto "gênero utilitário por excelência" (RETAMAR, 1983:58).

Um outro ponto da complexidade da obra de Martí é a relação entre periodismo, escritos político-literários e a sua recusa ao realismo nas artes como perda da personalidade. Antes de firmarmos como contraditório, vale-nos examinar: qual é a concepção de realismo em Martí, dada que em sua obra não há uma separação entre os âmbitos estético e político?

A Marx no dejaba de acercarse Martí - Tesis sobre Feuerbach- al rebelarse contra un realismo que se presentaba como un método de reproducción puramente contemplativa de un objeto ajeno al sujeto, sin tomar en cuenta el influjo de lo subjetivo en las consecuencias prácticas de la actividad humana sensorial (AGUIRRE Apud. RETAMAR, 1995:250).

³⁴⁷ As inovações técnicas postas em prática na produção editorial possibilitaram novas de barateamento e disseminação de livros, periódicos e folhetins, “[...] una transformación editorial que no sólo consistió en la difusión de libros, sino también de la prensa, con el aumento de periódicos y revistas dotados de mayor rapidez y espontaneidad, a los que se aplicaron igualmente, y en muchas ocasiones de forma previa, las innovaciones” (MARTIN Apud. SAMPAIO, 2013, p. 30).

³⁴⁸ Sobre a circulação de ideias e o uso de periódicos vinculados às correntes de pensamentos do século XIX: (SAMPALIO, 2013, p. 30-39).

Nessa direção, Retamar nos indica que “Aquel rechazo por Martí de un realismo empobrecedor, lo preparó para la aceptación y la práctica de un realismo creador, de alto vuelo” (RETAMAR, 1995:250).

A sua renúncia é em relação à reprodução do real enquanto idealização logicista, reflexo idealista da filosofia na literatura e nas artes. Nesse sentido, a reprodução da realidade por Martí, não foi um apanhado de páginas pensadas de uma vez, como as dos naturalistas de seu tempo, mas sim o montante de suas apreensões diárias, ao passo de longos anos de trabalho e escrita crítica constante³⁴⁹.

Da escrita à oralidade, a crítica se manteve direcionada para um destinatário popular que, em muitos casos, não tinha acesso direto à escrita, mas que era transpassado pelos discursos e pela própria poesia de métrica popular, onde ambas cumpriam papel formativo, o que explica o tom direto dos discursos de Martí (RETAMAR, 1995:255).

A crítica em Martí se deu, como chamou Retamar, pela “crítica del criterio” que, influenciada por aspectos impressionistas da crítica literária, em vigor no final do século XIX, passa a recriar o objeto cultural analisado por meio de uma estética própria poetizada. Martí não compõe livremente apenas por sensações poéticas imediatas, mas se orienta por um método – ou *critério* – que toma a crítica das desigualdades como orientação. O aspecto estético se constrói integrado aos seus conhecimentos históricos e sociológicos³⁵⁰.

No hay letras, que son expresión, hasta que no hay esencia que expresar en ellas. Ni habrá literatura hispanoamericana, hasta que no haya Hispanoamérica. Estamos en tiempo de ebullición, no de condensación; de mezcla de elementos, no de obra enérgica de elementos unidos [...] Lamentémonos ahora de que la gran obra nos falte, no porque nos falte ella, sino porque esa es señal de que nos falta aún el pueblo magno de que ha de ser reflejo (MARTÍ, 1881, APUD RETAMAR, 1995:41).

Nesse sentido, a estética martiana é expressão de historicidade: “cada estado social trae su expresión a la literatura, de tal modo que por las diversas fases de ella pudiera contarse la historia de los pueblos, con más verdad que por sus cronicones y décadas” (MARTÍ, 1887 apud. RETAMAR, 1995:50).

A síntese da crítica martiana articula o político ao literário por meio de sua “voraz assimilação do mundo”, que se pauta na construção da recusa colonial em universalidade, mas sem abstrair o essencial: a criticidade de sua função (RETAMAR, 1995:42-43). E

³⁴⁹ É o que constitui a sua imensa literatura factual (RETAMAR, 1995, p. 252).

³⁵⁰ RETAMAR, 1995, p. 38-39.

exemplificado a função política aproximada da questão estética: "¡La justicia primero y el arte después! [...] Cuando no se disfruta de la libertad, la única excusa del arte, y su único derecho para existir, es ponerse al servicio de ella. ¡Todo al fuego, hasta el arte, para alimentar la hoguera!" (MARTÍ APUD. RETAMAR, 1995:49).

Ainda conforme Retamar, para Martí “el único modo de ser poeta de la patria oprimida es ser soldado”, ou seja, valora a arte como ação revolucionária, pois no contexto da guerra de independência a revolução adquiriria a forma mais elevada de “criação humana” (RETAMAR, 1995:49).

A Literatura apresenta-se como receptáculo que transpassa a imediatividade do prazer estético, sendo instrumento de indagação e fonte de conhecimento de grupos, intensões e épocas para além da intencionalidade posta na obra pelo autor (CARPENTIER, 1969:10). Consequentemente, emerge a tarefa do escritor “mostrándonos o que de universal, relacionado com o vasto mundo, possa achar-se nas nossas gentes – embora a relação, em certos casos, possa ser estabelecida pelas vias do contraste e das diferenças” (Idem:13).

O que nos remete, novamente, a Lukács para o qual é essencial que o escritor tenha tomado posição, não fazendo da obra um panfleto, mas expressando as contradições dos grandes problemas humanos frente aos quais a arte tem uma função social formativa da consciência (LUKÁCS, 1965:34-36).

Dessas relações Martí cunhou sua escrita que, ao fazer a passagem do singular ao universal, observou necessidades cotidianas e lhes atribuiu um sentido político direcionado a resolvê-las. E a denúncia, de fato, ao se utilizar da escrita não precisa apenas de conteúdo social, mas também do movimento do ocorrido que permita a formação de um conteúdo épico-social, em si eloquente pela amplitude social que toma, atinge e se enraíza (CARPENTIER, 1969:28). É um passo que mostra o objeto, pondo-o em evidência frente aos sentidos de quem lê, clarifica o contexto e situa-o em universalidade³⁵¹

A formação do intelectual do cubano no século XIX estava em diálogo com os seus pares pelas América Latina, pois o reconhecimento de sua nacionalidade passava pela fixação da nacionalidade alheia. Do resultado emergiram conceitos essenciais para as partes em diálogo, ideias gestadas entre nacionalidades e com aspiração unitária (CARPENTIER, 1969:47).

³⁵¹ CARPENTIER, 1969, p. 31.

O que levava a essa troca de palavras era o comprometimento, por vezes, opostos em espectros político-ideológicos do humanismo latino-americano do período. De Sarmiento a Martí, temos uma interpretação sobre as condições sociais, mas a inação toma parte dos intelectuais que apenas escrevem, e aceitam as “piores injustiças”, relegando os de cunho revolucionário-prático à solidão.³⁵² Separa-se o pensador argentino do pensador cubano em suas funções correspondentes (CARPENTIER, 1969:49).

O tema da formação intelectual alcançou Martí que, em seu projeto de formação ética e popular do *homem natural*, criticou os chamados “letrados artificiais”. Analisando a situação Rama identifica um anacronismo nessa concepção de “homem natural”, pelo fato de que não era um grupo que estava objetivamente formado naquele contexto de dominância das correntes positivistas que operavam entre a “amalgama” liberal-conservadora (RAMA, 2015:70).

Vale ressaltar que a dominância ideológica não correspondia à totalidade das concepções do período. Emergiam novas concepções das contradições da realidade e das ações de frações de classes diferentes às das classes dominantes de ideologia liberal, possibilitando atuações destoantes revolucionárias.

A experiência social pôde historicamente se distinguir da generalização imperante de um tipo de experiência da classe dominante do período, com trocas e interações entre classes que escaparam à fixação aparente da subsunção econômica, em uma dialogia entre formas de consciências sociais em fluxo aberto. A distinção se dá no fato de que na ação prática há uma vinculação direta às formas de vida e às experiências de um grupo e indivíduo, o que surge antes do processo de racionalização e institucionalização da lógica dominante (WILLIAMS, 2000:154).

Após a sua formação muitos intelectuais orbitavam cargos administrativos da política estatal, em que os postos na área da educação e diplomacia mantinham-se mais ligados ao manejo do Estado. Em contrapartida, a área do jornalismo dava chances de elaborações diferentes das ideias institucionais, pela gama de novos órgãos jornalísticos e revistas. Nesse espaço de menor controle do Estado sobre a ensaística política emergiu uma produção mais contundente voltada para a conscientização e educação públicas (RAMA, 2015:71).

³⁵² O comprometimento de Martí se efetuou por um amadurecimento precoce, o qual foi atravessado pelas consequências de “un destino logicamente desgraciado”. In: MISTRAL, Gabriela. Cuatro hombres americanos. In.: Por la humanidad futura: Antología política de Gabriela Mistral. / Diego del Pozo (Org.). – 1.ed. – La Pollera Ediciones, 2015, p. 95.

Aos letrados encarregados do projeto de educação alçaram-se as problemáticas de elaboração de uma linguagem que cumprisse, ao mesmo tempo, a tarefa de código participante da lógica de administração pública (consoante a forma culta da língua imperante nas classes dominantes) e de facilitadora da inserção de novos grupos sociais que, sendo educados, ampliavam a dinâmica de controle e ainda aumentavam a autonomia dos letrados. O projeto, comparte da ordem burocrática de inspiração eurocêntrica, viabilizava uma autonomia letrada para a criação de uma *literatura nacional*. Todavia, essa produção representava a estrutura político-social que a possibilitava, sendo profundamente marcada por um caráter subordinado à burocracia, e com isso, potencialmente acrítico (RAMA, 2015:63).

Num período anterior, como exemplo, Simón Rodríguez destoou aliando os aspectos das autonomias política e literária, a partir de uma unidade que partisse das particularidades locais.

Simón Rodríguez raciocinou que as repúblicas não se fazem “com doutores, com literatos, com escritores”, mas com cidadãos, tarefa duplamente urgente numa sociedade que a Colônia não havia treinado para esses fins: “Nada importa tanto como o *ter Povo*: formá-lo deve ser a única ocupação dos que se identificam com a causa social” (RAMA, 2015:64).

A identificação do foco político na formação popular, pois seria o *povo* a fazer a república, não dissolveu a proximidade dos letrados à burocracia dominante, mesmo no contexto independentista bolivariano, em que o projeto educacional, ao formar elites dirigentes, ainda manteve a base de uma ordem que postava a concentração das decisões políticas por novos letrados – ou antigos letrados repaginados -, sem uma participação efetivamente popular na direção política (RAMA, 2015:64).

As brechas políticas do controle estatal surgidas no período de modernização, moldaram novos intelectuais de caráter crítico que, em alguns casos, não conseguindo coexistir nas relações sociais tensionadas pela elite interna, fizeram traslado para outros países, marcando a dualidade de sua formação político-cultural com elementos coloniais do país de origem e elementos “cosmopolitas” das cidades modernizadas dos países desenvolvidos. “Efetivamente, começou a manifestar-se desde fins do século XIX uma dissidência dentro da cidade-letrada, que configurou um pensamento crítico” (RAMA, 2015:74).

No oposto, a resultante ideológica da dualidade posta foi a adoção de doutrinas europeias estranhas ao solo latino-americano, mas que se adaptaram e confluíram entre

grupos e classes regionais “e, o que é mais grave, permitia que se seguisse trabalhando em um fechado marco regional, ao qual se aplicava uma teoria que, em compensação, postulava uma interpretação universalista (RAMA, 2015:75).

A escolha dos literatos pela atividade artística esterilizada de política ocorreu conforme uma nova divisão social do trabalho, que não requeria o acúmulo de vários cargos na mão de um indivíduo, já que se formavam profissionais especializados para a administração estatal. Os que continuaram nas atividades do âmbito político o fizeram por escolha, expressando-se pelo jornalismo e pelas relações diplomáticas (RAMA, 2015:94-95).

Ainda na contramão, a escolha de Martí é pela política e não pelo âmbito literário, quando abdica, inclusive, das atividades civis politizadas do jornalismo e da diplomacia para se manter diretamente ocupado pela organização da luta revolucionária (RAMA, 2015:96).

Aos que ficaram entre o político e o artístico, a função de ideólogos passou a ser marcada pela dualidade, de visões amplas e abstratas voltadas para as mudanças políticas necessárias de toda uma sociedade, mas com visões reduzidas, direcionadas para os problemas locais. Entretanto, as questões locais voltavam a encaminhar-se para os assuntos nacionais, pois eram influenciadas por estes e, com isso, assumiam aspectos universalistas. “Os espíritos mais lúcidos tentaram abarcadoras construções sincréticas que coordenavam a forçosa assunção do universalismo com o resguardo das tradições internas” (RAMA, 2015:98).

Essa estruturação social pela ordem burocrática facilitou a dominância dos discursos conservadores, subsidiários do discurso ocidental (doutrinas europeias e estadunidense de caráter liberal, eugenista e religioso), em contraposição às visões progressistas tais quais a de José Martí e Manuel Bomfim³⁵³ (RAMA,2015:98-99).

Junto à formação das concepções local-universal ganhou força um pensamento internacionalista, possível – segundo Rama³⁵⁴ -, a partir da modernização e baseado em um liberalismo romântico de defesa idealizada de liberdade e igualdade. Martí, mesmo educado sob parte dessa tradição, vê os limites desse processo ao perceber que os direitos

³⁵³ Acerca das posições de Bomfim, vide: ALVES FILHO, Aluizio. Manoel Bomfim: Combate ao racismo, educação e democracia radical / Aluizio Alves Filho – 2. ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2013.

³⁵⁴ Rama usa *internacionalista* na acepção da circulação de ideias que a modernização capitalista em expansão, já se dirigindo aos moldes de atuação do imperialismo, possibilitou para as ideologias liberais se fixarem como motivo de dominação ideológica, confluyente à dominação do mercado internacional sobre países dependentes.

reclamados ideologicamente pelo liberalismo ficavam restringidos à potência econômica dominante, os EUA. A diferença dos ideais que se “levam na cabeça”³⁵⁵, não condiz ao “que se move sob os pés” (RAMA, 2015:98-99).

O sentido da dinâmica de universalização em historicidade de Martí – pontuada inicialmente -, que faz a passagem da observação e crítica da realidade local à universalidade, é solução para a problemática do liberalismo destoante, o qual se impõe do universal ao local³⁵⁶. O foco martiano na especificidade colonial cubana o fez atuar entre essa dialética singular-universal que, para Rama, teve duas dimensões³⁵⁷: (1) a opção de se orientar pela lógica local se formou em diálogo com “ideias, métodos e dilemas das metrópoles” modernizadas nas quais Martí viveu; (2) as propostas políticas se experienciaram em âmbito urbano, polo da capital, e da centralização da modernização produtiva dos engenhos. Frente a isso, a dualidade inicial (local-universal) se remonta em capital urbana e território nacional.

[...] Assim, os dois universos a que aludia Martí, o que se movia sob seus pés e que se levava na cabeça, objetivavam-se em duas cidades: a real, que se expandia como uma anarquia atrás da qual corria a ordem para organizá-la (e também para freá-la) e a ideal, que procedia do modelo europeu conhecido, ainda que muito mais, se o reconstruímos realisticamente, dos livros em que era contada, já que eram estes, mais as revistas ilustradas e as descrições miríficas dos viajantes, os que construíam essa utopia engececedora que, ao estabelecer os rumos extremos, enturvava a visão da realidade circundante [...] (RAMA, 2015:100).

A segunda dimensão traduziu, inclusive, influências diretas no grau de importância dos signos do pensamento martiano, como é o caso do *elemento natural*. A adoção de Whitman e Emerson por Martí é sinal da questão da cidade. Ambos os estadunidenses, definidos³⁵⁸ pela escola literária do “Transcendentalismo”, contribuíram para um programa romântico de exaltação da natureza frente à modernização das cidades, em que estavam inseridos e se aflagiam.

Dada essa tradição urbana, não foi um grande problema transportar a natureza a um diagrama simbólico, fazendo dela um modelo cultural operativo onde fosse possível ler, mais que a própria natureza, a sociedade urbana e seus problemas, projetados ao nível dos absolutos. Fizeram-no sagazmente os dois maiores poetas da modernização, Rubén Darío e José Martí, que construíram estruturas de significação –

³⁵⁵ MARTÍ, 1977, p. 205 Apud. RAMA, 2015, p. 99.

³⁵⁶ RAMA, 2015, p. 99.

³⁵⁷ RAMA, 2015, p. 99-100.

³⁵⁸ RAMA, 2015, p. 79.

mais enganadoramente estéticas no primeiro e mais dramaticamente realistas no segundo. Continuava de pé, porém, outro problema, constituído pela produção cultural dos homens presumivelmente naturais que viviam nessa natureza; constituído na realidade, por suas principais construções simbólicas, com a língua, a poesia, a narrativa, a cosmovisão, as mensagens históricas e as tradições longamente elaboradas, que fluíam dentro de um sistema produtivo majoritariamente oral cujas peculiaridades eram irredutíveis aos sistemas de comunicação urbana (RAMA. 2015:79-80).

O pensamento de Martí baseava-se em elementos históricos criticados em seu período e se postou como possibilidade contra as formas conservadoras. Das disputas pelo Continente por projetos ideológicos contrapostos, dos intelectuais que reduzem o termo “Nossa América” a uma tipificação de americanismo, Martí se põe como opção de uma “*América Nossa*”, em princípio ético para os que nela viveram:

Bem havia Martí assinalado que “o maior perigo da nossa América” era “o desdém formidável do vizinho que a desconhece”. Havia classificado de setemesinhos os que não tinham fé na sua terra; havia assinalado com o dedo acusador “os delicados que eram homens e não queriam fazer o trabalho de homens”, e, profético como o fora muitas vezes, vislumbrou a abjeta traça dos “desertores que pedem fuzil nos exércitos da América do Norte”. A *América Nossa*, de Martí, carregava com os seus índios e com os seus negros, com o “sangue natural do país”, com todas as realidades, boas ou más, à espera do dia em que “os homens novos americanos” pudessem saudar-se, de um lugar para outro, com “os olhos alegres dos trabalhadores” (CARPENTIER, 1969:50-51).

A centralidade política manifestou-se como polo de preocupações por parte dos intelectuais críticos do século XIX, dos quais para Carpentier:

Os grandes latino-americanos que, no século passado, souberam identificar-se em função dos mesmos princípios, compartilhavam, no fundo, ideias muito claras, muito práticas, de emancipação política, de educação das massas, de tomada de consciência do indivíduo e dignificação do homem. Pensamento reto, cabal, extraído de experiências que na altura eram válidas, à espera de experiências mais científicas, mais sistemáticas, mais firmadas numa análise profunda do desenvolvimento histórico e econômico das sociedades (CARPENTIER, 1969:53).

3.2. Vocações de *Crítica e Proposituras* no pensamento martiano

*A tradição de todas as gerações mortas oprime como um pesadelo o
cérebro dos vivos.*
KARL MARX³⁵⁹

I.

Adentrando à esfera da política a temos como ponto central. Observamos sua expressão direta nas fontes do *artigo* e do *discurso*, estando menos evidente nos *Versos* – o que não significa sua supressão -, reunindo em si o ideário de Martí. Dessa forma, pautado na defesa da “alma da terra”³⁶⁰, o autor estrutura suas concepções sobre a ação de governar segundo as condições reais do “país nascente”³⁶¹. Esse traçado influi para noções basilares sobre a forma de uma boa governança dada a relação entre governo e povo. Ambos orientados por uma “razão”³⁶² coletiva, associam-se pelas dialogias³⁶³ para caracterizar os requisitos de um governo natural: “O governo não é mais do que o equilíbrio dos elementos naturais do país”³⁶⁴.

Logo, deve haver um estadista natural formando pelo estudo da naturalidade local: “En pie, con los ojos alegres de los trabajadores, se saludan, de un Pueblo a otro, los hombres nuevos americanos. Surgen los estadistas naturales del estudio directo de la Naturaleza. Leen para aplicar, pero no para copiar” (MARTÍ, 2011:29).

Isso se torna possível pelo aprendizado nas “universidades americanas”³⁶⁵, lócus do *conhecer* de Nuestra américa, que possibilita a “arte do governo” americano, pois “¿Cómo han de salir de las universidades los gobernantes, si no hay universidad en América donde se enseñe lo rudimentario del arte del gobierno, que es el análisis de los elementos peculiares de los pueblos de América?”³⁶⁶.

Assinalar os aspectos do bom governo só é viável mediante a identificação e crítica dos elementos de que atrasam o desenvolvimento desse “governo lógico”³⁶⁷. Para Martí devesse “conhecer o país e governá-lo conforme o conhecimento” para “livrá-lo

³⁵⁹ MARX, Karl. O 18 Brumário de Luís Bonaparte. In.: A revolução antes da revolução / Karl Marx – 2. Ed. – São Paulo: Expressão popular, p. 209, 2015.

³⁶⁰ MARTÍ, 2011, p. 23.

³⁶¹ MARTÍ, 2011, p. 16.

³⁶² MARTÍ, 2011, p. 23-24.

³⁶³ São as dialogias de crítica-proposição, negatificação-positivação e moral-ética indicadas no subcapítulo 3.1.

³⁶⁴ MARTÍ, 2011, p. 17.

³⁶⁵ MARTÍ, 2011, p. 20.

³⁶⁶ MARTÍ, 2011, p. 19.

³⁶⁷ MARTÍ, 2011, p. 23.

das tiranias”³⁶⁸, e com isso os “Os políticos nacionais têm de substituir os políticos exóticos”³⁶⁹, a fim de barrar a influência dos *paises estrangeiros* sobre a realidade local.

A atividade sensível não é deixada de lado, pois o governo natural é resultado da ação coletiva do povo. E onde não se consolidou, a “massa inculta”³⁷⁰ deve reivindicar o bom governo contra formas políticas antipopulares. “Com os oprimidos, devia-se fazer causa comum para fortalecer o sistema oposto aos interesses e hábitos de mando dos opressores”³⁷¹, pois o governo que fere a massa é por ela derrubado. De todo modo, a ação popular deve ser feita conforme a razão coletiva, para garantir a defesa da coletividade contra a dificuldade de governar “os pensamentos diversos, arrogantes, exóticos ou ambiciosos”³⁷² após a batalha.

En pueblos compuestos de elementos cultos e incultos, los incultos gobernarán, por su hábito de agredir y resolver las dudas con su mano, allí donde los cultos no aprendan el arte del gobierno. La masa inculta es perezosa, y tímida en las cosas de la inteligencia, y quiere que la gobiernen bien; pero si el gobierno le lastima, se lo sacude y gobierna ella (MARTÍ, 2011:19).

Se a atividade do povo transforma a forma de governabilidade, podemos observar aqui a *dialética de crítica e proposição*³⁷³. Forma-se pela oposição entre um elemento criticado e uma solução proposta, que produz uma finalidade de ação transformadora, e resulta em uma logicidade propositiva que perpassa os *textos*, estabelecendo funções marcadamente político-ideológicas, pois buscam influir e se vincular à ação de grupos populares. Historicamente tivemos a objetivação dessa dialética nas questões sobre organização política e práxis do exército independentista cubano.

Por conseguinte, a lógica propositiva anuncia uma concepção política que surge do embate entre os elementos criticados e as proposituras, gerando como síntese uma temática objetiva, incitada pelo discurso martiano para ser transformada na prática através da atividade sensível popular. A contraposição dos termos nessa relação dialética se expressa, por exemplo, pelos contrapontos poéticos que as imagens estetizadas formam ao descrever as contradições sociais coloniais³⁷⁴.

³⁶⁸ MARTÍ, 2011, p. 20.

³⁶⁹ MARTÍ, 2011, p. 21.

³⁷⁰ Termo usado como contraponto à ideia do letrado artificial criticado por Martí.

³⁷¹ MARTÍ, 2011, p. 24.

³⁷² MARTÍ, 2011, p. 22.

³⁷³ Abordada inicialmente no subcapítulo 3.1.

³⁷⁴ Como expostas no subcapítulo 1.2.

A proposição consiste na indicação das possibilidades sócio-históricas frente à negatificação pelas críticas das tensões coloniais que culminam em uma proposta ética, resultante da ação autônoma possível dos seres sociais em movimento. A âmbito ético, referindo-se ao coletivo, ganha destaque frente às morais individualistas que não compõem a unidade popular. Embora seja alto o grau de idealização na formação de um princípio ético martiano, principalmente por ser uma proposta e não uma prática social ampla e disseminada, o autor teoriza conforme as especificidades concretas cubanas, apontando pontos factuais. Mesmo que essa nova ética se consolidasse em um novo contexto pós-revolucionário, pela dialogia da ruptura-continuidade, elementos embrionários já estavam objetivados no solo histórico do final do século XIX, podendo ser desenvolvidos ou não, mas constituintes da gênese das atividades sensíveis e pensamentos críticos, tais quais o de Martí e de outros grupos sociais opositores ao colonialismo.

Martí estabeleceu um *continuum* da crítica como princípio da dialética de seu pensamento presente desde as proposituras iniciais até as finais: é a continuidade da crítica sobre a problemática que se fixou e rompeu, possibilitando seguir observando e ordenando criticamente os novos termos sintetizados na ação. Pelo outro princípio de “Conhecer é resolver”³⁷⁵, mesmo com a realização de uma primeira superação dialética de crítica-proposição, essa deve manter-se, pois os “povos deverão viver se criticando, porque a crítica é saúde; mas com um só peito e uma só mente”³⁷⁶.

Quanto mais contundente a crítica sobre a problemática, maior a necessidade resolutive, o que influi na percepção direta de tática e estratégia, ambas orientadas para a *revolução* inerente às frações de classes populares cubanas.

Exemplificaremos os nexos de *Crítica de conduta*, *Proposição de conduta* e *proposição de ação* conforme manifestam-se nas fontes.

A *crítica de conduta* dirige-se a elementos presentes no cotidiano fazendo um julgamento de fatores advindos de escolhas individuais e os inerentes à sociabilidade. O primeiro grupo de fatores diz respeito à condenação daquele que sente inveja da terra alheia:

Los que, al amparo de una tradición criminal, cercenaron, con el sable tinto en la sangre de sus mismas venas, la tierra del hermano vencido, del hermano castigado más allá de sus culpas, si no quieren que les

³⁷⁵ MARTÍ, 2011, p. 20.

³⁷⁶ MARTÍ, 2011, p. 29.

llame el pueblo ladrón, devuélvanle sus tierras al Hermano (MARTÍ, 2011:12-13).

Prossegue condenando: quem renúncia à terra para aderir às ideias de dominação estrangeira; aos traidores que vão à Paris ou Madri³⁷⁷; aos jovens que adotam óculos ianques ou franceses: “Para adivinhar saem os jovens ao mundo, com óculos ianques ou franceses, e aspiram a dirigir um povo que não conhecem”³⁷⁸; “ao homem leviano que abre a porta ao estrangeiro” apodrecido pelo “luxo venenoso”³⁷⁹.

O segundo grupo corresponde às críticas contra: a “negação do direito do homem ao exercício de sua razão”, criticando o governo que renunciou a “alma da terra” para dar importância às formas e ideias importadas da “soberba das cidades capitais” (MARTÍ, 2011:23-24).

Com uma gama de expressões temos a denúncia contra a subjugação de Cuba, e as condições de vida do povo cubano, feita por grupos que colocam seus interesses próprios acima do país consolidando as injustiças e desigualdades. Sejam grupos externos que desconhecem a realidade local, sejam filhos destoantes de grupos internos que, influenciados pelos inimigos, se esqueceram dos pais e que, por “métodos confusos”³⁸⁰, negam a revolução para a construção de uma república.

Para Martí as disputas por interesses internos egoístas abrem brechas para a persistência da miséria e da impunidade, por alas que representam um patriotismo maquiado de bajuladores da Inglaterra e da França e que, atuando como “políticos de papel”, são inaptos para entender o país.

Con esta libertad real y pujante, que sólo puede pecar por la falta de la cultura que es fácil poner en ella, han de contar mas los políticos de carne y hueso que con esa libertad de aficionados que aprenden en los catecismos de Francia o de Inglaterra, los políticos de papel (MARTÍ, 2003:6).

As necessidades do país indicariam uma ruptura pela guerra revolucionária, a qual, entretanto, é envolta de imobilismo por difamadores que desincentivam a independência. Esse “desconhecimento”³⁸¹ manteria a pobreza do país, em vez da “pátria piedosa e perspicaz”³⁸² que poderia se objetivar.

³⁷⁷ MARTÍ, 2011, p. 14.

³⁷⁸ MARTÍ, 2011, p. 19.

³⁷⁹ MARTÍ, 2011, p. 30.

³⁸⁰ MARTÍ, 2003, p. 6.

³⁸¹ MARTÍ, 2003, p. 6.

³⁸² MARTÍ, 2003, p. 4.

A *Proposição de conduta* volta-se para uma proposta ética que, feita pela união em alma do povo, divide-se em duas partes: (1) no “*conhecer*” para os “povos nutridos de seiva governarem na prática contínua da razão e liberdade”³⁸³ em contraste à “carreira política que desconhece os rudimentos da política”³⁸⁴, pois não entendeu o funcionamento local. Assim sendo, conhecer a realidade para lutar e por “garantia de futuro”³⁸⁵ é a necessidade de troca da universidade europeia por uma “universidade americana”³⁸⁶ para manter o estudo e a união da alma continental;

(2) e no “*resolver*”, aqui enquanto proposição moral para superar o medo da guerra e ir até o fim da causa para a proteção de todos:

¡Basta, basta de meras palabras! Para lisonjearnos no estamos aquí, sino para palparnos los corazones, y ver que viven sanos, y que pueden; para irnos enseñando a los desesperanzados, a los desbandados, a los melancólicos, en nuestra fuerza de idea y de acción, en la virtud probada que asegura la dicha por venir, en nuestro tamaño real, que no es de presuntuoso, ni de teorizante, ni de salmodista, ni de melómano, ni de cazanubes, ni de pordiosero. Ya somos uno, y podemos ir al fin: conocemos el mal, y veremos de no recaer; a puro amor y paciencia hemos congregado lo que quedó disperso, y convertido en orden entusiasta lo que era, después de la catástrofe, desconcierto receloso; [...] (MARTÍ, 2003:9).

Esse esforço daria oportunidade para a melhor parte do ser social com o *amor* possibilitando a luta pela “equidade”³⁸⁷ e a ideia intransponível de futuro traduzida enquanto paixão pelos princípios da República,³⁸⁸ ou seja, por uma justiça que proteja a preferência pela imperfeição constitutiva do *povo*.

Se ha de tener fe en lo mejor del hombre y desconfiar de lo peor de él. Hay que dar ocasión a lo mejor para que se revele y prevalezca sobre lo peor. Si no, lo peor prevalece. Los pueblos han de tener em picota para quien les azuza a odios inútiles; y otra para quien no les dice a tempo la verdad (MARTÍ, 2011:32-33).

Condensando propostas de defesa de princípios o pensamento martiano fixa a preferência pelo que lhe é próprio à terra, como fica evidente no segundo poema dos *versos*:

³⁸³ MARTÍ, 2011, p. 23.

³⁸⁴ MARTÍ, 2011, p. 20.

³⁸⁵ MARTÍ, 2003, p. 6.

³⁸⁶ MARTÍ, 2011, p. 20.

³⁸⁷ MARTÍ, 2003, p. 3

³⁸⁸ MARTÍ, 2003, p. 3.

Yo sé de Egipto y Nigricia, / Y de Persia y Xenophonte; / Y prefiero la caricia / Del aire fresco del monte.

Yo sé de las historias viejas / Del hombre y de susrencillas; / Y prefiero las abejas / Volando en las campanillas.

Yo sé del canto del viento / En las ramas vocingleras: / Nadie me diga que miento, / Que lo prefiero de veras.

Yo sé de un gamo aterrado / Que vuelve al redil, y expira, - / Y de un corazón cansado / Que muere oscuro y sin ira.³⁸⁹

Os combatentes de Martí devem valorizar esse sentimento pela terra - tal qual seus havaneses do poema XXVII³⁹⁰ - junto a crítica norteadora de ação pela liberdade “com todos e para o bem de todos”.³⁹¹

A *Proposição de ação* parte da noção de organização da luta presente nas três fontes. Embora possa se referir à luta contra “quem atíça o ódio” contra o povo, nas descrições representativas da figura do inimigo, o tom é mais amplo, voltado para a organização da luta para a guerra necessária. Dessa se direcionaria ação e o pensamento para estruturar a defesa contra a invasão estrangeira, a fim de garantir a construção de futuro em Cuba e autodeterminação para que os seus filhos possam morrer em paz. “Levantemo-nos para que um dia nossos filhos tenham um túmulo”.³⁹²

Clávese la lengua del adulador popular, y cuélguese al viento como banderola de ignominia, donde sea castigo de los que adelantan sus ambiciones azuzando en vano la pena de los que padecen, u ocultándoles verdades esenciales de su problema, o levantándoles la ira:-y al lado de la lengua de los aduladores, clávese la de los que se niegan a la justicia! (MARTÍ, 2003:6).

A percepção geral é a de que a *crítica de conduta* faz a renúncia a quaisquer atividades que não tenham origem na coesão local e a quaisquer sentimentos que impossibilitem o ir sendo da *alma da terra*. Nega condutas de coerção, de interesses individuais egoísticos internos/externos, de injustiça, de desigualdade, de desconhecimento e de quem nega melhorias para as condições exploratórias de vida. A crítica é movimento de denúncia, percepção da naturalidade e organização do ódio contra o inimigo.

³⁸⁹ MARTÍ, 1997, p. 48.

³⁹⁰ MARTÍ, 1997, p. 116.

³⁹¹ MARTÍ, 2003, p. 10.

³⁹² MARTI, 2003, p. 10.

Por conseguinte, a *proposição de conduta* gira em torno da união por integridade ética, concebível pela prática da razão orientada pelo *conhecer* e pela sentimentalidade de pertencimento à terra. É defesa de um princípio de valorização do *povo* que luta e do país, por uma proposta de coletividade e de atuação pelos princípios de construção de futuro em uma república livre.

Por fim, a *proposição de ação* assume dois sentidos principais: de organização para a defesa contra invasões estrangeiras, mesmo que pela guerra; e de luta contra o inimigo, com o intuito de possibilitar uma união popular para construir um futuro com paz local em Cuba.

II.

Se a política em Martí é a logicidade crítico-propositiva orientativa da ação popular, nos atentaremos em breves associações dessa definição com o debate sobre a esfera da política, passando pela ética e associando à categoria de ideologia, a fim de aprofundar a significância que esses termos assumem na obra desse autor.

Abordaremos a relação entre política e práxis, em que a primeira se liga à “globalidade da formação social”, enquanto conflito de classes, e a segunda enquanto respostas para tais divergências. As transformações dessa relação interferem na lógica da “unidade contraditória entre essência e fenômeno”, gerando novas consciências, arranjos, superações dessas categorias e acasos na base social e em suas possibilidades efetivas.³⁹³

A prática política é uma posição teleológica que modifica, como vimos, o mundo fenomênico onde se desdobra o conflito, movimentando as alternativas postas pela essencialidade social e visando, ao mesmo tempo, à transformação da própria essência (VAISMAN, 2010:54).

A decisão política ao ser prática orientada por ideação, ou seja, práxis política em movimento, incide sobre o desenvolvimento social. E independentemente da eficácia da proposta política, de sua realização e duração, a temos enquanto forma ideológica específica (VAISMAN, 2010:54).

A política e a ética são complexos sociais que emergem das relações sociais históricas e objetivamente existentes, estejam teorizadas, apreendidas pela consciência ou não. A dinâmica da vida social gesta a gênese e o desenvolvimento da política enquanto função social que desempenha. Com isso, a política passa a corresponder à práxis da

³⁹³ VAISMAN, 2010, p. 53-54.

atividade sensível, da ideação e ação uníssonas realizando uma função social (LESSA, 2015c:24-25)³⁹⁴.

As contradições emergentes do processo de reprodução social recaídas na ação do trabalho necessitam ser dirimidas, o que não quer dizer que desaparecerão definitivamente, mas que encaminham uma síntese entre necessidades sociais e possibilidades efetivas para a sua realização.³⁹⁵

todos aqueles que propõem que toda e qualquer forma de organização social seja denominada de política homogeneizam sob um mesmo conceito relações sociais que são em-si qualitativamente diversas. E, ao cancelarem o fundamento ontológico na propriedade privada do poder político, terminam fazendo da política uma universal, presente em toda e qualquer formação social, tal como o trabalho, a linguagem, a socialidade (LESSA, 2015c:28-29).

Nesse sentido, apresentamos a concepção política de Martí como forma universalizada, pois corresponde a relações sociais diversas, todavia, associada à propriedade privada ao tratar da atividade sensível. Essa é traço das frações de classes sociais populares a que se destinam a concepção política propositiva universalizada e que buscam transformar segundo sua orientação, por serem despossuídas da propriedade privada dos meios de produção colonial.

Martí faz a defesa do uso das “imperfeições naturais” do povo e não da imposição das imperfeições estrangeiras, o que ele reitera a partir da ideia um “governo natural”. Nesse o sentido a concepção político-ideológica de Martí é dual: revolucionária ao propor uma ruptura com a sociedade colonial e estadista ao querer fundar uma república com um novo governo. Se a problemática que vem da política é sua vinculação à propriedade privada, o cerne da questão é que o cubano queria uma subversão da propriedade para a maioria, com um governo com decisões tomadas por essa maioria, sendo marcadamente popular.

Porém, não discute a forma de eliminação da propriedade privada e/ou do Estado, mas a transformação de ambos a partir da necessidade de superação das relações de produção social e da sociabilidade escravocratas, negando também as formas político societal do imperialismo estadunidense.

³⁹⁴ LESSA, Sérgio. A Política. In.: Lukács: Ética e Política. Observações acerca dos fundamentos ontológicos da ética e da política / Sérgio Lessa. – 2. ed. São Paulo: Instituto Lukács, p. 23-34; p. 56-57, 2015 (c).

³⁹⁵ LESSA, 2015c, p. 27.

Segundo Santos, Martí captou a especificidade da formação histórica cubana em pleno contexto do expansionismo estadunidense, mas sem diferenciar as contradições de classes no capitalismo³⁹⁶. Para o autor, a universalidade do projeto martiano é utópica, pois materializa a conciliação de classes dentro do seu projeto nacional de república, a partir de uma sociedade democrática, sem desigualdades, com pequenas propriedades e equilíbrio entre as classes sociais³⁹⁷.

Os reflexos desses pontos no programa econômico martiano são da vinculação da propriedade privada ao desenvolvimento da individualidade do homem natural, em contraposição à propriedade coletiva da terra. Sua proposta gestou a ideia de abertura econômica para o mercado externo, a partir da diferenciação da produção cubana, buscando um equilíbrio comercial entre os países do continente. Como resultado, se deu a noção martiana de equilíbrio do mundo baseada na centralidade da geopolítica caribenha e na relação crítica aos Estados Unidos, embora busque mimetizar sua forma de desenvolvimento econômico para alcançar o equilíbrio econômico continental (SANTOS, 2012:131-135).

O referencial analítico martiano foi insuficiente para criticar a essencialidade do capitalismo, acerca da propriedade privada, embora critique aspectos negativos de sua expressão fenomênica³⁹⁸.

Martí não estabelece nexos entre as relações de produção capitalistas e a sua sociabilidade em geral. As relações entre a propriedade privada dos meios de produção, a mercantilização do trabalho e as formas de sociabilidade resultantes escapam à problemática martiana: em uma palavra, o problema do fetiche lhe é alheio. O outro ângulo a partir do qual é possível criticar a propriedade privada do ponto de vista do materialismo histórico é como óbice ao desenvolvimento das forças produtivas. Como a visão de progresso martiana não é alinhavada por este eixo, o resultado é que, de um lado, não se produz uma teleologia, e de outro, não encontra-se em sua obra uma crítica à propriedade privada, ou ao capitalismo como modo de produção (SANTOS, 2012:135).

Logo, as considerações do pensamento econômico de Martí estão restritas à esfera da circulação, sem adentrar na esfera do modo de produção, o que gestou um humanismo martiano que subordinou o âmbito econômico à sua ética (SANTOS, 2012:137).

³⁹⁶ SANTOS, 2012, p. 127.

³⁹⁷ SANTOS, 2012, p. 132.

³⁹⁸ SANTOS, 2012, p. 135.

Pensando a relação da estrutura social e política com a forma de produção social, a estrutura societária advém do modo de vida em produção pelos seres sociais, não sendo a representação que esses sujeitos reconhecem de si, mas a forma como agem de fato no solo social mediado pelas condições da natureza que independem de suas vontades individuais³⁹⁹. “Sendo a política uma ‘determinação da existência’, ela deve comparecer na consciência como reflexo do real, e não o inverso, como uma dedução do real a partir da opinião ou preferência pessoal do autor”⁴⁰⁰.

A elaboração de Martí é fruto próprio enquanto membro de sua classe social – a de cubanos cidadãos livres e despossuídos -, marcada por sua subjetividade, mas não determinada apenas por ela ao ser resultante também da ação de contestação de uma fração de classe submetida ao colonialismo espanhol. Logo, observa-se que o autor gestou uma ideiação de oposição que se configura enquanto função social de classe.

A concepção política de Martí é propositiva de ação e de ideiação da sua “ética natural popular”, além de apresentar um aspecto positivado pelo autor como forma organizativa que assumiria o processo revolucionário, a partir da relação entre necessidades e possibilidades sociais originando os complexos valorativos.

“Eles [complexos valorativos] servem para que, na elaboração de uma posição teleológica, possamos comparar necessidades e possibilidades objetivamente existentes nas suas relações com a reprodução social (o que inclui, portanto, a reprodução do indivíduo e da totalidade social) e, assim o fazendo, selecionemos, das necessidades, a mais “necessária”, e das possibilidades, a melhor” (LESSA, 2015c:57).

Os valores da elaboração de uma proposição política das necessidades, frente às possibilidades, estão entre a objetividade e a subjetividade (em uma consciência que rumo para a sua objetivação prática) e cumprem a função de valorar a necessidade defendida – respectiva aos interesses da fração de classe de que advém-, em relação com as possibilidades de atuação do contexto sócio-histórico⁴⁰¹. Com isso, temos a possibilidade de uma prática revolucionária como forma de modificação da relação entre circunstâncias materiais e atividade humana⁴⁰².

³⁹⁹ MARX, 2009, p. 30.

⁴⁰⁰ LESSA, 2015c, p. 31.

⁴⁰¹ LESSA, 2015c, p. 58.

⁴⁰² MARX, 2009, p. 120.

Assim sendo, temos Martí como intelectual orgânico da sua fração de classe. Para Gramsci⁴⁰³, esse intelectual é originário de uma parte do terreno da produção econômica que gera sua função essencial. Logo, a atividade intelectual deve ser buscada nas relações sociais a que está submetido (GRAMSCI, 1982:3).

Da divisão do trabalho em graus de especialização e do desempenho da função intelectual, temos a formação de um intelectual tradicional pela divisão social entre trabalho intelectual e trabalho físico, que o separa da formação de uma massa estandardizada pelo processo de industrialização nas cidades. Se esse intelectual é correspondente às formas de dominação institucionalizadas da elite hegemônica, no interior das outras frações de classes surgem intelectuais condizentes com suas características próprias, ou seja, orgânicos a essas (GRAMSCI, 1982:11).

Os constructos político-ideológicos diretamente vinculados e orgânicos a cada fração nos remetem à categoria de ideologia, a qual, para Mészáros, é forma específica de consciência social, isto é, “consciência prática inevitável das sociedades de classe”⁴⁰⁴.

Os interesses sociais que se revelam ao longo da história e se entrelaçam de modo conflituoso manifestam-se, no plano da consciência social, na grade de discursos ideológicos relativamente autônomos (mas de forma nenhuma, independentes), que exercem forte influência mesmo sobre os processos materiais mais tangíveis do metabolismo social (MÉSZÁROS, 1996:22-23).

Reside aqui a definição da natureza da ideologia como imperativo de uma prática consciente sobre os conflitos sociais e pelas defesas de posições socioeconômicas fundamentais às frações de classes antagônicas, das quais surgem respectivas ideologias distintas em embate⁴⁰⁵.

É na composição do mundo concreto que temos a base para as formações ideológicas oriundas do papel fundamental da ação do ser social. Dessa forma, a libertação real só pode acontecer no mundo real e não nas consciências de si, pois “a libertação é um ato histórico, e não um ato de pensamento”⁴⁰⁶.

A ação do ser social organizado coletivamente em resposta ao meio regido pelos conflitos das condições socioeconômicas de produção material e cultural pode gerar uma

⁴⁰³ GRAMSCI, Antonio. A formação dos intelectuais. In.: Os intelectuais e a formação da Cultura. / Antonio Gramsci. Trad. Carlos Nelson Coutinho – 4. Ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p. 2-23, 1982.

⁴⁰⁴ MÉSZÁROS, István. A natureza da ideologia In.: O poder da ideologia / István Mészáros – Editora Ensaio, 1996, p. 23.

⁴⁰⁵ MÉSZÁROS, 1996, p. 23.

⁴⁰⁶ MARX, 2009, p. 35.

ideologia. A teoria torna-se ideologia após a intervenção do sujeito no real. Ademais, tanto o conteúdo quanto a forma, “conserva[m] dentro de si as marcas indeléveis de sua gênese”.⁴⁰⁷

É esta orientação prática que define também o tipo de racionalidade apropriado ao discurso ideológico, cujos interesses não devem se articular como proposições teóricas abstratas das quais nada surgirá a não ser outras proposições teóricas abstratas da mesma espécie, mas, pelo contrário, devem se articular como indicadores práticos bem fundamentados e estímulos efetivamente mobilizadores, direcionados às ações socialmente viáveis dos sujeitos coletivos reais (e não de “tipos ideais” artificialmente construídos) (MÉSZÁROS, 1996:24).

Com a racionalidade do discurso oriunda da orientação prática Martí, ao universalizar os sujeitos coletivos reais que formam a sua unidade de *povo*, fica entreposto as constatações de necessidades objetivas e suas proposições concebidas conforme as possibilidades. A viabilidade do processo segue a racionalidade e as limitações objetivas na elaboração das estratégias de intervenção sobre a ordem social,⁴⁰⁸ mesmo que, juntamente, adicione outros pontos de abstração.

Do ponto de vista ontológico, “*toda ideologia tem seu ser-precisamente-assim social: ela nasce direta e necessariamente do hic et nunc social dos homens que agem socialmente na sociedade*” [LUKÁCS], o que equivale a dizer que a ideologia só tem existência social e que ela se refere a um real específico, que é por ela pensado e sobre o qual atua. A existência social dos homens é implicada pela consciência, ou seja, por seres sociais que medeiam suas ações pela consciência, portanto, a ideologia tem sua gênese determinada pela atividade social dos homens e nasce exatamente aí. Ela surge do aqui e imediatamente que coloca problemas. Nesse processo, entre o lócus social específico da atividade humana e o homem sempre socialmente entendido, a forma consciência é a mediação da própria prática social. Do ponto de vista ontológico, estamos, pois, diante do seguinte: o produzido é determinado pela sua produção, o que significa que o ser da ideologia é determinado pela sua produção, que é e só pode ser social. E, em termos gerais, portanto, ela está presente em todas as ações humanas, enquanto orientação ideal (VAISMAN, 2010:49-50).

Dessa forma, a ideologia é função social ao desempenhar uma função social, com isso postando-se sob fundamentação ontológico-prática ao expressar a relação entre conscientização do real, a partir de uma prévia-ideação que advém da prática social concreta do ser social (VAISMAN, 2010:51).

⁴⁰⁷ LUKÁCS, 2013, p. 465.

⁴⁰⁸ MÉSZÁROS, 1996, p. 24.

Em decorrência, pensar Martí como poeta nos impõe analisar a relação entre a subjetividade e esse duplo caráter da objetividade: a que formata o subjetivo e a que se expressa em ação, na sua tomada de posição frente ao mundo com sua práxis, pela qual se evidencia o complexo ideológico que engloba as esferas política e estética.

Entrelaçada pela relação essência-fenômeno, a esfera da arte contém em si potencial de “captar a vida na sua totalidade onicompreensiva”, em que exprime a substancialidade do momento concreto em essencialidade, não o levando à abstração conceitual enquanto fenômeno e isolando-se deste, mas transformando-se em fenômeno que através desse emana a própria essência. É dialética pela “ação e reação mútua” das relações essência-fenômeno, sendo também dialógica.⁴⁰⁹ Essa relação é essencial, pois constitui base para o entendimento da “contraditoriedade do desenvolvimento social”.⁴¹⁰

Sobre a relação entre objetividade e subjetividade consideramos que a subjetividade é objetivada socialmente. Acerca desta elaboração, a subjetividade se desenvolve e atua em bases relacionais à objetividade, logo:

Por via de consequência a subjetividade propriamente dita provém da atividade humana exercitada. Ou seja, ela se põe na medida em que a mundaneidade humana é posta - ou, ainda, a subjetividade se realiza pela mediação da atividade sensível, objetivamente realizada” (CHASIN, 2009:22).

A objetividade é posta no caráter subjetivo da produção artística e potencializada na tomada de posição do artista frente ao mundo.⁴¹¹ Se para Lukács não há “ideologia inocente”, a arte enquanto forma de objetivação de atividades humanas também é uma esfera ideológica que expressa uma posição na realidade social. Nesse caso, o âmbito estético associa-se com a esfera política, estabelecendo uma relação de determinações reflexivas.⁴¹²

Com a política e estética influenciando-se mutuamente a apreensão e o entendimento de um dos termos potencializa o entendimento recíproco do outro. Por isso, utilizamos a vinculação entre político e estético para pensar o núcleo do pensamento martiano (SARTORI, 2014:303).

⁴⁰⁹ LUKÁCS, 1965, p. 29.

⁴¹⁰ VAISMAN, 2010, p. 53.

⁴¹¹ LUKÁCS, 1965, p. 34.

⁴¹² SARTORI, Vitor Bartoletti. Estética e Política: equívocos e aproximações sobre a especificidade de cada esfera em Marx e Lukács. In: Arte, filosofia e sociedade / Org. Ester Vaisman e Miguel Vedda. – São Paulo: Intermeios; Brasília: Capes; 2014, p. 302-303.

A positivação da política por Martí, todavia, não é ingênua a ponto de a definirmos como valoração de uma politicidade que ignora as oposições entre classes sociais ou os antagonismos das relações de trabalho. É claro que Martí não atribuiu nomes às relações de trabalho que sua proposição evoca, estando à nível de abstração. Entretanto, parece destoar de uma relação social correspondente à forma de domínio do capital, mesmo que mantenha a concepção da política próxima à concepção aristotélica⁴¹³ de universalidade efetiva, racional, a partir da especificidade do “gênero humano” que ruma para a “democracia”. Todos os termos anteriores são devidamente elaborados pela perspectiva de classe, a qual é pontuada a todo instante, dessa forma, culminando em uma concepção política adjetivada: é dos “pobres da terra”⁴¹⁴ que parte para universalizar a concepção contra os interesses das classes dominantes interna e externa.

Em Marx-Engels-Lukács a política advém da divisão social do trabalho, pela divisão entre trabalho material e intelectual ou pela cisão “entre os interesses coletivos e os interesses particulares”, estabelecendo uma hierarquização das ordens de comando pela coerção de uma classe por outra. “Política, trabalho alienado e divisão do trabalho são determinações reflexivas e, neste momento, vem à tona aquilo que é indissociável da política”. Ou seja, a direta conexão com a propriedade privada (SARTORI, 2014:315-316).

Mesmo com Martí, enquanto ideólogo, ao vermos a prática de sua teoria executada por um grupo social, a ideação política martiana inicial se autonomiza ao se objetivar pela ação coletiva⁴¹⁵, não sendo uma expressão ideológica restrita à sua figura pessoal. E a esfera artística produzida pela ideação martiana também pode ser objetivada pela apreensão que faz do real e influir neste por seu caráter desfeticizante, ao contribuir para o aumento da percepção das relações sociais alienadas (SARTORI, 2014:324-325).

“A hostilidade da ordem de produção capitalista à arte se manifesta igualmente na divisão capitalista do trabalho”, movimento que fraciona a totalidade concreta em especializações abstratas. É a fragmentação do sujeito a partir da fragmentação do seu trabalho, tido por central na ordenação societária de sua vida e, por isso, potente para romper o todo concreto e reificar uma parte em abstração (LUKÁCS, 1965:21-23).

A objetivação da divisão social do trabalho na cisão entre trabalho material e espiritual, abre alas para a autonomização da consciência em relação a práxis existente,

⁴¹³ SARTORI, 2014, p. 314.

⁴¹⁴ MARTÍ, 1997, p. 51.

⁴¹⁵ SARTORI, 2014, p. 318-319.

assim sendo, como constructo abstrato sem nexos com o real que se torna uma forma ideológica idealista por essência. Todavia, as contradições entre essa consciência abstrata e o real se dão pelas próprias contradições da realidade. O próprio real engendra a contradição subsumível da abstração. A lógica desta, por esta, embora tente se manter assim, seja na aparência, seja na essência, não elimina a imanência das determinações objetivas - aqui contraditória - da realidade concreta. Em suma, a própria contradição da consciência alienada, em sua lógica, advém de determinações reais, mesmo que, a princípio, não aparente (MARX, 2009:45).

Embora Martí esteja limitado por sua abstração generalista das relações de produção, que não rompe a associação entre propriedade privada e Estado, mantém o seu núcleo político de transformação em meio ao emaranhado de abstrações alienadas. O mérito do seu núcleo político está em manter-se rente à identificação da problemática social enquanto exploração do *povo* na terra *subsumida* aos interesses de frações de classes dominantes.

Mesmo que não exponha a essência das relações de produção a identifica junto à sua aparência correspondente, fazendo frente com a sua crítica política. Identificar o colonialismo não equivale à especificação da lógica das relações do seu modo de produção. Não obstante, a crítica é essencial. E sendo sua produção escrita expressa esteticamente, seja em maior grau nos *versos*, seja em menor grau e como complemento à esfera política no *artigo* e *discurso*, temos o caráter desfeticizante da arte contribuindo para esclarecer a contraditoriedade: das abstrações sobre as consciências alienadas nas relações sociais, já que há mediação com o complexo de determinações sócio-históricas que as formam. Martí, ao elaborar seu pensamento do local ao universal, manteve evidente a particularidade da exploração colonial, a qual remete diretamente à objetividade histórica e impossibilita uma ideação abstrata idealista que não corresponde a vida social, além de ser memória para a proposição de ação.

3.3. As proposições políticas de República, Unidade, Guerra e Liberdade

Esta não é apenas a revolução da Cólera. É a revolução da reflexão.
JOSÉ MARTÍ⁴¹⁶

Nesse último cais de nossa travessia por um trecho do mar do pensamento martiano, nos ateremos ao projeto político de República cunhado por Martí associado com as questões da possibilidade de organização democrática popular e da estratégia geopolítica para a independência de Cuba. Atreladas a essas questões está a recusa de Martí ao liberalismo, ponto para o qual citaremos elementos que ajudem a compreender melhor o posicionamento político do poeta.

Martí elaborou uma estratégia para a libertação nacional de Cuba, em que a independência da ilha se punha como parte do projeto de liberdade do continente americano. Para isso, concentrou suas críticas no modelo republicano liberal hispano-americano e no desenvolvimento econômico monopolizador estadunidense que, além de ameaçar a Nuestra América com sua lógica imperialista, dissolvia qualquer possibilidade democrática dentro do próprio país. A finalidade do seu projeto incluía a democratização dos Estados Unidos para “salvar a independência ameaçada das Antilhas livres, a independência ameaçada da América livre e a dignidade da república estadunidense”⁴¹⁷ (RODRIGUEZ, 2006:28-29).

A partir das evidências do expansionismo estadunidense constatadas na Conferência de Washington, de 1889-1890, em que a ideologia do *destino manifesto* servia de justificativa para os EUA dominarem outras áreas do continente americano, Martí cunhou a proposta de elaboração de unidades nacionais articuladas contra a potência imperialista do Norte.

Esses pontos abrem o debate sobre a democracia nos movimentos latino-americanos frente a questão da autodeterminação nacional.

As emancipações políticas nas colônias americanas do século XIX foram acompanhadas por ideais de educação popular, orientados por perspectivas nacionalistas que, entretanto, eram mais marcadas por um aspecto retórico abstrato de intelectuais ligados à modernização liberal do que pela aplicação prática em meio popular. Para a

⁴¹⁶ JOSÉ.MARTÍ, “Leitura na reunião de emigrados cubanos, em Steck Hall, Nova York, 24 de janeiro de 1880”, p. 192 Apud. RODRIGUEZ, 2006, p. 47.

⁴¹⁷ José Martí: “O terceiro ano do Partido Revolucionário Cubano. A alma da Revolução e o dever de Cuba na América”, em Obras completas, Havana, 1963-1973, t. 3, p. 43. Apud. RODRIGUEZ, 2006, p. 28.

linha liberal a cultura popular deveria ser orientada pelas elites intelectualizadas, e se ocorria o destaque de elementos advindos das camadas despossuídas era como forma de compor um quadro de costumes conservadores de uma tradição folclórica idealizada (RAMA, 2015:117).

Em contraste, os movimentos populares viventes na urbanização dinamizavam suas práticas culturais, protagonizando experiências sociais de resistências, em meio ao acelerar das contradições da modernização produtiva sobre as cidades⁴¹⁸. Nesse sentido atuou o projeto pedagógico de José Martí, precedido por Simón Rodríguez, inseridos em contextos de domínio do pensamento liberal, mas abrindo novas possibilidades para uma perspectiva popular que buscava se realizar objetivamente pelo protagonismo das massas e não por sua condução.

No contexto sócio-político de Martí, no final do século XIX, o partido político ganhou centralidade em comparação aos grupos independentistas da primeira metade do século, em que se enquadra Simón Rodríguez. A função do partido ganhou proporções a partir da dinâmica das cidades modernizadas, em frações de classes distintas que entraram em contato direto e possibilitaram a efetivação de uma base democrática para dentro dos partidos (RAMA, 2015:118). Todavia, se esse processo se tornou constatável a partir do século XX, já vemos indícios da preocupação de agir conforme e pelas reivindicações das classes populares com Martí e a sua organização revolucionária.

Pensar esses indícios da relação entre democratização e consciência política recoloca em voga a condição da tomada de consciência de Martí pelos interesses das classes populares. Se por um lado temos intelectuais advindos da “cidade das letras” que retoricamente se aproximavam do povo para inserir suas ideias e valores, a partir de sua posição de governo e interesses político-econômicos⁴¹⁹; por outro temos Martí enquanto produto dessas classes populares, visando um ideário político-econômico originário desses grupos.

Esclarecemos assim as singularidades do partidarismo inaugurado no século XX e que foi assunto fundamental da reflexão e da práxis política por volta do 1900, quando emerge o partido democrático, com estrutura orgânica, base popular participativa e solidária coerência com um programa de ideias. Ainda que seguisse subordinando a renovação social exclusivamente à tomada do poder (prevendo tanto eleições como revoluções), a via foi uma politização democrática das bases, em alguns países esboçada com a urgência imediatista que impunham os

⁴¹⁸ RAMA, 2015, p. 118.

⁴¹⁹ RAMA, 2015, p. 119.

acontecimentos e, em outros, onde estava mais consolidado o jogo institucional, com a paciente perspectiva de futuro certo (RAMA, 2015:119-120).

No caso cubano temos nos escritos martianos de 1891 apenas a proposta para a politização democrática das bases, o que se desenvolveu posteriormente em sua produção, a partir de 1892, com a fundação do Partido Revolucionário Cubano. Entretanto, a função que o partido exerceu foi de “aglutinador das forças independentistas” sendo “forçosamente multiclassista”, mas centrado nos trabalhadores”⁴²⁰. Essa antinomia destaca as limitações da forma partido nesse cenário e, conseqüentemente, a limitação da aplicação democrática nessa instancia reduzida apenas ao âmbito do voto. “Esses partidos, majoritariamente, são filhos de um pensamento crítico que começa a registrar as insuficiências das organizações preexistente e a falsidade de partidos políticos”⁴²¹.

Segundo Rama, essa expressão do “nosso-americanismo” implicou movimentos policlassistas, como no México do período, o que acarretava a diluição das reiniciações dos grupos populares (RAMA, 2015:107).

Em suma, a limitação dessa concepção de democracia é condizente ao limite da concepção política que não se desvincula do Estado, e da sua base na propriedade privada, ao articular a república independentista como base para um rearranjo social das relações de trabalho e da organização escravocrata, mas sem romper com as relações privadas de propriedade.

O Estado liberal-oligárquico desse período surgiu como expressão da sedimentação do capitalismo como modo de produção dominante na América Latina. As relações democráticas que emergiram desta formatação são limitadas por sua gênese (CUEVA, 1990:127)⁴²².

Esse Estado oriundo da acumulação e concentração da coerção do modo de produção capitalista sobre outros modos de produção, por sua lógica de dominação amparada no aparato militar, inviabilizou qualquer possibilidade de desenvolvimento democrático. Logo, as reformas e revoluções liberais não romperam o conteúdo conservador da dominação de classes do respectivo modo de produção, relegando à estrutura social das sociedades latino-americanas uma continuidade das formas coloniais mal dissolvidas, em articulação com as formas outorgadas pelo mercado mundial

⁴²⁰ RETAMAR, 1983, p. 25.

⁴²¹ RAMA, 2015, p. 120.

⁴²² CUEVA, Agustín. El Estado Oligárquico. In.: El desarrollo del capitalismo en América Latina; ensayo de interpretación histórica. México: Siglo XXI, p. 127-143, 1990.

capitalista, sob égide do imperialismo que subordinou as elites internas enquanto classes associadas (CUEVA, 1990:130-131).

Para uma caracterização do pensamento martiano acerca da questão democrática, Altmann define a posição de Martí enquanto um “iluminista rousseauniano”, que defendia a bondade natural do ser humano orientada para uma “fraternidade humana universal” (ALTMANN, 2004:14).

Para Navarro, o pensamento martiano se aproxima do “democratismo revolucionário” que se formou dadas as condições sócio-históricas em cada país. Assim pôde assumir aspectos distintos em contextos diferentes, mas de modo geral se situou pela luta da libertação nacional e independência contra a exploração colonial, com a finalidade de garantir “os direitos democráticos do povo” (NAVARRO, 2008:39).

Aproximando-se da concepção anterior, Martí advogou pelos interesses radicalizados das camadas populares em contraposição à elite interna e ao liberalismo vigente.

En esa batalla, él no representó los intereses ni las ideas de la burguesía criolla, ni siquiera los de su ala liberal. Si esta había desempeñado, en general, un papel progresista hasta mediados de la centuria decimonónica, perdió ese carácter en el transcurso de la guerra de 1868-1878 y, como clase, salvo excepciones individuales, se convirtió en una fuerza conservadora, objetivamente contrarrevolucionaria, en el período de preparación y desarrollo de la guerra de Liberación de 1895-1898. Ya para entonces, buscaba la conciliación con España o iniciaba su largo y abyecto maridaje con los monopolios norteamericanos (NAVARRO, 2008, 40-41).

A radicalização de suas concepções anticolonialistas se conceberam em consonância a uma noção de defesa da pátria articulada com o reconhecimento das lutas de outros povos e nacionalidades contra as mesmas condições de opressão (NAVARRO, 2008:42).

A revolução democrática para Martí se estende para além da independência, ao ser preciso fundar um governo sem tiranias, ou seja, pautado em uma base popular, já que o povo “é o verdadeiro chefe das revoluções”⁴²³ (NAVARRO, 2008:45).

O pensamento martiano foi fusão da luta nacional com a ideia de libertação internacional sendo marcadamente democrático por seus princípios ético-morais contra a lógica do colonialismo, por seu projeto de educação popular para além do liberalismo e sua crítica à forma da propriedade da terra sob a colônia (NAVARRO, 2008:53).

⁴²³ MARTÍ, Apud. NAVARRO, 2008, p. 45.

A formação intelectual de Martí inicialmente passou pelos contrastes das correntes de pensamento que vigoravam em Cuba. De um lado foi marcado pela tradição da ética cristã, e seu sacrifício pelo bem, e do outro pela corrente liberal cubana, que naquele contexto era consonante na prática com a escravidão e marcava-se por um discurso humanista abstrato. Martí absorveu elementos de ambas em seu pensamento, todavia radicalizando-os em torno da questão da libertação nacional. Logo, a percepção do sacrifício cristão assumiu a orientação de sacrifício em luta pela independência. E da perspectiva liberal carregou a ideia de um sistema republicano fundado pelos direitos populares e na democracia, que tiveram os sentidos expandidos em suas elaborações constituindo a noção de República nova - *natural* -, para além dos limites abstratos da república liberal (RODRIGUEZ, 2006:34).

A concepção martiana sobre a identidade nacional se desenvolveu conforme sua formação política. No México, por volta de 1875, estabeleceu as premissas de que a América Latina ao ser constituída de “povos novos”, teria uma natureza particular para sua organização social e espiritual, o que refletia na necessidade de soluções originais: “para história própria, soluções próprias. Para nossa vida, leis nossas”⁴²⁴ (RODRIGUEZ, 2006:38-39).

Esse postulado se expandiu do âmbito político para o âmbito artístico, pois Martí passou a pensar a necessidade de uma literatura própria conforme as características socioculturais das nações americanas, sem influência estrangeira.

O cubano buscava assim identificar sua América mediante contraste e, de certo modo, contrapondo-a à Europa, tal como fizera em relação aos Estados Unidos nas anotações feitas na Espanha. Consequentemente, não há dúvida de que desde o princípio Martí sentiu-se obrigado a definir a identidade continental por meio da comparação e da diferenciação, procedimentos que lhe permitem relacionar a região latino-americana àquelas que foram ou continuavam sendo modelos – além de dominadores coloniais diretos ou controladores de seus recursos econômicos – para nossas terras. É evidente, portanto, a intenção libertadora – e descolonizadora – no processo de apreensão do tema da identidade por Martí (RODRIGUEZ, 2006:39-40).

De modo geral, o pensamento do poeta passava a divergir e fincar distância dos vieses do liberalismo e positivismo vigentes, ao estabelecer a recusa às ideologias da modernização capitalista (RODRIGUEZ, 2006:40).

⁴²⁴ MARTÍ, Apud. RODRIGUEZ, 2006, p. 39.

A partir de 1877 temos um avanço na concepção martiana de identidade nacional que entendeu a relação entre América e Europa como processo de devastação dos povos da primeira pela invasão e dominação da segunda. Nesse sentido ganhou forma a sua noção de autoctonia continental (Idem:41).

As bases do liberalismo em curso nos Estados Nacionais em constituição na América Latina buscavam alterar a forma de organização de governo, substituindo a tradição espanhola pela tradição modernizante capitalista da ideologia do progresso estadunidense e europeia. Esse processo acarretava a imposição da forma de governo sobre as classes populares, assumindo tons genocidas contra os povos indígenas e as populações negras (RODRIGUEZ, 2006:42).

Como contraponto, reivindicando a ruptura com o mimetismo das formas modernizantes capitalistas, Martí resgatou a ideia de uma república autodeterminada em Simón Bolívar, o qual em seu discurso de Angostura, de 15 de fevereiro de 1819, postulou:

Não seria muito difícil aplicar à Espanha o código de liberdade política, civil e religiosa da Inglaterra? Pois ainda é mais difícil adaptar à Venezuela as leis da América do Norte. Não diz o Espírito de las leyes que estas devem ser próprias para o povo para o qual são feitas; que é uma grande casualidade que as de uma nação possam ser convenientes à outra; que as leis devem ser relativas ao físico do país, ao clima, à qualidade do terreno, a sua situação, a sua extensão, ao gênero de vida dos povos; referir-se ao grau de liberdade que a Constituição pode sofrer, a seu número, ao seu Comércio, a seus costumes, a seus modos. Eis aqui o Código que devíamos consultar e não o de Washinhton! (BOLÍVAR, 1976:108 Apud. MARTÍ, 2011:45-46)

Após o clivo bolivariano, Martí consolidou sua visão sobre identidade ao reconhecer os povos americanos e suas “civilizações originais e autóctones”, que foram barbarizadas pela invasão europeia. Dessa forma, seguiu-se um processo de mestiçagem, do qual o “povo novo” resultante precisaria se reorientar para a sua liberdade reivindicando sua alma própria e a tradição da civilização original americana, em contraposição as imposições europeias (RODRIGUEZ, 2006:43).

Em *Nuestra América* Martí demonstra esse sentido ao se remeter ao orgulho do homem das repúblicas americanas, as quais embora sofridas se ergueram em meio aos seus índios, seu pensamento e seu sangue. Logo, para os que negam esse teor das repúblicas americanas é porque não conseguem pensá-las sem transpôs modelos singulares e violentos, herdados da “Liberdade” dos Estados Unidos, manchados pelo

sangue indígena, e da monarquia francesa. Antes disso, é preciso um rumo que se ajuste a cada país, não a fim de guiar os povos originários, mas, reconhecendo-os como integrantes ativos e compartilhando as decisões políticas. “Deve-se atender ao que existe, para governar bem”, ou ainda “O governo não é mais do que o equilíbrio dos elementos naturais do país” (MARTÍ, 2011:17).

O conceito de Nuestra América de Martí teve sua gênese em sua observação e participação da vida política, assumindo outra faceta com a adesão ao pensamento bolivariano e a sua noção de unidade continental, que se diferenciou no cubano (RODRIGUEZ, 2006:46).

Para a possibilidade de efetivação da unidade continental era necessário lidar com a postura dos Estados Unidos, o que Martí analisou nos anos em que trabalhou na imprensa estadunidense, durante a década de 1880. Como resultado surgiram escritos orientativos para Nuestra América: uma parte voltada para a defesa nacional, pois deveriam estar atentos às ações dos EUA; e outra parte visando implementar o desenvolvimento econômico mediante a adoção de elementos da economia estadunidense. Portanto, o desenvolvimento econômico da América Latina possibilitaria igualar o patamar com a economia do Norte, com isso, suplantando a dominação econômica deste sobre o restante do continente, e posteriormente, criando condições para a unidade continental (RODRIGUEZ, 2006:58-59).

Esse desenvolvimentismo martiano tinha como liame central o programa agrário, que:

Numa rápida síntese, pode-se dizer que o programa desenvolvimentista exposto por Martí propunha que a agricultura poliprodutora para o mercado nacional deveria ser a base do desenvolvimento econômico continental – ideia que já vinha expondo desde o México –, tanto por sua função alimentar quanto por constituir fonte de matérias-primas em que deveria se basear o impulso industrial, além de vir a garantir a estabilidade social graças a um campesinato proprietário. A produção agropecuária e industrial deveria abrir caminho nos mercados da Europa e dos Estados Unidos, razão pela qual os países latino-americanos deveriam estar presentes nas exposições internacionais organizadas na época. Tais ações econômicas exigiam uma educação com sólido embasamento científico, capaz de preparar a população para o emprego da técnica e da tecnologia modernas. Tudo isso, enfim, a partir do conhecimento das realidades e necessidades de nossos povos, de maneira a aplicar as ciências e o progresso técnico requerido por elas, e não os que são adotados simplesmente por cópia (RODRIGUEZ, 2006:59-60).

O projeto agrário faz jus ao uso que a concepção política martiana faz da propriedade privada, a qual aqui não será suprimida, mas reorganizada em prol dos camponeses proprietários. Além disso, Martí identifica a falta de desenvolvimento econômico como causa da instabilidade das repúblicas latino-americanas (RODRIGUEZ, 2006:59-60).

Em artigo de 1884, o desenvolvimento econômico necessário criaria uma dupla relação: com a identidade latino-americana, ao possibilitar o desenvolvimento da unidade dos povos em espírito; e com um projeto educacional voltado às classes populares e com destaque para os povos indígenas. Mesmo que o pensamento martiano tenha renunciado a elementos da doutrina liberal, vemos aqui um traço desse liberalismo, que entende a educação como processo de instrução posta de cima para baixo, no que se referia aos grupos indígenas (RODRIGUEZ, 2006:62-63).

A formação do Estado nacional e a sua tentativa de definir uma identidade nacional no século XIX, sob a ótica liberal, buscou uniformizar o pluralismo ético-cultural dos territórios latino-americanos. Com isso, os povos indígenas: ou eram excluídos do corpo social por conjunto de leis baseadas na ação militar estatal para o seu genocídio; ou eram tidos como “cidadãos” a serem integrados sob a lógica da ideologia do progresso, que os considerava “povos bárbaros” que deveriam se desenvolver e aprender com a “razão civilizatória” (SOUZA, 2007:144-145).

Os resultados dessa transposição do elemento indígena para uma sociedade de cidadãos, sem as condições necessárias para sua efetiva inserção social, fizeram com que a independência se traduzisse, em todas as partes, em uma degradação sensível da condição do índio, que, mal informado sobre seus novos direitos e mal armado para fazê-los valer, muitas vezes se viu despojado de suas terras. Diante dos problemas resultantes dessas tentativas de inserção do elemento indígena na sociedade nacional, Martí continuou defendendo a transformação do indígena em cidadão, ou seja, não existiu, em seu pensamento, qualquer intenção de preservação do elemento indígena em sua cultura original, visto que, como demonstramos, para Martí, a liberdade, o trabalho individual, a propriedade, eram valores naturais a todos os grupos sociais (SOUZA, 2007:146).

Todavia, a contraposição de Martí ao liberalismo e à ideologia do progresso estabeleceu uma possibilidade de analisar a questão indígena a partir de suas necessidades sociais, pois considerava esses grupos autóctones e detentores de uma tradição sociocultural que deveria ser conhecida e preservada. Logo, sua concepção é mais avançada do que a posição liberal-conservadora republicana (SOUZA, 2007:146-147).

Martí parece pensar ser possível aliar tradição indígena e progresso, construção de uma nação homogênea, sem que os elementos nativos se perdessem. Acreditava ser possível inserir o indígena na comunidade nacional, transformá-lo em cidadão e trabalhador e, ao mesmo tempo, construir, por meio da garantia do “espírito” autóctone da natureza, uma literatura e política também naturais. Neste ideal de nação voltada ao progresso e fundamentada em um “espírito” nativo, a utilização do elemento indígena, como símbolo nacional, é uma constante em seus discursos (SOUZA,2007:151).

Para Rodriguez a propositura política martiana se pautou na dialética do presente-futuro, a qual identifica a possibilidade de unidade política futura, mediante a unidade natural já existente (RODRIGUEZ, 2006:64). Essa construção coincide com o sentido da dialética de crítica e proposição, em que a observação crítica serviria de base para a indicação de ações sociais visando o coletivo.

O projeto para fundar uma nova república, não de cunho liberal tal qual a estadunidense ou francesa, passava pelo fortalecimento da identidade local, apenas possível pela colaboração entre os povos de Nuestra América⁴²⁵.

Note-se, portanto, a importância atribuída por Martí à cópia de modelos alheios – neste caso os impostos pelo pensamento liberal, como indicam suas referências à França (óbvia alusão à Revolução de 1789) e à América do Norte (como república inicial, perdurando no Novo Mundo) – como um freio à unidade continental e, portanto, à própria expressão da identidade (RODRIGUEZ, 2006:66).

A organização independentista passava pela primazia das ideias a serem usadas em suas diretrizes. Nesse sentido, Martí fez um acerto de contas com o positivismo e liberalismo do século XIX, hegemônicos entre os intelectuais latino-americanos do período, e recusou as noções de “civilização e barbárie”, baseando suas reflexões por uma razão em historicidade atenta às demandas das classes sociais e às respectivas possibilidades históricas (RODRIGUEZ, 2006:68).

Portanto, a “República natural” popular deve ser constituída por elementos da identidade e autoctonia dos povos de Nuestra América, a partir da libertação nacional, que visava a independência de Cuba e Porto Rico. Essa seria a primeira etapa que universalizaria a República natural para a unidade continental, ao servir de orientação para os outros países do continente, e estabeleceria a justiça social para as necessidades das classes populares (Idem:70-71).

⁴²⁵ RODRIGUEZ, 2006, p. 66.

As independências das últimas possessões espanholas no continente se fariam pela Guerra necessária, tida como aparato popular democrático.

O partido – e a guerra –, a seu ver, deveriam ser organizados e conduzidos respeitando-se a vontade popular e utilizando práticas democráticas. Por isso o PRC elegia anualmente o delegado e todos os seus dirigentes; e o voto secreto e direto dos chefes militares elegeu até Máximo Gómez general-em chefe do futuro Exército Libertador (RODRIGUEZ, 2006:71).

Martí tinha a percepção da necessidade de promover a unidade pelo equilíbrio internacional dos povos, a partir de uma sociedade de Estados baseados em um direito internacional que se contraporía à ação dos potenciais imperialistas. Como exemplo, atentava ao aumento da atuação estadunidense no Caribe e como isso poderia inviabilizar as independências das ilhas antilhanas (SARRACINO, 2008:1-2).

A elaboração martiana de uma unidade latino-americana contra o imperialismo estadunidense baseava-se em fatores concretos, ao se atentar na capacidade industrial desse que poderia se realocar para o âmbito militar.

Una conclusión obvia es que sus opciones estratégicas eran limitadas. Martí se proponía organizar una revolución en una colonia de España, con algo más de millón y medio de habitantes, debilitada económicamente por una prolongada guerra de independencia entre 1868 y 1878, situada a sólo 90 millas de un nuevo coloso imperial que se fortalecía aceleradamente con una legislación inmigratoria selectiva que le permitía admitir anualmente, procedentes de Alemania y en general del norte de Europa, a más de 120,000 jóvenes educados y en edad militar (SARRACINO, 2008:2).

A ilhas do Caribe tinham importância estratégica para os EUA, já que possibilitavam a hegemonia sobre as rotas de navegação para o continente e a construção de um canal para o oceano Pacífico. Não obstante, a efetivação do controle estadunidense na área acarretaria o desequilíbrio geopolítico internacional da região que para Martí deveria ser revertido, pois apenas o equilíbrio político, militar, econômico garantiria possibilidades de desenvolvimento ético para as repúblicas populares que deviam se fundar (SARRACINO,2008:3-4).

Embora o pensamento martiano seja transpassado pelo ideário da ação das classes populares, a partir da sua atuação no Partido Revolucionário Cubano abriu concessões táticas a fim de garantir a posição estratégica pela independência. Logo, se a ameaça espanhola e estadunidense eram objetivas, buscou manter relações diplomáticas de decoro em relação à Inglaterra e Alemanha:

Otra de sus iniciativas más lúcidas fue el estudio detenido y profundo que dedicó a las contradicciones entre las grandes potencias europeas en América Latina y de hecho en todo el mundo, en particular la asociación táctica entre Inglaterra y Alemania frente a Estados Unidos, que preocupaban a los estrategas militares y a los grupos conservadores en el Congreso estadounidense. Y desde el campo de batalla en las montañas orientales, en abril de 1895, se valió de ellas para tratar de alcanzar sus objetivos revolucionarios al enviar dos cartas a los cónsules de Inglaterra y Alemania respectivamente, bien recibidas por sus gobiernos, en las que entre otras cosas solicitaba respeto para el gobierno revolucionario durante la guerra, al tiempo que ofrecía con gran diplomacia a los países europeos igualdad de oportunidades comerciales y garantías para proyectos inversionistas (SARRACINO, 2008:4).

Como aponta Sarracino, este recurso de aproximar-se da Inglaterra teria sido lição que Martí aprendeu com Bolívar, exemplo de sua “flexibilidade tática” (SARRACINO, 2008:5-6). Entretanto, a suposta “lucidez” como parte da tática contra os Estados Unidos não chegou a se efetivar dada a invasão de Cuba pelos estadunidenses após a guerra de 1895-1898.

Por conseguinte, no âmbito geopolítico a unidade continental das Repúblicas latino-americana deveria se iniciar nas Antilhas, nas ilhas de Cuba, Porto Rico e República dominicana para controlar as rotas de navegação para o continente e findar com a exploração espanhola e o expansionismo estadunidense. Posteriormente, o princípio da república natural se disseminaria pelos outros países do continente, em que as autodeterminações locais seriam condição para a autodeterminação latino-americana. É uma forma associativa democrática de definição da unidade pela conjunção de escolhas, e perspectivas próprias, alinhadas e comprometidas (RODRIGUEZ, 2006:72-73). Por fim, há em Martí a indicação de uma proposta de inclusão e integração para os EUA remodelado.

Esse sentido dialético, de processo, na hora de considerar a identidade, é o que permite a Martí, naquele momento, escapar da tradição liberal do continente, presa à sua concepção homologadora entre Estado nacional e nação, incapaz por isso mesmo – independentemente de seus condicionantes históricos e sociais – de sustentar na prática um projeto de realização continental. Ao mesmo tempo, tal ideia martiana, concebendo a materialização plena e lógica da identidade latino-americana em sua unidade, entendida esta como um processo mais ou menos longo que não implicava de imediato a união entre os Estados, evitava o tom voluntarista do ideal bolivariano de unidade, que desconhecía, em seu momento, as particularidades locais, a partir das quais foram se justificando e implantando em termos históricos os Estados nacionais (RODRIGUEZ, 2006:73).

Vale ressaltar que Martí propõe sua unidade pela “alma continental”, a partir de repúblicas democráticas associadas, diferentemente do que julgava na unidade político-territorial que criticou no projeto bolivariano que teria se “empenhado em unir sob um governo central e distante os países da revolução”, como cita em seu “Discurso en honor de Simón Bolívar”, de 1883 (MARTÍ, 2011:60). Dessa forma, Martí se firma enquanto recuperador do legado bolivariano, do qual tirou lições pertinentes que integraram sua leitura de mundo junto as suas concepções singulares próprias. Seu pensamento forçou a ruptura com ideologia liberal estabelecendo elementos para a formação de um pensamento crítico de base popular na América Latina.

Em síntese, nas fontes o nexos de *República* assume primazia frente aos signos de *Unidade, Guerra e Liberdade*, pois é a premissa propositiva ao qual os outros se relacionam. Em *Con todos y para o bien de todos*, a concepção de República possui o viés de local de “direito dos habitantes leais de Cuba”, baseado no “trabalho”, “dignidade” e “respeito” para estabelecer um governo autônomo fundado do “pleno exercício de si” ao “pleno exercício dos outros” (MARTÍ, 2003:3). Portanto, há a necessidade de governos que nasçam com a cabeça própria: “Hombres somos, y no vamos a querer gobiernos de tijeras y de figurines, sino trabajo de nuestras cabezas, sacado del molde de nuestro país” (Idem:6). Além disso, por esse viés se condensa a ideia de pensamento em *ação*, o que nos abre possibilidades para pensar a *Unidade* e a *Guerra*.

Em *Nuestra América, República* possui um sentido de ligação à terra ao indicar a demanda de se formar pela base local, mantendo a tradição indígena e incorporando-a na arte do governo. É o incentivo para expandir as concepções de mundo “contra a colônia”⁴²⁶.

O nexos de *Ação* possui o mesmo sentido nas fontes. Nos *Versos* aparece como alusão à ação armada, como no poema VII, que pela coletividade faz unidade, e como no poema XVII, respectivamente.

Y si un alcalde lo aprieta / O lo enoja un rey cazarro, / Calza la manta
el baturro / Y muere con su escopeta.⁴²⁷

E:

⁴²⁶ MARTÍ, 2011, p. 25.

⁴²⁷ MARTÍ, 1997, p. 64-67.

A la boca de la muerte, / Los valientes habaneros / Se quitaron los sombreros / Ante la matrona fuerte.⁴²⁸

Prosseguindo, a prática deve se basear no trabalho e criação das possibilidades de defesa da pátria, mesmo que rume para a morte. Esses pontos se evidenciam na segunda estrofes do poema XVIII;

El padre, un bravo en la guerra, / Envuelto en su pabellón / Alzase; y de un bofetón / lo tiende, muerto, por tierra.⁴²⁹

Ou ainda, na integra do poema XLI:

Cuando me vino el honor / De la tierra generosa, / No pensé en Blanca ni en Rosa / Ni en lo grande del favor.

Pensé en el pobre artillero / Que está en la tumba, callado; / Pensé en mi padre, el soldado; / Pensé en mi padre, el obrero.

Cuando llegó la pomposa / Carta, en su noble cubierta, / Pensé en la tumba desierta / No pensé en Blanca ni en Rosa.⁴³⁰

O *artigo* indica a ação popular como fonte de criação e resultado dos corações que almejam liberdade. Por fim, o *discurso* retoma o motivo da libertação dos cubanos para reivindicar comprometimento pela independência e trabalho para a sua construção, por “mãos incansáveis”⁴³¹ que criam para “substituir o que foi o destruído”⁴³² possibilitando situações guiadas pelo povo: “De las entrañas desgarradas levantemos un amor inextinguible por la patria sin la que ningún hombre vive feliz, ni el bueno ni el malo”⁴³³.

[...] Se entiende que las formas de gobierno de un país han de acomodarse a sus elementos naturales; que las ideas absolutas, para no caer por un yerro de forma, han de ponerse em formas relativas; que la libertad, para ser viable, tiene que ser sincera y plena; que si la república no abre los brazos a todos, y adelanta con todos, muere la república [...] (MARTÍ, 2011:28).

A *unidade* é pressuposto para as frações de classes populares integrarem o movimento independentista, por meio de trabalhadores e grupos populares distintos em união para a formação do “homem natural”⁴³⁴ americano. A unidade se põe contra o

⁴²⁸ MARTÍ, 1997, p. 116-119.

⁴²⁹ MARTÍ, 1997, p. 120-121.

⁴³⁰ MARTÍ, 1997, p. 146-147.

⁴³¹ MARTÍ, 2003, p. 3.

⁴³² MARTÍ, 2003, p. 4.

⁴³³ MARTÍ, 2003, p. 9.

⁴³⁴ MARTÍ, 2011, p. 17.

inimigo da independência e pela liberdade, por um “futuro”⁴³⁵ em que o “movimento de almas”⁴³⁶ de cubanos mantenha e atenda as reivindicações populares.

Por conseguinte, o signo de *Guerra* se refere à ideia de “guerra inevitável”⁴³⁷, a fim de barrar o avanço imperialista na região e sedimentar a libertação nacional. Frente a guerra iminente e sua possibilidade de vitória seria necessária a experiência dos antigos e novos combatentes dispostos a morrer com honra e armas pela construção nacional de Cuba.

Allí está, de allí nos llama, se la oye gemir, nos la violan y nos la befan y nos la gangrenan a nuestros ojos, nos corrompen y nos despedazan a la madre de nuestro corazón! ¡Pues alcémonos de una vez, de una arremetida última de los corazones, alcémonos de manera que no corra peligro la libertad en el triunfo, por el desorden o por la torpeza o por la impaciencia en prepararla (MARTÍ, 2003:9-10).

A junção dos signos anteriores ruma para o fortalecimento da *ideia de independência e liberdade*. Para Martí essas ideias constituem um princípio inabalável de crítica que contesta as ideias tidas por absolutas, crítica “a importação excessiva de ideais e fórmulas alheias”⁴³⁸ e nega os conceitos de “civilização e barbárie”⁴³⁹, formando uma “trincheira de ideias”⁴⁴⁰ para a valorização do pensamento da América.

Por fim, a *independência* é entendida como um direito: “Su derecho de hombres es lo que buscan los cubanos en su independencia; y la independencia se ha de buscar con alma entera de hombre. ¡Que Cuba, desolada, vuelve a nosotros los ojos!” (MARTÍ, 2003:5). Direito esse que para Martí sedimentaria a *liberdade* pelos princípios da crítica, tendo em vista o contato com a terra e suas “tristezas”⁴⁴¹, e pelo resultado da ação autodeterminada preparada com “amor e paciência”⁴⁴². A luta para a liberdade seria um princípio integrador popular de Cuba contra a violência colonial e imperialista.

⁴³⁵ MARTÍ, 2003, p. 6.

⁴³⁶ MARTÍ, 2003, p. 9.

⁴³⁷ MARTÍ, 2003, p. 5.

⁴³⁸ MARTÍ, 2011, p. 24.

⁴³⁹ MARTÍ, 2011, p. 18.

⁴⁴⁰ MARTÍ, 2011, p. 12.

⁴⁴¹ MARTÍ, 2003, p. 6.

⁴⁴² MARTÍ, 2003, p. 9.

CONCLUSÃO

O presente trabalho teve como objetivo geral entender a função social do pensamento de José Martí, expresso em sua produção intelectual, durante o ano de 1891. Partindo da categoria de “ideologia” nos atentamos ao enfoque das esferas da política e da estética que, juntas, comportaram o que denominamos de núcleo político-estético martiano. Em suma, esse se explicita pela centralidade da crítica política mediada por signos estéticos.

A análise do referido núcleo se fez mediante a comparação do conteúdo das fontes com o desenvolvimento sócio-histórico em que foram produzidas. Logo, considerando a determinação social do pensamento, a atenção ao histórico cubano e as relações sociais em que Martí estava inserido foi possível identificar o processo de gênese e as lógicas contidas em seus escritos.

A exposição de seu posicionamento político crítico contra o colonialismo espanhol e contra o imperialismo estadunidense se expressa diretamente: (1) na forma como elabora uma proposta de superação destes em *Nuestra América*, a partir da elaboração de uma república popular cubana formada pela identidade nacional, ao considerar seu histórico e tradição autóctone, em contraposição à imposição estrangeira de formas político-culturais de governo; (2) na sua subjetividade objetivada socialmente, que ao escrever os *Versos Sencillos*, captou as angústias decorrentes das contradições da vida social cubana, e latino-americana, marcadas pelo expansionismo estadunidense. Por conseguinte, os poemas expõem aspectos da tomada de posição de sua atividade sensível pela luta popular, com destaque para o sentimento de pertencimento nacional; (3) no discurso *con todos y para el bien de todos*, no qual explicita a necessidade de uma unidade popular para possibilitar o processo de independência, por vias de uma guerra de ruptura necessária contra a Espanha. Ademais, propõe a associação dos países latino-americanos sob a forma de repúblicas populares garantindo uma “alma continental” autodeterminada pela conjunção das autodeterminações locais.

A introdução debateu categorias e conceitos que permearam a forma como as fontes foram analisadas e expostas. Logo, consideramos a *mediação* como conexão lógica entre ideias, conceitos e concepções, o que abriu possibilidades para pensar a *ideologia* como função social, em que a *representação* conceitual do pensamento de Martí se fez como apreensão de percepções de seu solo sócio-histórico por sua consciência. Por fim,

o método da *análise imanente* identificou os nexos constitutivos e operantes das fontes e elencou os assuntos principais a serem abordados nos capítulos.

O primeiro capítulo se centrou em apresentar pontos da crise do sistema colonial em Cuba, a partir de meados do século XIX. Nesse contexto temos a atuação e formação intelectual de José Martí, em que se destaca sua precoce vinculação a um pensamento anticolonial que desenvolvido sedimentou bases para um pensamento crítico na América Latina.

Por outro lado, foram apresentadas as contradições entre o modo de produção colonial e o modo de produção capitalista, que via mercado mundial dominou o primeiro, submetendo-o à sua lógica modernizante e gestando um aumento das contradições internas cubanas. O tensionamento alterou as relações de trabalho na ilha resultando em uma dinâmica das classes sociais locais: em que as frações de classes populares se movimentaram para o processo de independência, antes e após a abolição da escravidão; e em que as frações de classe da elite dominante agiram para manter seus interesses. Dessas contraposições, vemos Martí como produto das classes populares advogando a seu favor.

O segundo capítulo foi organizado visando apresentar os aspectos específicos de cada fonte, a fim de entendê-las enquanto produções individuais, em seu sentido interno, com seus ideários e limites. Por conseguinte, o foco no artigo *Nuestra América* pautou-se na concepção martiana de “Conhecer é resolver” para indicar a formação de um pressuposto crítico em Martí, orientado para captar as características comuns do continente. Como resultado temos a identificação da colonização como fator de exploração, violência e empecilho para a formação de uma república popular. Portanto, o princípio de *conhecer* o passado colonial possibilita a organização crítica para a sua superação, sendo proposta de resolução enquanto república baseada no povo.

Os *Versos Sencillos* são analisados em totalidade com o intuito de apresentar os elementos gerais que formatam a poeticidade martiana, além das composições poéticas específicas. Há destaque para a noção de *elemento natural* que medeia as ideias e ações dos eu-líricos, por uma naturalidade complementar aos seus sentidos sentimentais e críticos. Dessa dupla mediação fomos à *triade* de signos formada por Memória, Morte e Amor, em que: *memória* se refere ao resgate da tradição de lutas e de pertencimento popular à terra de origem; *amor* é forma de expressão que potencializa a memória e propõe uma coletividade envolta de sentimentalidade para uma união ética dos indivíduos

por uma causa em comum; *morte* é sinal de comprometimento com a luta em defesa da causa coletiva e do país.

Con todos e para el bien de todos apresentou um trajeto de críticas e propostas para a independência. Martí construiu o discurso ressaltando críticas a ações, formas de pensamento e grupos sociais contrários à independência, vista como única forma possível de emancipação nacional. Além disso, coloca em voga a questão da construção popular de uma tradição de luta para realizar a revolução pela criação de uma nova condição de liberdade, substituindo as mazelas e condições exploratórias de vida, as quais o povo cubano estava submetido. O significado do projeto independentista é a unidade das frações de classes populares contra as potências estrangeiras.

O terceiro capítulo se desenvolveu em torno da esfera política destacando os posicionamentos e lógicas do pensamento de Martí. Logo, a apresentação da lógica poético-retórica focou na maneira como Martí cria proposições de universalidade, com base histórica objetiva, sendo particularizada por uma base estética que medeia o núcleo político posto como ponto central. Disso temos um núcleo político com mediação estética entendidas enquanto atividade política sensível perpassada pela subjetividade de Martí, orientadas para a revolução.

Em suma, a lógica do pensamento se dá por uma dialética de proposição, da qual uma crítica é contraposta por uma proposição, que tem por finalidade a superação da problemática criticada para estabelecer uma ação transformadora. Essa dialética se expande ao ser perpassada por dialogias que intensificam a crítica e proposição, a negatização e valorização e o âmbito ético dos tópicos abordados pelo poeta.

As vocações de crítica e proposição são a exemplificação da dialética de proposição nas fontes. Além disso, refletem sobre a concepção de política de Martí, o qual ao valorizar a atividade política teceu críticas objetivas às dinâmicas sociais do colonialismo, todavia tendo sua resolução restringida à mudança da forma política de governo, sem identificar a problemática da propriedade privada.

À guisa de conclusão, o projeto republicano de Martí é limitado por sua concepção de política que, ao não identificar a necessidade de dissolução da propriedade privada, elabora uma proposta de república abstrata, mas de orientação popular. Todavia, a formação e posicionamento ideológico de Martí ao romper com o liberalismo pôde sintetizar suas concepções como base para a elaboração de um pensamento crítico de Nuestra América.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTES:

MARTÍ, José. *Con todos y para el bien de todos*. **Discurso**. Biblioteca Virtual Universal, 2003.

_____. *Nossa América* = Nuestra América/ José Martí. – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2011.

_____. *Versos Sencillos* / José Martí, tradução, notas e posfácio de Sidnei Belmur Schneider; prefácio de Carlos Batista Lopes. – Porto Alegre: SBS, 1997.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALTMANN, Werner. O pensamento político e religioso de José Martí. **Cadernos Ihu Instituto Humanitas da Unisinos**, São Leopoldo – RS, v.2, n.3, p. 13-23, 2004.

ALVES FILHO, Aluizio. **Manoel Bomfim**: Combate ao racismo, educação e democracia radical / Aluizio Alves Filho – 2. ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2013.

AMARAL, Maria Virgínia Borges. Ideologia e Discurso: aproximações da análise do discurso das teorias de Lukács e Bakhtin. In.: **Signo**. Santa Cruz do Sul, vol. 33 n 54, p. 106-119, jan-jun, 2008.

ANTOLOGIA. **Poesia de luta da América Latina**. Segunda edição, ampliada e revisada, Trunca, 2022.

AYERBE, Luis Fernando. *A Revolução Cubana* / Luis Fernando Ayerbe. – São Paulo: Editora Unesp. – (Coleção Revoluções do século XX), p. 41-59, 2004.

BAKHTIN, Mikhail. O problema do texto nas áreas da linguística, da filologia e das ciências humanas: tentativa de análise filosófica. In.: **Estética da Criação Verbal** / Mikhail Bakhtin; tradução feita a partir do francês por Maria Ermantina Galvão Pereira. – 2ª Ed. – São Paulo: Martins Fontes, p. 327-358, 1997.

BEZERRA, Paulo. Polifonia. In.: **Bakhtin, Conceitos chaves**, BRAIT, Beth (org.); 2.ed. São Paulo: Contexto, p. 191-200, 2005.

_____. Glossário. In.: *Teoria do Romance I: A estilística* / Mikhail Bakhtin; tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra; organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. – São Paulo: Editora 34, p. 7-22 e 243-254, 2015.

_____. Bakhtin: remate final. In.: **Notas sobre Literatura, Cultura e Ciências sociais**; organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. – São Paulo: Editora 34, 1. Ed, p. 7-28 e 81-96, 2017.

BOLÍVAR, Simon. Carta de Jamaica. In.: BELLOTTO, Manoel Lelo e CORRÊA, Anna Maria Martinez (Orgs.). **Bolívar**. São Paulo: Ática, 1983. Pg. 74- 90.

BOSI, Alfredo. **Entre a Literatura e a História**. / Alfredo Bosi. – São Paulo: Editora 34, 2015 (2ª edição), p. 9-69; 221-236, 2015.

BRAIT, Beth. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In.: **Bakhtin, dialogismo e construção de sentido** / Beth Brait (org.). – Campinas, SP: Editora da Unicamp, p. 91-104, 1997.

BRAIT, Beth; MELO, Rosineide de. Enunciado/enunciado concreto/enunciação. In.: **Bakhtin, Conceitos chaves**, BRAIT, Beth (org.); 2.ed. São Paulo: Contexto, p. 61-78, 2005.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade** / Antônio Candido Mello e Souza - 8ª ed. – São Paulo: T. A. Queiroz, Publifolha, p. 1-35; 67-81; 101-182, 2000.

_____. **Na sala de aula: caderno de análise literária**. Série fundamentos, 8ª ed. - Editora Ática, 2001.

CARPENTIER, Alejo. **Literatura e Consciência Política na América Latina**. / Alejo Carpentier; trad. Manuel J. Palmeirim. - São Paulo: Global Editora, 1969.

CHASIN, José. **Marx: Estatuto ontológico e resolução metodológica** / J. Chasin. – São Paulo: Boitempo, 2009.

Centro de Estudios Martianos. **Siete enfoques marxistas sobre José Martí**. Centro de Estudios Martianos – Habana: Editora Política, 1985.

COSTA, Maria Cristina Castilho. *Sociologia do desenvolvimento*. In.: **Sociologia, introdução à ciência da sociedade**. Maria Cristina Castilho Costa. – São Paulo: Moderna, p. 114-144, 1987.

COSTA, Gilmaisa Macedo da. Contribuição da análise imanente à pesquisa de textos. In.: **Revista Eletrônica Arma da Crítica**, Ano 1, Número 1, p. 24-33, 2009.

CUEVA, Agustin. El desarrollo del capitalismo en América Latina y La cuestión del Estado. In.: **Problemas del Desarrollo**, Vol. 11, No. 42. Instituto de Investigaciones Económicas, Universidad Nacional Autónoma de México, p. 29-42, 1980.

_____. El Estado Oligárquico. In.: **El desarrollo del capitalismo en América Latina**; ensayo de interpretación histórica. México: Siglo XXI, p. 127-143, 1990.

FARIAS, Flávio José de Moura. *A dimensão estratégica da política externa dos Estados Unidos no Caribe (1898-1904)*. Dissertação de mestrado; Programa de pós-graduação em Relações internacionais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, p. 10-74; 89-122, 2008.

FERNANDES, Florestan. *O passado colonial e neocolonial*. In.: **Da guerrilha ao socialismo: a Revolução Cubana** / Florestan Fernandes – 1. Ed. São Paulo: Expressão popular, p.39-85, 2007.

FRAGINALS, Manuel Moreno. **Cuba/Espanha, Espanha/Cuba: uma história comum** / Manuel Moreno; tradução Ilka Stern Cohen. – Bauru, SP: Edusc, p. 11-99, 2005.

FRANK, Andre Gunder. *El desarrollo del subdesarrollo*. In.: **América Latina: Subdesarrollo o revolución**. Ediciones ERA, S. A, p. 21-32, 1973.

GALEANO, Eduardo. *As veias abertas da América Latina* / Eduardo Galeano; tradução de Sérgio Faraco. – Porto Alegre, RS: L&PM, p. 5-122, 2018.

GUEVARA, Ernesto. *Cuba, exceção histórica?* In.: **Che Guevara: Política** /Eder Sader (org.) – 2. Ed. – São Paulo: Expressão popular, p. 57-77, 2011.

GRAMSCI, Antonio. A formação dos intelectuais. In.: **Os intelectuais e a formação da Cultura**. / Antonio Gramsci. Trad. Carlos Nelson Coutinho – 4. Ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p. 2-23, 1982.

KONDER, Leandro. **A questão da ideologia**. – São Paulo: Companhia das letras, 2002.

LEITÃO, Luiz Ricardo. José Martí, o apóstolo da independência em prosa e verso. Apresentação In.: **José Martí: antologia** / Luiz Ricardo Leitão, organização e tradução. – 1. Ed. – São Paulo: Expressão popular, p. 7-24, 2022.

LÊNIN, Vladimir Illitch. **Imperialismo, estágio superior do capitalismo**: ensaio popular / V. I. Lênin, - 1ºed. – São Paulo: Expressão Popular, 2012.

LESSA, Sérgio. *Um pouco de técnica*. In.: **O revolucionário e o estudo: por que não estudamos?** / Sérgio Lessa.– São Paulo : Instituto Lukács, p. 67-78, 2014.

_____. *Alienação e Estranhamento* (apêndice). In.: **Cadernos de Paris; e Manuscritos Econômico-filosóficos de 1844**. / Karl Marx; tradução de José Paulo Netto e Maria Antônia Pacheco. – 1.ed. – São Paulo: Expressão Popular, p. 449-494, 2015 (a).

_____. **Para compreender a Ontologia de Lukács**. / Sérgio Lessa, 4ºed. – São Paulo: Instituto Lukács, 2015 (b).

_____. A Política. In.: **Lukács: Ética e Política**. Observações acerca dos fundamentos ontológicos da ética e da política / Sérgio Lessa. – 2. ed. São Paulo: Instituto Lukács, p. 23-34; p. 56-57, 2015 (c).

LOPES, Carlos. José Martí: o herói, o poeta, o contemporâneo. Prefácio In.: **Versos Sencillos** / José Martí, tradução, notas e posfácio de Sidnei Belmur Schneider; prefácio de Carlos Batista Lopes. – Porto Alegre: SBS, p. 5-33, 1997.

LUKÁCS, Gyorgy. Introdução aos escritos estéticos de Marx e Engels. In.: **Ensaio sobre literatura**. / Gyorgy Lukács. Coordenação e prefácio de Leandro Konder. – Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S. A, p. 11-43, 1965.

_____. *O problema da ideologia*. In: **Para uma ontologia do ser social, 2** / György Lukács; tradução Nélio Schneider, Ivo Tonet, Ronaldo Vielmi Fortes. - 1. ed. - São Paulo: Boitempo, p. 464-507, 2013.

_____. O particular à luz do materialismo dialético. In.: **Introdução a uma estética Marxista: Sobre a Particularidade como Categoria da Estética** / Georg Lukács. – São Paulo: Instituto Lukács, p. 79-120, 2018.

LUZ, Evelyn Faria da Silva. José Martí e a luta contra o neo-colonialismo capitalista: Aspectos históricos e contribuições políticos. In.: **Revista REBELA** - Revista brasileira de estudos latino-americanos, v.8, n.1, p. 145-155, 2018.

MARINI, Ruy Mauro. *Dialética da dependência*. In: **Dialética da Dependência: uma antologia da obra de Ruy Mauro Marini**; Petrópolis : Editora Vozes ; Buenos Aires : CLACSO ; Rio de Janeiro, RJ : Laboratório de Políticas Públicas, 2000.

_____. *Ruy Mauro Marini: Vida e Obra*. Roberta Traspadini, João Pedro Stedile (orgs.). – 2. Ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2011.

MARTÍ, José. Prologo inconcluso de José Martí. In: **Lúcia Jerez**. 1885. Disponível em: <http://www.josemarti.cu/publicacion/lucia-jerez/>.

_____. **José Martí: antologia** / Luiz Ricardo Leitão, organização e tradução. – 1. Ed. – São Paulo: Expressão popular, 2023.

MARX, Karl. *O conceito de mais-valor relativo*. In: **O Capital: crítica da economia política** – O processo de produção do capital; Livro 1. Tradução Rubens Enderle. Boitempo editorial, p. 481-492, 2017.

_____. “*O método da Economia Política*”. In: **Contribuição à crítica da Economia Política** / Karl Marx; tradução e introdução de Florestan Fernandes. – 2 ed. – São Paulo: Expressão popular, p. 257-268, 2008.

_____. O 18 Brumário de Luís Bonaparte. In.: **A revolução antes da revolução** / Karl Marx – 2. Ed. – São Paulo: Expressão popular, p. 209, 2015.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A Ideologia alemã*. Tradução de Álvaro Pina. – 1.ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2009

MÉSZÁROS, István. A natureza da ideologia In.: **O poder da ideologia** / István Mészáros – Editora Ensaio, p. 11-27, 1996.

_____. **O conceito de Dialética em Lukács**. / István Mészáros. Apresentação por José Paulo Netto. Trad. Rogério Bettoni. – São Paulo: Boitempo editorial, 2013.

MIOTELLO, Valdemir. Ideologia. In.: BRAIT, Beth (org.) **Bakhtin, Conceitos chaves**, 2.ed. São Paulo: Contexto, p. 167-176, 2005.

MISTRAL, Gabriela. Cuatro hombres americanos. In.: **Por la humanidade futura: Antologia política de Gabriela Mistral**. / Diego del Pozo (Org.). – 1.ed. – La Pollera Ediciones, p. 91-101, 2015.

MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *De Martí a Fidel: a Revolução Cubana e a América Latina* / Luiz Alberto Moniz Bandeira. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, Cap. I, p. 50-81, 2009.

NAVARRO, José Cantón. *Una revolución martiana y marxista*. Centro de estudios martianos, p. 37-56, 2008.

PIRES, Olívia Carolino. *Questão Nacional no pensamento crítico da América Latina*. Tese de doutorado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, p. 105-108; 133-149, 2015.

PISAN, Andréia de Fátima; NENEVÉ, Miguel. O idealismo anticolonialista de José Martí expresso em seus Versos Singelos. In.: **Revista de Estudos Literários, Cultura e Alteridade** – Igarapé, Porto Velho, Rondônia, v.1, n.2, p. 1-17, 2016.

PRADO, Maria Lígia. *A formação das Nações Latino-americanas*. São Paulo: Atual; Campinas: Ed. Universidade Estadual de Campinas. Coleção Discutindo a História, 1985.

RAMA, Ángel. *Indagación de la ideologia en la poesia (los dípticos seriados de Versos Sencillos)*; **Revista Iberoamericana**, n. 112-112, jul.-dez., p. 353-400, 1980.

_____, Ángel. **A cidade das letras** / Ángel Rama; tradução Emir Sader. – 1. Ed. – São Paulo: Boitempo, 2015.

RETAMAR, Roberto Fernandez. *Introdução à José Martí*. In.: **Nossa América – Antologia**. (org.). Roberto Fernandez Retamar; São Paulo: Editora Hucitec/ Associação Cultural José Martí, p. 13-62, 1983.

_____. *Para una teoria de la literatura hispano-americana*. Santafé de Bogotá, Instituto Caro y Cuervo. 1º ed. p. 35-51, 239-282, 1995.

_____. Otra vez Martí. In.: **Caliban; Pensamiento anticolonial de nuestra América** / Roberto Fernández Retamar; prólogo de Aurelio Alonso. - 1a ed. - Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, p. 159-166, 2016.

RODRIGUEZ, Pedro Pablo. *Martí e as duas Américas*. Trad. Ana Corbisier – 1 ed. – São Paulo: Expressão Popular, p. 27-78, 2006.

SAMPAIO, Amanda Leite de. **Escrita epistolar e letras do afeto em José Martí**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Ceará, p. 30-39, 104-108, 2013.

SANCHEZ, Luis Amador. No centenário de José Martí: função histórica do poeta. In.: *Revista de História da Usp*. v.8, nº17, p. 199-209, 1954.

SANTOS, Fábio Luis Barbosa. **Origens do pensamento e da política radical na América Latina: um estudo comparativo entre José Martí, Juan B. Justo, e Ricardo Flores Magón**. Tese de doutorado pelo programa de História Econômica da Universidade de São Paulo, p. 67-91, 2011.

_____. Em torno do pensamento econômico de José Martí: premissas ideológicas e horizonte civilizatório de uma utopia latino-americano radical. In.: *Revista Oikos*, Rio de Janeiro, v.1, n.1, p. 127-138, 2012.

SANTOS, Maria Angélica Guidolin dos. “Fortuna crítica no Brasil”. In.: **José Martí: um olhar cosmopolita em La Edad de Oro**. Dissertação de Mestrado, Pós-graduação em literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, p. 28-38, 2004.

SARRACINO, Rodolfo. **Con todos y para el bien de todos: unidad, justicia y estratégia internacional en José Martí**. Centro de estudios martianos de Havana, p. 1-8, 2008.

SARTORI, Vitor Bartoletti. Estética e Política: equívocos e aproximações sobre a especificidade de cada esfera em Marx e Lukács. In: **Arte, filosofia e sociedade** / Org. Ester Vaisman e Miguel Vedda. – São Paulo: Intermeios; Brasília: Capes; p. 301-336, 2014.

SCHNEIDER, SIDNEI. Sobre o poema e a tradução. In.: *Versos Sencillos* / José Martí, tradução, notas e posfácio de Sidnei Belmur Schneider; prefácio de Carlos Batista Lopes. – Porto Alegre: SBS, p. 174-179, 1997.

SCOTT, Rebecca J. **Emancipação escrava em Cuba: a transição para o trabalho livre, 1860-1899** / Rebecca J. Scott; Tradução Maria Lúcia Lamounier. – Rio de Janeiro; Paz e Terra; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, p. 13-78, 1991.

SILVA, Gislania de Freitas Silva. **Nuestra América: O nacionalismo internacionalista de José Martí**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Departamento de Sociologia da Universidade Federal do Ceará, p. 76-85, 2013.

SILVA, Gislania de Freitas; PAIVA, Luiz Fábio. José Martí e o pensamento social latino-americano. In.: *Revista Realis*, v.8, n.1, p. 57-80, 2018.

SOUZA, Aline de. **O uno e o diverso: construção nacional e incorporação indígena no pensamento de José Martí**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, 2007, p. 35-50.

SUBERCASEAUX, Bernardo. **Nuestra América: Texto, lectura y contexto**. *Universum*, vol. 32, Universidad de Talca, p. 255-267, 2017.

TEZZA, Cristóvão. Poesia. In: BRAIT, Beth. (org.) **Bakhtin, Outros Conceitos chaves**, São Paulo: Contexto, p. 195-218, 2006.

VAISMAN, Ester. A ideologia e sua determinação ontológica. In.: *Verinotio*, n. 12, Ano VI, out./2010.

VASQUES, Jeff. Apresentação da primeira edição. In.: **ANTOLOGIA. Poesia de luta da América Latina**. Segunda edição, ampliada e revisada, Trunca, p. 477-486, 2022.

VILABOY, Sergio Guerra. **Nueva Historia mínima de América Latina: Biografía de un continente**. Archivo General de la Nación, Volumen CCXXVIII, República Dominicana, p. 17-105; 155-167; 350-354, 2015.

VITIER, Cintio; IKEDA, Daisaku. The Poetic Spirit. In: **José Martí Cuban Apostle: A dialogue**. London – New York: I.B. Tauris Co Ltd. p. 143-183, 2013.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo y Literatura**. / Raymond Williams. Prólogo de J. M. Castellet; Traducción de Pablo di Masso. – Barcelona: Ediciones Península, p. 59-70; 150-158, 2000.